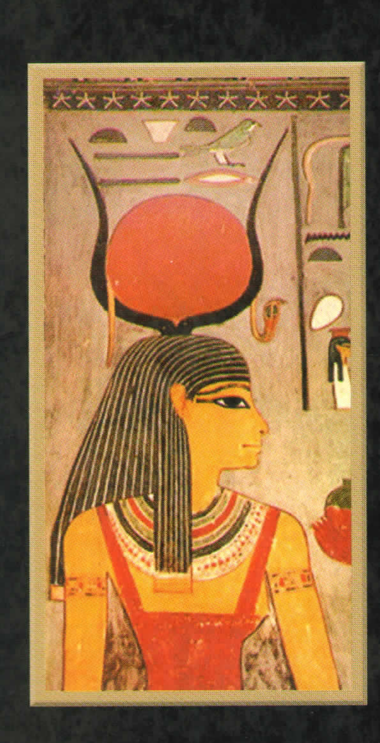
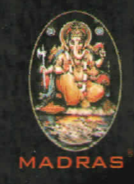
OS MISTÉRIOS DE ÍSIS



SEU CULTO E MAGIA

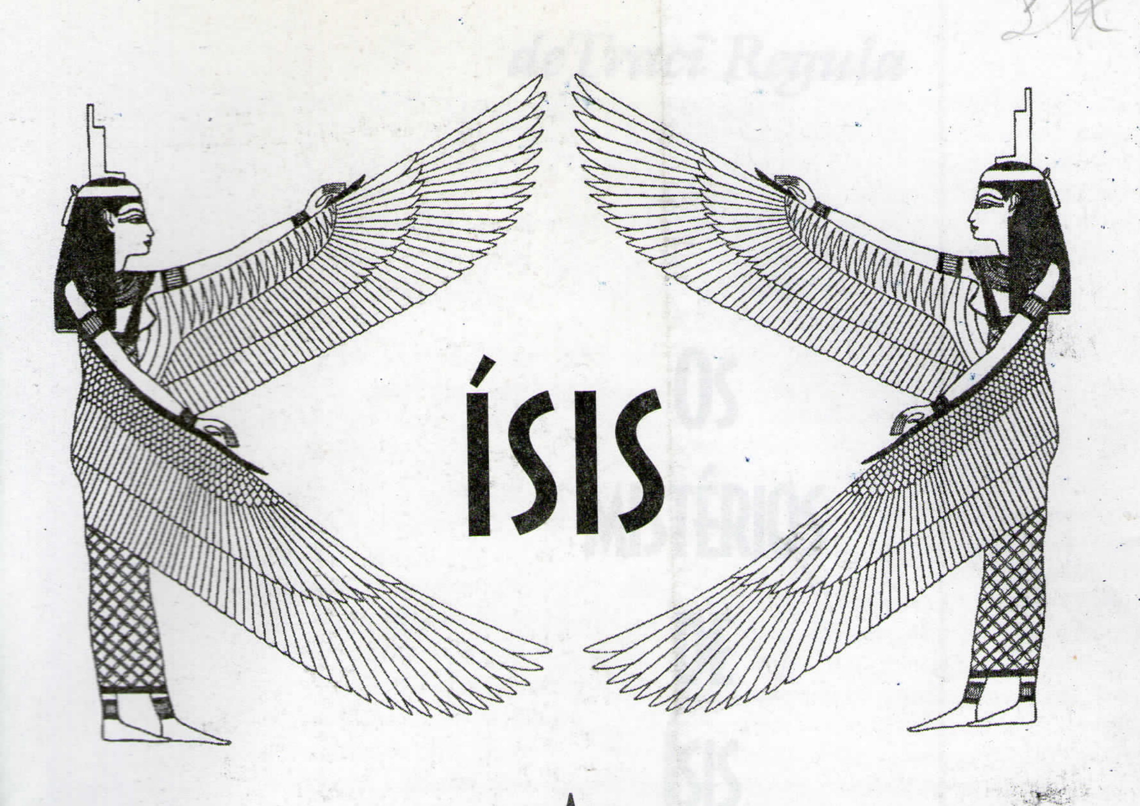


deTraci Regula

DeTraci Regula é sacerdotisa da Irmandade de Ísis desde 1983 e recebeu o título de reverenda do templo. É co-autora da biografia de Scott Cunningham com David Harrington. Trabalhou também para a indústria de animação, onde produziu grandes épicos. Produziu e dirigiu um programa de vídeo com Scott Cunningham e também com Raymond Buckland acerca de Feitiçaria.
Quando não está escrevendo, a autora leva peregrinos a sítios sagrados, pratica pintura taoísta e explora a genealogia familiar.
Um de seus mais magníficos trabalhos é este: *Os Mistérios de Ísis*. E por que Ísis?
Se você está prestes a ler este livro, é possível que tenha sentido alguma ressonância com esta divindade. Você pode estar sentindo curiosidade, segurança ou um confortável sopro de energia quando se depara com alguma menção à deusa. Ou pode estar participando ativamente do culto a Ísis, mas deseja aprender mais a respeito dos antigos caminhos e das práticas modernas.
Este livro representa um dia no templo de Ísis. Seus capítulos são horas; suas páginas, minutos. O ar está frio quando a brisa da madrugada nasce. O sol está clareando o céu. Ísis, deusa do Alvorecer Auspicioso, o espera. Venha!



MADRAS®



ÍSIS

A DEUSA UNIVERSAL

Deusa do Amor e Grande Mãe — esses são os aspectos mais conhecidos de Ísis, mas são apenas duas de suas várias faces. Este livro o apresenta a Ísis, a Deusa da Cura e da Magia; Ísis, a Deusa das Estrelas e da Terra. Ísis em *todos* os Seus aspectos é estudada exaustivamente nesta abrangente obra, que inclui a história do culto à deusa, ritos antigos e modernos, encantamentos e festivais realizados em honra da deusa do mundo. A autora, uma sacerdotisa de Ísis, também apresenta textos raros e antigos sobre a deusa de maneira acessível ao leitor moderno, informando-o sobre as bases do culto a Ísis atualmente.

As poucas obras publicadas sobre Ísis tratam-na como uma deusa inteiramente egípcia. Contudo, *Os mistérios de Ísis* a apresenta em sua total glória como uma deusa universal, presente através da História em todos os lugares e tempos. Explore Suas fascinantes associações com deuses dos panteões egípcios, asiáticos, gregos, romanos, celtas, escandinavos e, até mesmo, cristãos. Acima de tudo, você receberá uma grande quantidade de informações práticas e aprenderá muitas técnicas simples para criar a sua própria relação especial com essa Deusa de todas as Deusas.

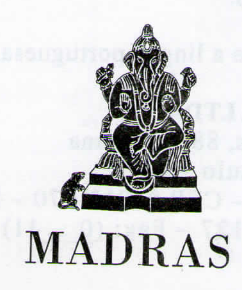
Ísis resistiu — bem como a ânsia dos corações humanos — pelo seu toque divino. Com uma grande variedade de aspectos e faces, Ísis oferece um rico foco de adoração, magia e crescimento espiritual.

deTraci Regula

OS MISTÉRIOS DE ÍSIS

SEU CULTO E MAGIA

Tradução:
Martha Malvezzi



MADRAS

Publicado originalmente em inglês pela Llewellyn Publications, St. Paul, MN 55164, USA com o título *The Mysteries of Isis*

Tradução autorizada do inglês.
Direitos de edição para todos os países de língua portuguesa, exceto Portugal.

Editor:
Wagner Veneziani Costa

Produção e Capa:
Equipe Técnica Madras

Ilustração da Capa:
Equipe Técnica Madras

Revisão:
Wilson Ryoji Imoto
Adriana Cristina Bairrada

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

R269m
Regula, DeTraci, 1960-
Os Mistérios de Ísis: seu culto e magia/De Traci Regula; tradução de Martha Malvezzi Leal. - São Paulo: Madras, 2004
il.
Tradução de: The mysteries of Isis
Apêndice
Inclui bibliografia
ISBN 85-7374-560-6
1. Isis (Divindade egípcia)- Culto. 2. Magia. I. Título.
04-0494.
CDD 299.31
CDU 299.31

26.02.04 02.03.04 005651





MADRAS EDITORA LTDA.
Rua Paulo Gonçalves, 88 – Santana
02403-020 – São Paulo – SP
Caixa Postal 12299 – CEP 02013-970 – SP
Tel.: (0_ _11) 6959.1127 – Fax: (0_ _11) 6959.3090
www.madras.com.br

RELIGIÕES DO MUNDO E MAGIA

Na essência de todas as religiões, na base de todas as culturas, existe a magia.

A magia vê o mundo como uma entidade viva, como o lar compartilhado pela humanidade com seres e poderes visíveis e invisíveis com os quais podemos nos relacionar. Dependendo da nossa consciência e intenção, isso será favorável ou desfavorável.

O culto religioso e a comunhão são um tipo de magia, e assim como há muitas religiões no planeta também existem diversos sistemas mágicos. Religião e magia são meios de enxergar e se relacionar com os poderes criadores, as energias vivas, o espírito onipresente, a inteligência subjacente que é o Universo dentro do qual nós, e todas as coisas, existimos.

Nem a religião nem a magia entram em conflito com a ciência. Todas compartilham os mesmos objetivos e limitações, e sempre buscando o que a humanidade não percebe: a verdade. A magia é a "tecnologia" baseada na experiência e na visão extra-sensorial, provendo seus praticantes com métodos de maior influência e controle sobre o mundo do invisível, antes de se encontrarem com o mundo do visível.

O estudo da magia fortalece a consciência de as pessoas viverem melhor neste planeta. Também as põe em contato com a essência interior da longa herança evolucionária da humanidade, e mais especificamente — como no caso do sistema mágico mais proximamente identificado com a herança genética de cada um — com as imagens e forças arquetípicas mais vivas na consciência de cada pessoa.

Eu estou com você, Lucius, movida pelas suas orações, eu, que sou a mãe do Universo, a senhora de todos os elementos, a primeira filha do tempo, a mais alta das divindades, a rainha dos mortos, a principal de todos os seres divinos, a forma única que funde todos os deuses e deusas; eu, que ordeno por meu desejo as alturas estreladas do céu, as brisas saudáveis do mar e o horrível silêncio dos que habitam o submundo: minha divindade é adorada em todo o mundo em formas variadas, em ritos diferentes e com vários nomes distintos.

Ísis, a seu adorador Lucius, em *Metamorfose*, de Apuleius.

A Scott Cunningham

Sem você, muito desta obra
e muito desta autora
não teriam sido possíveis.

ÍNDICE

CAPÍTULO SETE: A SÉTIMA HORA DA LUZ DO DIA
O RITO DO MEIO-DIA

CAPÍTULO OITO: A OITAVA HORA DA LUZ DO DIA
ÍSIS COMO UMA DEUSA DA GUERRA

CAPÍTULO NOVE: A NONA HORA DA LUZ DO DIA
ÍSIS COMO DEUSA DO MAR

CAPÍTULO DEZ: A DÉCIMA HORA DA LUZ DO DIA
FESTIVAIS DE ÍSIS

CAPÍTULO ONZE: A DÉCIMA PRIMEIRA HORA DA LUZ DO DIA
ÍSIS, A GRANDE MÉDICA

CAPÍTULO DOZE: A DÉCIMA SEGUNDA HORA DA LUZ DO DIA
ÍSIS E OUTRAS DIVINDADES

CAPÍTULO TREZE: A PRIMEIRA HORA DA NOITE
O RITO DA NOITE

CAPÍTULO CATORZE: A SEGUNDA HORA DA NOITE
NAS COZINHAS E JARDINS DE ÍSIS

CAPÍTULO QUINZE: A TERCEIRA HORA DA NOITE
ÍSIS, A DEUSA DANÇARINA

CAPÍTULO DEZESSEIS: A QUARTA HORA DA NOITE
ÍSIS COMO UMA DEUSA DO AMOR

CAPÍTULO DEZESSETE: A QUINTA HORA DA NOITE
ÍSIS COMO PARTEIRA E MÃE DIVINA

CAPÍTULO DEZOITO: A SEXTA HORA DA NOITE
ÍSIS E A ALQUIMIA

CAPÍTULO DEZENOVE: A SÉTIMA HORA DA NOITE
RITO DA MEIA-NOITE

CAPÍTULO VINTE: A OITAVA HORA DA NOITE
ÍSIS NAS ESTRELAS

Capítulo Vinte e Um: A Nona Hora da Noite
Ísis e o Culto das Mãos

Capítulo Vinte e Dois: A Décima Hora da Noite
Os Oráculos de Ísis

Capítulo Vinte e Três: A Décima Primeira Hora da Noite
Ísis e os Sonhos

Capítulo Vinte e Quatro: A Última Hora da Noite
Os Mistérios de Ísis

Apêndice A

Apêndice B

Apêndice C

PREFÁCIO

Quinze anos atrás, em uma noite de inverno em Laguna Beach, encontrei, em uma prateleira na livraria Fahrenheit 451, dois romances de Dion Fortune. Esses livros — *Moon Magic* e *The Sea Priestess* — tiveram um profundo impacto em minha vida, porque foi através dessas páginas que fui pela primeira vez, conscientemente, apresentada ao poder vivo de Ísis. Durante os anos que se seguiram eu retornei aos livros muitas vezes, sempre retirando novas visões; e, depois de alguns anos, percebi que havia encontrado meu caminho espiritual para esta vida. Os ritos de Ísis ressoaram em mim como nenhum outro havia feito antes. Gradualmente notei que conversava com outras pessoas sobre essa Deusa gloriosa e meu relacionamento com Ela. Comecei a guiar outras pessoas, informalmente, oferecendo o que eu descobrira e compartilhando os mesmos livros.

Às vezes, alguém desejava mais informações históricas, ritos simples ou uma orientação mais completa do que a fornecida pelos livros. As sementes desta obra estão nesses pedidos.

Enquanto estudava biologia na Universidade da Califórnia em Irvine, descobri na biblioteca dúzias de livros raramente vistos, que exploravam vários aspectos do culto a Ísis e a outras divindades. Em particular deparei-me com o livro de R. E. Witt — *Isis in the Greco-Roman World* — e descobri que a história e o culto de adoração a Ísis eram muito mais ricos e variados do que encontrei em outras pesquisas. Muitas das coisas que eu, por muito tempo, havia sentido sobre a fé em Ísis, sem, no entanto, conseguir confirmar, foram finalmente comprovadas na maravilhosa obra de Witt. Minha fé e entendimento cresceram após ler o livro.

Um golpe de sorte fez-me entrar em contato com a Honorável Olivia Robertson e a Irmandade de Ísis, e fui ordenada Sacerdotisa de Ísis em 1981. Embora a benevolente influência da Irmandade ilumine cada página deste livro, ele não é uma publicação "oficial", e as opiniões e informações nele contidas refletem meus próprios pontos de vista e experiências; e, é claro, quaisquer erros são de minha inteira responsabilidade.

Espero que este volume em suas mãos o ajude a investigar cada vez mais essa radiante Deusa e que você possa descobrir os significados Dela para sua vida.

Que Ísis o abençoe!

San Diego

AGRADECIMENTOS

A escrita desta obra ocupou mais de meia década. Durante esse tempo, fui abençoada com a influência de muitas pessoas. Embora algumas delas possam se surpreender com o fato de terem causado impacto neste livro, há páginas, parágrafos e mesmo capítulos que não existiriam se nossos caminhos não tivessem se cruzado.

A todos vocês, e a muitos outros que não foram listados aqui, eu agradeço.

Pelo encorajamento, inspiração, comentários perspicazes e comida maravi-

lhosa, agradeço à minha mãe Lorna McGaw.

Por prover informações, desafios e/ou oportunidades para visões, agradeço a Pediusiri, Jacques Gautreaux, Blair Knepher e dr. Barry Sandrew.

Por fazer todas aquelas perguntas (especialmente "então, o livro já está terminado?"), meus amigos e colegas Kim Conaway (que serviu de modelo para a posição das mãos nas fotografias para a dança do espelho mágico no Capítulo Quinze), Robert Silva, Rachel Amov, Paula Morgan e Doug Foley, e seus filhos Christopher e Douglas, Robert Rike (já falecido) e a indefinível Jana Galadriel Beeman. Morgan MacGregor, que assumiu a pesada tarefa de fazer anotações no manuscrito na presença da mal-humorada autora, merece um elogio especial. Agradeço profundamente também a amizade e o apoio de David Harrington.

Rick Barker, pela ajuda na elaboração deste livro e de outros.

Nenhum autor é independente de obras publicadas anteriormente. Os autores estão reconhecidos no prefácio e na bibliografia, mas gostaria de prestar um reconhecimento especial à ajuda e ao apoio que recebi dos livreiros. Entre eles, Judi Wilkins, sacerdotisa/proprietária da livraria The Better World, que diligentemente procurou por textos raros para mim e compartilhou sua alegre energia em muitas ocasiões. Também a Jeff Bohannon, proprietário da Safari Bookstore, que uma vez abriu sua loja no meio da noite, quando percebi que precisava adquirir imediatamente um antigo volume com a representação do Templo de Ísis em Philae e que também, juntamente com outros excelentes livreiros da Av. Adams, trouxe-me às mãos muitos volumes obscuros e necessários.

Meus sinceros e profundos agradecimentos à sra. Mattie Kuiper pela generosa permissão, em nome de E. J. Brill, de incluir trechos da brilhante tradução feita por J. Gwyn Griffith de *Metamorfoses* de Apuleius em nome de E. J. Brill. Também ao editor M. J. Vermaseren pela existência da série de material acadêmico sobre o estudo de Ísis.

E, finalmente, desejo agradecer às pessoas que tiveram o maior impacto sobre a própria existência deste livro — Carl e Sandra Weschcke da Llewellyn Publications, pela oportunidade de me juntar à família dos autores Llewellyn e ver o livro editado. Sem a contribuição de minha editora, Nancy Mostad, que me guiou e encorajou a terminar o trabalho durante um difícil período, este livro seria muito diferente e, acredito, bem menos satisfatório.

Agradeço, ainda, a todos os membros da equipe Llewellyn que tornaram possível este trabalho. Quero agradecer a Susan Van Sant, pelo formato do livro e edição final; Anne Marie Garrison, Marie Mazzara e Tom Grewe pelo trabalho nas ilustrações, na capa e em outros trabalhos de arte; Maggie Sullivan pela pesquisa de arte e revisão; e Lynne Menturweck e Marilyn Matheny por supervisonar a obra até estar completa.

Reconheço e agradeço à própria Ísis, pela orientação e muitas bênçãos, sendo uma das bênçãos mais importantes os muitos anos de amizade e inspiração que recebi do falecido Scott Cunningham. Ísis, por favor, cuide de seu repouso, permita que o conheçamos novamente.

Novamente, todos vocês têm a minha gratidão.



Por que Ísis?

Se você está lendo este livro, há grande possibilidade de que tenha sentido alguma ressonância com Ísis. Você pode ter sentido curiosidade, segurança ou um confortável sopro de energia quando se deparou com alguma menção à deusa. Ou pode estar participando ativamente do culto a Ísis, mas deseja aprender mais sobre os antigos caminhos e as práticas modernas.

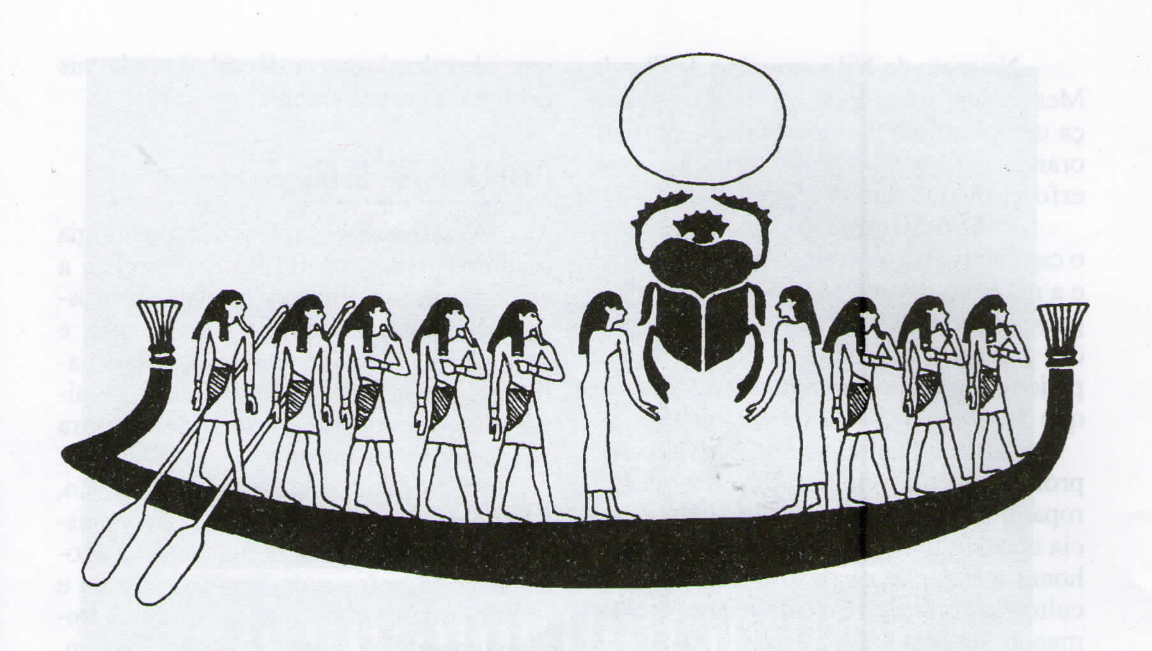
Este livro representa um dia no templo de Ísis. Seus capítulos são horas; suas páginas, minutos. Começamos com o júbilo do rito matutino e terminamos com os mistérios, revelados apenas quando as estrelas estão brilhantes no céu.

O ar está frio quando a brisa da madrugada nasce. O sol está clareando o céu. Ísis, deusa do Alvorecer Auspicioso, espera.

Venha.



Prece do amanhecer para Ísis.



CAPÍTULO UM

A PRIMEIRA HORA DA LUZ DO DIA

O DESPERTAR DE ÍSIS

Desperta em paz, Oh Senhora da Paz...
Deusa da Vida, Bela no Paraíso...

— Padiusiri, do "Hino para despertar Ísis em seu santuário ao amanhecer"

À beira do deserto, pelas margens do Nilo, um distante cântico é ouvido quando o alvorecer corta o céu. No alto de um penhasco próximo ao mar, um templo de mármore solitário ressoa com um ode a Ísis que compete com o canto dos pássaros nas árvores.

Na praça do mercado, em Roma, o dono de uma taverna balança a cabeça, sabendo que ele está abrindo as portas tarde, porque os ritos de Ísis já começaram.

Não muito distante dali, o imperador de Roma ouve o rito matutino começar e decide que seria sábio de sua parte, política e espiritualmente, dedicar um novo templo a essa poderosa deusa.

Na Inglaterra, uma mulher meio celta, meio romana, se emociona quando ante o tremer de um sistro a sacerdotisa, vestindo um manto, inicia o ritual.

Em uma solitária caravana no Caminho da Seda que leva à Ásia, um sacerdote viajante olha para o globo do sol, que nasce cor de laranja, através da poeira do deserto, e anseia pelos altos pilares esculpidos, decorados com pedras preciosas, nos magníficos templos de sua deusa, a milhares de quilômetros.

No meio do Nilo, no reino da ilha de Meroe, Sua Majestade a Candake balança um sistro em uníssono com o cântico, orando para que a Deusa sorria aos seus esforços nesse dia de guerra.

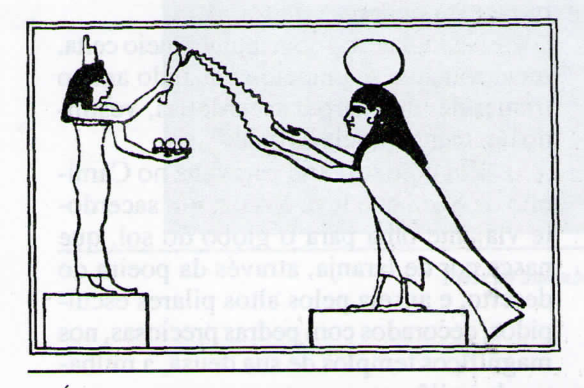
Dentro de um navio, em mar revolto, o capitão roga a Ísis que salve a tripulação e a nave, ao mesmo tempo que um passageiro devotado a uma nova fé ouve as preces e se pergunta se essa suposta Deusa poderá, um dia, ser conquistada, uma vez que Sua influência é tão penetrante.

Em um acampamento bárbaro, nas profundezas das escuras florestas da Europa, um chefe que está retornando anuncia que seu filho receberá outro nome em honra a Serápis, o consorte de Ísis, cujo culto ele conheceu quando estava entre o mundo "civilizado".

Nas montanhas da Índia, um rei da linhagem entronada por Alexandre, o Grande, quando conquistou o Oriente, pára diante de uma resplandecente estátua de Ísis e presta reverência, em concordância, quando a sacerdotisa entoa as preces à Deusa, com versos parcialmente esquecidos.

Uma jovem, dedicada a Ísis até o dia de seu casamento, sonha com seu amado e corre para o templo na esperança de vêlo entre a congregação.

Nos longos corredores da biblioteca de Alexandria, um estudante solitário sussurra as palavras da liturgia matutina enquanto se debruça sobre um antigo pergaminho, antes de apagar o lampião e deixar que a luz do alvorecer dê vida às palavras desbotadas a sua frente.



Ísis, Rainha do Submundo, dá água à alma-Coração.

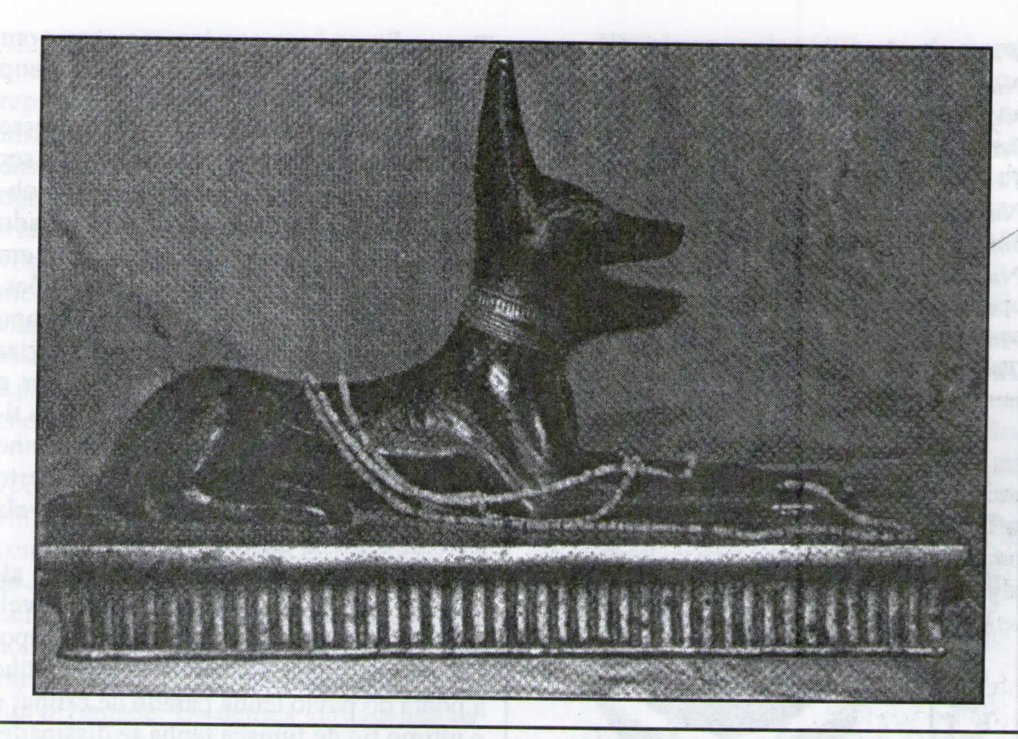
O RITO MATUTINO DE ÍSIS

Nos diversos templos de Ísis, a liturgia matutina para despertá-La era entoada a cada alvorecer. Embora as palavras fossem diferentes de templo para templo, e mudadas para se adequar às especiais naturezas das manifestações de Ísis, o significado e o propósito do ritual de abertura permanecem os mesmos.

Depois que as horas da noite se vão, a imagem de Ísis, uma faísca da divina essência que deu vida ao templo, estava agora desperta, refrescada, ungida, vestida e presenteada com oferendas. Embora freqüentemente as horas da noite fossem, mitologicamente, muito ocupadas para os deuses e deusas, e possuíssem seus próprios rituais e ritos, ainda assim, o amável despertar deles acontecia a cada alvorecer. O rito era cumprido sem falta, quer por apenas uma sacerdotisa em um santuário oculto no campo, quer por uma procissão de sacerdotes e sacerdotisas, cantores e entoadores, aglomerando-se pelas escuras câmaras de um templo.

Para Ísis, o despertar pela manhã deve tê-La feito sorrir, porque Seus muitos aspectos e diversas funções parecem ter impedido qualquer chance de dormir e sonhar divinamente durante o dia. Como Rainha do Submundo, o ato de dormir e os sonhos e viagens astrais trazidos por ele são de Seu domínio privativo, auxiliada por seu companheiro, colega e sobrinho, o deus com cabeça de chacal, Anúbis. E como protetora de Osíris, várias das horas da noite são Seu posto especial, quando Ela deve estar preparada para defender os mortos e as almas que dormem dos demônios da noite, que desejam fazer mal às almas que estão sob os cuidados da Deusa.

Como Senhora da Luz e da Chama, Ísis é a Senhora do Crepúsculo, e o brilho cor-de-rosa que precede o nascer do sol é



Estátua de Anúbis sobre uma base, usando contas. Da coleção da autora.

Seu sorriso dando as boas-vindas ao novo dia. Tanto como um deus do sol quanto uma deusa da lua, Ela está presente no nascer e no pôr-do-sol, e como uma deusa do ar, as brisas da manhã, principalmente as que vêm do frio norte, também carregam Sua essência. A Senhora das Plantas Verdes passa algumas horas da noite persuadindo as sementes e as folhas a desabrochar; as flores da manhã se abrem aos toques de Seus dedos.

Não é necessário, portanto, despertar a sempre vigilante Ísis. Mas agora, para que Suas sacerdotisas, Seus sacerdotes e templos possam ser despertados espiritualmente e relembrados que, com esse novo dia, Ela novamente reside com e dentro deles, a Deusa Ísis multiplica Sua presença para preencher cada um de Seus templos e permitir Seu despertar.



Prece para o despertar

Despertai, despertai, despertai,
Despertai em paz,
Senhora da paz,
Levantai em paz,
Levantai em beleza,
Deusa da Vida,
Bela no paraíso,
O céu está em paz,
A Terra está em paz,
Oh Deusa,
Filha de Nut,
Filha de Geb,
Amada de Osíris,
Deusa rica em nomes!
Todo louvor a Vós
Todo louvor a Vós,
Eu Vos adoro
Eu Vos adoro
Senhora Ísis

(Versão egípcia)

Nehes, nehes, nehes
Nehes em hotep
Nehes em neferu
Nebet hotepet
Weben em hotep

Weben em neferu
Nutjert en Ankh,
Nefer em pet!
Pet em hotep
Ta em hotep
Nutjert sat Nut
Sat Geb, Merit Ausar;
Nutjert asha renu!
Anekh hrak
Anekh hrak
Tu a atu
Tu a atu
Nebet Aset![1]



Cleópatra VII, representada como a Deusa Ísis.

Qualquer pessoa pode realizar esse rito. O balançar de um sistro pode ser acrescentado para iniciar e encerrar a observância. Embora seja mais adequado para a manhã, ele pode ser realizado em qualquer lugar, sob quaisquer condições. Também pode ser usado a qualquer tempo e lugar, quando você precisar despertar para a presença do divino. Pode fazer o rito em um lugar sagrado escolhido, se tiver um. Se tiver uma estátua ou desenho de Ísis, ou simplesmente um livro aberto contendo a Sua imagem, acenda uma vela à frente e recite as palavras do rito.

Depois de recitar a oração, fique alguns instantes em silêncio. Se possível, deixe a vela queimar por algum tempo. Quando extinguir a chama, espere até que a ponta do pavio tenha parado de brilhar e o último fio de fumaça tenha se dissipado. Essa atitude mostra respeito para com a Deusa e propicia um encerramento para o rito. Você pode, ainda, espalhar a fumaça do pavio apagado sobre a cabeça, para purificação e bênção.

Acredita-se que todos os verdadeiros santuários de deuses e deusas mantêm um altar com fogo perpétuo. Na verdade, isso é um modo de testar uma visão astral, porque um templo genuinamente contatado terá a luz do altar brilhando, enquanto áreas consagradas, que se parecem com templos, podem não tê-la. Você pode desejar manter o fogo do altar visualizando uma esfera brilhante emanando da vela e envolvendo-a. A chama mental desempenhará a função de manter o espaço do templo ativo, se as circunstâncias não permitirem a manutenção da chama física, muito agradável a seus sentidos.

Ao realizar o rito, lembre-se sempre de que não está venerando a imagem, e sim a força intangível, onipotente e ao mes-

1. Apresentada com a permissão de Padiusiri.

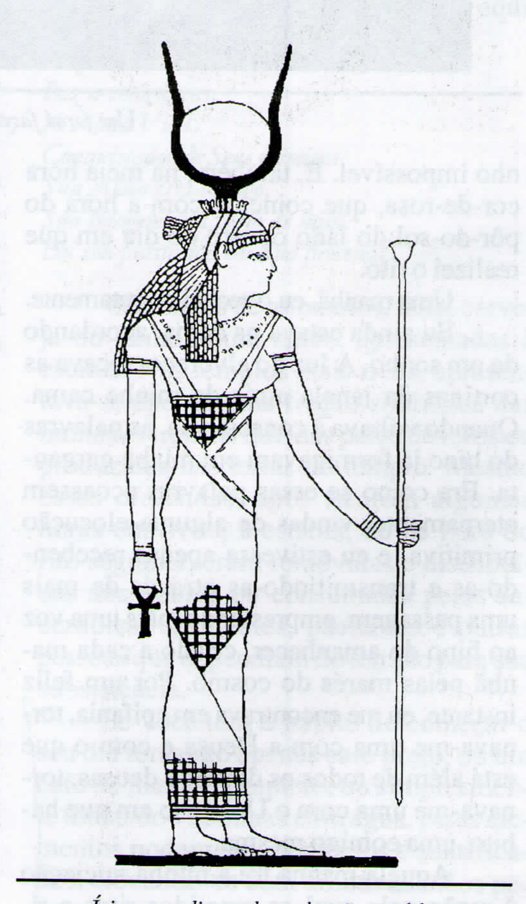
mo tempo pessoal que você escolheu para que fosse lembrada através das linhas da representação que está à sua frente. As imagens, quer sejam desenhadas, entalhadas, pintadas ou escritas, são lentes que transmitem e dão cor à energia divina. Com o tempo, quando obter energia divina através delas, algumas imagens físicas assumem um espírito próprio, formando uma aliança muito próxima com a divindade cuja essência a imagem absorveu. Mas isso não é precisamente idêntico à vasta reserva de energia divina por trás da própria imagem.

Quando realizar o Rito Matutino, você pode recitar a versão egípcia ou a em sua língua. Eu gosto de usar a egípcia como reconhecimento das raízes ancestrais de Ísis, mas qualquer língua é aceitável. Lembre-se de que o objetivo da oração e do ritual é conduzi-lo ao correto estado de espírito e mente para se comunicar com sua divindade. Os deuses verdadeiros estão sempre prontos para escutar e entendem completamente todas as línguas. *Nós* é que precisamos nos ajustar e alcançar a harmonia.

Esse Rito Matutino, como qualquer outro regularmente realizado, pode ajudá-lo a entrar e permanecer em sintonia com as energias de Ísis. Sinta-se à vontade para alterar o teor de modo a adaptá-lo às suas preferências. Por exemplo, algumas pessoas não se sentem confortáveis usando a conjugação referente ao pronome "vós". Se isso atrapalhar suas orações, mude a conjugação. Você pode, ainda, se preferir, escrever uma versão totalmente nova do *Despertar*. Um novo rito ou hino é uma excelente e tradicional oferenda à Deusa Ísis e pode ser muito útil em prepará-lo para a iniciação em Seus mistérios.

Se você encontrar na alma uma obstinada resistência a se comprometer com ritos diários (como freqüentemente acontece comigo), quer seja tomar uma vitamina ou orar a Ísis, posso informá-lo a respeito de minhas experiências ao fazer as orações.

Em algumas das milhares de vezes em que realizei o rito matutino, às vezes o recitei rapidamente e, outras, lentamente; algumas vezes com reverência; outras, com tédio, dúvida, fé, gratidão, alegria ou sufocada pelas lágrimas. Pronunciei as palavras claramente, derramando na oração todo o poder que pude reunir. Já orei — muitas vezes — embriagada pelo sono. Eu já recitei o hino perfeitamente cem vezes seguidas, e depois, na centésima primeira, confundi as palavras com as de um ritual da noite. Proferi as palavras na escuridão, quando o sol está oculto atrás da luz da lua; e também quando o dia já avança e os insetos do sol do verão voam no calor do dia. Já realizei o rito diversas vezes na hora da luz cinzenta, quando a promessa da luz do sol amarela e brilhante parece um so-



Ísis com o disco solar, o bastão e ankh.



Um faraó fazendo oferendas.

nho impossível. E, também, na meia hora cor-de-rosa, que coincide com a hora do pôr-do-sol do lado oposto do dia em que realizei o rito.

Uma manhã, eu o recitei corretamente.

Eu ainda estava na cama, acordando de um sonho. A luz do alvorecer tocava as cortinas da janela atrás de minha cama. Quando voltava à consciência, as palavras do hino já formigavam em minha garganta. Era como se essas palavras ecoassem eternamente, vindas de alguma elocução primitiva, e eu estivesse apenas recebendo-as e transmitindo-as através de mais uma passagem, emprestando mais uma voz ao hino do amanhecer, criado a cada manhã pelas marés do cosmo. Por um feliz instante, eu me encontrava em epifania, tornava-me uma com a Deusa e com o que está além de todos os deuses e deusas, tornava-me uma com o Universo em que habito, uma comigo mesma.

Aquela manhã foi a minha iniciação à razão pela qual os repetidos ritos e rituais diários são importantes. Eu me preparara para esse momento, sem o saber, decorando as palavras do hino e repetindo-as em quaisquer circunstâncias, pensando vagamente que estava prestando reverência a Ísis e alcançando uma pequena sintonia com os antigos templos.

Contudo, pela graça dos deuses e de Ísis em especial, fui ricamente recompensada mesmo por essa fortuita devoção.

Embora seja suficiente apenas entoar a oração em voz alta ou em sua mente, é possível expandir o rito para torná-lo mais parecido com o antigo ritual. A maioria dos templos possuía pequenas estátuas de deuses e deusas, mantidas em pequenas salas nos santuários.

Nessas salas ficava o *naos*, ou arca do santuário — uma caixa decorada de tamanho apropriado para a estátua. Durante o último ritual da noite, aproximada-

mente à meia-noite, o sacerdote responsável pelo ofício reverentemente fechava as portas e lacrava o santuário, geralmente amarrando as trancas das portas com um cordão e colocando um lacre de cera ou argila sobre o nó. Algumas versões desse rito identificam o selo de argila como a "Carne de Ísis", explicando que, embora o selo seja quebrado, é a argila, e não a deusa, que será destruída.

Pela manhã, quando o rito matutino era realizado, os sacerdotes responsáveis se aproximavam, entoando as palavras, ao mesmo tempo que o incenso purificava o ar. O mais alto sacerdote, ou sacerdotisa, se aproximava do santuário e o abria. Lampiões eram acesos, e as oferendas antigas, retiradas. Uma caixa especial — *merit* — continha os óleos e outros itens necessários para as estátuas ao despertar. Essas caixas eram oblongas, decoradas com penas de avestruz, símbolo de *Ma'at*, a personificação da justiça e da verdade, viradas para dentro, em cada canto.

A estátua era, então, lavada, ungida e vestida. Para as estátuas grandes, o processo envolvia roupas de verdade, freqüentemente doadas como oferendas por adoradores ricos ou feitas pelos tecelões do templo. As estátuas menores recebiam uma muda de jóias ritualísticas ou eram decoradas com mantos de tecido de alta qualidade, colocados sobre os ombros.

No Egito, em Abidos, um local sagrado há muito tempo dedicado a Osíris, marido e irmão de Ísis, o iniciado responsável pelo ofício passava primeiramente por uma purificação, geralmente um ritual de limpeza com água e, então, oferecia incenso no saguão exterior, fora da sala onde o santuário era mantido. Enquanto o sacerdote realizava essa tarefa, o seguinte hino a Osíris era entoado:

Rito matutino a Osíris

Eu venho à Sua presença, Oh Grandioso,
após ter sido purificado.
Quando passei pela deusa Tefnut, Ela me fez puro.
Eu sou um sacerdote, e o filho de um sacerdote deste templo.
Eu sou um sacerdote, e eu vim fazer o que deve ser feito.

O sacerdote responsável, então, seguia para o santuário de Osíris e abria o lacre de argila, entoando:

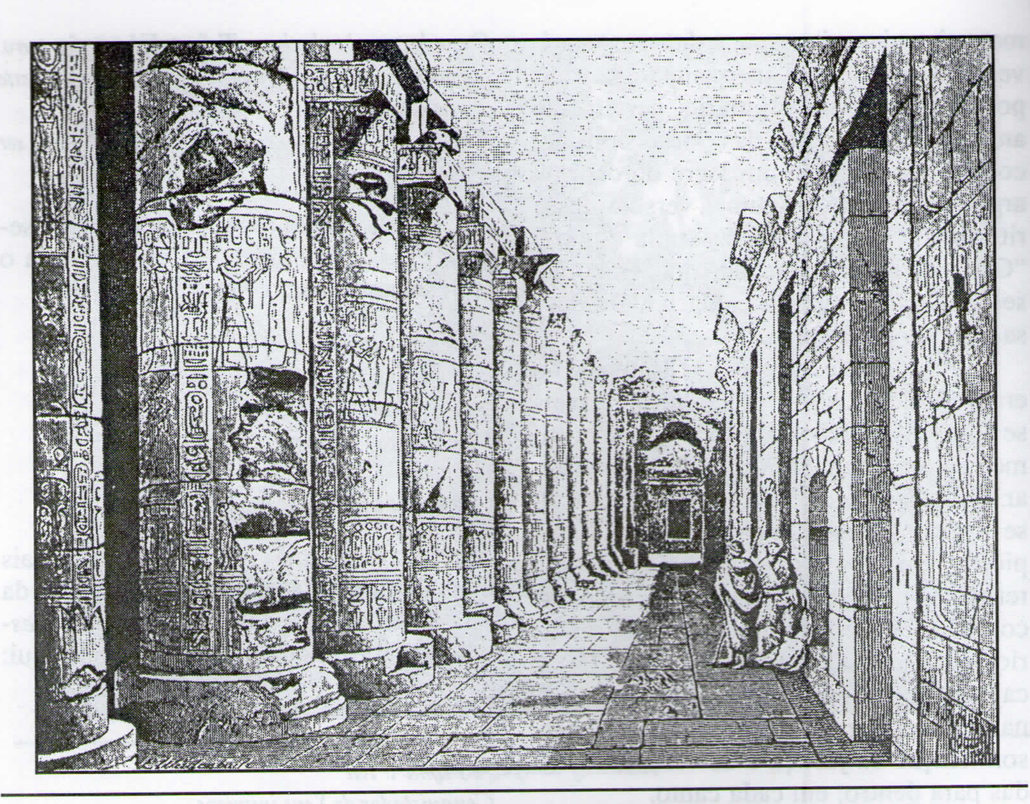
A argila está quebrada
E o lacre está solto
Que esta porta possa ser aberta
E todo o mal em mim
Eu atiro ao chão
Como essa argila quebrada.

Após algumas cerimônias adicionais mais simples, o sacerdote se aproximava da estátua de Osíris e entoava o hino do *Despertar*, parte do qual está reproduzida aqui:

Paz a você, Deus,
Paz a você, Deus,
A Alma Viva
Conquistador de Seus inimigos
Sua Alma está comigo,
Sua imagem está perto de mim,
Eu sou purificado em Sua presença.

Oferendas de alimentos, leite, cerveja ou vinho eram, então, apresentadas à estátua. Nos templos mais ricos, apresentava-se apenas uma fração simbólica das muitas oferendas trazidas pelos devotos ou produzidas nas terras do templo. Mesmo essas oferendas, após ficarem algumas horas em frente à estátua, ou na hora do rito seguinte, eram removidas e distribuídas aos pobres ou consumidas pelos sacerdotes, estudantes, pacientes e outras pessoas que dependiam do templo para sua subsistência.

Se você tem o hábito de começar o seu dia tomando apenas café preto, ou um café da manhã completo, ou simplesmente tomando vitaminas com água, esses elementos podem ser oferecidos e santificados, elevando-os com ambas as mãos perante o altar e segurando-os nessa posi-



Representação, feita no século XIX, do Templo de Abidos.

ção por alguns momentos. Uma pequena varinha ou cetro pode ser usado como *khereb*, instrumento agitado sobre as oferendas para consagrá-las. Se você está preocupado, pensando que o seu frio cereal matinal não é ritualisticamente apropriado, lembre-se de que os alimentos, as bebidas e tudo o que sustenta a vida são sagrados para Ísis.

Para muitos devotos, acender a vela e recitar o *Despertar* devem preceder qualquer outra atividade matutina, porque estaremos nos beneficiando do estágio de transe após o sono que muitos de nós experimentamos cedo pela manhã.

Quando for possível, evite o uso de alarmes, embora os compromissos do mundo moderno torne isso difícil. O salto repentino para a semiconsciência afasta a lembrança dos sonhos, freqüentemente mais vívidos e significativos nas primeiras horas da manhã. Rádios-relógios, quando tocam música em vez de vozes, são preferíveis a alarmes comuns, porque podem ajudar a manter o leve estado de transe matutino.

Contudo, uma pessoa verdadeiramente matutina preferirá começar o rito com um banho purificador (de chuveiro ou banheira). No próximo capítulo — "Purificações para os ritos de Ísis" —, o leitor encontrará instruções de como proceder quanto a esses banhos.

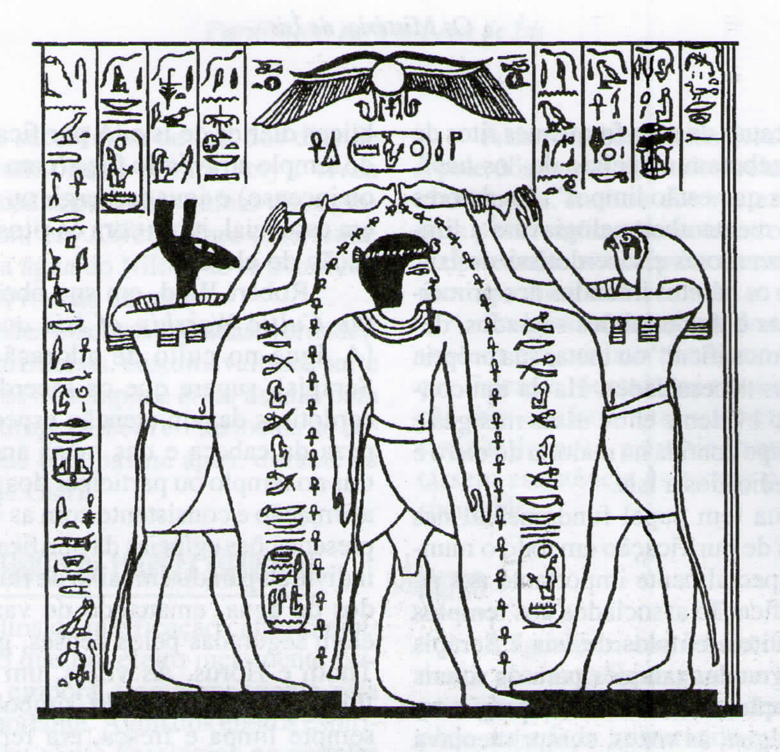
Dependendo da quantidade de tempo que possa dispensar ao Rito Matutino e da presença de outras pessoas por perto, você pode acender um incenso como oferenda. Para o Rito Matutino, dê preferência a perfumes picantes, em vez de adocicados. Um incenso de resina com fortes conotações solares, como o frankincense ou a mirra, é muito bom. Veja o Capítulo Dezoito — "Ísis e alquimia" — para encontrar mais sugestões.

Se não for apropriado usar incenso, uma gota de óleo essêncial colocada em um cristal para evaporar é uma alternativa agradável e sem fumaça.

Acima de tudo, esteja alegre na realização do Rito Matutino. Um novo dia começa repleto de possibilidades que vão além de nossa imaginação, mas que estão facilmente ao alcance da Deusa e daqueles a quem Ela estende Sua ajuda e amor.



Uma representação, feita no século XIX, da Cachoeira Murchison, no Alto Nilo. As águas do Nilo eram especialmente veneradas pelo seu poder de purificação e limpeza.



CAPÍTULO DOIS

A SEGUNDA HORA DA LUZ DO DIA

PURIFICAÇÕES PARA OS RITOS DE ÍSIS

O objetivo primeiro para os sacerdotes, sacerdotisas e devotos de Ísis é ficar em um estado de pureza espiritual. Embora a vida, em tempos passados, tivesse um ritmo muito mais tranqüilo e as pessoas vivessem com mais contato com a beleza natural e criada pelo homem, os ritos de limpeza espiritual eram realizados constantemente. Os ritos de purificação eram necessários antes de se entrar em locais sagrados, antes de rezar, antes de invocar o Poder divino da cura.

Nós, que seguimos os caminhos do templo hoje, vivemos em um mundo onde é muito fácil ser contaminado. Atualmente, nem mais prestamos atenção ao fato de que o nosso ambiente físico é impuro e insalubre, e nos consideramos com sorte se essas impurezas não ultrapassarem índices "seguros" de contaminação. No mundo atual, com sua atividade barulhenta, incessante e, muitas vezes, sem sentido, é ainda mais crucial e sábio retroceder e garantir que as bênçãos da purificação recaiam sobre nós.

Os ritos de purificação são, em essência, simplesmente uma limpeza consciente tanto do espírito quanto da mente. São uma forma de bênção na qual a "pura" energia positiva retira o negativismo e a contaminação. Uma purificação bem realizada é equivalente a uma cura psíquica preventiva e também pode aumentar os benefícios tanto da medicina moderna quanto da terapia espiritual.

RITOS DE LIMPEZA

Os membros do clero de Ísis eram conhecidos por sua pureza física e espiri-

tual, e por causa de seus freqüentes ritos de limpeza receberam o apelido de "os *ueb*", ou "aqueles que estão limpos". Os autores cristãos de mente aberta elogiavam a limpeza dos sacerdotes e sacerdotisas de Ísis, deplorando os hábitos imundos dos primeiros ascéticos e dos ermitões sagrados, dedicados a "mortificar" ou matar sua própria carne e suas necessidades. Havia um contraste muito evidente entre esses monges e a beleza limpa contida na maioria do clero e dos ritos dedicados a Ísis.

A água tem papel fundamental nas cerimônias de purificação em todo o mundo e era especialmente importante nos ritos de purificação associados aos templos de Ísis. Muitos templos de Ísis e Serápis possuíam grandes tanques para os rituais de purificação, e o ritual de aspergir, ou respingar, água, às vezes, cumprimentava os membros da congregação nos ritos públicos diários de Ísis. A purificação diária do templo através do fogo (com uma tocha ou incenso) e água (aspergir ou respingar) era essencial, junto com os ritos de purificação do clero.



Margens do Nilo.

Robert Wild, em sua obra *Water in the Cultic Worship of Isis and Sarapis* [A água no culto de adoração a Ísis e Serapis], sugere que os sacerdotes e sacerdotisas davam atenção especial à limpeza da cabeça e das mãos antes de entrar no templo ou participar dos ritos. Essa afirmação é consistente com as antigas representações egípcias da purificação de um indivíduo parado embaixo de fluxos cruzados de água, emanando de vasilhas que eram seguradas pelos deuses, geralmente Thoth e Hórus. Às vezes, um constante fluxo de pequenos *ankhs*, símbolos da vida sempre limpa e fresca, era representado no lugar da água.

A ênfase em purificar a cabeça, o ponto de junção das aspirações espirituais e materiais, demonstrava a crença de que a simples pureza física não é suficiente — o espírito e a mente também precisam ser limpos e purificados.

As águas do Nilo eram particularmente veneradas por seus poderes de purificação e cura. Os devotos freqüentemente realizavam peregrinações para obter água desse rio e usá-la no templo.

Durante a ocupação romana, conta-se que uma sacerdotisa, insatisfeita em simplesmente trazer água da foz do Nilo, onde ele deságua no mar Mediterrâneo, seguiu para a parte superior do rio, chegando ao reino da ilha de Meroe, que se acreditava estar próxima à última nascente do Nilo. Foram registradas outras peregrinações, embora não tão extensas, dos devotos de Ísis e Osíris, que eram às vezes representados por uma vasilha cheia de água do Nilo e que prometiam a seus seguidores "água fresca em abundância" na vida após a morte[2].

2. E ainda está sendo prometida. Existe, nos dias de hoje, uma loção após barba chamada "Água Fresca".

Uma sacerdotisa de Ísis dos dias de hoje, Dorothy Eady (Omm Sety), viveu muitas décadas perto das ruínas do sagrado Osireion, em Abidos. Para obter cura, ela usava a água do Nilo, que se acumulava entre as rochas do templo.

Grandes piscinas sagradas, verdadeiros lagos artificiais, costumavam ser parte dos terrenos do templo e eram usadas para rituais de limpeza, bem como locais de encenação das batalhas na água, durante os festivais de Osíris.

OS EFEITOS FÍSICOS DA LIMPEZA ESPIRITUAL

Os ritos de purificação causam muito mais do que um efeito meramente psicológico, embora esse componente seja muito importante. Além dos efeitos espirituais, há um efeito fisiológico no simples ato de se limpar com água.

Nossas mudanças de temperamento e experiências vividas durante o dia fazem com que apareçam várias substâncias em nossa pele. Algumas simplesmente evaporam, outras permanecem e serão gradualmente reabsorvidas, freqüentemente depois de terem sido fermentadas ou se tornado rançosas. Traços químicos de raiva ou estresse devem ser retirados com água; caso contrário, o corpo será relembrado quimicamente de sua angústia original e pode continuar a experimentar as reações negativas. Isso consiste em uma verdadeira barreira à experiência e ao equilíbrio espiritual, mas que pode ser facilmente derrubada pela simples limpeza. Por esse motivo, é também importante separar a limpeza física da bênção espiritual contida nos rituais de limpeza através da água, ou unções.

Como os sacerdotes e sacerdotisas eram, com freqüência, os médicos mais bem treinados da época e local, não devemos nos surpreender com o fato de que muitas das substâncias e métodos de limpeza espiritual apresentem efeitos físicos inegavelmente potentes.

Além dos benefícios gerais de limpar a pele dos traços deixados pelas experiências do dia, muitos dos materiais usados para purificação apresentam comprovadas propriedades anti-sépticas, antivirais e até mesmo antibióticas.

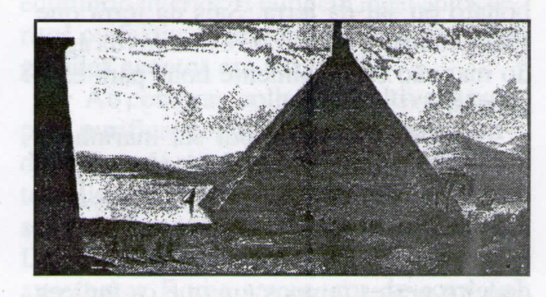
Embora os membros do templo estivessem em contato constante com doenças físicas e mentais, os ritos de purificação lhes conferiam uma vantagem em resistir às doenças, permitindo que eles prestassem assistência às outras pessoas sem sucumbir.

NATRO

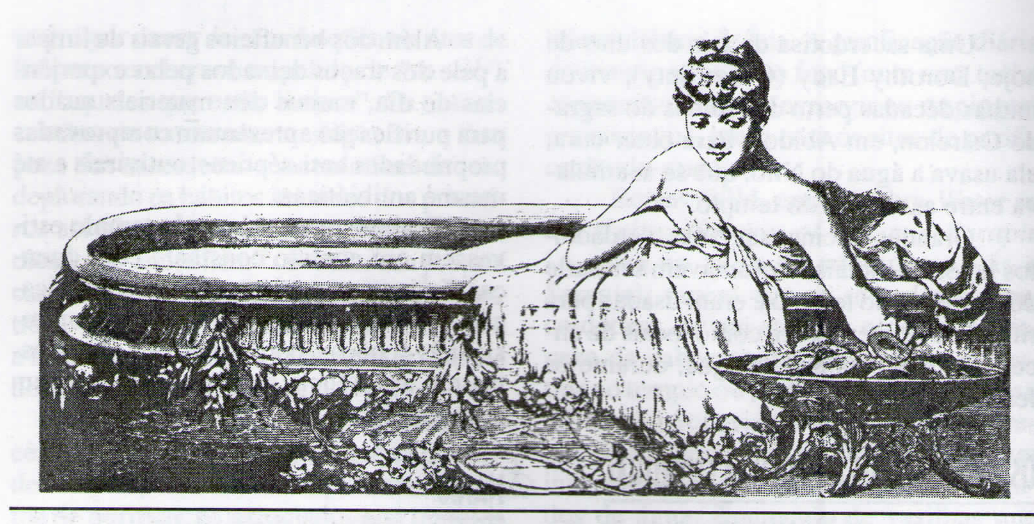
A água de natro, à base de sódio, era muito usada no Egito para purificar o corpo e a boca. Uma versão moderna do natro pode ser criada misturando-se bicarbonato de sódio e água purificada.

Para despertar suas qualidades de limpeza espiritual, tanto a água quanto o bicarbonato podem ser abençoados separadamente e depois misturados. O modo mais fácil de fazer isso é colocar o bicarbonato em uma tigela pequena e limpa. Chame a energia que cura para suas mãos (veja a seção "Manifestando a energia que cura", no Capítulo Onze, "Ísis, a grande médica") e erga a tigela, entoando a seguinte oração (ou outra de sentido semelhante):

Ísis, Deusa gloriosa,
Aquela que é sagrada, torne esta substância pura
Deixe-a participar de Sua divina unidade e pureza.



A pirâmide no lago Moerus. A água na forma de piscinas ou lagos sagrados, era freqüentemente um elemento essencial nos modelos dos terrenos do templo.



Um banho de purificação deve ser realizado em um estado meditativo, sem pressa.

Encha a tigela com o poder de cura e, enquanto a substância forma uma crosta, coloque-a de volta e bata palmas a certa distância. Eleve novamente a energia que cura, desta vez para a água, enquanto mistura a água e o bicarbonato. Esfregue a água de natro pelo corpo enquanto toma banho (de chuveiro ou banheira). Enxágüe também a boca com a água de natro.

Banhos para purificação

O banho de purificação mais simples é realizado em uma banheira com água quente na qual se acrescentam algumas colheres de sopa de sal de cozinha, bicarbonato ou sal da terra. Sais da terra que foram minados em vez de extraídos da água do mar são especialmente bons para esse propósito.

Você pode optar por sal marinho e honrar Ísis como a Deusa do mar ao preparar o banho; porém, muitos egípcios consideravam a água do mar como relacionada a Set e impura, o que ainda é mais verdadeiro nestes tempos em que os índices de poluição das águas são muito elevados.

A consagração de qualquer um desses tipos de sal para usar em banhos de purificação segue o mesmo procedimento da criação da água de natro. Simplesmente chame a energia que cura para suas mãos e diga: "Ísis, por favor, abençoe este sal".

Ao preparar qualquer banho de purificação é útil alcançar um estado de paz em sua mente antes de iniciar o banho, de modo que este possa operar sobre a contaminação espiritual mais profunda, em vez de ter de acalmá-lo antes. É comum se lavar com água e sabão antes de se submeter ao banho de purificação. Ao fazer suas preparações, fique calmo. Leve o tempo que precisar. Raramente as condições serão tão drásticas que o farão realizar um banho de purificação apressadamente.

Use hissopo ou qualquer outra erva purificadora. Coloque boa quantidade da erva na palma da mão e acrescente-a a aproximadamente meio litro de água em uma panela esmaltada. Mexa com colher de madeira para umedecer as folhas. Elas se moverão em um movimento espiral, formando um caleidoscópio verde, induzindo ao transe. Olhe para as folhas e inale a fragrância enquanto a água esquenta. Isso o ajudará a se purificar internamente. Se desejar, coloque o símbolo sagrado do *ankh*

ou o Trono de Ísis dentro da água enquanto mexe com a colher.

Ao notar as primeiras bolhas se formando nas laterais da panela, apague o fogo. Deixe a infusão descansar por um tempo e depois despeje o líquido na banheira, usando um escorredor que não seja de metal, se possível. (Você pode, é claro, deixar as folhas no líquido que está sendo despejado na banheira, mas isso geralmente não tem efeito muito purificador no encanamento.) Como alternativa você pode costurar ervas em tecidos limpos e colocá-las diretamente na banheira, mas a água resultante é, em geral, menos potente do que a usada na infusão descrita anteriormente.

Ao despejar o líquido na banheira, pode recitar as seguintes palavras:

Ísis, gloriosa Deusa,
Senhora das ervas verdes
Limpe-me de todas as impurezas
Banhe-me com Sua luz
Liberte-me da desordem que se prende a mim
Faça-me puro/a para caminhar pelos Seus caminhos.

Entre na banheira após despejar o líquido. Como se trata de um banho de purificação, é aconselhável molhar todo o corpo, quer mergulhando a cabeça rapidamente na água, quer despejando uma xícara da água do banho sobre a cabeça. Se tiver um problema de saúde que não permita que você mergulhe totalmente na água, despeje um pouco da água do banho sobre a cabeça.

Os banhos de purificação têm seu poder aumentado pela luz do sol ou de uma vela, principalmente se você tiver tempo e inclinação para meditar durante a purificação. Não realize um banho de purificação apressadamente. Como acontece com a maioria das ervas, o hissopo e outras ervas de purificação têm uma ação lenta e completa que não deve ser apressada. Evite a tentação de reduzir o ato de purificação a um banho rápido. Embora um rito de purificação rápido seja melhor do que não realizar rito algum, os benefícios não são tão completos.

Algumas ervas, principalmente o hissopo, tendem a ressecar a pele; portanto, após o banho, use óleos ou loções para hidratá-la. Esse é, também, um excelente momento para realizar uma unção que ajudará a completar os efeitos do banho de purificação.

Banho de hissopo

Talvez a mais poderosa das ervas purificadoras, o hissopo tem sido usado por milhares de anos. A *Encyclopedia of Magical Herbalism* [Enciclopédia do herbalismo mágico] apresenta versões mais antigas do nome da erva como "yssop", ou "isopo"; ambas provavelmente derivam da memória medieval de Ísis, como "Ysis, Senhora das Ervas", como foi representada em um antigo manuscrito por Christine de Pisan[3].

Como uma erva de purificação, o hissopo foi usado em ritos cristãos e judeus e ainda é utilizado por devotos judeus no banho ritual *mickva* para limpeza espiritual.

Fragrante e limpo, o hissopo concede uma qualidade inconfundível à água, que é sentida como um sutil, quase efervescente formigamento. Sempre que se sentir pesado espiritualmente, como resultado das exigências do mundo moderno, ou sofrendo por causa das agitações emocionais, um banho de hissopo o ajudará a restaurar o equilíbrio interior. É também ideal antes de ritos ou festivais importantes, ou antes de grandes eventos em sua vida.

Ao comprar, colher ou cultivar ervas para purificação, insista na melhor qualidade, livre de agrotóxicos ou outros poluentes. Hissopo é uma erva silvestre que apresenta folhas com muitos caules pequenos. Dependendo da época do ano ela pode apresentar flores roxas, cor-de-rosa ou azuis.

3. de Pisan, Christine, *Les Cent Histoires de Troye 1499-1500.*

UNÇÃO

A unção com óleo é uma das formas mais antigas de alcançar bênçãos e purificação. É simples, rápida, pode ser feita em qualquer lugar e é muito eficaz. Na sua forma mais simples, a unção é obtida colocando a ponta do dedo umedecida com óleo consagrado na testa e pronunciar uma ou duas palavras, como "Ísis, Abençoe!" ou "Deusa, abençoe Seu/Sua devoto/a".

Muitos óleos diferentes podem ser usados para a unção. Todavia, de modo geral, evite misturas sintéticas. Elas não são tão potentes quanto as substâncias genuínas, que suportaram o desafio da sobrevivência no reino vegetal. Santifique um óleo antes de usá-lo, carregando-o com energia de cura em Nome de Ísis.

Para realizar uma unção mais elaborada, aplique uma gota de óleo na testa, no coração, estômago, virilha, joelhos e pés. Ficar nu para realizar esse tipo de unção é mais conveniente, mas não essencial. Se for absolutamente necessário, a unção pode ser feita através das roupas e ainda assim ter um efeito positivo.

Um rito de unção

Ungir o corpo com óleo sagrado, ou carregado de energia, é um modo de atrair poder para a área ungida, poder esse que afasta as energias negativas ou que estão em local errado. O ato também confere habilidades especiais, como os óleos que ainda são usados em alguns ritos modernos de coroação. Óleos e ungüentos sagrados têm sido usados em muitas culturas e eram comuns no mundo antigo.

Um rito simples de unção pode ser criado trazendo a energia divina para dentro de seu corpo, parte por parte, e pedindo por uma bênção ou visão para cada parte, como nos modelos de cânticos apresentados no Capítulo Seis, "Exaltação a Ísis". É um rito muito flexível que pode ser alterado a cada realização. Pode apresentar tantos detalhes quantos você desejar — se quiser, pode ungir cada uma das vértebras ou juntas individualmente. Essa unção completa é especialmente eficaz em casos de ferimentos ou dores crônicas.

Fique em pé e respire profundamente até perceber a energia enchendo seu corpo e fluindo ao redor. Pare e espere até que a energia se estabilize. Carregue suas mãos com a energia que cura. Uma vela, ou outra fonte de luz, deve estar presente durante esse rito, que também pode ser realizado em frente a uma janela ou ao ar livre, se as condições permitirem. Evite luz fluorescente ou qualquer outro tipo que considerar desagradável. Lâmpadas incandescentes ou que aquecem proporcionam um agradável espectro de luz para esse rito.

Cumprimente Ísis. Pode ser um cumprimento falado, formal, como "Toda a glória a Você, Ísis. Esteja comigo neste rito", ou simplesmente um silencioso reconhecimento ou visualização de uma imagem favorita de Ísis. Enquanto profere as palavras, faça sua própria unção com os dois primeiros dedos da mão com a qual escreve embebidos ou molhados com óleo. É mais fácil realizar a própria unção usando uma pequena tigela com óleo colocada à altura da cintura.

Eu estou puro à luz de Ísis
Sua luz flui dentro e através de mim.
A luz de Ísis toca minha cabeça;
possa eu me unir ao divino.
A luz de Ísis flui à minha testa;
permita que minha mente fique clara.
A luz de Ísis flui dentro de minha garganta;
permita que minha voz seja verdadeira.
A luz de Ísis flui dentro de meu coração;
permita que minha alma esteja repleta de amor.
A luz de Ísis flui dentro de meu estômago;
permita que meus instintos sejam corretos.
A luz de Ísis flui dentro de meus quadris;
permita que meus desejos sejam sagrados.
A luz de Ísis flui por minhas pernas;
permita que minhas jornadas sejam abençoadas.

A luz de Ísis flui por meus pés;
permita que meu posicionamento seja justo, e
meus passos sejam sempre bem-vindos nos
locais sagrados.
A luz de Ísis flui pelas minhas mãos;
permita que meus serviços sejam sempre
satisfatórios a Você, Ísis.
Habite comigo, Ísis; permita-me viver na glória de
Sua luz
Para todo o sempre.

Fique parado até que a energia se torne mais suave. Esse rito de unção pode também ser usado com as técnicas de limpeza e cura pela luz, descritas a seguir.

Limpeza pela luz

Deitar-se sobre a grama verde ou sobre a areia macia da praia, ou ainda na terra dura, banhada pela luz da lua, propicia uma limpeza dupla. O planeta abaixo de você imediatamente "atrairá para a terra" a negatividade, junto com todas as energias presas a ela que não foram geradas ativamente por você. A luz acima de você limpará, purificará e recarregará sua energia.

Esse tipo de limpeza e carga é particularmente útil quando estiver explorando os aspectos solares, lunares ou estelares do culto a Ísis. Pode também ser incorporado a um rito de meditação ou outro ritual. De maneira ideal, a pessoa deveria realizá-lo nua, mas isso não é essencial e pode não ser uma atitude muito inteligente, dependendo do local onde está. Se não for possível ficar ao ar livre, até mesmo deitar-se no chão, em frente a uma janela, poderá ajudá-lo a recarregar sua energia e limpar sua aura — a teia de sutis energias físicas e espirituais que envolve todos os seres vivos.

Limpeza pela luz colorida

A luz colorida também pode limpar e curar. Vitrais coloridos propiciam uma fonte maravilhosa de luz multicolorida. Dependendo de suas necessidades, algumas cores de luzes podem ser mais eficazes que outras.

Uma técnica de cura usada por xamãs mexicanos é encher garrafas coloridas com água, deixá-las ao sol e então usar a água carregada de luz para cura e purificação, receitando diferentes cores para diversas condições. A cor verde é usada para curar, a vermelha para problemas emocionais, a amarela para preocupações intelectuais e a azul para ansiedade.

Objetos, pedras e cristais ritualísticos para limpeza

Os objetos que obtiver para realizar trabalhos espirituais devem ser física e psiquicamente limpos quando os receber ou comprar, a não ser que eles tenham sido especialmente energizados pela pessoa que os entregou, e você deseje manter a energia no objeto. Nesse caso, a simples limpeza física não extinguirá a energização intencional. Os itens, principalmente os cristais, que ficaram em uma loja por algum período de tempo geralmente precisam de boa limpeza física e psíquica.

Antes de usar qualquer método psíquico de limpeza, comece com a limpeza física. Use seu bom senso e experiência; não utilize uma lixa em um delicado e antigo castiçal feito de madeira. Algumas pedras com estrutura arenosa podem dissolver na água. Elas podem ser limpas com um tecido levemente úmido.

A limpeza espiritual dos objetos pode ser feita de muitos modos. Aqui vão algumas técnicas.

Luz

As pedras podem ser purificadas por exposição à luz do sol, da lua, ou ambas.

Você pode deixar o quartzo claro, que é mais facilmente alinhado com a luz da lua, exposto à lua cheia durante três noites. Para intensificar a influência da lua, mova o cristal antes que os raios do sol atinjam o local. Esse método limpa o cris-

tal e ao mesmo tempo o energiza com o poder da lua. A limpeza e a energização lunar são especialmente apropriadas quando estiver explorando o aspecto de Ísis como Deusa lunar.

Geralmente, objetos feitos de metal ou madeira não serão facilmente purificados apenas pela luz. Pode ser que eles precisem ser deixados ao ar livre por mais tempo (nesse caso, lembre-se dos possíveis danos que podem ser causados pela umidade da noite ou pelo sol) ou que necessitem de uma adicional energização ou exposição a incenso. Ainda assim, objetos mais antigos, que foram energizados repetidamente por outra pessoa, podem nunca se libertar das influências anteriores.

Limpeza por incenso

A limpeza de pedras e outros objetos através do incenso, para energizá-los e purificá-los, tem sido praticada por muitas culturas ao redor do mundo.

Para obter uma limpeza de influência egípcia, use frankincense ou mirra, queimados em carvão. A goma copal, uma resina do Novo Mundo, também pode ser usada em virtude de suas semelhanças com as antigas árvores de incenso, algumas das quais estão extintas. A resina opópanax também foi usada nos templos de Ísis e pode ser utilizada aqui.

O incenso de kifi pode ser usado para limpar objetos, se você preferir. Contudo, kifi é um incenso complexo, composto de muitos ingredientes.

A limpeza é mais bem alcançada quando usamos ingredientes puros, simples. Pela mesma razão incensos em forma de palitos ou cones devem ser evitados, já que são freqüentemente compostos por muitos ingredientes, alguns naturais, outros artificiais, e também contêm elementos químicos para permitir a queima regular.

Lavar

Os cristais apreciam um longo banho de vez em quando. Se você for bem afortunado o suficiente e tiver acesso fácil a uma fonte, córrego ou cachoeira, coloque o cristal em uma posição de modo que a água caia sobre ele. Se mora em um local onde a seca não é uma preocupação, deixe o cristal embaixo de uma torneira aberta.

Embeber o cristal em água salgada, embora não seja tão benéfico quanto lavar o cristal em água corrente, é bom para muitos propósitos. Se sentir que a pedra, ou cristal, não é a adequada para você, escolha outra em vez de tentar limpar algo que simplesmente não lhe é compatível.



ISIDIS
Magnæ Deorum Matris
APVLEIANA DESCRIPTIO.

Nomina varia Isidis.

Isis
Minerua
Venus
Iuno
Proserpina
Ceres
Diana
Rhea seu Tellus
Pessinuncia
Rhamnusia
Bellona
Hecate
Luna
Polymorphus dæmon.

Explicationes symbolorum Isidis.

A Diuinitatem, mundum, orbes cœlestes
BB Iter Lunæ flexuosum, & vim fœcundatiuam notat.
CC Tutulus, vis Lunæ in herbas, & plantas.
D Cereris symbolum, Isis enim spicas inuenit.
E Byssina vestis multicolor, multiformem Lunæ faciem.
F Inuentio frumenti.
G Dominium in omnia vegetabilia.
H Radios lunares.
I Genius Nili malorum auerruncus.
K Incrementa & decrementa Lunæ.
L Humectat. vis Lunæ.
M Lunæ vis victrix, & vis diuinandi.
N Dominium in humores & mare.
O Terræ symbolum, & Medicinæ inuentrix.
P Fœcunditas, quæ sequitur terram irrigatam.
Q Astrorum Domina
R Omnium nutrix.
S Terræ marisque
M Domina.

Uma ilustração de Ísis, acompanhada de um texto (note "vários nomes de Ísis" na coluna à esquerda), em uma página do Oedipus Aegyptiacus, de Athanasius Kircher (Roma, 1652), mostra que mesmo nessa data Ela não fora esquecida.



CAPÍTULO TRÊS
A TERCEIRA HORA DA LUZ DO DIA

ÍSIS, A DEUSA UNIVERSAL

A história do culto a Ísis é longa e complexa; esta rápida visão geral fornecerá uma indicação de seu alcance até os últimos séculos.

Antiga e amada, Ísis nutriu Sua terra natal — o Egito — como Deusa do Trono, do Amor e da Magia, A Grande Feiticeira que Cura. Sempre presente, Seu culto sob o nome de Ísis é documentado nos textos da Pirâmide da Quarta Dinastia (por volta de 2600 a.C.) e provavelmente remonta a um tempo anterior às dinastias. Venerada sozinha, com Seu marido Osíris ou com outros supostos consortes, os ritos de Ísis foram mantidos por todo o Egito, desde pequenos santuários em casas de fazenda até os templos com sacerdotes e sacerdotisas.

Quando os navegadores egípcios cruzaram o Mediterrâneo, e estrangeiros chegaram ao Egito, o culto à Deusa se expandiu pelo mundo ocidental. Por ser uma deusa de natureza complexa e complicada, muitos paradoxos — alguns os chamariam de mistérios — surgiram dentro de Sua fé. Por um lado, Seu clero era admirado pela sabedoria e pureza; por outro, alguns adoradores de Ísis a recebiam como uma deusa do amor erótico e romântico.

Seus seguidores no passado foram imperadores e pessoas comuns, mulheres livres e escravas, mercadores e navegantes. No passado, como agora, todas as raças eram admitidas em Seus templos e na hierarquia de sacerdotes e sacerdotisas. Jamais recusando qualquer pessoa, [Ísis foi reverenciada desde as eras clássicas como a deusa que está acima do destino, aquela que pode reescrever o que está previsto pelos astros.]



Um saguão na Biblioteca de Alexandria.

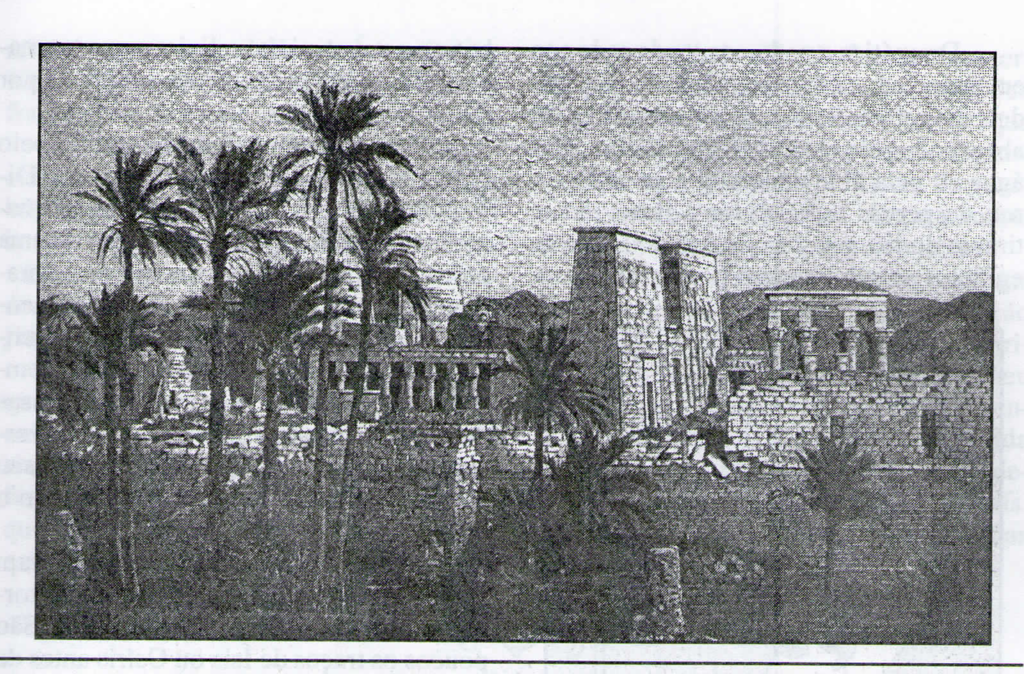
Artistas e artesãos A invocavam como a musa definitiva, e os antigos cientistas sentiram Sua presença entre os alambiques e cadinhos. Textos de alquimia foram escritos em Seu nome.

Junto com Serápis, um aspecto dinâmico de Seu marido morto e ressuscitado — Osíris —, Ísis presidia sobre a magnífica Biblioteca de Alexandria e sua Escola de Medicina, que estabeleceu os padrões para a educação dos antigos médicos. Ao mesmo tempo, muitos de Seus seguidores foram curados de doenças apenas passando uma noite no templo, na esperança de receber um sonho de cura ou uma visão da Deusa.

Conforme as legiões romanas viajavam pelo mundo, também o fez o culto a Ísis. Ela foi venerada na antiga Londres e em muitos lugares na França e na Alemanha. Através do Oriente Médio e nas ilhas do mar Egeu, é comum encontrar Seus templos, embora a maioria esteja, atualmente, reduzida a ruínas.

Quando os templos de outros deuses e deusas foram incendiados e destruídos durante o turbulento nascimento de uma outra fé, os sacerdotes e sacerdotisas pagãos se refugiaram nos santuários de Ísis, e permitiu-se que eles venerassem suas divindades caídas, dentro do santuário da Deusa, algumas vezes em conjunto com hereges cristãos que procuravam refúgio semelhante.

O templo de Ísis foi o último templo pagão a receber devotos na ilha sagrada



Representação, feita no século XIX, das ruínas do templo na ilha de Philae.

de Philae, no alto Egito. Mas por volta do ano 595, séculos depois do banimento oficial das fés pagãs pelo imperador romano Theodosio, em 392, esse último santuário foi fechado e seus sacerdotes destruídos ou dispersados.

Ísis, então, tornou-se Ísis Amenti, a Deusa Escondida, e seu culto foi disfarçado. Muitos de Seus títulos foram atribuídos à Virgem Maria, cuja popularidade crescia muito, e estátuas de Ísis amamentando o filho Hórus receberam outro nome e foram colocadas em igrejas — muitas das quais construídas sobre as ruínas dos antigos templos.

Mesmo depois da queda de Philae, o culto a Ísis persistiu. Por volta do ano 756, na França, um clérigo cristão lamentou o fato de que ainda havia pessoas que subiam ao monte Anzino para adorar Ísis e outras divindades. Uma parte de Seus ritos pode ter persistido até o século X, em Harran, na Arábia, e também pode ter sido praticada no oeste da China, durante a dinastia T'ang. Um manuscrito medieval preserva o nome de Ísis, mencionando-o como "Ysis, Senhora da Ervas", mostrando que as consumadas habilidades de cura de Ísis não haviam sido esquecidas após o início da Idade das Trevas.

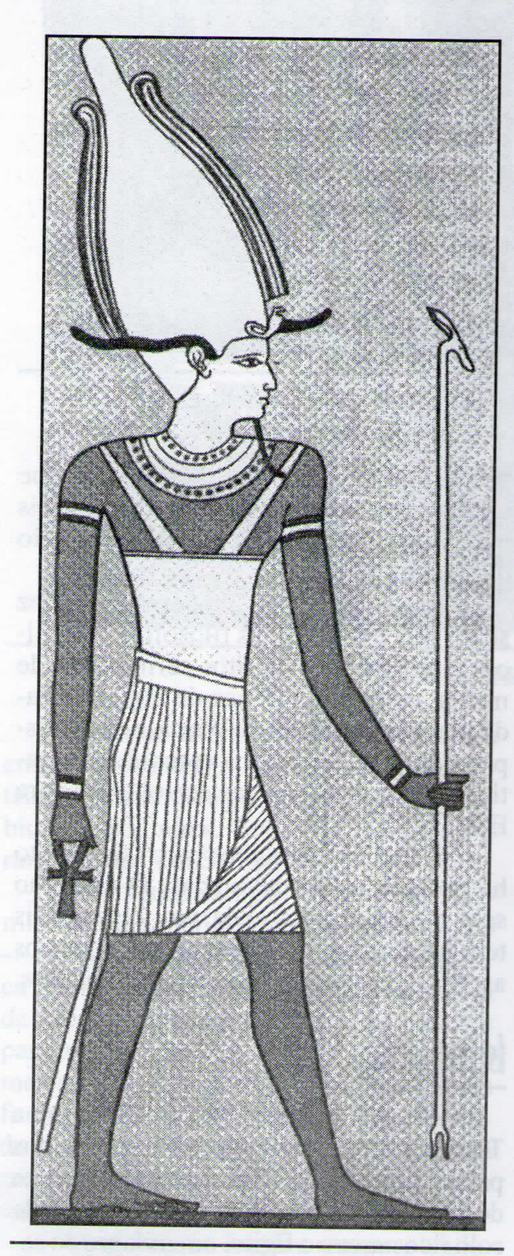
Em tempos mais modernos, Ísis fez sentir Sua presença nas filosofias maçônicas e teosóficas, nos ritos cerimoniais de magia, como uma Deusa de algumas tradicionais celebrações de Wicca, e como resposta às orações de uma incontável quantidade de indivíduos que se voltaram para Ela.

Há tantos caminhos para Ísis quanto há pessoas a Ela devotadas. O caminho será diferente para cada um, já que Ísis tem interesse ativo e pessoal por todos os aspectos da existência de Seus seguidores.

ÍSIS NO EGITO

Khemi, a Terra Negra. *Tamera*, a Terra do Sol. Esses eram os nomes dados pelos habitantes do Egito ao país. Em um deserto embalando uma estreita faixa de solo rico nasceu o Egito, um milagre do sagrado rio Nilo.

Dramática e poderosa, onde cada ano era anunciado pelo nascimento da resplandecente estrela Sothis, essa terra antiga foi abençoada pelo resoluto ritmo do fluxo das águas e pela abundância que se seguiu a seu despertar. Submetidos à benevolente tirania do rio, parece que foi fácil para os egípcios se submeterem aos deuses, também, e a um caminho religioso que permaneceu surpreendentemente imutável por quase três mil anos.



Osíris, irmão e consorte de Ísis.

O povo egípcio, embora unido pelo Nilo, tinha diversas crenças religiosas. Diferentes deuses e deusas, embora às vezes reconhecidos como emanações de uma única fonte de poder divino, eram adorados em lugares distintos. Os ritos geralmente seguiam os mesmos padrões, independentemente da divindade que presidia o templo ou santuário. Apenas algumas dessas entidades alcançaram reverência universal por todo o Egito. Tanto Ísis quanto seu marido Osíris foram adorados por todo o país.

Ao que parece, Ísis e Osíris foram venerados separadamente antes de se tornarem um casal no panteão egípcio. São poucos os traços de Ísis ou Osíris antes da quarta dinastia. Qualquer indicação remanescente de seus cultos antes dessa época é ambígua e controversa. Em tempos remotos, o símbolo do trono de Ísis era, aparentemente, supremo e único a Ela. Ísis era a possuidora do trono, ou o próprio trono, que determinava qual faraó seria digno de sentar junto a Ela.

As origens de Osíris são ainda mais obscuras. Alguns antigos escritores acreditavam que Ísis e Osíris foram seres humanos, um rei e uma rainha do Egito que, através de seus atos de bondade e da tragédia pessoal, foram deificados pelos seguidores. O relato dos benefícios que, acredita-se, eles trouxeram a seu povo seria razão suficiente para torná-los deuses: agricultura, literatura, medicina, o fim do canibalismo, a fundação de uma religião, a arte de tecer, de embalsamar... a lista inclui todos os aspectos das conquistas do ser humano.

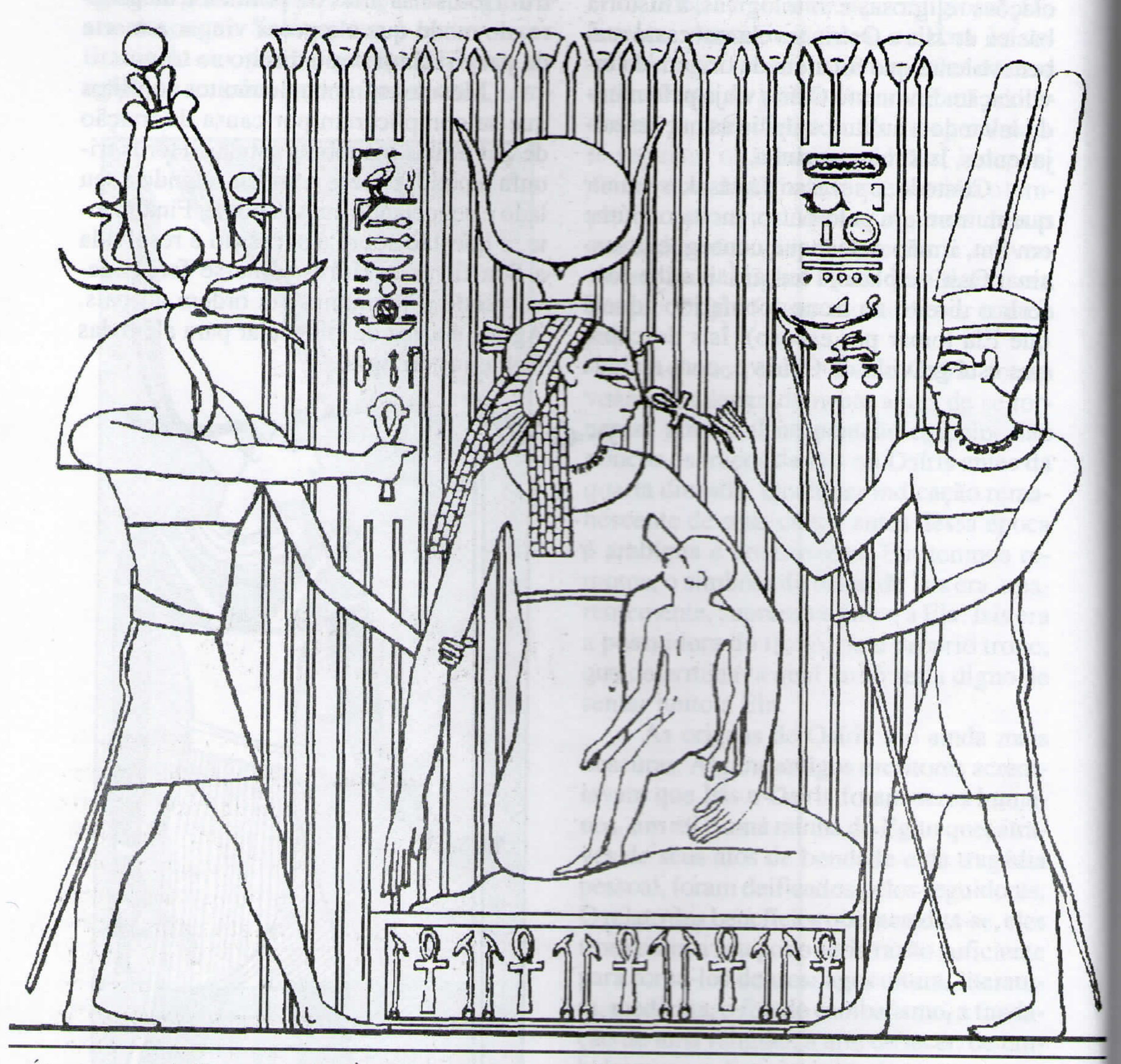
Embora a história de Ísis e Osíris seja muito conhecida pelos estudantes de egiptologia e mitologia atuais, os próprios egípcios não lhe deram muita ênfase. A única versão ainda existente e quase completa da história é a aquela que foi compilada pelo escritor grego Plutarco e apre-

sentada a uma sacerdotisa de Ísis e Osíris, Klea. Há, também, muitas variações em fragmentos de escritos egípcios.

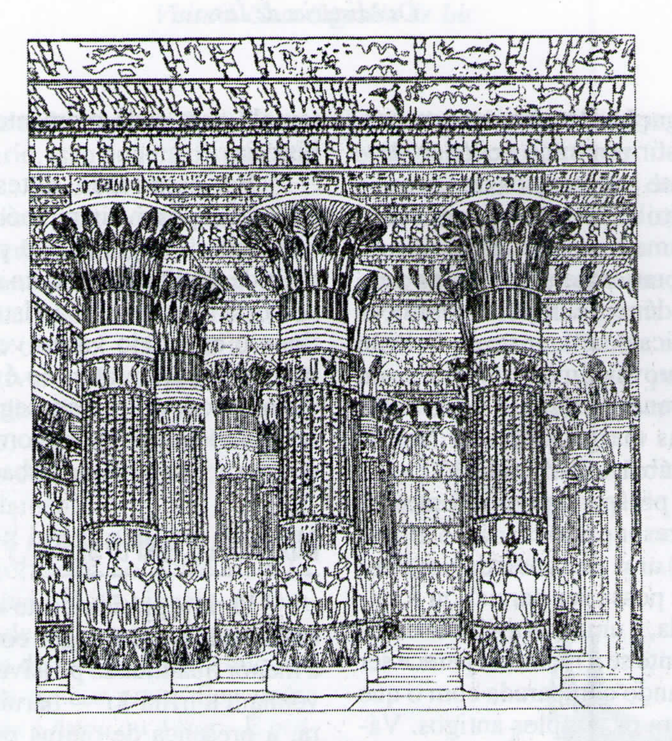
Deixando de lado as profundas associações religiosas e mitológicas, a história básica de Ísis e Osíris revela um casal real benevolente que foi além da origem da civilização. Enquanto Osíris viaja pelo mundo levando a cultura egípcia às nações adjacentes, Ísis reina sozinha.

Contudo, o sucesso do casal, e o amor que nutrem um pelo outro, incita o ciúme em Set, irmão deles, que consegue assassinar Osíris e planeja forçar Ísis a lhe conferir o direito ao trono (conferido àquele que Ela tomar por esposo). Ísis descobre que está grávida de Osíris e, com a ajuda de seu conselheiro Thoth, foge para as terras pantanosas para dar à luz e criar Seu filho sozinha. Usando o conhecimento que obteve nos anos em que governou, Ela instrui Hórus nas artes da política e da guerra, de modo que ele possa vingar a morte do pai e reclamar seu direito ao trono.

Mesmo enfrentando muitos conflitos que se complicaram por causa da traição de Set e suas manobras astutas, Hórus triunfa repetidas vezes com Ísis lutando a seu lado e negociando em seu nome. Finalmente, a questão sobre a sucessão é resolvida a Seu favor, e Hórus torna-se faraó, devolvendo a harmonia e a ordem ao país. Agora, é a vez de Ísis viajar para além das fronteiras do Egito.



Ísis amamentando Hórus no papiro. À esquerda, Thoth entrega a Ísis o emblema da proteção mágica, enquanto à direita Rá *a presenteia com um* ankh *(símbolo da vida).*



CAPÍTULO QUATRO

A QUARTA HORA DA LUZ DO DIA

VISITA À CASA SAGRADA DE ÍSIS

As casas dos deuses sempre foram locais de peregrinação, atraindo devotos de regiões próximas e distantes, por minutos ou alguns dias, para o brilho da visão e do poder religioso. Mesmo dentro do templo, os iniciados procediam de grau em grau, obtendo permissão para chegar aos pátios mais internos apenas após provar serem dignos, através de uma série de testes emocionais e mentais. A Casa Sagrada é um abrigo desafiador, uma capa protetora e ao mesmo tempo inflexível que envolve o iniciado como a bolsa que embala um bebê em formação.

Ao explorar alternativas religiosas e nos levar para longe da religião atual de nossos parentes mais próximos, muitas pessoas acabam por seguir uma fé relacionada à sua ascendência religiosa ou nacional. Por exemplo, o ressurgimento do interesse pela Wicca e outras religiões ligadas à natureza, praticadas na Europa ocidental, está limitado àquelas pessoas com raízes ancestrais na região. Parte desse fenômeno se deve, infelizmente, a preconceitos raciais ou culturais que podem levar à exclusão de pessoas com ascendência totalmente diferente, mas a principal razão dessa tendência está na ânsia do ser humano em "realmente pertencer" e se beneficiar dos traços da memória genética, quando a memória obtida pela reencarnação não está presente.

Quando estudamos as antigas religiões, hoje em dia, particularmente as do Egito, elas podem parecer exóticas, misteriosas, muito diferentes. Poucas pessoas alegam possuir ancestrais egípcios, e um número ainda menor, excetuando-se alguns dos próprios egípcios modernos, pode com-

provar essa alegação. Para muitas pessoas, parece não existir um traço genético pessoal que remonte aos templos de Ísis.

Mas o culto de Ísis se expandiu pelo mundo como uma tempestade de vida de tal modo que praticamente todas as pessoas com ascendência européia (continente e ilhas britânicas), africana e do Oriente Médio muito provavelmente tiveram um ancestral venerando o templo de Ísis. De Berkshire até as margens do mar Negro, da Etiópia e Núbia a Paris e Colônia, os templos de Ísis prosperaram por centenas, às vezes milhares, de anos.

Encontrar uma memória de um templo antigo, que possa ser parcial ou totalmente verificada, é uma maravilhosa dádiva, principalmente se a memória parece ser improvável quando comparada com o que você ouviu sobre os templos antigos. Várias vezes eu tive uma "memória" de um templo cujas características pareciam ser tão impossíveis que acreditei que minha mente estivesse apenas rabiscando e combinando aleatoriamente partes de informações que eu lera. Mas em todos os casos, quando encontrei novas referências, esses surpreendentes aspectos dos templos provaram ser verdadeiros, pelo menos em um



Ísis com o sistro.

templo para cada momento específico da história.

Por essa razão, antes de "contaminar" suas possíveis memórias com as informações a seguir, tente praticar o exercício de meditação descrito abaixo. Se você não está acostumado a visualizações, pratique o exercício várias vezes. O melhor momento para praticá-lo é tarde da noite, quando pode dormir em seguida; mas pode realizá-lo em qualquer momento calmo em que você não seja perturbado.

INDO PARA O TEMPLO DE ÍSIS

Para a prática deste exercício você deve estar em um lugar confortável, com a menor quantidade possível de coisas que venham a irritá-lo — barulho, temperatura, a presença de outras pessoas, insetos (caso esteja fora de casa), etc. Os animais de estimação podem ficar alarmados por qualquer transe silencioso ou leve e podem tentar "trazê-lo de volta", lambendo seu rosto ou subindo em seu peito. Pode ser também que eles protestem por não tê-los levado nessa interessante jornada mental. Alguns animais de estimação entendem, intuitivamente, o que você está fazendo e permanecem por perto, quietos, em algum processo próprio de meditação.

Se o ambiente permitir, você pode ficar nu. Se isso não for possível, certifique-se de que a roupa não é restritiva e que é feita de um tecido neutro. Enquanto acalma a mente a fim de olhar para dentro de si mesmo, pequenas coisas irritantes são intensificadas no caminho para a meditação relaxada. Com o tempo, será possível meditar em quaisquer circunstâncias, apesar das distrações, mas no início é importante que você se permita ter o maior número de vantagens possível.

Deixe à mão um caderno e vários lápis e canetas. Também é agradável preparar um lanche leve para ajudá-lo a se firmar no chão após a exploração do templo. Se preparar comida, certifique-se de re-

mover das mãos todo o aroma dos alimentos; caso contrário, isso poderá distrair sua atenção.

Quando tiver certeza de que o ambiente ao seu redor está livre de todas as coisas que possam distraí-lo, deite-se. Pode estender uma toalha ou outro material sobre o tapete ou o chão. Não use um travesseiro. Se estiver muito desconfortável, enrole uma toalha de rosto (ou qualquer toalha pequena) e coloque-a debaixo do pescoço ou das costas. Estique o corpo e respire profundamente.

Se desejar, invoque o guia de Ísis e guardião das jornadas ao outro mundo, Anúbis, para ajudá-lo na viagem ao templo. Anúbis pode se apresentar primeiramente na forma de um grande e amigável cão, geralmente de cor preta. Seu nome na língua egípcia é *Anpu* ou *Anupu*. É possível, também, visualizar ou "sentir" a presença de sua outra forma — um sacerdote usando uma máscara de chacal, ou cachorro, de peito nu e vestindo um quilte, conforme era o costume no antigo Egito. Freqüentemente, ele estará segurando um cetro representando a cabeça de Set, para indicar o domínio sobre as forças destruidoras de seu tio.

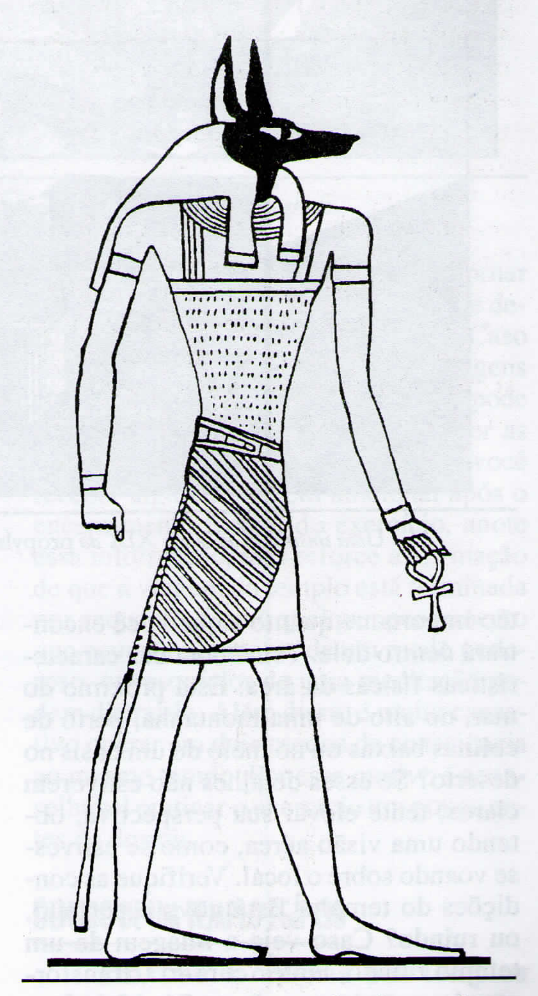
Assim como em qualquer rito, você pode fazer essa invocação, ou oração, de um modo complicado, se assim o desejar, mas, essencialmente, tudo o que precisará fazer é pedir, em voz alta ou mentalmente, pela ajuda de *Anupu*. Se preferir, peça orientação diretamente para Ísis. Lembre-se de que você pode rogar pela orientação de qualquer uma dessas divindades em qualquer momento de suas explorações mentais.

Prece para orientação de *Anupu*

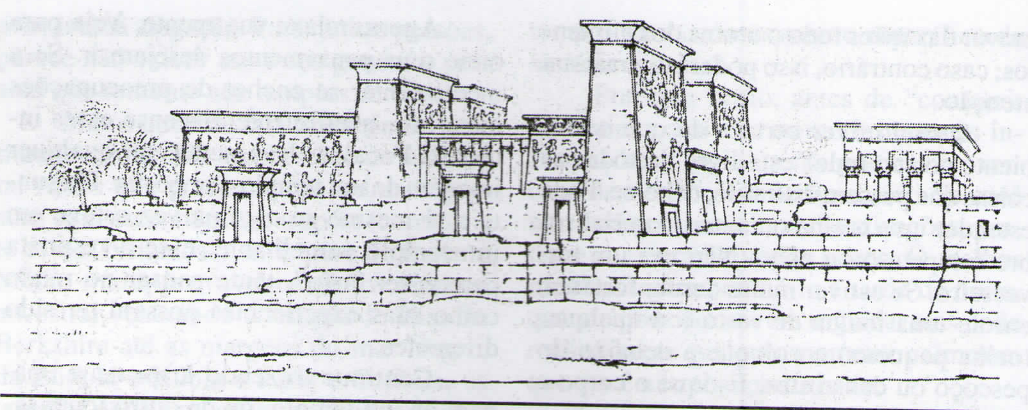
Anupu
Sábio arauto e guia
Guia-me pelos caminhos antigos
Por onde eu andei antes
Guia-me para percorrê-los novamente
Anupu
Esteja comigo em minha jornada

Agora, relaxe sua mente. Veja para onde seus pensamentos desejam ir. Se a mente tentar se encher de preocupações materiais, gentilmente dispense esses intrusos. Focalize levemente em qualquer imagem de um templo que gostar. Pergunte a si mesmo se alguma vez esteve em um templo semelhante, e se a resposta parece ser "não", tente pensar no modo como suas experiências possam ter sido diferentes.

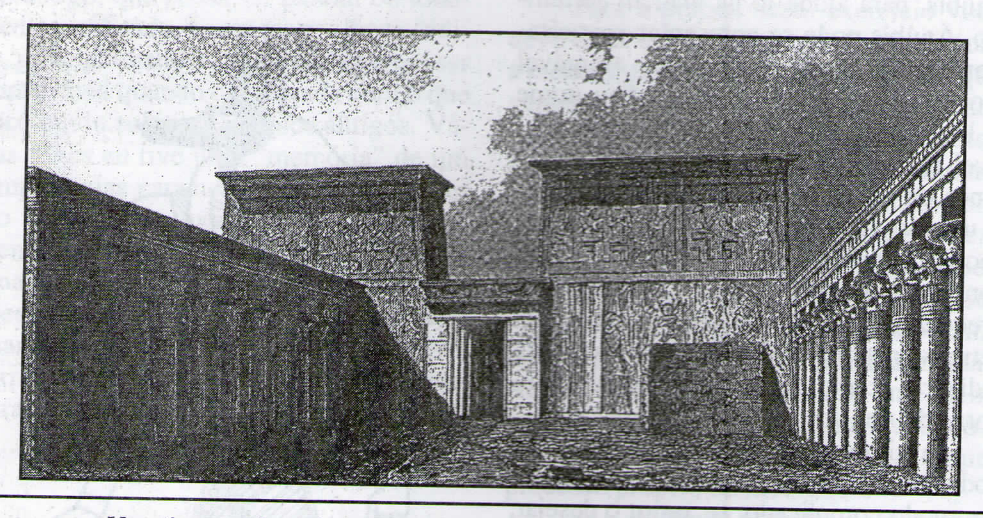
Continue trazendo à mente a imagem de um templo, ou de outro local sagrado, como um bosque ou um túmulo. A aparência externa do local sagrado não é



Anúbis, Deus dos Mortos e guardião das jornadas ao outro mundo.



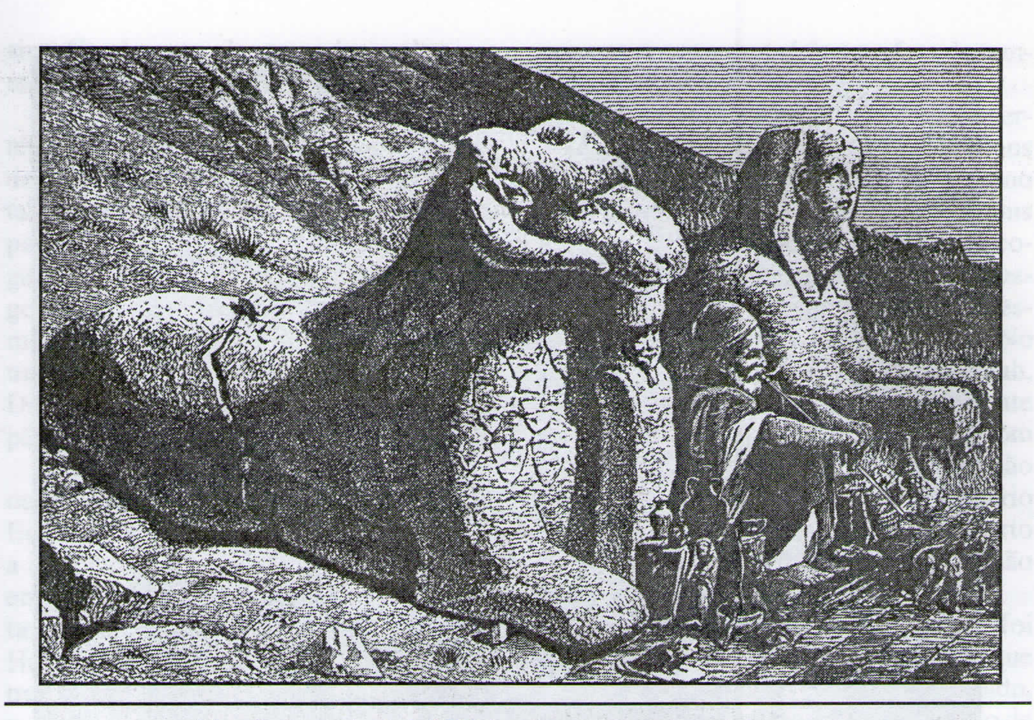
Saguões retangulares separados por portões em forma de torres compreendem um típico templo egípcio, como mostrado na ilustração.



Uma ilustração do século XIX da propylaea *(entrada do templo), na Ilha de Philae.*

tão importante quanto a que você encontrará dentro dele. Tome nota das características físicas da área. Está próximo do mar, no alto de uma montanha, perto de colinas baixas ou no meio de um oásis no deserto? Se esses detalhes não estiverem claros, tente elevar sua perspectiva, obtendo uma visão aérea, como se estivesse voando sobre o local. Verifique as condições do templo. Está novo e perfeito, ou ruindo? Caso veja a imagem de um templo ruindo, tente "curá-lo", transformando-o em um templo perfeito. Lembre-se de que há grande variedade de períodos de tempo que podem ser visitados e todos os templos foram, um dia, completamente novos.

Preste atenção, também, se o templo segue um estilo único ou é feito de apenas uma matéria. É possível que você visualize um templo principalmente de pedra, mas com construções externas feitas de um material mais temporal, como tijolos de barro ou madeira. O templo está decorado? Há pessoas nele? Se houver, são todas elas sacerdotes e sacerdotisas ou há gente do povo, como trabalhadores ou devotos? Elas notam a sua presença?



Uma ilustração do século XIX de esfinges ao longo do caminho sagrado.

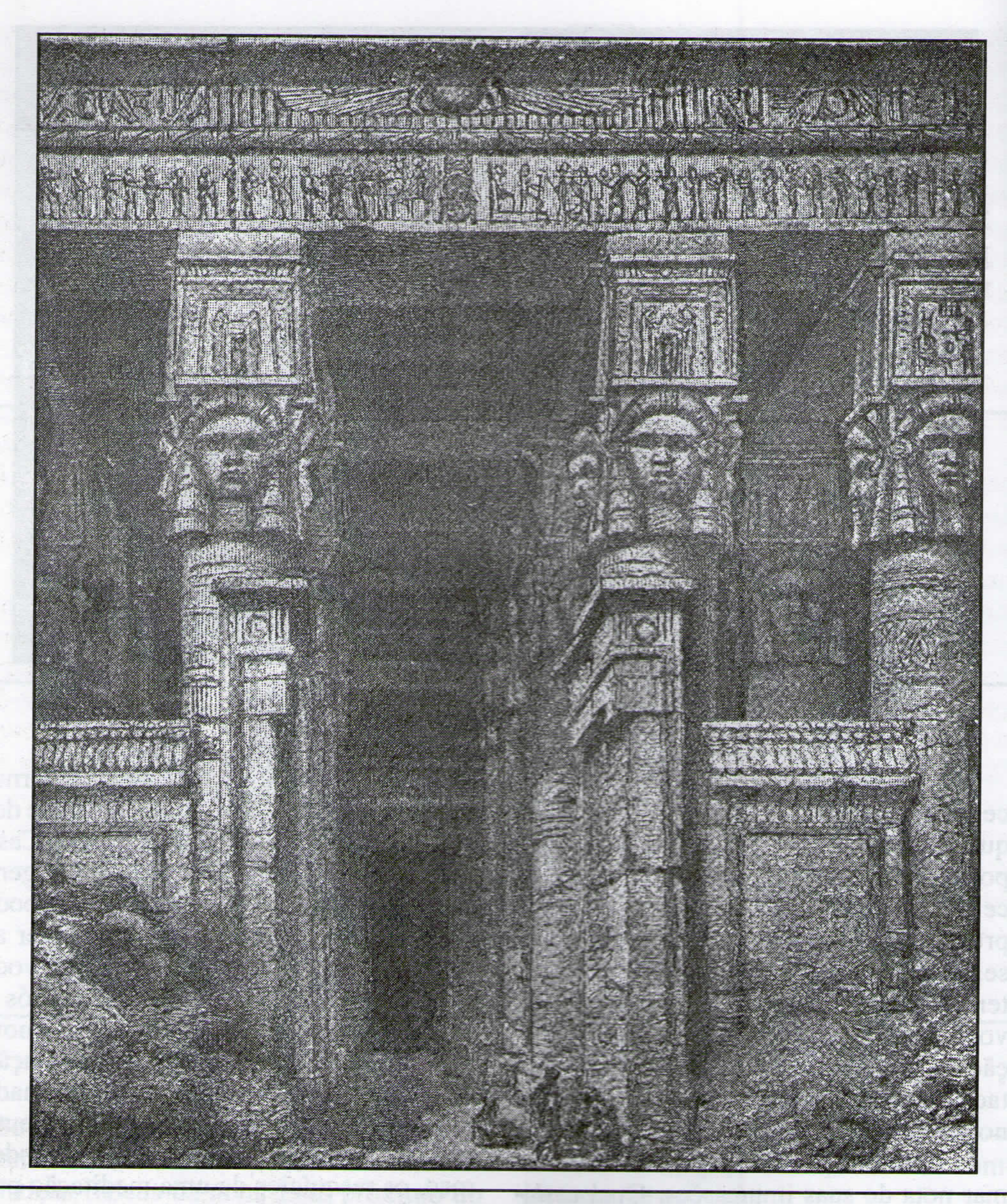
Se parece haver um festival ou uma celebração em andamento, tente focar qual é a razão do festival. Depois, você poderá checar o Calendário de Ísis para celebrações que sejam realizadas em dias próximos ao da sua meditação. Lembre-se, no entanto, de que nenhuma regra de tempo se aplica a essas meditações, e que você pode se deparar com uma celebração da primavera, enquanto uma tempestade de neve atinge as janelas de sua casa no tempo presente.

Caminhe pelo templo e continue a tomar nota de suas impressões. Qual caminho você seguirá? Se tiver a possibilidade de escolher a direção, qual naturalmente seguiria? Há lugares que parecem ser proibidos a você e outros aos quais sente pertencer? Se encontrar um obstáculo no caminho — uma parede sem decorações, uma porta que não se abre ou se ficar cada vez mais difícil manter as imagens —, volte-se mentalmente e retome seus passos. É possível que você descubra que o templo mudou. Continue a anotar suas impressões.

É importante que você tente retornar pelo mesmo caminho que seguiu e que decida resolutamente encerrar a visão. Caso contrário, continuará a ver rápidas imagens por algum tempo após o exercício. Isso pode ser interessante, mas é melhor manter as visões separadas da vida diária. Se você receber alguma imagem adicional após o encerramento formal do exercício, anote essa informação, mas reforce a afirmação de que a viagem ao templo está terminada por enquanto. Como qualquer pensamento que ocupa a sua mente de um modo poderoso, os resquícios de uma meditação podem distraí-lo. Além disso, é muito cansativo operar em dois modos de consciência ao mesmo tempo. Por esse motivo é aconselhável praticar o exercício um pouco antes de dormir.

Dentro de um Templo Egípcio

Próximo à maioria dos templos egípcios havia um lago ou piscina sagrado, utilizado para propósitos de purificação e



Colunas com a representação da cabeça de Hathor, no templo em Denderah.

também como palco para as apresentações das batalhas de barcos das peças dos mistérios de Osíris. Havia, também, uma parede em forma de círculo, que protegia as várias construções do complexo do templo, bem como o próprio templo. Essas paredes eram geralmente feitas de tijolos de barro, portanto restam poucos vestígios delas.

Um templo egípcio típico era normalmente alcançado através de uma rua pavimentada, com esfinges de cada lado. Um ou mais portões grandes — denominados *pylons* — ficavam à frente do templo. Primeiramente construídos para proteção, eles foram, com o passar do tempo, incorporados à estrutura dos templos, em que sua função era espiritual, e não fisicamente, defen-

siva. Geralmente, eles eram decorados com relevos em cores brilhantes.

Em suas estruturas mais simples, os templos egípcios consistiam em uma série de três áreas retangulares, com várias portas penetrando o meio. Cada área era separada das outras por uma parede alta, geralmente com inscrições ou pintada. Em geral, as áreas sagradas diminuíam de tamanho quando um participante se aproximava atravessando as salas do templo. Degraus costumavam ligar os diferentes pátios.

Após o *pylon*, ficava o pátio maior, ou externo, cercado por grandes pilares. Esses pilares poderiam ser cobertos com a imagem da divindade do templo, como em Denderah, onde as colunas apresentam uma representação da cabeça de Hathor. Eles podem, ainda, apresentar outras formas decorativas, sendo esculpidos para representar rolos de papiros ou talos de lótus.

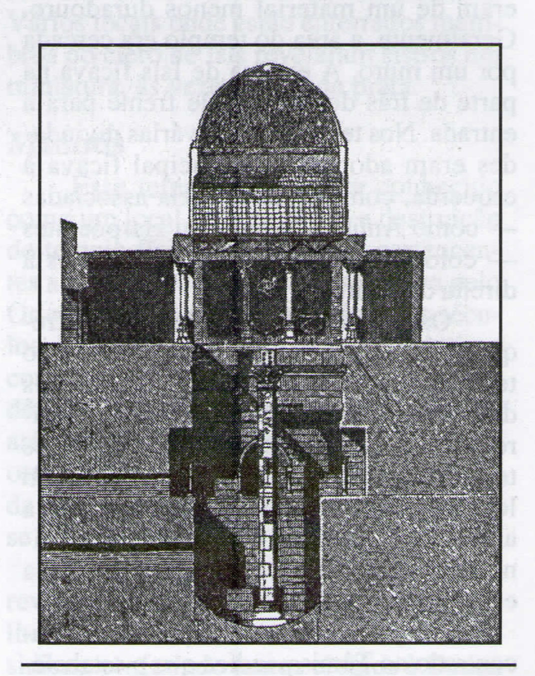
A área seguinte era o saguão hipóstile, uma sala repleta de pilares. Aqui terminavam as áreas comumente acessíveis a todas as pessoas durante os festivais. Além desse último saguão estavam as verdadeiras salas do santuário da divindade — geralmente três salas: a central, sendo ocupada pela principal divindade do templo, e as adjacentes dedicadas ao marido, à mulher, ao filho ou à filha, ou ainda a outras divindades importantes.

O espaço sagrado mais interno e mais venerado era chamado de Sagrado dos Sagrados. Em alguns templos, salas adicionais eram localizadas atrás do Sagrado dos Sagrados. No caso de Osíris, que possuía uma capela ou uma série de salas em quase todos os templos do Egito, várias salas, às vezes, eram ligadas à sua capela sagrada. Essas salas eram usadas para a promulgação dos mistérios de sua ressurreição.

Dentro desses templos encontrava-se um santuário em madeira dourada, contendo a estátua da divindade honrada. Em frente ao santuário havia o barco sagrado que carregava o santuário para fora do templo nos dias de procissão.

Os templos eram o reduto dos sacerdotes e sacerdotisas; as pessoas comuns tinham permissão para entrar apenas no pátio externo durante os festivais. Alguns templos encontraram métodos pouco comuns para preservar a santidade, ao mesmo tempo que permitiam ao público acesso espiritual às áreas mais sagradas. No Iseum, no templo de Hathor em Denderah, o espaço no muro externo, diretamente atrás da estátua sagrada, era marcado com uma porta falsa onde as pessoas que não tinham permissão de acesso ao santuário interno podiam colocar as oferendas perto da Deusa, já que os muros físicos não são obstáculos ao Seu poder.

Uma característica semelhante foi encontrada no maior templo de Hathor, que também incluía várias câmaras no telhado, dedicadas aos mistérios da ressurreição de Osíris. Nesse complexo havia duas *mammisseums*, ou casas de nascimento, onde



Um "Nilômetro". As águas corriam para o fundo da câmara e eram medidas através das marcas nas paredes ou colunas.

os mistérios do nascimento dos deuses eram promulgados. Uma era totalmente egípcia enquanto a outra foi erigida durante o período da ocupação romana. Essas construções eram também usadas em ritos referentes ao nascimento de Hórus.

Tanto os santuários quanto os templos cresciam com a força da adoração a uma divindade em determinada área. Um santuário pequeno, com apenas uma sala, poderia, com o tempo, estar cercado por capelas e pátios adicionais, à medida que as necessidades dos serviços religiosos cresciam.

DENTRO DE UM TEMPLO GRECO-ROMANO

Os templos greco-romanos dedicados aos deuses egípcios tinham variadas formas, mas em geral eram menores que os egípcios. Os templos de Ísis fora do Egito eram, em sua maioria, simples construções quadradas, com quatro colunas em frente. Freqüentemente, o templo era feito de pedra, mas as construções a ele associadas eram de um material menos duradouro. Geralmente, a área do templo era cercada por um muro. A estátua de Ísis ficava na parte de trás do templo, de frente para a entrada. Nos templos onde várias divindades eram adoradas, a principal ficava à esquerda, com as outras a ela associadas — como Anúbis, Serápis ou Harpocrates — colocadas em posições subsidiárias à direita da estátua principal.

Os templos de Ísis eram, com freqüência, encontrados na área próxima ao teatro da cidade, e, em alguns casos, os dois prédios chegavam a dividir uma parede. Muitos templos, principalmente nos tempos mais remotos, foram erigidos em locais menos desejáveis, uma vez que a aristocracia romana dominante ainda tinha dúvidas sobre a adequação da deusa estrangeira.

Um jarro usado em uma taverna, encontrado no Tâmisa, indica que o estabelecimento situava-se ao lado do templo de Ísis e, até agora, é a nossa principal indicação da existência de um templo em Londres.

Salas subterrâneas foram freqüentemente construídas nos templos greco-romanos, e em alguns casos eram inundadas com água para iniciações ou para funcionar como "Nilômetros" locais, que imitavam a elevação das águas do Nilo, que trazia vida, no Egito. Os templos dedicados à cura costumavam apresentar um longo saguão, como se fosse um dormitório, para os pacientes dormirem e esperarem pela dádiva do sonho de cura.

A principal diferença entre os templos greco-romanos e os egípcios era que aqueles eram muito mais acessíveis ao público. Embora templos de outras divindades gregas e romanas não fossem, geralmente, acessíveis diariamente a qualquer pessoa, os templos de Ísis (ou Iseos, como eram geralmente chamados) realizavam ritos diários abertos aos fiéis. O público podia, até mesmo, assistir às cerimônias de abertura matutinas, quando a estátua da Deusa era revelada ao se abrirem as cortinas, prática que substituiu ou acrescentou-se aos ritos egípcios, centralizados em torno do santuário. Saguões de jantar também eram ligados aos templos, e as rendas foram aumentadas através dos pagamentos realizados por clubes de jantares pela utilização das instalações em suas reuniões.

Como acontecia com outros templos antigos dos períodos grego e romano, as construções originais eram pintadas com cores brilhantes; elas não eram os pálidos fantasmas de mármore que anos de chuva e vento nos deixaram.

ALGUMAS PRINCIPAIS LOCALIZAÇÕES DOS TEMPLOS DE ÍSIS

Ísis possuía centenas de templos e santuários. Ela compartilhava muitos outros com Osíris, Serápis e outras divindades. Apenas alguns dos lugares onde se localizavam Seus santuários são mencionados aqui. Talvez alguns deles estimulem uma memória há muito esquecida.

Abidos

O misterioso templo de Osíris, em Abidos, pode ter existido antes das pirâmides. O estilo monolítico das câmaras interiores é similar ao da construção da Esfinge e pode datar de antes da civilização egípcia histórica.

Abidos era um dos muitos templos que recriaram o montículo da criação. Dentro do templo, um montículo de terra se elevava do centro de uma grande piscina. Dizia-se que Osíris estava enterrado ali.

As decorações sagradas de Abidos são, possivelmente, as mais bem preservadas em todo o Egito. Embora dedicado a Osíris, o local é claramente território de Ísis, com muitas belas representações da Deusa nas paredes.

Abidos é o local onde Omm Sety, uma sacerdotisa de Ísis, serviu extra-oficialmente por várias décadas.

Alexandria

Havia grande quantidade de templos dedicados a Ísis nessa reluzente cidade com construções envolvidas em gesso. Alexandria era considerada a cidade especial da Deusa nos últimos tempos. Seu consorte, Serápis, também era amplamente venerado lá. Um dos templos de Ísis parece ter sido construído dentro de uma caverna submarina, abaixo da ilha de Pharos, onde o famoso farol, uma das sete maravilhas do mundo antigo, guiou os navegantes por centenas de anos.

O Museu e a Biblioteca de Alexandria foram a primeira universidade dos tempos antigos e, acreditava-se, estavam sob a proteção de Ísis e Osíris.

Coptos

Ísis foi cultuada, aqui, no templo do sempre ereto Min, deus da fertilidade. Um registro sobre a morte de Osíris relata que Ísis estava em Coptos quando ouviu a notícia e que imediatamente cortou uma parte de Seus cabelos em sinal de luto.

Em Coptos, no pátio da frente de seu santuário, havia uma estátua de um escriba morto com um texto no qual oferecia seus serviços como intermediário de Ísis — "Eu sou o mensageiro da Senhora do Céu. Eu pertenço à Sua corte externa. Tragam-me seus pedidos para que eu possa transmiti-los à Senhora das Duas Terras, porque Ela ouve minhas súplicas".

Acredita-se ter havido um rito de *hieros gamos* (casamento sagrado, celebrado simbólica ou fisicamente entre os sacerdotes e sacerdotisas das divindades que estão se unindo) celebrado por Ísis e Min em Coptos.

Londres (*Londinium*)

Embora a localização exata do templo ainda não tenha sido encontrada, a cidade de Londres, durante o período da ocupação romana, tinha pelo menos um templo de Ísis. Alguns locais nas ilhas britânicas que revelaram objetos relacionados a Ísis são York e Silchester, entre outros. Vários locais onde estão enterrados membros do clero de Ísis revelaram sistros em miniatura, às vezes feitos de prata.

Menotis

Esse templo de Ísis era conhecido como um local de cura. Após a destruição do templo físico por fanáticos pertencentes a um novo culto que se espalhava pelo Oriente Médio durante os primeiros séculos desta era, os sacerdotes e sacerdotisas continuaram a cultuar a Deusa, em residências particulares, por cinqüenta anos, até que foram traídos quando um casal ostensivamente cristão procurou pela ajuda de Ísis na esperança de que Ela curasse sua infertilidade.

Uma sacerdotisa, cujo nome não é revelado, entregou ao casal seu próprio filho. Eles, então, retornaram à vila onde residiam, proferindo tantos elogios à Deusa Ísis que o fato chamou a atenção dos clérigos em Menotis. O templo subterrâneo foi traído pelo irmão de um monge, um ho-

mem cujo acesso aos altos mistérios de Ísis fora negado.

Desconhecemos o que aconteceu com a sacerdotisa que deu seu filho ao casal, mas sabemos, através de registros cristãos, que um sacerdote do templo foi obrigado a identificar cada uma das estátuas dos deuses antes que elas fossem destruídas bem à sua frente. Após o término da catalogação das estátuas das divindades, o sacerdote foi condenado à morte, embora os registros não revelem se ele morreu imediatamente ou não.

O traidor do templo de Ísis foi, sem dúvida alguma, honrado por seus associados, porque a máxima àquela época era que "um demônio que cura é mil vezes mais perigoso que um demônio que amaldiçoa", já que os poderes de cura demonstrados ganhavam simpatia entre as pessoas que estavam desesperadas, principalmente se a nova religião não as ajudara.

Paris

A Igreja de Notre Dame incorpora um altar de Ísis em sua estrutura, e é bem provável que a igreja tenha sido construída, pelo menos em parte, sobre um santuário de Ísis.

Alguns autores tentaram reconhecer uma origem egípcia ao nome "Paris" e à tribo — *Parisii* — que habitou a região. *Per-Isi* pode ser traduzido como o termo egípcio que significa "Templo de Ísis". A validade dessa hipótese está no fato de que alguns objetos puramente egípcios encontrados na região datam de tempos anteriores à expansão do culto a Ísis através das fontes gregas e romanas.

Napoleão, que era um estudioso da cultura egípcia, acreditava nessa derivação do nome Paris, e por algum tempo o simbolismo de Ísis foi incorporado ao brasão de Paris. Por volta do século XVI, uma mulher foi punida por venerar uma estátua de Ísis preservada em Notre Dame. Infelizmente, após a declaração dessa corajosa sacerdotisa de que o verdadeiro centro espiritual da igreja estava localizado dentro da estátua de Ísis, o padre ordenou a destruição completa da imagem. Não há registros sobre o que aconteceu com a devota.

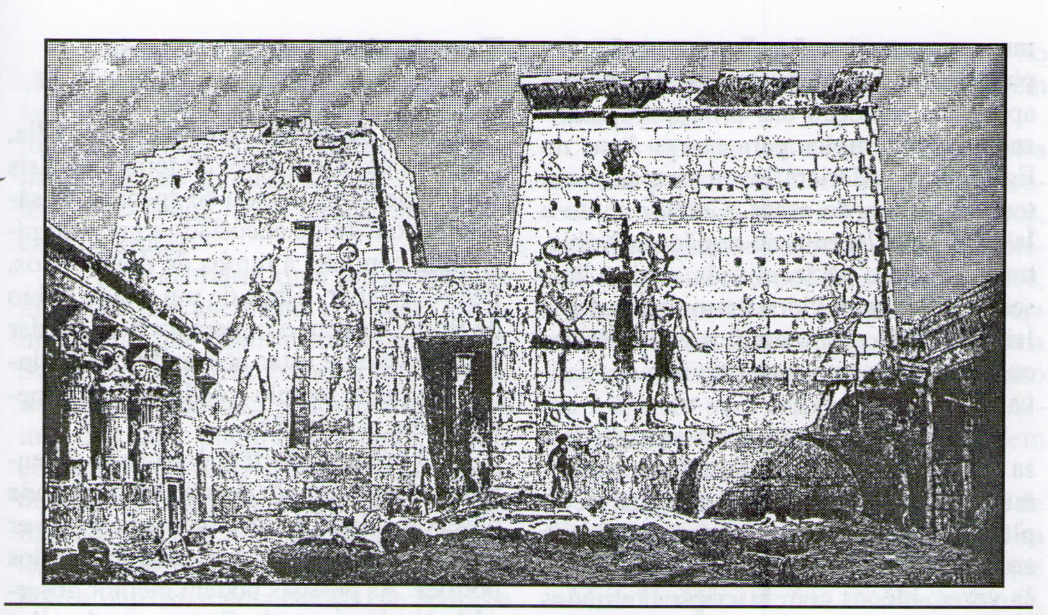
Petra

Pode-se entrar em Petra, a cidade esculpida em rocha, através de uma estreita fissura na rocha chamada Siq. No final de Siq, em determinadas horas, a luz do sol brilha sobre a bela estrutura cor-de-rosa do templo, feita em pedra, denominada "O Tesouro do Faraó". Alguns autores acreditam que essa estrutura tenha sido um templo de Ísis servido por Seus sacerdotes e sacerdotisas. A imagem de uma deusa, esculpida em rocha, pode representar Ísis, mas está desgastada pelo vento e por tiros de armas de fogo. Uma infeliz inscrição indicava que a vasilha de pedra no topo da estrutura ficava cheia de ouro, e nos tempos modernos tribos nômades praticaram sua pontaria sobre ela.

Mais precisa é a identificação de Ísis com a deusa nabatéia Al-Uzza, cujo templo se localiza mais à frente. Pequenos enfeites de cabeça de Ísis coroam as surreais imagens esculpidas da deusa Al-Uzza, que também foi identificada com Afrodite. Incidentemente, a pedra sagrada de Ka'aba em Meca, atualmente um santuário islâmico, foi originalmente um templo dedicado a Al-Uzza.



Uma estátua gaulesa de Ísis.



Ruínas do templo de Ísis na Ilha de Philea.

Pelo menos uma inscrição identifica um sacerdote de Ísis trabalhando em Petra, embora não seja claro em qual templo, se é que havia um que ele servia.

Petra está escondida em uma profunda rachadura no deserto e foi, por algum tempo, a capital da nação nabatéia, comentada no Capítulo Oito, "Ísis como uma deusa da guerra"[4]

Philea

O templo da ilha de Philea ainda nos assombra com sua delicada beleza. Tendo sido transferido para uma ilha próxima, de modo que fosse salvo das águas da represa de Aswan, no Nilo, esse templo foi o último a encerrar seu culto a Ísis. As tribos locais, os blemmyes e os nabateus negociaram com os romanos para garantir a retenção do acesso à ilha para cultuar Ísis nos dias dos festivais e que uma estátua seria emprestada a elas a cada ano para os festivais. Durante algum tempo, os ritos cristãos e os de devoção a Ísis foram celebrados na ilha simultaneamente, mas após o término do tratado de cem anos entre o Império Romano e as tribos nativas, os ritos de Ísis foram proibidos e abandonados.

Durante muitas décadas, um "falcão vermelho", aparentemente um tipo de papagaio, foi venerado em Philae como uma representação de Hórus.

Pompéia

O culto a Ísis era muito ativo em Pompéia e Seu templo está entre uma das mais bem preservadas construções. Embora pequeno em tamanho, a quantidade de devotos parece ter sido relativamente grande. Os restos da última refeição de um sacerdote foram encontrados nas ruínas. Alguns estudiosos acreditam que as pinturas na "Vila dos Mistérios" representam os ritos de iniciação a Ísis.

TEMPLOS DE ÍSIS RETIRADOS DO EGITO

Durante o resgate dos monumentos do alto Egito, antes da cheia do lago Nasser, atrás da nova Alta Represa de Aswan, certa quantidade de pequenos templos foi oferecida como incentivo a vários

4. Esse templo pode ser visto no filme *Indiana Jones e a última cruzada*, onde foi usado como a parte de fora da caverna onde estava o Graal.

museus e organizações. Se uma nação propiciasse fundos ou outro tipo de apoio à apressada remoção das principais localizações dos templos para outras áreas no Egito, elas poderiam levar para casa um templo menor, de graça. Como o culto a Ísis foi prevalecente na região da Núbia, onde a represa era localizada, muitos desses templos removidos eram dedicados a Ísis, ou então eram templos onde Ela era cultuada junto com outras divindades nativas da região.

Muitas nações se aproveitaram dessa política de "doação de templos como bônus". Tanto o culto a Ísis quanto Seus templos físicos parecem viajar com facilidade ao redor do mundo. Nos tempos antigos, às vezes, blocos com inscrições retirados da localização de um templo eram levados para outro local, e estátuas e outros objetos viajavam entre os templos. Contudo, mesmo os devotos mais fervorosos de Ísis, como os sacerdotes romanos que seguiam pelo Nilo até chegar à Meroe em busca de água pura para usar no templo, jamais imaginaram transportar um templo completo, pelo menos até onde sabemos.

Mais informações sobre esses templos retirados do Egito podem ser encontradas em *Temples and Tombs of the Ancient Nubia: The International Rescue Campaign at Abu Simbel, Philae, and Other Sites* [Templos e tumbas da antiga Núbia: a campanha internacional de resgate em Abu Simbel, Philae e outros locais].

Templo de Debod — Madri, Parque Municipal, Espanha.

Esse templo do século III a.C. foi decorado e possivelmente construído pelo rei meroítico Azekheramun. Há também partes do templo dedicadas a Amon em algumas inscrições, e a Ísis em outras.

O templo de Debot era uma estação, ou lugar de descanso na jornada anual da estátua de Ísis através da região norte da baixa Núbia para abençoar a terra.

Templo de Dendur — Museu Metropolitano de Arte de Nova York.

Esse pequeno santuário foi, um dia, ocupado por sacerdotes do templo de Ísis em Philae. Consistindo de apenas três salas, foi construído encostado a um precipício que continha a tumba de dois irmãos, Pedesi e Pehor, filhos de um aliado núbio de Roma a quem o imperador desejou dar a impressão de estar honrando construindo o pequeno templo e dedicando-o à memória dos dois irmãos.

O público não têm permissão de entrar no frágil templo de arenito, mas pode observar o lado de fora da estrutura e ver um pouco da decoração interior através dos portões. As pessoas podem melhor observá-lo à noite, segundo dizem, quando a iluminação é mais dramática.

Templo de Taffa — Leiden, Museu de Antigüidades, Holanda.

Esse charmoso templo cuidou das águas turbulentas do Nilo, em cujas margens ele estava situado. Dedicado a Ísis, esse templo sobreviveu à devastação do tempo, a uma fortuita tentativa de restauração na virada do século e a uma colisão não intencional com um navio.

Além desse templo de Ísis, o Museu de Leiden tem uma das melhores coleções egípcias do mundo. Leiden é também o lar de E. J. Brill, uma editora que produz muitos livros acadêmicos sobre Ísis e assuntos correlatos.

CRIANDO SEU PRÓPRIO TEMPLO

Quando entrar em sintonia com o culto de Ísis, você perceberá que o ambiente físico que o cerca se tornará o seu templo. Embora poucas pessoas possam dedicar uma residência inteira, ou mesmo uma sala, para cultuar e praticar magia, seu lar, todavia, se tornará um templo para você.

Como regra geral, limpeza, organização e beleza são essenciais à eficiência do lar templo. Contudo, se uma perfeita organização da casa fosse requisito absoluto para juntar-se ao clero de Ísis, eu jamais teria sido aceita. Meu templo ainda está em construção!

Antes de transformar seu lar em templo, você provavelmente começará a reunir objetos que significam Ísis para você. Santuários e altares começarão a crescer ao redor de sua casa, aparentemente sem intenção. Uma pintura, ou estátua, ou jóia com a imagem de Ísis, ou outra divindade, de repente ficarão juntas, e então alguém lhe dará um castiçal ou um lampião, o tecido que cobre o altar aparecerá debaixo dos outros objetos, e uma coleção de pedras e ervas comporá um arranjo artístico por perto.

Não mais que uma mente e um coração são necessários para cultuar Ísis. A maioria das pessoas reúne objetos para ajudar a sintonizar a mente na direção da Deusa.

Um altar simples dedicado a Ísis consiste em uma imagem da Deusa, equipamento para queimar incenso e uma fonte de luz, que pode ser uma vela ou um lampião. Se você estiver preocupado com crianças, animais ou mesmo com o perigo de incêndio, use uma pequena e bonita lâmpada elétrica como a principal luz do altar. Lojas de produtos asiáticos geralmente vendem lâmpadas em forma de lótus, coloridas. Esses elementos funcionam bem para o culto a Ísis. (Para ritos em que você está sempre presente, prefira lampiões ou velas, mas uma lâmpada elétrica pode queimar como a "chama eterna" sem causar qualquer preocupação.) A fonte de luz, ou um par de cada lado, pode ser colocada à frente da imagem.

Muitas práticas de magia atual, ou de Wicca, colocam os altares próximo ao chão, de modo que os devotos precisam se ajoelhar ou curvar, alcançando os objetos no altar. Isso é ineficaz e desnecessário para os ritos de Ísis, que tradicionalmente posicionam os altares à altura da cintura, no centro da área de culto, ou encostados em uma parede.

O topo de uma estante ou prateleira presa à parede pode ser usado. Dois cubos de madeira para armazenar objetos, geralmente encontrados em lojas de material de construção, podem ser empilhados, formando um altar quadrado, com altura acessível para muitas pessoas. Na mesma loja, você pode adquirir uma placa de piso de mármore para colocar em cima do altar. As superfícies laterais do altar podem ser decoradas com imagens.

Você pode, ainda, decorar a parte de cima do altar, embora uma superfície lisa cause menos distrações. Acredita-se que a Mesa Bembine de Ísis, ou *Mensa Isiaca*, tenha sido a parte de cima de um altar dedicado à Deusa, e é um exemplo perfeito do quão complexo pode ser um modelo de altar.

Se você decidir decorar o altar, tecidos podem ser usados para mudar a superfície do fundo para acomodar as necessidades dos seus ritos. Esses tecidos podem ser lisos, estampados ou bordados.

Os santuários no Egito geralmente consistiam em uma arca santuária, uma caixa construída para receber a estátua do deus ou da deusa e um suporte para o barco, sobre o qual a caixa era colocada. Nas procissões, o barco e a arca santuária eram carregados entre o público, com as portas da arca abertas, para que todos pudessem ver a estátua da divindade.

Geralmente, o altar ou o santuário eram colocados a leste, direção onde o sol nasce. Porém, isso pode ser mudado para ajustar a sala onde o santuário será colocado. Mesmo no Egito, os complexos dos templos eram orientados pelo fluxo local do Nilo, e não pelos caminhos do sol. O Nilo era considerado uma fonte mais importante de vida para o templo. Além disso, alguns templos estavam alinhados a outros astros, e esse fato também afetava a direção da estrutura do templo.

Os templos greco-romanos geralmente baseavam suas localizações nas características naturais da paisagem, em vez de aderirem estritamente a direções, o que permite-se ter flexibilidade nessa área.

DEDICANDO UM ALTAR OU SANTUÁRIO

Não importa como seu altar ou santuário se desenvolve — quer intencional ou simplesmente pela reunião de objetos. Em um dado momento você desejará dedicá-lo formalmente à Deusa. Você pode fazê-lo apenas afirmando mentalmente: "Essa (área, mesa, prateleira, etc.) é meu (altar/santuário) de Ísis. Deusa, ensine-me a habilidade de sentir Seu Poder neste lugar".

Você pode, ainda, purificar e consagrar cada objeto do altar individualmente, dedicando cada um ao serviço de Ísis e, depois, todo o altar ou santuário. Para isso, faça uma oferenda de flores e incenso. Mantenha, se desejar, flores frescas no altar diariamente.

Dedicação do santuário

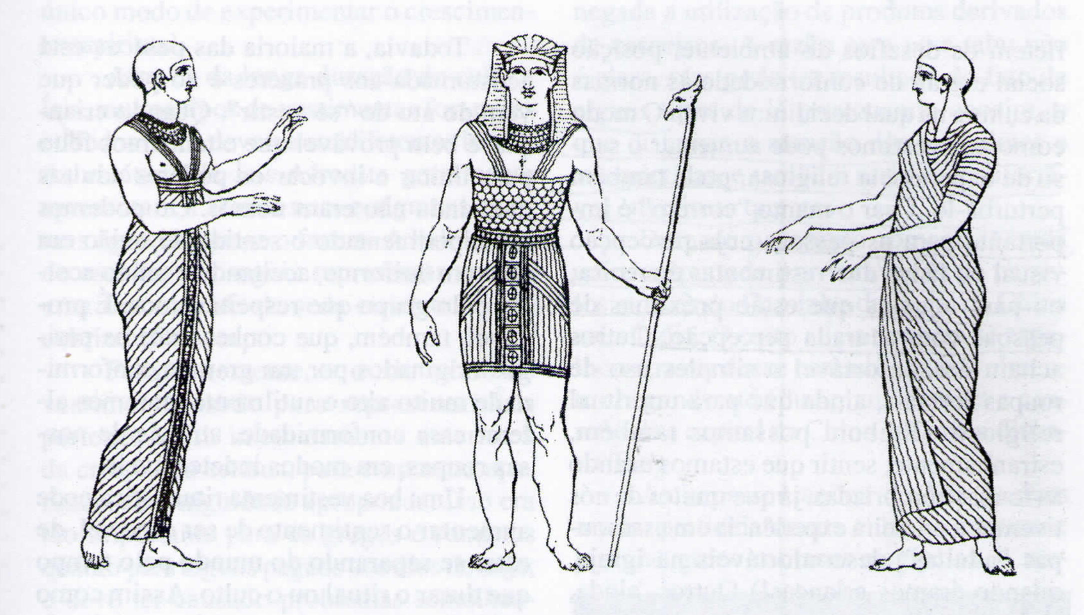
Venha para Sua casa, Grande Ísis,
venha para Sua casa,
Seus objetos sagrados estão preparados
e esperam por Você aqui,
em Sua casa,
a Casa Sagrada de Ísis.
Venha para Sua casa, Sagrada Ísis,
venha para Sua casa,
as portas do santuário estão abertas,
eu espero Sua presença em Seu santuário,
o Santuário Sagrado de Ísis.
Venha para Sua casa, Grande Senhora,
venha para Sua casa, Grande Deusa!
Seu/Sua Sacerdote/Sacerdotisa chama por Você,
venha para Sua casa!

(repita até que a energia seja tangível)

A Glória de Ísis está presente.
O Poder de Ísis está presente.
O Amor de Ísis está presente.
A Casa de Ísis vive!
Possa Seu/Sua Sacerdote/Sacerdotisa sempre encontrá-La aqui, aqui, na Casa de Ísis.
Possa Seu Santuário sempre brilhar com Sua Glória.
Possa Seu Santuário sempre cantar com Sua Energia.
Possa Seu Santuário sempre emanar Seu grande Amor,
Aqui, no Santuário de Ísis
Aqui, no Santuário cuidado por Seu/Sua Sacerdote/Sacerdotisa
Aqui, na Casa de Ísis!
Resida em sua Casa, Ísis!
Resida em sua Casa!

(repita os versos para aumentar o poder, se necessário).

☽•⌾•☾



CAPÍTULO CINCO

A QUINTA HORA DA LUZ DO DIA

VESTINDO-SE PARA A DEUSA

Nos templos egípcios e greco-romanos os rituais de limpeza, unção e vestimenta das estátuas sagradas eram cruciais aos ritos. Dependendo da riqueza e tamanho do templo, e da extensão de suas oficinas de tecelagem, a estátua da Deusa poderia ser vestida com diferentes roupas todos os dias, ou várias vezes por semana. Em outros templos, a imagem sagrada recebia um manto novo apenas uma ou duas vezes por ano, quando havia um festival importante, ou no Ano Novo.

O "Guardião dos Mantos" era o sacerdote ou sacerdotisa responsável por todos os adornos sagrados, cuidadosamente catalogados e freqüentemente inscritos em um pilar do templo. Quando chegava o momento de vestir a estátua, os sacerdotes traziam ao santuário sagrado a caixa "meryt" — de formato retangular decorada com penas de avestruz nos cantos. Dentro havia óleos, ungüentos e outras necessidades para o ritual de limpeza e reunção da estátua.

Devotos ricos costumavam doar jóias e mantos finos ao templo para a estátua da Deusa. Uma lista das jóias pertencentes a um santuário de Ísis na Espanha apresentava muitos itens, incluindo brincos de ouro e esmeralda e um diadema feito de seis pérolas de dois tipos diferentes.

VESTIMENTAS SAGRADAS

O que usamos sobre nossa pele sempre foi uma indicação de quem somos ou do que queremos nos tornar. Assim como um ritual ou uma religião geralmente nasce de um sentido de lugar, um imperativo geológico ou geográfico, nossas roupas re-

fletem os desafios do ambiente, posição social e grau de conformidade às normas da cultura na qual decidimos viver. O modo como nos vestimos pode aumentar o senso de experiência religiosa; pode também perturbá-lo. Usar o manto "correto" é importante para as pessoas cuja percepção visual ou física das vestimentas é precisa; ou para aquelas que estão próximas de pessoas com acurada percepção. Outros acham desconfortável o simples uso de roupas formais, ainda que para um ritual religioso. (Embora possamos também, estranhamente, sentir que estamos usando as roupas apropriadas, já que muitos de nós tivemos a primeira experiência em usar roupas "adultas" desconfortáveis na igreja, quando éramos crianças!) Outros, ainda, podem acreditar que o uso de qualquer roupa distraia a atenção e iniba as pessoas. Todos esses sentimentos são válidos.



Um desenho do século XIX da estátua de Vênus (Afrodite) de Cnidos.

Todavia, a maioria das pessoas está acostumada aos prazeres e ao poder que vêm do ato de "se vestir". Quando crianças, é bem provável que o tenhamos feito para imitar e invocar os poderes adultos que ainda não eram nossos. Ou podemos ter experimentado o sentido de união em usar um uniforme, aceitando e sendo aceitos pelo grupo que respeitávamos. É provável, também, que conheçamos os perigos originados por um grau de conformidade muito alto e sutilmente tentemos alterar essa conformidade, através de nossas roupas, em modos indetectáveis.

Uma boa vestimenta ritualística pode aumentar o sentimento de ser especial, de estar se separando do mundo pelo tempo que durar o ritual ou o culto. Assim como todas as outras coisas usadas em rituais (exceto a mente e o corpo humano), a vestimenta especial é um instrumento, um adicional útil, mas não essencial. Pode ser comparada às ferramentas de um marceneiro que tem os melhores materiais possíveis, que mantém as lâminas afiadas, que se acostumou ao toque preciso de cada ferramenta e está intimamente familiarizado com seu uso. O marceneiro dá valor às ferramentas e se orgulha delas, mas sua habilidade não depende dos instrumentos que usa. Utilizando apenas uma rocha cortante e um galho de árvore, ele, ou ela, ainda seria capaz de criar um objeto útil e belo.

Dependendo da intenção do rito ou reverência que você deseja criar, diferentes tipos de roupa podem ser adequados. Se a sua fé estiver completamente formada, perceberá que a maioria de suas orações ou momentos de contato ocorre quando está usando um traje formal de trabalho ou chinelos; as experiências espirituais válidas não são "ligadas" ou "desligadas" com o acender de uma vela, em um rito perfeitamente orquestrado realizado somente quando usamos as vestimentas ritualísticas adequadas. Os rituais formais podem conferir poderes e iluminação, mas não são o

único modo de experimentar o crescimento espiritual.

Através da longa duração do culto a Ísis, muitos tipos de vestimentas foram escolhidos pelos devotos em diferentes locais. As estátuas de Ísis-Afrodite geralmente apresentam a Deusa nua, e algumas estátuas egípcias quase o fazem. A habilidade do escultor conseguiu representar apenas uma fina camada de seda ou algodão encobrindo Seu corpo.

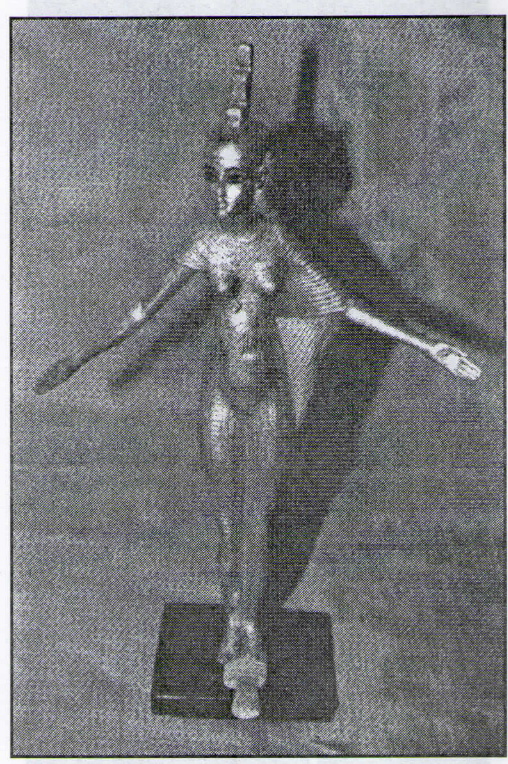
Freqüentemente, o estilo exato de vestimenta usado para representar Ísis pertence à era imediatamente anterior à da criação da estátua, para emprestar aparência de antigüidade apropriada. Isso era tão importante para os gregos e romanos quanto para alguns pagãos dos dias de hoje, e deve ter causado problemas semelhantes. Como usar a toga fora de moda? O que prendia a frágil vestimenta dos sacerdotes ao corpo, além das orações? Os sacerdotes usavam alguma roupa por baixo desse quiltes do Reino Antigo?

Há algumas orientações básicas para a vestimenta a ser usada no templo. Essa distinção é importante porque existiram em todos os tempos e lugares devotos de Ísis que eram membros do sacerdócio leigo, devotos simples, ou sacerdotes e sacerdotisas que não almejavam prestar serviços no templo, mas, ainda assim, serviam à Deusa. Havia outra classe de sacerdócio que servia a mais de uma divindade simultaneamente e cujas vestimentas eram mais genéricas ou ecléticas, derivadas de diferentes tradições.

De modo geral, durante o auge do culto a Ísis, o linho era o tecido preferido, principalmente linho branco. Há grande quantidade de referências aos "sacerdotes de Ísis vestidos em linho" por parte dos autores antigos. Freqüentemente, o linho é mencionado como um item nos inventários dos templos. Em alguns lugares e períodos, os sacerdotes e sacerdotisas de Ísis foram proibidos de usar lã, assim como era negada a utilização de produtos derivados de carneiros. A razão para esse tabu não é clara, mas pode ter resultado do fato de alguns tipos de lã provocarem coceira, o que distrairia a atenção dos sacerdotes e sacerdotisas, e também seria desconfortável em climas quentes.

Durante o período romano, a seda era transportada por caravanas de camelos através do Caminho da Seda, da China até a Índia. O culto a Ísis também se espalhou através desse caminho, possivelmente chegando até Chang'an, a antiga e cosmopolita capital da China durante a dinastia Tang.

As representações de Ísis variam muito, particularmente entre as estátuas e pinturas greco-romanas e egípcias. A me-



Essa reprodução moderna de uma estátua de Ísis, da tumba de Tutankhamon, é uma representação típica do estilo pouco velado dos escultores egípcios. Note o amuleto Djed (a coluna vertebral de Osíris) aos pés da imagem. Da coleção da autora.





Ísis egípcia: acima, *Ísis com asas, com o penteado em forma de disco;* abaixo, *Ísis coroada com o emblema da assinatura do trono. Da coleção da autora.*

nos que as imagens antigas estejam acompanhadas de inscrição ou texto, a identificação delas não é muito clara.

A Ísis egípcia

Uma imagem comum de Ísis A apresenta com o penteado de lua crescente e o disco, ou usando o emblema do trono, que Lhe é singular. Ela também aparece freqüentemente segurando o cetro de lótus, um ureus sobre a testa.

Outra representação comum, porém mais recente, é a de Ísis Lactans ou Galactrofousa, a Ísis que Amamenta, que embala Hórus (ou o faraó reinante) em Seu colo. Essa pode ter sido o protótipo das posteriores estátuas da Virgem Maria embalando o filho Jesus.

A Ísis com Asas é encontrada principalmente nas representações da Ressurreição de Osíris. A ação das asas da Deusa sopra o ar que dá vida para dentro das narinas de Osíris, ressuscitando-o.

A Ísis greco-romana

Uma típica Ísis greco-romana, segurando o sistro em uma mão e um vaso em outra, é apresentada na página seguinte.

Outras imagens greco-romanas de Ísis mostram a Deusa apoiando-se em um leme — sinal de Seu poder sobre a navegação, assim como de Sua habilidade em guiar os devotos através das tempestades da vida. Imagens ligando-A a Deméter/Ceres incluem uma cornucópia despejando grande abundância de alimentos, lembrando-nos de Seu poder sobre a agricultura e Sua benevolência para com a humanidade.

Um manto simples para homens e mulheres

As vestimentas ritualísticas podem ser tão complicadas quanto você desejar. Esse manto bem simples é fácil de fazer e lhe servirá muito bem. É baseado no *galabayah* usado atualmente no Egito.

Em primeiro lugar, meça a pessoa que usará o manto. Coloque uma extremidade de uma fita métrica no alto do ombro e peça que ela a segure. Incline-se até que a fita métrica alcance o tornozelo. Anote a medida.

Multiplique a medida por dois. Isso indica a quantidade de metros de tecido de que você precisará. Se possível, escolha um tecido natural; algumas misturas de algodão e poliéster funcionam bem. O tecido deve ter 1,35m ou 1,50m de largura. Uma pessoa bem pequena poderá fazer o manto com um tecido de 1,20m de largura, mas é mais fácil cortar o excesso de tecido. (Veja a seção intitulada "O espectro de Ísis nas vestimentas ritualísticas", no final deste capítulo, para informações adicionais sobre cores de tecidos.)

Dobre o tecido na metade. Corte um meio círculo nas camadas duplas do tecido, fazendo um buraco para a cabeça. Corte o meio, aproximadamente 15cm na parte da frente do tecido.

Meça 30 cm do topo da dobra de cada lado do manto. Do ponto de medida, corte aproximadamente 30cm, depois corte em um ângulo, como demonstrado na página seguinte. Faça uma costura de aproximadamente 12,5cm/20cm pelas linhas. Costure pelas bordas, fazendo uma pequena bainha de aproximadamente 2,5cm/10cm da borda do tecido. Estique o tecido e pressione.

Quando o manto estiver pronto, use-o algumas vezes antes de decidir se deseja decorá-lo.

O NÓ DE ÍSIS

Um detalhe do manto sagrado para as mulheres no período greco-romano era o nó sagrado (também conhecido como o nó de Set ou Thet, ou o nó de Ísis). Trata-se de uma representação da pedra Thet, ou Set, um amuleto, criado amarrando as dobras da frente do manto. Em uma forma comum, o nó consiste em um laço vertical, amarrado várias vezes à base. Quando bem amarrado, ele ficará pendurado entre os seios. Se você decidir usar uma bainha amarrada em estilo sari, como parte da vestimenta ritualística, é possível criar um nó Thet do seguinte modo:

Como amarrar um nó Thet

1. Em pé, segure o tecido à sua frente com o desenho, ou o lado melhor, longe do corpo. O comprimento restante do tecido deve cair sobre o seu lado esquerdo.



Uma Ísis greco-romana, com o sistro e um vaso.

2. Pegue o canto superior direito com a mão direita, segurando o restante do tecido na mão esquerda.
3. Aperte e gentilmente puxe o tecido, como se fosse uma corda, em um comprimento de aproximadamente 35cm. Coloque abaixo do seio esquerdo, de modo que a extensão mais longa fique solta entre os seios.
4. Enrole o tecido pelo corpo quantas vezes for necessário, de modo que a extremidade do tecido fique entre os seios. Resumindo, você precisará das duas extremidades do tecido para dar o nó.
5. Pegue a extensão mais longa e dobre-a, formando um laço, deixando a parte arredondada deste para cima. Vire o laço para que ele caia sobre o corpo, com a abertura visível de frente.
6. Pegue a outra extremidade do tecido e enrole-a três vezes ao redor da base do laço descrito acima. Coloque um alfinete ou dobre nas extremidades.

Se você tiver tecido suficiente, poderá enrolar a base do laço central mais de três vezes. Nesse caso, experimente puxar um laço de cada lado da base do laço central. Isso fará com que o nó se pareça mais com o amuleto de pedra, com os dois laços laterais acompanhando-o.

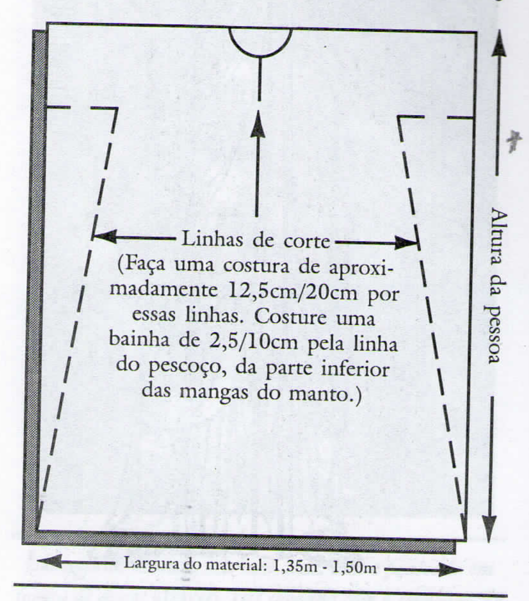


Diagrama do corte para um manto simples.

O nó Thet, quando usado como um amuleto, era feito de uma pedra vermelha ou de ouro. Depois de esculpido, precisava ser embebido na água de flor de ankham, que ainda não foi definitivamente identificada, mas era provavelmente uma flor de perfume adocicado, como o jasmim ou a gardênia. Ao mergulhar o amuleto na água, as seguintes palavras eram proferidas:

> *O sangue de Ísis e a força de Ísis, e as palavras de poder de Ísis, possam ser poderosas para proteger esse ser grande e divino, e guardá-lo de todos aqueles que com ele fariam coisas abomináveis*[5].

Possuir esse amuleto também conferia à pessoa morta o poder para ir aonde desejasse no submundo.

Normandi Ellis, na excelente obra *Awakening Osiris* [O despertar de Osíris], inclui uma meditação sobre o nó de Ísis, parcialmente reproduzida aqui:

> *No final do Universo encontra-se um cordão de cor vermelho sangue que liga a vida à morte, o homem à mulher, o desejo ao destino. Deixe que o nó desta faixa vermelha, que se embala aos quadris da deusa, amarre em mim as extremidades da vida e do sonho... Eu sou o nó no qual dois mundos se encontram. A magia vermelha corre através de mim como o sangue de Ísis, a magia das magias, o espírito dos espíritos. Eu sou a prova do poder dos deuses. Eu sou a água e o pó caminhando*[6].

JÓIAS E AMULETOS

O amuleto supremo de Ísis era, provavelmente, o Thet, descrito anteriormen-

5. Budge, E. A. Wallis, *Egyptian Magic*. Secaucus, NJ: University Books, sem data de publicação. Relançamento da edição de 1899.
6. Ellis, Normandi, *Awakening Osiris*. Grand Rapids, MI: Phanes Press, 1988.

te. Muitos outros amuletos eram ligados a Seu culto, tanto aqueles usados em funerais quanto os adaptados para uso dos vivos.

Os amuletos são objetos que receberam um tipo especial de energia. Esses instrumentos mágicos são similares a baterias de energias, que podem ser usadas pela pessoa para obter certos resultados, como proteção ou cura, sem necessariamente ter de reafirmar o efeito desejado constantemente.

Muitos símbolos comuns usados nas jóias deveriam, originalmente, ser energizados, transformados em amuletos operantes, mas isso não acontece com a maioria deles. Há um método básico para energizar um amuleto:

1. Limpe fisicamente o objeto, lavando, polindo, soprando a poeira ou usando qualquer método apropriado de acordo com o material de que é feito o objeto.
2. Limpe ritualmente o objeto usando um dos métodos descritos no Capítulo Dois, "Purificações para os ritos de Ísis".
3. Gere energia mágica ou de cura, conforme descrito no Capítulo Onze, "Ísis, a grande médica".
4. Projete o propósito do amuleto para dentro dele.
5. Mantenha o fluxo de energia até que lhe pareça que o amuleto já contenha o suficiente.
6. Lacre a energia dentro do objeto, desejando que isso aconteça, incluindo a instrução para que ela se mantenha constante através da abundante energia do Universo e que esteja sempre disponível para seu uso, quando necessário.
7. Cubra o objeto com óleo ou passe-o através da fumaça de incenso, imaginando que isso funcione como cobertura laqueada sobre um objeto pintado, propiciando um lacre definitivo.
8. Envolva o amuleto em um tecido escuro e coloque-o em um lugar onde não será perturbado por pelo menos três dias.

Não é necessário realizar esse rito em um momento planetário específico, a menos, é claro, que você deseje criar um amuleto para fazer uso de energias astrológicas específicas. Para fazer os amuletos descritos a seguir, e muitos outros, essa precisão não é necessária.



Essa imagem greco-romana de Ísis mostra um excelente exemplo do nó Thet.

O bastão de lótus

Ísis freqüentemente é representada segurando um bastão com uma lótus no topo, geralmente como indicação de Seus aspectos mais benevolentes e belos.

O bastão Ueb (com a cabeça de Set)

Esse bastão, que termina em uma simples representação da cabeça de Set, é pintado de vermelho. É carregado por muitos deuses, incluindo Ísis, e é usado para mostrar o domínio das divindades sobre as forças do mal. Direciona o poder dos sacerdotes e sacerdotisas.

O amuleto de abutre

Esse amuleto, na forma da deusa abutre Nekhebet ou Mut, era considerado uma representação de Ísis como a Mãe Divina. Era geralmente feito de ouro, e o texto a seguir era recitado quando o amuleto era usado em cerimônias fúnebres:



Amuletos da coleção da autora: acima, *Djed (a coluna vertebral) de Osíris;* abaixo, *O amuleto Thet de Ísis.*

Ísis vem e paira sobre a cidade, e Ela se move, procurando a habitação secreta de Hórus, quando ele emerge dos pântanos e Ela cura seu ombro ferido. Ele se torna um membro do barco divino, e a soberania de todo o mundo é decretada para ele. Ele guerreou poderosamente e seus feitos serão lembrados; ele fez surgir o temor e o respeito por ele. Sua mãe, a Poderosa Senhora, o protege, e Ela transferiu Seu poder para ele[7].

O cetro do papiro

Esse cetro pode ser usado como um amuleto ou em um ritual. Em sua forma como amuleto funerário, era feito de esmeralda ou faiança azul ou verde-claro. Em tempos mais remotos, era considerado um amuleto que representava o poder de Ísis-Renenet, principalmente sobre as colheitas e, por extensão, sobre questões de fertilidade.

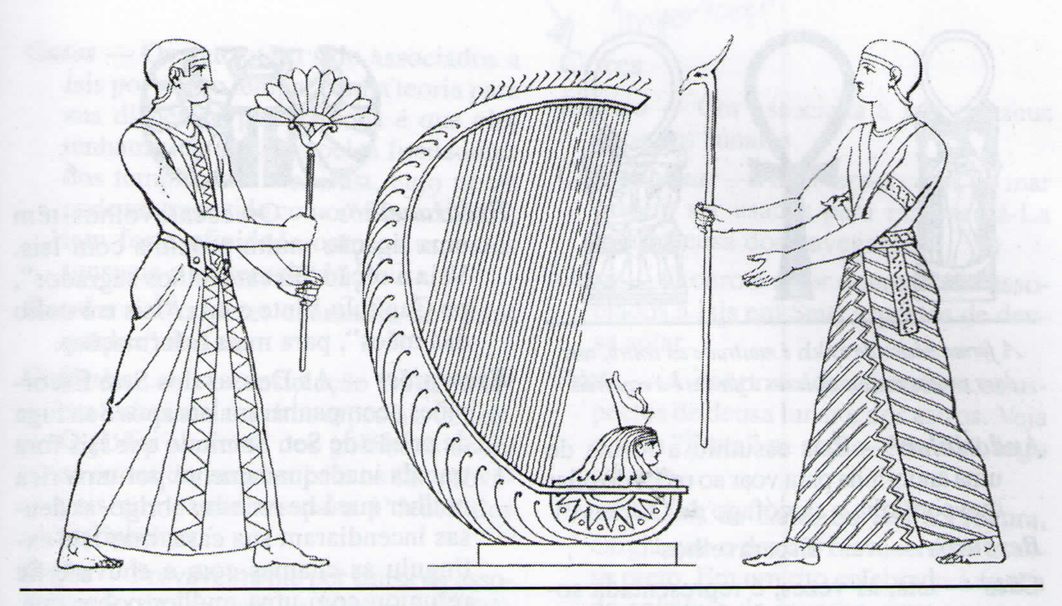
A cabeça da serpente

Esse amuleto, predominantemente funerário, é associado a Ísis por E. Wallis Budge, na obra *Egyptian Magic* [Magia egípcia], porque é geralmente formado por uma pedra vermelha, e essa cor é particularmente sagrada para Ísis. Como Ísis possuía várias formas de serpente, Budge acredita que esse amuleto representa Seu poder sobre as serpentes e suas mordidas.

Ainda não está claro se esse amuleto de serpente em particular "pertence" ou não a Ísis, mas Ela certamente pode ser representada em formas de serpente. No período greco-romano as sacerdotisas eram representadas carregando serpentes nas procissões dedicadas a Ísis, e esses animais eram freqüentemente representados em Seus altares.

A Divina Ísis também usa a parte de trás da serpente uraeus sobre a testa. Ísis e Osíris eram ocasionalmente representados como serpentes coroadas com as caudas unidas.

7. Budge, E. A. Wallis, *Egyptian Magic*, Ibid.



Sacerdotes carregando bastões.

O *ANKH*

O símbolo supremo da vida era carregado e usado virtualmente por todos os deuses do panteão egípcio. Ísis é freqüentemente representada carregando o *ankh* ou usando-o para dar força de vida para outros seres.

As origens do símbolo não são claras. Alguns acreditam que representa os orgãos sexuais do homem e da mulher, estilizados, unidos. Outros crêem que o símbolo deriva de uma boneca africana da fertilidade, que possuía a cabeça grande, e era carregada pelas mulheres que queriam engravidar.

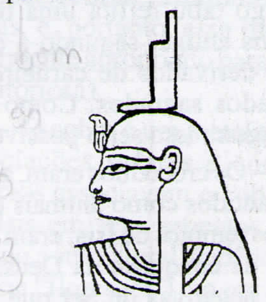
SÍMBOLOS, SINAIS E CORRESPONDÊNCIAS DE ÍSIS

Uma sacerdotisa de Ísis, ao ser questionada sobre o que exatamente era considerado sagrado para a deusa, respondeu: "Tudo. Ísis possui todas as coisas boas". Embora essa resposta bem-humorada não seja estritamente precisa, parece que a deusa chamada de "Aquela dos Dez Mil Nomes" facilmente reivindica objetos que são sagrados para Ela. Aqui estão listados alguns que podem ser incluídos ou adaptados em projetos de magia. Para uma discussão mais detalhada sobre alimentos sagrados, veja o Capítulo Catorze, "Nas cozinhas e jardins de Ísis". Incensos, perfumes e óleos são apresentados no Capítulo Dezoito, "Ísis e a alquimia".

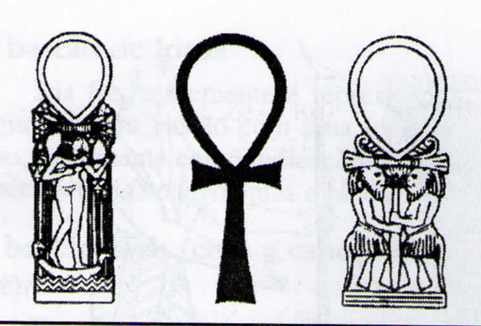
Animais, insetos e aves

Abutres — Ísis-Nekhebet é a forma de abutre da deusa. No Egito, esses animais eram considerados símbolos das mães atenciosas.

Águias — Possivelmente devido às ligações de Ísis com o império romano, acredita-se que as águias sejam sagradas para Ela.



Uraeus sobre a testa de Ísis.

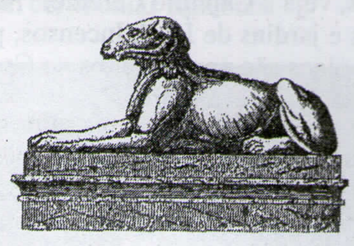


A forma básica do ankh *é mostrada ao centro, com duas versões mais complexas à direita e à esquerda.*

Andorinhas — Ísis assumiu a forma de uma andorinha para voar ao redor do pilar que continha o sarcófago de Osíris.

Besouros — ver "Escaravelhos".

Cães — Ísis, às vezes, é representada sobre um cachorro, acentuando Sua associação com a Estrela-Cão, Sírius. A orientação do chacal, Anúbis, quando Ela procurou pelo marido, também associa Ísis aos cães de modo geral.



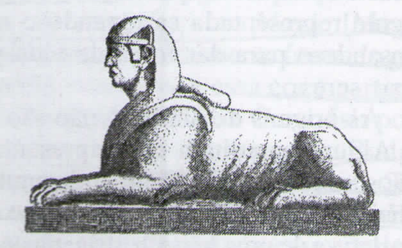
Carneiros — Esfinges com cabeças de carneiro formavam o caminho sagrado das procissões em direção a alguns templos onde Ísis era cultuada. Acredita-se que o uso da lã era proibido a Seus sacerdotes e sacerdotisas; é possível que esse antigo tabu reflita uma tradição ainda mais antiga, segundo a qual os produtos derivados de carneiro eram considerados sagrados. Como Deusa da Tecelagem, isso seria possível.

Crocodilos — Os crocodilos eram, algumas vezes, mantidos como animais de estimação nos templos de Ísis; eram símbolos vivos da conquista da Deusa sobre as forças negativas de Set que, às vezes, é representado como um crocodilo.



Escaravelhos — Os escaravelhos têm uma ligação muito próxima com Ísis. Veja a seção "Escaravelhos sagrados", no Capítulo Vinte e um, "Ísis e o culto das mãos", para mais informações.

Escorpiões — As Deusas dos Sete Escorpiões acompanharam Ísis após Sua fuga da prisão de Set. Sentindo que Ísis fora tratada inadequadamente por uma rica mulher que Lhe recusou abrigo, as deusas incendiaram sua casa, mas Ísis extinguiu as chamas com a chuva e Se refugiou com uma mulher pobre que, graciosamente, abriu as portas de sua casa para a Deusa. Ísis é também representada como Ísis-Selqet, uma deusa escorpião com cabeça humana que carrega o enfeite de lua crescente e o disco de Ísis.



Esfinges — As esfinges, tanto com cabeças de animais quanto humanas, formavam os caminhos sagrados para os templos de Ísis no Egito.

Falcões — Ísis assume a forma de um falcão para ressuscitar Osíris.

Gado — Ísis era conhecida no Egito como a Vaca Sagrada, Mãe do Touro de Ápis, e também por outros títulos que afirmavam Sua ligação com as vacas sagradas do Egito. Como dão leite e alimentação, exatamente como Ísis fornecia Seu leite para os faraós do Egito, a associação entre as vacas e Ísis é muito antiga.

Gatos — Os gatos têm sido associados a Ísis por muito tempo, e uma teoria para sua dispersão pela Europa é que eles tenham sido trazidos pelos fundadores dos templos de Ísis. Bast, cujo nome pode ser traduzido como "Alma de Ísis", tem forte afinidade com os aspectos sensuais e maternais da Deusa.

Gazelas — Às vezes chamadas de "brinquedos" de Ísis.

Golfinhos — A constelação Delphinus* era associada aos ritos especiais de Ísis. O poder aparente dos golfinhos sobre as ondas do mar também os faz prováveis companheiros para a deusa dos marinheiros.

Grifos — Provavelmente por causa da associação de Ísis com os falcões, acredita-se que os grifos são sagrados para Ela.

Leões — No Templo dos Leões em Petra, a imagem representava tanto Ísis quanto a deusa local Al-Uzza.

O touro de Ápis — ver "Gado".

Pavões — Os pavões aparecem ocasionalmente na iconografia de Ísis, incluindo uma moeda da época de Marco Aurélio, que mostrava Ísis acompanhada por um pavão e um leão.

Porcos — A carne de porco era um tabu aos seguidores de Osíris e, às vezes, para os sacerdotes em geral, devido à associação com Set, em sua forma de javali negro. Contudo, em poucas imagens, Ísis era representada sobre um porco. Às vezes, referiam-se a Ela como a Porca Sagrada.

Serpentes — Serpentes de todos os tipos são sagradas para Ísis e eram usadas em Seus ritos, freqüentemente carregadas em procissões. Ísis e Osíris foram representados como serpentes cujas caudas se unem. Como símbolo de sabedoria, as serpentes são também representações de Ísis Sophia, deusa do conhecimento.

* N. da T.: A palavra "dolphins" significa "golfinhos" em inglês.

Cores

Branco — Cor associada a Ísis em seus aspectos lunares.

Cores do mar — As diversas cores do mar podem ser usadas para representá-La como deusa dos navegantes.

Ouro — O ouro e a cor dourada são associados a Ísis em Seus aspectos de deusa solar.

Prata — A cor prateada representa os aspectos de deusa lunar e dos astros. Veja o item "Prata" na seção "Metais", logo adiante.

Preto — Ísis de Luto, ou Ísis à Procura, exigia que o devoto ou sacerdote usasse preto. Em um rito celebrado à época do solstício de inverno, uma vaca era decorada em preto e dourado e conduzida ao redor do templo sete vezes para simbolizar a procura de Ísis por Osíris.

Vermelho — Ísis usa a cor vermelha como a Senhora da Chama e símbolo de Seus aspectos mais eróticos e poderosos.

Metais

Bronze — Estatuetas de Ísis e outros itens dos templos eram, freqüentemente, feitos de bronze — sistros de bronze eram muito comuns. O bronze, uma liga de cobre e latão, é um metal forte e era usado para fabricação de armas. Possuir armas de bronze conferia grande vantagem sobre aquelas feitas de outros metais. As civilizações que possuíam o segredo e os materiais para fabricar bronze triunfaram sobre as outras, e, portanto, esse metal é particularmente apropriado para Ísis Victrix (a Vitoriosa).

Cobre — O cobre é um metal quente, com associações solares e cósmicas. Os egípcios associavam o cobre a Hathor e a Ísis em seus aspectos de Hathor. Devido a sua natural tendência para oxidar (ou "florescer") em um arco-íris de cores, o cobre guarda relação com as forças da fertilidade.

Associações modernas incluem o cobre como um metal feminino, de uso doméstico, devido, em grande parte, à sua freqüente presença entre os utensílios de cozinha. A essência oculta do cobre é muito mais poderosa. A maioria das pessoas vive e trabalha cercada por uma teia de fios de cobre.

Os egípcios davam muito valor aos óxidos de cobre, usando-os em maquiagem para os olhos. Era também um elemento fundamental do bronze, uma liga de cobre e latão, que introduziu uma nova era na fabricação de armas, devido à rigidez e habilidade em suportar uma ponta afiada. Por esse motivo, bem como pela cor vermelha de Set, o cobre também traz conotações agressivas. Como uma deusa de sexualidade franca, Ísis-Hathor também tem um aspecto agressivo.

Na história das atribulações entre o filho de Ísis, Hórus, e o irmão da Deusa, Set, Ísis fabrica um arpão de cobre e o usa para prender Set, na forma de um hipopótamo.

Ouro — Usado para cobrir as pedras das pirâmides sagradas, o ouro era amplamente utilizado no Egito. O metal amarelo existia em abundância — escavado das minas controladas pelo Egito ou oferecido como tributo pelas nações sob domínio daquele país. Desde os tempos mais remotos, o ouro foi associado ao fogo do sol e incorpora os aspectos solares de calor e luminosidade de Ísis. Como filha de Rá, o Deus Sol, o ouro é particularmente apropriado para o culto à Deusa.

O ouro tem fortes propriedades de cura inerentes à sua estrutura. Nos tempos modernos, ainda é usado como remédio para muitas doenças, incluindo artrite. Devido a esses poderes de cura, o ouro é sagrado para Ísis em seu papel como Divina Médica e como a Mãe que alimenta os filhos.

Não há metal mais maleável que o ouro. Pode ser reduzido a fios mais estreitos do que o cabelo humano e ser triturado, tornando-se mais fino do que qualquer outro metal. Trinta gramas de ouro triturado podem cobrir uma grande área, e, por essa razão, as estátuas sagradas eram freqüentemente cobertas com uma fina camada de ouro. O metal é, ainda, extremamente denso, e seu peso enfatiza a ligação com a própria terra.

O amuleto Thet, ou Set, também conhecido como o Nó de Ísis, era ocasionalmente feito de ouro, em vez do material geralmente usado — pedra ou vidro vermelho. Os egípcios também usaram tintura de ouro, empregando ouro tingido de vermelho ou roxo para fazer algumas jóias sagradas. Colares de ouro e diademas de delicadas flores de ouro eram, às vezes, distribuídos pelo faraó reinante como recompensa a um valoroso administrador ou guerreiro.

Separada de suas propriedades como metal, a cor dourada reflete uma qualidade de luz muito tranqüilizadora. Dessa maneira, chapas de cor dourada transmitem um pouco da radiação solar do verdadeiro ouro e podem substituir o metal na fabricação de objetos sagrados.

Prata — Embora relativamente comum no mundo romano, a prata era rara no Egito antigo e, às vezes, tinha mais valor do que o ouro. Apenas alguns objetos de prata sobreviveram ao passar dos séculos. Um dos mais finos objetos remanescentes é um vaso em forma de romã da tumba de Tutankhamon. Estatuetas de bronze representando os deuses e deusas, às vezes, tinham os olhos revestidos com prata ou bronze.

Como metal, a prata tem fortes associações com lua e é freqüentemente relacionada a Ísis. Em Roma, uma avó dedicou a Ísis uma estátua feita inteiramente de prata em honra a uma adorada neta que morreu jovem. A prata também era usada nos enfeites de cabeça e em jóias ritualísticas para as sacerdoti-

sas, e para adornar as estátuas da Deusa. Os templos também promoviam festivais de cunhagem, às vezes com prata, outras com uma liga de prata ou outros metais. Muitas cidades cunhavam moedas de prata com a imagem de Ísis ou temas a Ela relacionados.

A prata é um metal relativamente frágil, o que a torna mais difícil de ser trabalhada que o ouro. As jóias de prata são geralmente feitas usando o método de modelagem em cera, que consiste em pegar uma imagem de cera ainda não terminada e transformá-la em uma imagem completa de prata. Esse método é rico em metáfora alquímica e pode ser, em si, uma iniciação a ser dominada.

No momento a prata é um metal relativamente barato. Muitas lojas de moedas antigas oferecem lingotes artísticos, que são belos objetos de prata parecidos com moedas. Se tiver sorte, pode encontrar um com representação de um animal sagrado para Ísis ou a imagem de uma deusa, como a Estátua da Liberdade. Esses objetos não são caros. Um antigo dólar de prata, com a imagem da Estátua da Liberdade, também pode ser usado como uma imagem no altar.

Fios e chapas de prata também podem ser encontrados a preços não muito altos. Os fios de prata podem ser curvados, formando um símbolo de proteção, e depois achatados com um martelo. Os *ankhs* e os nós Thet são fáceis de fazer usando esse método. Lixe quaisquer extremidades ásperas ou cubra-as com uma substância macia como epóxi.

A prata é muito usada nos processos fotográficos para revelar a imagem captada. Isso está ligado à forte associação que esse metal tem com as artes de adivinhação e busca do conhecimento oculto.

Plantas

Veja o Capítulo Catorze — "Nas cozinhas e nos jardins de Ísis" — para estudar as listas de plantas.

Pedras preciosas e semipreciosas

Água-marinha — Ísis, como uma Deusa do Mar, pode ser representada por essa pedra de um azul pálido.

Ametista — Essa bela pedra roxa, com poderes de cura, é usada com freqüência pelas sacerdotisas de Ísis, principalmente com um corte arredondado, em vez de facetado. Um templo de Ísis em Roma tinha, pelo menos, um pilar feito de ametista.

Berilo — Crowley, na obra *777*, associou essa pedra a Ísis.

Coral — Muitas variedades de coral ainda carregam nomes derivados da palavra "Ísis" (ex: *Isisina, Isidella* e *Isidae*). Novamente, como Ísis é uma Deusa do Mar, a pedra coral é apropriada para Ela e Seus devotos.

Cornalina — No Egito, os nós Thet eram geralmente esculpidos nessa pedra vermelha, com aspecto de vidro.

Cristal — Os artistas egípcios conseguiram criar efeitos surpreendentes em estátuas de tamanho natural, implantando olhos feitos em cristal pintado. Essa técnica criava tal profundidade nos olhos que eles pareciam reais. Ainda hoje, eles causam certo desconforto às pessoas que visitam as coleções egípcias.

Muito foi escrito, na última década, sobre o cristal de quartzo. Portanto, não há necessidade de nos estendermos sobre o assunto. Resumidamente, os cristais de quartzo são receptíveis a vibrações de todos os tipos e podem ser facilmente energizados para realizar funções específicas, como cura, aumento dos níveis de energia ou melhora da memória. Simplesmente segure um cristal na mão ao mesmo tempo que envia para ele a energia que cura, pensando sobre a função que deseja que o cristal desempenhe. (Para informações sobre como gerar a energia que cura, veja o Capítulo Onze, "Ísis, a grande médica".)

Esmeralda — Associadas a Thoth (ou Hermes), que, acredita-se, criou a Placa de Esmeralda, com a conjuração mística "Como acima, também abaixo", as esmeraldas eram freqüentemente oferecidas aos templos da Deusa e ainda podem ser usadas em Seu culto atualmente.

Granito — O granito era um dos materiais preferidos para construção de altares e templos de Ísis. Suas vibrações são muito compatíveis com o culto à Deusa e ajudam na meditação.

Jacinto — Essa forma laranja-avermelhada de zircônio estava entre as pedras que adornavam uma estátua de Ísis, feita em prata, oferecida em um santuário na Espanha.

Jaspe — Essa pedra vermelha também é adequada para representar o "Sangue de Ísis" no amuleto Thet.

Lápis-Lazúli — Um dos títulos de Ísis era Ísis do Lápis-Lazúli. Adornada com ouro, essa rica pedra azul, que geralmente tem um matiz reluzente, é especialmente útil como um símbolo tanto de Ísis quanto de Sua mãe, Nut, do céu estrelado.

Malaquita — Como uma pedra verde de origem africana, ela é perfeita para Ísis, como Deusa das Coisas Verdes e da fertilidade em geral.

Mármore — Muitos templos greco-romanos usavam mármore tanto como material de construção quanto para esculpir estátuas. Essa pedra polida e lisa também é compatível com o culto a Ísis.

Pedra da Lua — É praticamente desnecessário explicar a associação. Como Deusa da Lua, as pedras da lua são muito apropriadas para o culto a Ísis.

Pérolas — O brilho da luz da lua, contido nas pérolas, as torna uma oferenda apropriada a Ísis, principalmente em Seu aspecto como Deusa do Mar e do Amor.

Peridoto — Essa pedra vulcânica, também conhecida como olivina, foi atribuída a Ísis por Crowley, na obra 777.

Rubi — Associada a Ísis em decorrência da forte cor vermelha. O rubi estrela também é sagrado para Ísis.

Safira — A pedra de profunda cor azul é perfeita para Ísis como uma Deusa do céu e dos astros. A safira estrela também Lhe é apropriada e pode ser usada como um instrumento de meditação ou para entrar em transe. Olhe para a estrela e mova a pedra lentamente.

Turquesa — Sagrada para Hathor-Ísis.

Símbolos de Ísis

Âncora — Os iniciados estão seguramente "ancorados" por sua veneração a Ísis.

"Ankh" — Símbolo da vida, freqüentemente carregado por Ísis em representações egípcias ou soprado por Sua asa como uma brisa que dá vida.

Arpão (ou qualquer tipo de lança aquática) — Ísis criou um arpão de cobre para ajudar Hórus na batalha contra Set.

Asas — Era comum encontrar a imagem de Ísis com asas entre os estatuários fúnebres ou como uma entidade que curava. As estátuas greco-romanas de Ísis não A representam com asas, embora, quando identificada com Nike (Vitória), ela tivesse asas. As sacerdotisas podem ter um desenho de asas cruzadas estampado em seus mantos.

Cetro — Como um símbolo de Sua realeza divina, o cetro representa o poder divino de Ísis sobre o trono, tanto como seu ocupante como aquela que confere o poder ao faraó.

Chifres — O chifre e o enfeite de lua crescente são facilmente identificados com Ísis, embora Hathor também use o enfeite. Ísis foi representada com chifres de vaca, chifres curvados de órix e, mais raramente, com pronunciados chifres de veado. Todos podem ser símbolos dos "Chifres da Lua", ou os pontos da lua crescente.

Chifres da abundância — Veja "Cornucópia".

Cinzel — Acredita-se que essa ferramenta usada para fazer gravações era um símbolo de Ísis. Como criadora da escrita, qualquer instrumento de gravação ou escrita pode ser um símbolo de Sua energia.

Círculo mágico — Crowley associa Ísis ao Círculo Mágico, ao relacionar os atributos da Deusa na obra *777*.

Cornucópia — Símbolo de abundância e alimento, freqüentemente carregado por Ísis nas representações greco-romanas.

Esponja — Acredita-se que a Deusa que tudo absorve e que a tudo dá boas-vindas foi representada, algumas vezes, segurando uma esponja, embora eu não tenha conseguido encontrar referências mais claras a esse respeito.

Falo — Como aquela que retorna o falo sagrado de Osírs, Ísis é associada com representações desse órgão. Acredita-se que Ela criou um órgão novo para Osíris, feito de madeira e ouro, através do qual Ela ficou grávida.

Iôni — Qualquer símbolo relativo à vulva, como representações de iônis com fissuras, pode ser aplicado a Ísis em Seu aspecto de "Portal para a Vida", "Grande Mãe" e "Parteira Divina".

Lâmpada ou lanterna — Esses objetos são associados a Ísis, principalmente a Seu aspecto como a esposa roubada, procurando pelos restos mortais de Seu marido.

"Lingam" — Veja "Falo".

Leme — O culto a Ísis foi considerado um "leme espiritual" que guia o devoto através dos mares da vida.

Lua cheia — Ísis era considerada idêntica à lua, embora essa associação não tenha prevalecido no Egito. Seu poder sobre as marés, particularmente importante para os navegantes gregos, também identificou a lua com a Deusa.

Lua crescente — O enfeite de lua crescente, ou os chifres da vaca que se parecem com a lua crescente, é encontrado nas representações egípcias e greco-romanas de Ísis.

Mantos de ocultação — Crowley associa Ísis aos Mantos Internos e Externos de Ocultação.

Ísis foi forçada a se disfarçar várias vezes durante os mitos de Osíris — quando escapou da prisão onde havia sido colocada por Set, quando entrou para o serviço da Rainha Astarte, em Biblos, para ficar perto do caixão de Osíris e novamente quando criou Hórus sozinha nos pântanos delta. Mais uma vez, Ísis recorreu ao disfarce, dessa vez de uma senhora idosa, para enganar Set e chegar à ilha onde os deuses decidiam o destino de Hórus e Set. Esses incidentes A associaram ao disfarce, personificação, ocultação e à habilidade de não ser notada.



Medidor de grãos — O *modius*, uma vasilha para pesar grãos, é ocasionalmente visto em representações de Ísis. Essa vasilha de forma estranha, mais larga no bocal do que no fundo, aparece mais em representações de Serápis. Veja também "Trigo".

"Modius" — Veja "Medidor de grãos".

Navios — Como Deusa da Navegação e como uma deusa que navega na Barca de Rá, ou guia o barco funerário de Osíris, os navios também eram Seus símbolos. Muitos navios receberam o nome

"Ísis", principalmente aqueles que faziam a rota do transporte de grãos entre o Egito e o resto do Mediterrâneo.

Um comentador antigo, Tacitus, estudou os rituais funerários em navios vikings e sugeriu que eles derivavam dos ritos de Ísis. Pequenos navios eram lançados durante os festivais da navegação (*Isidis Navigium*), e modelos de navios eram levados nas procissões.

O cálice e a cruz do sofrimento — Aleister Crowley associa esses símbolos mágicos a Ísis.



O nó Thet ou Set — o Nó de Ísis, talvez um símbolo estilizado dos órgãos reprodutores femininos, era usado como um amuleto ou incorporado às vestimentas ritualísticas. Veja o começo deste capítulo para mais informações.

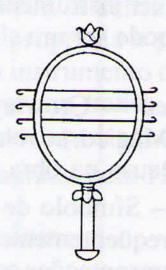
Pão — Como um símbolo mágico, Aleister Crowley associa o pão a Ísis.

Pentagrama — A estrela de cinco pontas foi associada a Ísis e formava um componente do hieróglifo do nome Ísis-Sothis.

Há uma controvérsia entre os praticantes da religião egípcia pura quanto ao fato de a estrela de cinco pontas ter sido alguma vez associada a Ísis ou a qualquer outra divindade. O pentagrama também foi associado à Virgem Maria, e nos romances arturianos foi representado em um escudo como símbolo de proteção para o cavaleiro que o empunhasse.

O mitólogo Robert Graves, em seu livro *Difficult Questions, Easy Answers* [Perguntas difíceis, respostas fáceis], inclui um ensaio com o título "O pentagrama de Ísis".

Serpentes — Serpentes eram, com freqüência, carregadas nas procissões de Ísis, e a própria Deusa e seu marido, Osíris, foram representados com corpos de serpente.



Sistro — Um símbolo comum do culto a Ísis, geralmente gravado nas pedras dos túmulos de sacerdotes e sacerdotisas, e presente, com freqüência, em outras representações da Deusa, ou de Suas sacerdotisas.

Sítula — Um pequeno balde, usualmente cheio de leite, levado nas procissões de Ísis. Era comum deixar que o conteúdo do balde espirrasse no chão, abençoando-o.

Triângulo — Os triângulos, quer apontem para cima quer para baixo, mostram uma associação com Ísis. O triângulo invertido com a ponta para baixo é um símbolo do iôni, essencial da feminilidade. Pitágoras, o filósofo e matemático que, acredita-se, também foi um iniciado de Ísis, pode ter dado origem ao título de Ísis "Base do Mais Perfeito Triângulo", que A associa claramente com a figura geométrica de três lados.

Trigo — Há representações de Ísis segurando talos de trigo, principalmente nas regiões onde Ela era identificada como a deusa Deméter ou como a padroeira das frotas de navios egípcios que carregavam trigo.

Trono — O trono de três pernas, símbolo de Ísis, é muitas vezes representado na cabeça ou no penteado da Deusa.

Uraeus — A pequena serpente emergindo da testa, ou de uma faixa ao .edor

da cabeça, simboliza a divindade de Ísis como Rainha do Egito.

Varinha — A varinha, como sinal de poder mágico, e por causa de suas associações fálicas, também é vista como um símbolo de Ísis. O bastão mágico que Ela carrega, na iconografia egípcia, como o bastão com a lótus e o de Set, é forma de varinha que possui poder de magia.

Vela — Ísis é freqüentemente representada nas moedas greco-romanas segurando as bordas de uma vela ondulada e proclamando Seu poder sobre os ventos e os mares.

Madeiras

Cedro — O comércio de cedro com a região que hoje é o Líbano era importante para os egípcios, que usavam muito essa madeira fragrante. O culto a Ísis era freqüentemente levado aos portos estrangeiros onde a madeira era carregada nos navios, para ser transportada ao Egito. Em decorrência do amor das civilizações antigas pela cedro, essa madeira está praticamente extinta no Líbano atualmente.

Madeira cítrica — Era às vezes usada na fabricação de objetos ritualísticos para o culto a Ísis.

Pinho e abeto — Esses tipos de madeira eram usados para fabricar os navios lançados no Festival da Navegação — *Isis Navigium*. Os altos mastros dos navios eram extensivamente decorados — talvez tenham sido os precursores das árvores de Natal.

Um dos festivais de Osíris incluía o ritual de esculpir uma imagem de Osíris em um pinheiro. A imagem era, então, levada de volta para o centro da árvore e deixada lá por um ano. No final do período, ela era queimada e uma nova imagem era esculpida.

Pinhas eram freqüentemente oferecidas a Osíris.

O ESPECTRO DE ÍSIS NAS VESTIMENTAS RITUALÍSTICAS

Como Senhora da Luz, Ísis reivindica Seu domínio sobre todas as cores do espectro, e Seus mantos de muitas cores foram criados para deslumbrar os olhos dos devotos. Embora a cor branca fosse a preferida, ou a mais comum, entre os sacerdotes e sacerdotisas, havia muitas exceções. Os "Melanofores", ou "Aqueles que vestem negro", preferem usar mantos pretos para simbolizar o luto de Ísis ao procurar por Osíris.

Os estilos de roupas antigos eram conservadores, pouco se alterando durante longo período de tempo. Muitas roupas ocidentais modernas são limitativas. Na língua inglesa, a expressão *buttoned down* [abotoado de cima a baixo] é uma gíria que se refere a uma personalidade restrita, com pouca liberdade física ou mental. As vestimentas egípcias, romanas e gregas contavam com a decoração artística dos tecidos. Algumas partes eram costuradas ou presas com broches e alfinetes, mas muitos estilos exigiam uma colocação cuidadosa do tecido. Em certo sentido, os povos antigos escondiam os corpos em vez de vesti-los.

Embora não seja necessário vestir roupas especiais para orar ou realizar um ritual com sucesso, você perceberá que usar vestimenta especial é um acréscimo ao rito. Os tecidos gradualmente reúnem vibrações compatíveis com os ambientes aos quais são expostos.

Cor, peso e tipo de material têm importante papel na mudança de seu ambiente pessoal. Algumas dessas mudanças são óbvias: alguns tecidos o mantêm mais aquecido, outros, mais refrescado. As condições do corpo definitivamente influenciam as condições mentais. Se você optar pela criação de um manto especial, use um tecido que gosta de tocar.

Lembre-se de que os mantos tendem a reter o calor do corpo; acrescente o uso

de velas, incenso, um grupo de pessoas e áreas pequenas, e você entenderá por que muitas pessoas preferem realizar os ritos praticamente nuas. Alguns sacerdotes representados nas imagens relativas a Ísis usavam apenas quiltes, enquanto outros eram representados vestindo o manto completo. Um manto ritualístico pronto para ser usado, tanto por homens quanto por mulheres, pode ser encontrado na forma do moderno *galabayah*, reto, solto, com mangas, em lojas que vendem roupas do Oriente Médio ou da África.



Uma sacerdotisa de Ísis

Os mantos das sacerdotisas

Ísis e Suas sacerdotisas foram representadas em tantas cores, estilos e vestes diferentes que não há qualquer limitação a respeito do que uma sacerdotisa pode vestir. Seja qual for a vestimenta, ela ainda estará "dentro do estilo". Muitas representações de Ísis em pinturas nos templos e túmulos mostram-Na trajando uma esbelta vestimenta típica egípcia, coberta por estampas tecidas ou bordadas. Um estilo apresentava o desenho das asas cruzadas do abutre sagrado envolvendo os quadris da Deusa.

O escritor e iniciado Plutarco, em seu livro *On Isis and Osiris* [Sobre Ísis e Osíris], descreve os mantos de Ísis como "matizados em cores (porque Seu poder essencial está relacionado com o material que se transforma em tudo e recebe tudo), luz e sombra, dia e noite, fogo e água, vida e morte, início e fim".

Plutarco contrasta esses trajes multicoloridos com o manto de Osíris, que ele diz não ter nada escuro ou que varie desse tom. Em vez disso, o manto de Osíris é de "uma cor simples, uma cor de luz; porque a origem das coisas não é adulterada, e o elemento primário, que é espiritualmente inteligível, não é misturado. Por essa razão, eles vestem essa roupa apenas uma vez e depois a retiram, preservando-a, sem ser vista ou tocada, ao passo que usam os mantos de Ísis muitas vezes".

A sacerdotisa de Ísis da Natureza, Vivien Le Fay Morgan — do clássico e mágico romance de Dion Fortune *Moon Magic* [A magia da lua] —, descreve suas preferências por cores, vestimentas e adornos. A heroína evita as cores primárias e prefere os tons sutis e opalescentes contrastados com batons de cores vivas e longas unhas esmaltadas, embora para realizar os rituais ela não use adornos nas mãos. Ela dá preferência a peles e mantos longos feitos de tecidos finos. Usava anéis e pedras preciosas de muitos tipos, cuidadosamente escolhidos de acordo com seus efeitos durante o dia ou a noite. As esmeraldas eram reservadas para a noite, jun-

tamente com pérolas e opalas; durante o dia, ela dava preferência ao âmbar ou coral, malaquita, lápis ou jade.

Os mantos dos sacerdotes

Apuleius descreve os mantos que fez após completar com sucesso sua iniciação nos mistérios de Ísis. Sempre cuidadoso em manter seus votos secretos, ele afirma que se sente livre para comentar sobre os mantos apenas porque eles foram vistos por muitas pessoas, quando se apresentou diante da congregação depois do ritual; e, portanto, listá-los em detalhes não representa trair a iniciação recebida.

Apuleius vestia doze estolas, uma vestimenta feita de fino linho ricamente bordado com flores e uma estola de olímpica coberta com dragões indianos, grifos hiperboreanos e outros animais vindos "das outras partes do mundo", aparentemente da Ásia e do subcontinente indiano. Na mão direita, segurava uma tocha acesa e vestia uma guirlanda de flores feita de folhas de palmas brancas, espalhando-se como em um tipo de halo sobre a cabeça, evocando os raios do sol.

Enquanto os mantos da iniciação de Apuleius eram elaborados, a vestimenta diária dos sacerdotes é geralmente simples e de cor branca. Às vezes, um sacerdote de Ísis vestia apenas um quilte, deixando o peito nu ou parcialmente coberto por uma estola. Os sacerdotes dos níveis mais altos vestiam uma pele de leopardo junto com o quilte.

Em épocas posteriores, os sacerdotes greco-romanos vestiam uma roupa decorada e eram distinguidos principalmente pelas cabeças raspadas — freqüentemente eles raspavam as sobrancelhas, os cílios e qualquer outro pêlo do corpo. As sacerdotisas do período greco-romano geralmente usavam o cabelo cacheado ou o mantinham "longo e abundante" (como Apuleius descreve o Cabelo da Própria Ísis em seu encontro com a Deusa à beira-mar). No Egito, as mulheres também tinham o costume de raspar o cabelo, mas usavam perucas nas cerimônias.

O efeito da luz

A luz de uma vela, em essência uma fonte chamejante da luz do sol, é muito benéfica ao cérebro humano. A iluminação incandescente pode variar de quente a fria; de modo geral, a iluminação suave não apenas é mais lisonjeira para a forma humana, como também é mais saudável. Tanto a luz de uma vela quanto a iluminação incandescente acrescentam o amarelo às cores das roupas que você estiver vestindo.

A iluminação fluorescente, aclamada por ser mais barata e mais eficiente no uso da energia, tem um efeito muito negativo sobre o cérebro humano. O índice de radiação cintilante e o espectro severamen-



Um sacerdote de Ísis, no estilo greco-romano.

te reduzido fazem com que seja muito difícil pensar e manter-se atento. Seria interessante pesquisar se a queda significativa do aproveitamento escolar nos Estados Unidos reflete o movimento comunitário educacional no sentido de adotar salas de aula sem janelas, iluminadas artificialmente com lâmpadas fluorescentes.

Lâmpadas fluorescentes de espectro total reduzem um pouco os efeitos negativos, assim como a colocação de painéis, que agem como filtros colocados sobre as lâmpadas. Usar um chapéu ou visor também pode reduzir um pouco os efeitos danosos da iluminação fluorescente.

Estranhamente, as lâmpadas de néon, embora construídas de modo semelhante às fluorescentes, oferecem uma fonte muito pura de luz colorida em tons vivos, dificilmente encontrada em outro lugar. Embora a luz néon possa causar alguns problemas de saúde, ela é excelente para o propósito de fornecer uma luz pura e colorida.

A influência da cor

O modelo correto da vestimenta é irrelevante no que diz respeito à eficácia de seu trabalho com Ísis. Contudo, um bom modelo de vestimentas ritualísticas pode fortalecer suas experiências. A cor também é um elemento fortalecedor. As cores que você usa nas roupas afetam a quantidade dos vários espectros de luz refletindo em seus olhos.

A medicina e a ciência ortodoxas estão começando a perceber, e divulgar, os efeitos dramáticos dos diferentes tipos de luz sobre o cérebro humano. As cores que "lhe caem bem" têm pouca relação com as cores benéficas ao seu cérebro. Segurar os tecidos à altura dos olhos, ou cobrir a cabeça com eles, lhe mostrará quais as melhores cores para a sua mente. Você perceberá que algumas cores são estimulantes, outras o relaxam. Para as roupas ritualísticas, escolha cores que induzam a um estado meditativo.

Você se surpreenderá ao descobrir quais cores evocam a resposta desejada. Elas podem mudar de acordo com o estado emocional da pessoa, a saúde e até mesmo o período do ano.

O local onde mora também pode influenciar a sua necessidade de luz colorida. Uma pessoa que viva no deserto provavelmente não sentirá necessidade da luz amarela; outra que resida perto do mar sempre estará repleta do espectro azul. Indivíduos que residem em áreas com muita fumaça e que trabalham sob iluminação fluorescente podem sofrer de deficiência de luz colorida em praticamente todo o espectro e compensam essa falta com o uso de roupas com cores vibrantes, tanto em rituais quanto no dia-a-dia.

Alguns tecidos refletem mais luz do que outros. As sedas, embora caras, têm um brilho e pureza de cor difíceis de ser encontrados em outros tecidos. O rayon, mesmo sendo um material sintético, é benéfico às pessoas e possui algumas das qualidades de reflexão da seda por um preço bem mais acessível. Também tem um bom caimento quando usado para confeccionar vestimentas ritualísticas. Os tecidos de algodão também são bons quando tingidos com cores vivas. Contudo, eles freqüentemente desbotam com o passar do tempo, e isso afetará a percepção das cores.

Combinar cores pode ser muito eficaz para induzir ou limpar os estados da mente. As cores serão modificadas pela quantidade e fonte de luz nas áreas onde você as usa e por outras cores a elas combinadas — tanto em tecidos quanto em metais.

Escolhendo uma cor

Decidir qual cor fortalecerá sua espiritualidade é um processo extremamente pessoal e só pode ser realizado através da experiência. Adiante, seguem algumas associações mais comuns que o ajudarão a explorar o espectro.

Os tons pastel são versões mais suaves de seus "primos" mais vibrantes e têm um efeito menos pronunciado. To-

das as cores têm um brilho inerente, o que também afeta sua utilidade. O amarelo é extremamente brilhante, portanto mesmo um tom pastel amarelo trará uma forte energia.

Do lado oposto da escala de luminosidade, os tons escuros de azul tendem mais a absorver do que refletir a luz, assim como os tecidos pretos opacos. Entretanto, uma cor escura em um tecido que reflete a luz emanará sua própria cor, bem como pequenas porções do restante do espectro.

Cores escuras, mas brilhantes, e pêlos pretos de animais refletirão pequenas porções de luz de todas as cores — observe esse efeito da próxima vez em que encontrar um amigável labrador *retriever* deitado ao sol. Porém, esse reflexo do restante do espectro é, geralmente, muito sutil para ser usado eficazmente na correção de deficiências ou para influenciar humores. Vestir somente roupas pretas aumentará o efeito das cores ao seu redor sobre o seu estado de espírito e também fará com que o tom de luz refletido de sua pele e cabelo seja muito importante. Os óleos existentes na pele fazem com que todos os seres humanos, sem exceção, reflitam a luz branca.

Amarelo — Geralmente estimulante. A falta da luz amarela causa depressão. Algumas deficiências da luz amarela podem ser compensadas com o uso de uma lâmpada incandescente.

Azul — Acalma e suaviza. A falta do espectro azul pode causar irritabilidade e nervosismo. O excesso da cor azul pode causar depressão, como a expressão em inglês *feeling blue* indica*. Lápis-lazúli ou azul real, no entanto, não costumam provocar esse estado.

Magenta e fúcsia — São cores púrpuras, com fortes tons de vermelho, que são mais estimulantes que as variedades de fortes tons de azul.

Roxo, violeta e lavanda — Como todas essas cores contêm grande variedade de tons vermelhos e azuis, elas podem promover o equilíbrio, ao mesmo tempo que causam um efeito ligeiramente estimulante.

Muitas pessoas são tão fortemente atraídas por essas cores que evitam usar quaisquer outras, o que não é geralmente aconselhável. Vestir somente roupas roxas pode levar a deficiências nas ordens amarelas e verdes, e também a quaisquer porções de espectros vermelho e azul puros, que não estão incluídas no tom roxo.

Turquesa — Calmante, mas sem os efeitos sedativos do azul puro. A cor turquesa pode propiciar uma influência eufórica e é uma boa cor para trabalhos espirituais.

Verde — Aumenta a criatividade. A falta da cor verde contribui para a letargia mental e pensamentos em clichê. O verde é a cor mais prevalecente do espectro e difícil de ser superdosada. Mesmo as cores de pele contêm uma surpreendente quantidade de verde. Isso explica por que as pessoas aparecem esverdeadas na televisão, se o equipamento usado pelos canais para transmitir a imagem não estiver funcionando adequadamente.

Vermelho — Aumenta a energia; estímulo mental e sexual. A falta do espectro vermelho pode causar depressão. Excesso da cor vermelha pode levar à agitação, irritabilidade e raiva.

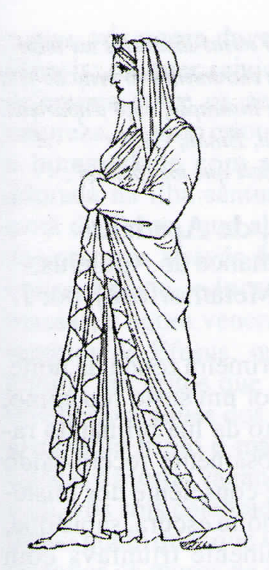
☽•◈•☾

As luzes coloridas podem também ser incorporadas em rituais pessoais. Lampiões de vidro com óleos coloridos e velas em recipientes de vidro colorido podem propiciar o nível necessário de freqüências de luz.

* N. da trad. A palavra "blue", em inglês, significa também "triste, deprimido". A expressão acima pode ser traduzida como "sentindo-se triste".

Ao fortalecer seus ritos e estado de espírito ritualístico com cores, você provavelmente descobrirá que está muito mais consciente sobre as cores, de modo geral. Sua percepção de diferenças sutis entre as cores de tons semelhantes o surpreenderá.







CAPÍTULO SEIS

A SEXTA HORA DA LUZ DO DIA

EXALTAÇÃO A ÍSIS

PRECES CANTADAS E INVOCAÇÕES

Através da história, os devotos de Ísis cantam e falam para Ela. As preces cantadas, prodigamente apresentando os frutos de Sua benevolência e recitando Sua história, eram encontradas em muitos templos. Autores modernos nos forneceram invocações que criam uma ressonância em quem as entoa, chamando uma porção do Poder Divino, de modo que a sacerdotisa e a deusa compartilham da mesma essência[8].

Possivelmente, os cânticos mais evocativos — e invocativos — criados no século passado são os encontrados nos romances mágicos de Dion Fortune. São mais bem compreendidos dentro do contexto das histórias, mas aqui está um deles.

8. Uso o termo "sacerdotisa" aqui, porque é mais comum para uma mulher do que para um homem invocar a deusa com sucesso. Entretanto, isso pode ser feito por um homem, do mesmo modo que uma mulher é capaz de invocar a energia de um deus. Nessas situações, é importante estar ligado aos aspectos próprios que o sacerdote ou sacerdotisa sintam serem da mesma natureza da divindade invocada. Isso nada tem a ver com aspectos "passivos" ou "ativos" da divindade; o assunto envolve os pontos de identificação entre o sacerdote ou a sacerdotisa e a divindade. Pode ser mais fácil para alguns homens invocar Ísis, por exemplo, falando através de suas imagens *anima* — uma visualização da parceira perfeita (que é, na verdade, um aspecto deles próprios).

Isso só se refere à invocação, que é o ato de trazer para dentro de si a energia divina. A evocação, ou o chamado da divindade, pode ser feita eficazmente por pessoas de qualquer sexo para divindades de qualquer sexo.

Invocação a Ísis

Eu sou a estrela que nasce do mar, do mar do crepúsculo.
Eu trago aos homens sonhos que governam seus destinos.
Eu trago as marés da lua às almas dos homens.
As marés que fluem e diminuem e fluem novamente;
Que fluem e diminuem e fluem alternadamente,
Esses são meus segredos, eles pertencem a mim.
Eu sou a Mulher Eterna — Eu sou Ela
As marés das almas de todos os homens pertencem a mim.
As marés que fluem e diminuem e fluem novamente;
As marés secretas e silenciosas que governam os homens;
Esses são meus segredos, eles pertencem a mim.
Fora de minhas mãos, ele enfrenta seu destino;
O toque das minhas mãos traz serenidade —
Essas são as marés da lua, elas pertencem a mim.
Ísis no Paraíso, na terra, Persífone,
Diana da lua e Hecate,
Ísis velada, Afrodite do mar,



Ísis-Afrodite (Vênus).

Tudo isso sou eu e essas coisas são vistas em mim.
A alta lua cheia brilha claramente no meio do céu;
Eu ouço as palavras de invocação, ouço e apareço...
Shaddai el Chai e Rhea, Binah, Ge,
Eu venho para o sacerdote que me chamou[9].

Adoração a Ísis, de Apuleius

Da tradução do romance de Apuleius, *Metamorphoses* [Metamorfose], por J. Gwyn Griffith.

Por volta da primeira ronda da noite, eu fui despertado por um susto repentino, e vi o orbe completo da lua brilhando radiante e esplendorosamente recém-saído das ondas do mar; e consciente dos mistérios silenciosos da noite escura, sabia que, agora, a deusa eminente triunfava com poderes especiais e que todas as coisas humanas eram governadas por sua providência, enquanto não apenas o gado e outros animais, mas também seres sem vida eram revigorados pelo favor divino de sua luz e majestade. Todos os seres na terra, no mar e no céu foram abençoados por seu favor, e em outro, afligidos através dela, com declínio. Agora que, ao que parece, o destino já se aproveitou de meus muitos e grandes infortúnios, e oferecia, embora tarde, uma esperança de libertação, decidi voltar minhas preces à imagem sagrada, que agora se faz presente. Assim, desprendendo-me de vez do descanso inerte, eu me levantei alegre e ansiosamente, e, com pressa para me purificar, banhei-me nas águas do mar. Por sete vezes mergulhei a cabeça nas ondas, já que o divino Pitágoras afirmou que esse número é especialmente adequado em ritos sagrados. Depois, com o rosto manchado pelas lágrimas, orei à deusa toda-poderosa, proferindo as seguintes palavras:

"Oh, Rainha do Paraíso — quer sejais vós Ceres, a primeira e generosa mãe das sementes, que, feliz pelo retorno da filha, removeu a forragem do rude carvalho e mostrou aos homens gentil alimento, após

9. Fortune, Dion, *The Sea Priestess*, Londres: publicação independente, 1938.

o que, vós agora deveis honrar o solo de Elêusis; ou quer sejais Vênus, que uniu a diferença entre os sexos no começo da natureza, quando criou o Amor, e após unir a humanidade com a crescente prole é adorada na ilha santuário de Pafos; ou a irmã de Febus, que aliviou o nascimento das crianças através de remédios e, como conseqüência, educando as abundantes massas, é agora venerada e celebrada nos templos de Éfesus; ou como Proserpine, temida em gritos que atravessam a noite, repelindo ataques dos espíritos com o seu semblante triplo e mantendo fechadas as trancas da terra, vagando por bosques aqui e ali, vós sois celebrados em diferentes ritos — quem quer que vós sejais, iluminando todos os muros da cidade com a luz feminina, alimentando com fogos brilhantes as felizes sementes e concedendo iluminação incerta quando das divagações de vosso caminho, por qualquer nome, cerimônia ou semblante pelo qual seja correto chamar-vos, ajudai-me agora nas profundezas do meu problema, fortalece meu destino destruído, assegurai repouso e paz após a resistência a horríveis tribulações; considerai-as sofrimento suficiente, perigo suficiente. Removei a cruel forma de quatro pés, devolvei-me à visão daqueles a quem amo, restaurai minha própria identidade como Lucius. E se alguma divindade estiver irada, de modo a me perseguir com crueldade implacável, pelo menos permiti vós que eu morra, se não tenho permissão para viver realmente".

Quando apresentei minhas preces desse modo, acrescentando as terríveis lamentações, o sono novamente envolveu meu fraco espírito e dominou-me. Mal havia me acomodado quando, do meio das águas do mar, uma face divina apareceu, mostrando acima das águas um semblante que até mesmo os deuses devem admirar; e então, gradualmente, a imagem radiante apareceu por completo à minha frente. Tentarei explicar a sua maravilhosa aparência, se a pobreza do vocabulário humano me permitir encontrar palavras para descrevê-la, ou se a própria divindade emprestar-me sua rica bagagem de eloqüente retórica.

Em primeiro lugar, o cabelo longo e abundante, gentilmente cacheado sobre a nuca divina, ou solto, caindo sobre os ombros suavemente. Uma coroa com muitos desenhos e tipos de flores adornava sua majestosa cabeça; ao centro, um disco plano, posicionado acima da testa, brilhava tão claramente como um espelho, ou como a lua, e estava envolvido por serpentes dos lados direito e esquerdo; acima, era adornado com espigas de milho estendidas. Sua



Ísis-Ceres (Deméter).

túnica era de muitas cores, totalmente tecida em linho fino, às vezes clara como uma cintilação branca; outras, amarela como a cor do açafrão; às vezes, vermelha como uma chama. Porém, o que mais surpreendeu minha visão foi o manto profundamente negro, resplandecente com um brilho negro; ele envolvia o corpo, retornando por baixo do lado direito ao ombro esquerdo, uma parte do tecido caía como se fosse um nó; o manto ondulava graciosamente, ornado com borlas nas extremidades mais baixas.

Ao longo das beiradas bordadas e por todo o corpo do material, estrelas brilhavam, e, no meio delas, uma meia lua respirava uma chama de fogo. Mas sempre que o magnífico manto se movia, uma guirlanda feita com todos os tipos de flores e frutas juntava-se a ele. Ela carregava objetos de diferentes tipos. Na mão direita, segurava um chocalho de bronze, no meio do qual algumas barras, atravessando uma fina chapa de metal curvada como um cinto, emitiam um tinido, quando o braço vibrava três vezes. Na mão esquerda, tinha uma vasilha de ouro, em cujo cabo, na parte visível, enrolava-se uma serpente com a cabeça arqueada. Os pés de ambrosia estavam cobertos por sandálias tecidas com folhas de palmeira. Assim era a grande deusa que, respirando a abençoada fragrância da Arábia, dignou-se a falar comigo.



Ísis-Diana.

"Eu estou com você, Lucius, movida pelas suas orações, eu, que sou a mãe do Universo, a senhora de todos os elementos, a primeira filha do tempo, a mais alta das divindades, a rainha dos mortos, a principal de todos os seres divinos, a forma única que funde todos os deuses e deusas; eu, que ordeno por meu desejo as alturas estreladas do céu, as brisas saudáveis do mar, e o horrível silêncio dos que habitam o submundo: sou adorada em todo o mundo em formas variadas, em ritos e nomes diferentes.

"Por isso os firigeus, a primeira das raças, me chamam de Pessinuntia, Mãe dos Deuses; os atenienses, nascidos de seu próprio solo, me chamam de Cecropéia Minerva; os nativos de Chipre me chamam de Pafian Vênus; os cretenses, de Diana Dictinna; e os trilíngües sicilianos, Ortigian Proserpine; para os eleusianos sou Ceres, a deusa antiga, para outros sou Juno, Belona e Hectate e Rhamnusia. Mas os etíopes, que são iluminados pelos primeiros raios do deus sol, quando ele nasce todos os dias, junto com os africanos e os egípcios, que têm a excelência de possuir a doutrina original, honram-me com meus ritos característicos e me chamam pelo nome verdadeiro — Rainha Ísis.

"Estou aqui me apiedando de seus tormentos; estou aqui para conceder ajuda e consolo. Que cessem as lágrimas e as lamentações, deixe de lado suas tristezas; através do meu poder, o dia da salvação chega até você..."[10]

10. Apuleius de Madaura, *The Isis Book* (*Metamorphoses, Book XI*), traduzido e comentado por J. Gwyn Griffiths, Leiden, Holanda: E.J. Brill Publishing Company.

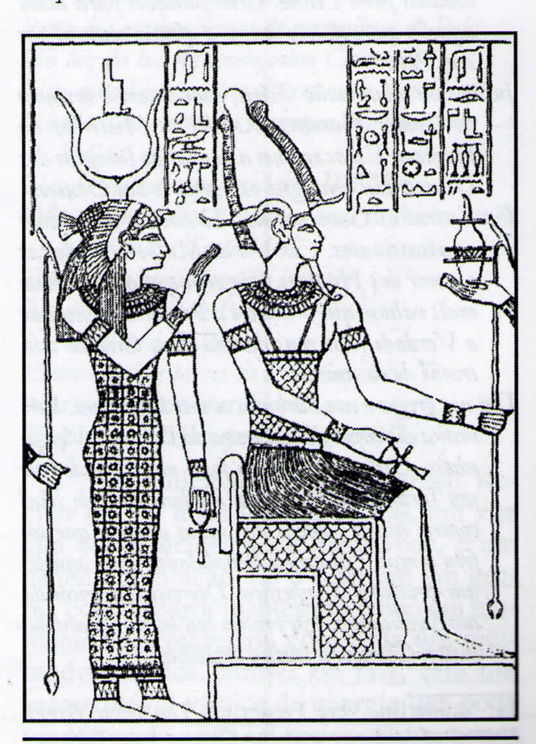
Um hino de Isidoro

A seguir, apresento uma das canções de louvor escritas por Isidoro, que venerava Ísis em Madinet Madin no Oásis Faioum, distrito do Egito, por volta do primeiro século a.C.

O texto original deste hino foi inscrito nos blocos do templo e propiciou um modelo para os devotos que visitavam o espaço sagrado da Deusa.

Terceiro hino

Oh, governante dos maiores Deuses,
Hermotis, Senhora,
Ísis, pura, a mais sagrada, poderosa, do Nome poderoso, Deo,
Oh, a mais consagrada Doadora das coisas boas,
A todos os homens que são justos;
Você concede grandes bênçãos: possuir riquezas,
Uma vida prazerosa e a felicidade mais serena:
Ganhos materiais, boa sorte e feliz sensatez de entendimento.
Tudo o que vive está em grande felicidade, os melhores homens:
Reis carregam o cetro e aqueles que são governantes,
Se eles dependem de Você, governarão até avançada idade,
Vivendo na abundância da luz e da esplêndida riqueza
Para seus filhos, e os filhos de seus filhos, e os homens que vierem depois deles.
Mas aquele a quem a Rainha do paraíso considerar o mais amado dos príncipes
Governará a Ásia e a Europa
Mantendo a paz; as colheitas serão abundantes para ele
Com todos os tipos de coisas boas, gerando frutos...
E onde houver guerras e mortes
De incontáveis multidões,
Sua força e poder divinos
Aniquilarão aqueles que estão contra ele;
Mas àqueles que estão do seu lado, dará coragem.
Ouça-me Agatetiche,
Quando eu rezo para você, Senhora
Esteja você em jornada para a Líbia ou na direção do vento sul,
Ou residindo nas mais distantes regiões onde o vento do norte sempre sopra gentilmente,
Ou residindo nas regiões do ardente vento leste, onde ocorre o nascimento do sol,
Ou tenha ido para o Olimpo, onde os deuses vivem,
Ou esteja no paraíso, acima de nós, uma juíza junto com os deuses imortais,
Ou tenha subido na carruagem do sol,
Você governa o mundo dos homens,
Menosprezando as muitas ações dos maus
E observando as ações dos justos.
Se estiver presente aqui, também, Você testemunha a virtude individual,
Deleitando-se com os sacrifícios, libações e oferendas,
Dos homens que residem no Nome de Suchos, os Arsinoites,
Homens de raças misturadas que todos os anos estão presentes
No vigésimo dia do mês de Pachon e Thoth, trazendo um dízimo para Você.
E para Anchoes, e Sokonopis, os mais sagrados deuses, em Seu banquete.
Oh, aquela que ouve as preces, Ísis em manto negro, a Misericordiosa,
E Vocês, Grandes Deuses que compartilham o templo com Ela,



Ísis e Osíris.

Enviem Cantos de Triunfo para mim, Oh, aquela que cura todas as doenças[11].

Um antigo hino para Cime

Eu sou Ísis, a senhora de Todas as Terras, e fui ensinada por Hermes, e com Hermes eu inventei as Letras, tanto as Sagradas quanto as Não Sagradas, para que tudo possa ser escrito com elas [as letras].

Eu dei e ordenei Leis aos homens, que ninguém é capaz de alterar.

Eu sou a filha mais velha de Cronos. Eu sou mulher e irmã do Rei Osíris. Eu sou aquela que encontra frutos para os homens. Eu sou a mãe do Rei Hórus.

Eu sou aquela que nasce na estrela do cão. Aquela, que é chamada de deusa pelas mulheres. A cidade de Boubastis foi construída para mim.

Eu separei a terra dos céus. Eu mostrei o caminho das estrelas. Eu ordenei o curso do sol e da lua. Eu criei os negócios no mar.

Eu tornei o Homem forte. Eu reuni a Mulher e o Homem. Eu instruí as Mulheres a ter seus filhos no décimo mês. Ordenei que os Pais fossem amados pelos Filhos. Criei punições para todos aqueles que agissem contra a afeição natural por seus Pais.

Junto com meu irmão Osíris, acabei com o costume de Comer Homens. Revelei os Mistérios ao Homem. Eu os ensinei a honrar as Imagens dos Deuses. Eu consagrei os Lugares dos Deuses.

Eu destruí os Governos dos Tiranos. Acabei com os assassinatos. Compeli as Mulheres a aceitar o amor dos Homens. Fiz com que o Justo fosse mais valioso que o Ouro e a Prata. Ordenei que a Verdade fosse considerada Boa. Criei os contratos de casamento.

Dei aos gregos e aos bárbaros a sua linguagem. Permiti a distinção da natureza do Belo e do Vergonhoso. Ordenei que nada fosse mais temido que um Juramento. Entreguei o Planejador do Mal contra outros homens nas mãos daquele que sofreu o mal. Estabeleci Penalidades para aqueles que praticam a Injustiça. Decretei Misericórdia aos Suplicantes. Eu protejo [ou honro] guardiões justos. Comigo, a Justiça prevalece.

Eu sou a Rainha dos Rios e Ventos e do Mar. Ninguém é honrado sem que eu saiba. Sou a Rainha da Guerra. Sou a Rainha do Trovão. Eu agito o mar e o acalmo. Estou nos Raios do Sol.

Se eu desejar, tudo pode terminar. Comigo, tudo é sensato. Eu liberto aqueles que estão presos. Eu sou a Rainha das Navegações. Transformo o que é navegável em inavegável, se assim desejar.

Eu criei os Muros das Cidades. Sou chamada Aquela que dá a Lei[12]*. Trouxe Ilhas das Profundezas à Luz. Sou o Senhor da Tempestades*[13]*. Eu supero o Destino. O Destino me obedece.*

Saudações ao Egito, que me acalentou[14].

Criando novos cânticos

Os cânticos podem ser recitados ou cantados. Eles geralmente apresentam rimas, o que ajuda a induzir um estado receptivo na mente dos ouvintes e dos que os entoam, além de auxiliar a memória. Os cânticos são, geralmente, caracterizados por ritmos fortes; porém, batidas lentas e hipnóticas também podem ser encontradas em poderosos cânticos. O cântico mais simples, e um dos mais antigos, é um recital dos nomes e títulos da Deusa.

Um modelo bem simples consiste em usar três nomes da Deusa que comecem com a mesma palavra; depois, uma frase de invocação como *"Que Ísis esteja entre nós!"* ou *"Venha até nós, Ísis!"*. Esse é um maravilhoso tipo de cântico para entoar espontaneamente, já que você não pode errar desde que pense em três nomes para a Deusa (ou que inprovise rapidamente mais alguns!) e acrescente uma frase curta convidando-A a revelar Sua presença. Após alguns versos, esse formato de cântico gera muito poder. Pode ser feito em seqüência, que se inicia com a sacerdotisa ou o sacerdote, e continua com cada participante acrescentando um verso

11. Vanderlip, Vera Frederika, *The Four Greek Hymns of Isidorus and the Cult of Isis*, Toronto, Canadá: A.M. Hakkert, 1972.

12. "Aquela que traz a lei", um epíteto também aplicado a Deméter.

13. Ísis recebe um título masculino aqui.

14. Grant, Frederick C., *Hellenistic Religions: The Age Syncretism*. BobbsMerrill, Liberal Arts Press, 1953.

ou uma linha simples de um verso. Apresento, aqui, uma amostra curta.

Senhora da Luz (verso do nome)
Senhora da Vida (verso do nome)
Senhora das Plantas Verdes (verso do nome)
Venha até nós, agora! (verso da invocação)
Deusa da Magia
Deusa da Cura
Deusa da Claridade
Abençoe Seus filhos!
Senhora do poder
Senhora da Justiça
Senhora da Estrela da Noite
Ensine-nos sua sabedoria!
Ísis de Philae
Ísis de Mênfis
Ísis de Alexandria
Mostre-nos seus Lugares!

... e assim por diante. Como Ísis Mirionimus, Ísis da Miríade de Nomes, as possibilidades são infinitas. Veja a seção "Deusa dos dez mil nomes", logo a seguir, para conhecer outros nomes comprovados de Ísis.

Denominação dos lugares

Outro hino simples, mas comovente, é o da Denominação dos Lugares. Um tipo semelhante de hino a Ísis apresentava a Deusa declarando Seus atributos em diferentes lugares e Seus poderes para e sobre a humanidade. Cópias de alguns desses hinos foram encontradas em vários lugares dos templos, e, em alguns casos, os nomes dos autores (como Isidoro, de quem apresentamos um hino) e alguns detalhes sobre suas vidas sobreviveram por séculos.

Na sua forma mais simples, esses hinos antigos eram listas de todos os lugares onde o culto a Ísis era conhecido pelo autor. Esse formato pode ser facilmente adaptado para sua região e experiências próprias. Onde você estava quando meditou ou orou para Ísis? Escolha um meio agradável de listar o local, a cidade ou mesmo o nome da rua. Leia a combinação das palavras em voz alta e preste atenção. Tente alternar sílabas tônicas e átonas, como em poemas infantis. Essa técnica cria um ritmo fácil de lembrar e confere poder à entoação. Use rimas, se desejar. A quantidade de versos e sílabas, a perfeita obediência à métrica e o esquema das rimas realmente não importam. O que vale é que o poema/hino/cântico resultante funcione para você.

Como os cânticos que você cria são unicamente seus, será muito mais fácil memorizá-los do que aqueles que você simplesmente lê. Sinta-se à vontade para alterar os cânticos a cada entoação para refletir novos eventos ou relembrar um tempo ou local muito significativo para você. Do mesmo modo, fique à vontade para se ligar a alguns versos que você sempre repetirá inteiramente.

Aqui está um dos meus hinos de "Denominação dos Lugares":

Na hora do crepúsculo, perto do Oceano Pacífico
Na areia da praia de Laguna
Nos bosques das montanhas de Julian
Perto das escuras minas de turmalinas de Pala
Na luz da lua nascendo sobre Coronado
Nas agitadas e sombreadas ruas de San Diego
Úmida nas ondas das cavernas marítimas em La Folla
Nas fontes em camadas sobre Del Mar
Olhando por sobre as colinas onde os coiotes ainda habitam em Costa Mesa
Em uma planície fora da Novato
No deserto oásis de Palm Canyon
No claro ar de Alpina
Entre as altas torres de Los Angeles
Nas rodovias repletas de pessoas
Eu procurei e A encontrei, Sagrada Ísis.

A simplicidade é algo poderoso. Recitar um ou mais Nomes de Ísis, em voz alta ou silenciosamente para você, é um cântico de oração. Se o fizer em um grupo, com os participantes iniciando em momentos diferentes ou com cada um recitando um dos Nomes de Ísis, cria um inacreditável vórtice de energia que pode ser oferecido a Ísis e direcionado a um propósito que A agrade, como cura ou paz.

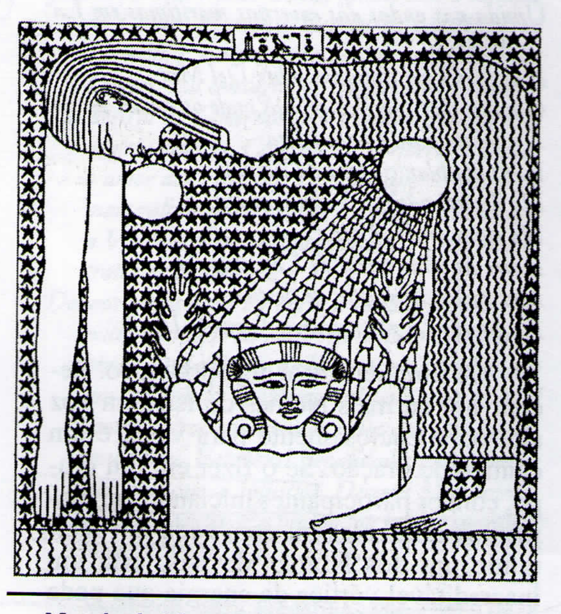
DEUSA DOS DEZ MIL NOMES

Estude todos os Seus nomes e você aprenderá sobre a relação da Terra com o Paraíso.

— O sábio (referindo-se a Ísis) no texto de Isha Schwaller de Lubicz, *Her-Bak, Egyptian Initiate* [Her-Bak, iniciado egípcio].

A simples menção dos nomes da Deusa era uma liturgia sagrada. Embora muitos títulos de Ísis tenham se perdido há muito tempo, e outros estão para ser descobertos, aqui segue uma lista de alguns nomes pelos quais Ela foi chamada — e atendeu ao chamado — durante Sua longa história.

A Deusa Bela
A Deusa de Tudo
A Divina
A Escondida
A Maior
A Maior de Todos os Deuses e Deusas
A Mais Poderosa
A Única
África



Nut, dando à luz ao sol, que brilha sobre sua filha, Hathor-Ísis.

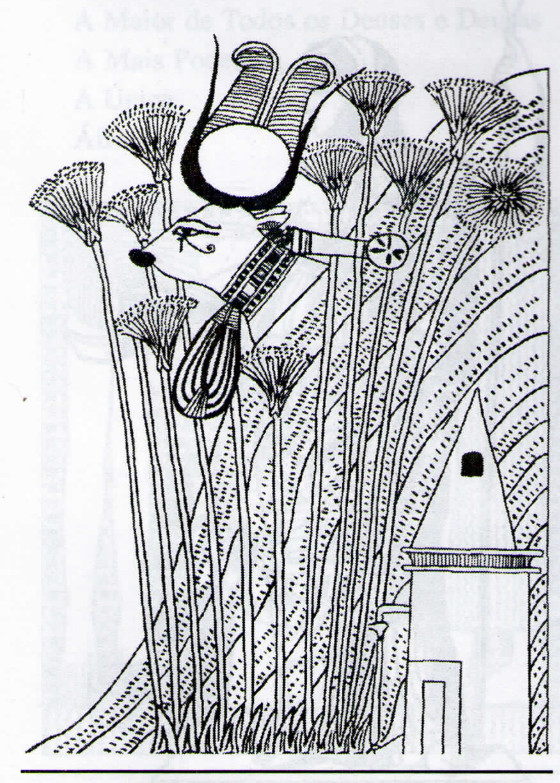
Afrodite
Ágape
Albula
Alegria
Alexandria
Alto Farol de Luz — Ísis louvada como o Farol de Alexandria
Amenti — A Escondida
Amizade
Ankhet — Criadora e Doadora de vida
Anqet — Aquela que abraça a Terra, criadora da fertilidade nas águas
Aquela com Bela Forma
Aquela cujos Louvores são Inumeráveis
Aquela que Abraça a Terra
Aquela que Carrega a Lótus
Aquela que é da Lua
Aquela que Frutifica
Aquela que Governa o Mundo
Aquela que Lança o Ataque
Aquela que Tem Asas Verdes e a Lua Crescente
Aquela que Tem Muitas Formas
Aquela que Tem Muitos Nomes
Aquela que Traz Luz para o Paraíso
Aquela que Tudo Ouve
Aquela que Tudo Recebe
Aquela que Tudo vê
Aquela que Vive
Aset — um modo de pronunciar Seu nome egípcio
Ast — outra pronúncia
Au Set — um título de Ísis em Denderah
Base do Mais Belo Triângulo
Benfeitora de Tuat (o Submundo)
Cornucópia de Todos os Nossos Bens
Coroa de Ra-Heru
Criação
Criadora de Monarcas
Criadora de Reis

Criadora do Fluxo do Nilo
Dea ex Machina — A Deusa na Máquina, a divina
Deusa da Umidade
Deusa das Encruzilhadas
Deusa de Todas as Deusas
Deusa Quinze
Deusa-Mãe
Deusa Verde
Diadema de Vida
Dikaiosyne — um aspecto associado à justiça
Dinâmica
Dinástica
Doadora da Vida
Educadora de Lydia — Ísis como educadora de Lydia
Enfermeira
Entendimento
Epekoos — Aquela que tudo ouve
Era venerada como forte deusa de cura
Euploia — Doadora da boa navegação
Faria — Ísis de Faros, o Farol de Alexandria
Filha de Geb
Filha de Nut
Filha de Seb
Filha de Thoth
Fonesis — personificação da Sabedoria
Galactotrouphousa — Ísis que amamenta, Aquela que confere o milagre do leite da vida
Gentil
Grande Deusa
Grande Deusa do Submundo
Grande Feiticeira que Cura
Grande Porca Branca de Heliópolis
Grande Senhora
Grande Senhora do Submundo
Grande Virgem
Guardiã
Guerreira
Guia
Habilidosa em Cálculos
Habilidosa em Escrever
Habitante de Netru
Hent — Rainha
Heqet — Ísis como detentora de grande magia
Hera — Ísis idêntica a Hera
Héstia — Ísis idêntica a Héstia
Hórus feminina
Imortal
Inventora — inventora de todas as coisas
Ísis-Afrodite
Ísis-Afrodite-Astarte
Ísis-Afrodite-Pelágia



Ísis-Héstia.

Ísis-Astarte
Ísis-Fortuna — Deusa do destino e da sorte
Ísis-Hathor
Ísis-Inanna
Ísis-Nike — Ísis associada à Deusa da vitória
Ísis-Tyche
Jóia do Vento
Juíza nas questões de amor sexual
Justitia — Ísis da Justiça
Khut — Aquela que traz Luz
Kourotrophos
Liberdade
Líder das Musas
Linopeplos — Ísis vestindo trajes de linho
Lochia
Lua
Mãe de Deus



Ísis-Hathor como a Deusa-Vaca olhando para a frente, na montanha funerária em Thebes.

Mãe de Hórus de Ouro
Mãe Divina
Mãe dos Deuses
Maia
Matéria
Mediadora entre os planos Celestial e Terrestre
Medicina Múndi — o Poder que cura o mundo
Menouthis — esse aspecto de Ísis era cultuado tanto em Menótis quanto em Alexandria.
Meri — Ísis como deusa do mar
Mirionimos — Ísis da Miríade de Nomes, Ísis dos Dez Mil Nomes
Mulher de Rá
Mulher do Senhor (Osíris)
Mulher do Senhor da Inundação (Osíris)
Mulher do Senhor do Abismo (Osíris)
Mulher do Trono — ver "Trono", mais à frente
Nanaia — Ísis idêntica à deusa Nanaia
Natureza
Neferses — a Bela
Noiva de Deus
Nome do Sol
Noréia — Ísis idêntica à deusa Noréia
Olho de Rá
Panthea — a Deusa de Tudo
Pantrocrateira — a Deusa que rege Tudo
Pelágia — Ísis do mar e como protetora dos navios
Perséfone
Pincípio Feminino na Natureza
Placidae Reginae — A Rainha da Paz
Ploutodotai — Ísis, Aquela que confere Riquezas
Pluounumos — Ísis dos Muitos Nomes
Poder Motivador ou Interveniente
Poder que Cura o Mundo
Poder que Impulsiona o Nilo

Polionimos — Aquela com Muitos Nomes
Primeira das Musas em Hermópolis
Primeira Filha do Tempo
Pteroforos — Ísis com Asas
Rá feminina
Rainha da Paz
Rainha da Terra
Rainha do Egito vestindo linho
Rainha do Paraíso
Rainha do Sul e do Norte
Raio de Sol
Ramo Novo
Renenet — Deusa da Colheita
Ressurreição e Vida
Saeculi Felicitas — a felicidade da nossa era
Sagrada
Salvadora
Salvadora da Humanidade
Salvadora dos Navegantes
Selene — A Lua
Senhora da Abundância
Senhora da Ascensão e Declínio
Senhora da Beleza
Senhora da Casa do Fogo
Senhora da Casa Grande
Senhora da Cerveja
Senhora da Chama
Senhora da Eternidade
Senhora da Guerra e da Lei
Senhora da Luz
Senhora da Paz
Senhora da Pirâmide
Senhora da Terra
Senhora da Terra das Mulheres
Senhora da Terra Sólida
Senhora da Vida
Senhora das Abelhas
Senhora das Colheitas Verdes
Senhora das Duas Terras
Senhora das Nascentes dos Rios e Mares
Senhora das Palavras de Poder
Senhora de Todas as Coisas Eternas
Senhora de Todos os Elementos
Senhora de Todos os Países
Senhora do Amor



A Deusa Mut (Grande Mãe), um aspecto de Ísis-Sothis.

Senhora do Ano Novo
Senhora do Calor e do Fogo
Senhora do Começo do Mundo
Senhora do Júbilo e da Alegria
Senhora do Mar
Senhora do Mundo
Senhora do Pão
Senhora do Trovão
Senhora do Vento do Norte
Senhora dos Encantamentos
Senhora Inefável
Senhora Ísis
Senhora que é uma Carruagem na Forma do Fogo
Senhora Rica em Nomes
Sesheta — Deusa da Literatura e da Biblioteca
Sochit — a Deusa dos Campos
Sophia — Ísis como Sabedoria Divina
Sothis — Ísis como a Deusa da Estrela Sothis (Sírius) e do Ano Novo
Terra
Toda Generosa
Trono — Ísis como Aquela que Confere o Trono
Uadjet — Ísis como a Deusa Cobra
Uma
Urthekau — Aquela que é Rica em Encantamentos Mágicos
Usert — Ísis como a Deusa da Terra, que dá vida
Venerandum — Aquela que Deve Ser Adorada

NOMES PESSOAIS DE SACERDOTISAS, SACERDOTES E DEVOTOS

Alguns nomes de sacerdotes, sacerdotisas e devotos de Ísis chegaram até nós através de escritos da história e de inscrições nos templos e túmulos. Segue uma lista de alguns deles:

Alexandra (f)
Anthia (f)
Antonius (m)
Anuph (m)
Apollodorous (m)
Arsinoe (f)
Augusta (f)
Augustus (m)
Calasiris (m)
Cantria (f)
Cleópatra (f)
Cultilia (f)
Cynthia (f)
Demetria (f)
Dinamis (f)
Diodora (f)
Dionysia (f)
Dorion (m)
Elpis (f)
Fábia (f)
Flávia (f)
Harpocras, Harpocrates, Harpocration (m)
Isadora — Presente de Ísis (f)
Isias (f)
Isidoro — Presente de Hórus (m)
Isidotus — Presente de Ísis, Dado por Ísis (m)
Isigenea (f)
Ision (m)
Isocrates (m)
Iuliana, Juliana (f)
Jasão (m)
Klea (f)
Lucius (m)
Mithras (m)
Nicippe (f)
Paedusis — Professora (f)
Paesis (f)
Parthena (f)
Paulina (f)

Petosiris — Presente de Osíris (m)
Selene — A Lua (f)
Serapião (m)
Tesenisis — Filha de Ísis (f)
Tetratia (f)
Theopompis — Senhora da Procissão Sagrada (f)
Trifaena (f)

O RITO DA AUTODENOMINAÇÃO

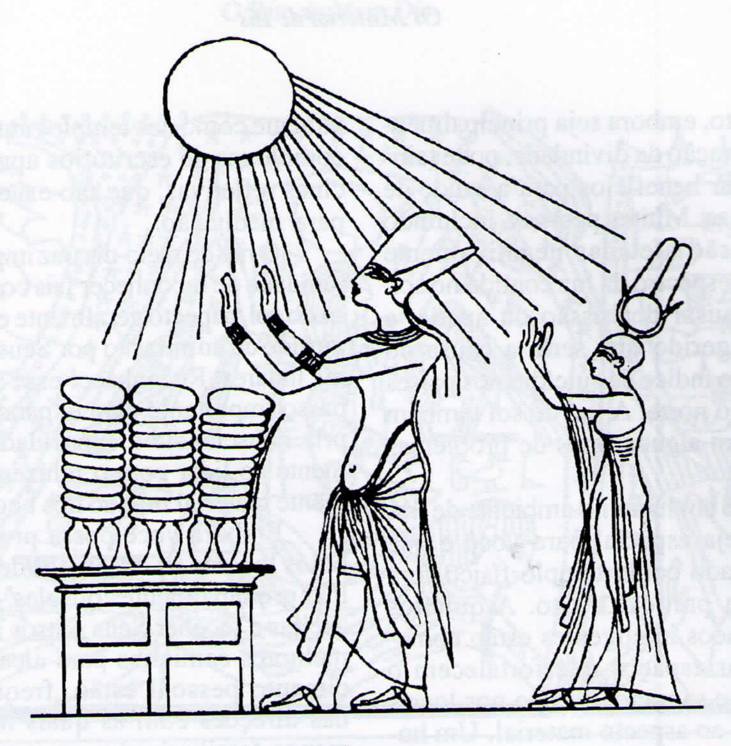


Em dado momento na adoração a Ísis, você pode sentir que o seu nome não mais se aplica a você como sacerdote ou sacerdotisa. Embora não seja essencial assumir um novo nome, você pode sentir que isso é mais apropriado para esse período do desenvolvimento. Durante a vida espiritual você pode trocar esse nome mais de uma vez; portanto, é melhor usá-lo apenas para a prática dos ritos sagrados, e não em todas as situações de sua vida.

Pense cuidadosamente sobre seu novo nome. Você pode combinar um nome com uma descrição, como "Sacerdotisa do farol de Faria" ou "Serapião, servo de Serápis".

Faça, ou adquira, um novo manto para o ritual. Fique em pé na frente do altar. Acenda velas ou lampiões e ofereça incenso e flores.

Sagrada Ísis,
Você, com a Miríade de Nomes,
Hoje, eu me coloco à Sua frente para declarar meu novo nome.
Você me preencheu com tanta alegria e riqueza
Que meu velho nome está desgastado.
Eu Lhe declaro que vim a Você como (nome velho), agora sou (nome novo).
Seu/Sua servo/a
Ensine-me (nome novo), em Seus caminhos.
Deixe-me conhecer todos os Seus nomes sagrados
Aquela de muitas formas,
Aquela de muitos nomes,
Grande Ísis!



CAPÍTULO SETE

A SÉTIMA HORA DA LUZ DO DIA

O RITO DO MEIO-DIA

A esfera do sol ascendeu ao ponto mais alto do céu e está sobre nós, espalhando sua mais brilhante luz pela Terra. A energia de seus raios está no estágio mais poderoso e penetra na terra. Essa é uma nova manifestação de luz, direta e até mesmo dura. Um novo rito é oferecido a esse novo Poder, e a Ísis, como o Sol.

Ao meio-dia, o Rito do Despertar, que cumprimenta a divindade ao alvorecer, é fortalecido por outro que celebra a passagem mais alta do sol. Geralmente, em cada templo, a divindade cultuada era identificada com o sol para o propósito desse rito. Oferendas adicionais e outros ritos mais simples eram realizados. Nos templos de Ísis, queimavam-se mirra e incenso ao meio-dia.

Em nossa cultura, o intervalo para o almoço coincide aproximadamente com a hora em que o sol está bem acima de nós. Assim como no Rito Matutino, qualquer hora do dia que represente o meio-dia para você pode ser usada se decidir praticar o rito. Esse rito não era tão longo, nem considerado tão importante quanto o Rito Matutino, quando o contato individual, ou do templo, com a Deusa, era restaurado após os desafios mitológicos da noite terem sido enfrentados e vencidos. O rito do meio-dia era menos solene. Preces e pedidos individuais podiam ser apresentados à Deusa.

Assim como faz com o café da manhã, sinta-se à vontade para santificar a refeição do meio-dia como uma oferenda. Mesmo que você esteja fisicamente distante da área do templo, visualize-o — pode ser algo que usa em casa ou uma imagem do templo da qual se lembre ou que tenha criado.

Esse rito, embora seja principalmente uma celebração da divindade, pode também propiciar benefícios para a saúde de quem o realiza. Muitas pessoas, incluindo eu mesma, são afetadas negativamente pela falta do espectro da luz contida no sol. Isso pode causar depressão ou apatia, e foi ainda sugerido que seria a causa do incomum alto índice de suicídio nos países do hemisfério norte. A luz do sol também é benéfica em alguns tipos de problemas de visão.

Procure um lugar no ambiente de trabalho que seja especial para você e que possa ser usado como templo físico fora de casa para praticar o rito. Arquitetos contemporâneos inteligentes estão começando a criar espaços que fortalecem o sentimento do sagrado, mesmo nos locais mais ligados ao aspecto material. Um hotel em San Diego incorporou torres construídas em estrutura de cristal sextavado e uma área inundada pela luz do sol, quando ocorre um alinhamento no equinócio, exatamente como nos templos antigos. Alguns complexos de escritórios apresentam piscinas refletivas, que são excelentes locais para meditação.



Thoth, escriba dos deuses e o maior dos mágicos.

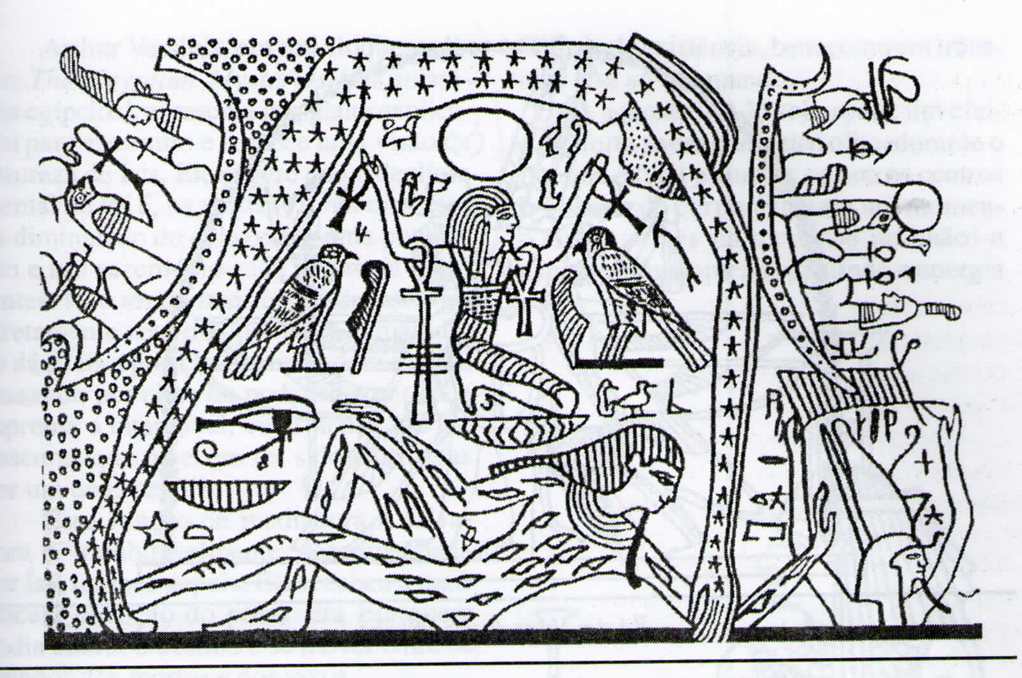
O rito do meio-dia traz importante oportunidade de reconhecer Ísis como uma deusa do sol, aspecto geralmente esquecido em virtude da admiração por Seus fortes poderes lunares. Reconhecer esse aspecto é um passo importante para expandir a sua própria consciência e capacidades, especialmente ao lidar com o reluzente e intensamente material mundo dos negócios.

Embora você possa preferir os atributos lunares ou oceânicos de Ísis e trabalhar principalmente com eles, é importante aceitar e receber Seus outros aspectos. Os melhores caminhos para alcançar o crescimento pessoal estão, freqüentemente, nas direções com as quais nos sentimos menos familiarizados ou confortáveis. O aspecto solar é uma forma altamente concentrada de energia, trazida para mais perto, não filtrada pelas energias do espaço profundo. Esse aspecto estelar cria um ponto de partida para explorar mais detalhadamente o papel de Ísis como deusa cósmica, que tudo abrange, e cuja influência se estende para além da "pequena cidade" de nosso sistema solar.

Ísis e o Deus-Sol Rá

Embora Ísis não tenha sido associada ao deus sol Rá nos escritos mais antigos, textos posteriores os unem como pai e filha. Essa relação pode ter sido estabelecida para auxiliar os sacerdotes do deus sol a explicar os poderes persistentes de Ísis mesmo em tempos e áreas onde o culto a Osíris era reduzido a uma religião do submundo e dos mortos, enquanto os deuses do sol governavam com supremacia a luz da vida e a Terra. Ísis se movia com liberdade entre os dois mundos, às vezes assumindo a posição de mediadora divina entre os deuses e deusas terrenos e cósmicos.

Acreditava-se que Rá enfraquecia quando o dia avançava, movendo-se pelo



Seb (Deus-Terra Pai) e Nut (Deusa do Céu Mãe) com os barcos solares.

céu da tarde no barco "Tornando-se Fraco" de Semket, após passar a manhã navegando no barco chamado Matet, ou "Tornando-se Forte".

Ísis estava particularmente determinada em ganhar poder sobre o sol devido a outro incidente em Sua mitologia. Após o nascimento de Hórus, Ísis viveu sozinha nos pântanos, saindo todos os dias para pedir comida para Ela e Seu filho pequeno.

Um dia, Ela retornou, no calor do sol, e encontrou Hórus desfalecido, picado e deixado para morrer por Set na forma de um escorpião. Ísis se entregou à mercê de Rá, implorando que parasse o curso do sol para que Ela tivesse tempo de salvar o menino através da magia.

Rá finalmente cedeu e o sol ficou paralisado no céu, enquanto Thoth, aqui uma forma de Rá, desceu do céu e ensinou a Ísis um poderoso encantamento para trazer Hórus de volta à vida. Quando Hórus foi curado, o sol retomou seu curso.

Uma história curiosa foi encontrada nos Papiros de Turim, contando o relacionamento de Ísis e Rá, aqui como Seu pai. Nessa história, datada do Novo Reino (1539-1075 a.C.), Rá ficou velho e incompetente. Ele baba, suas ações são desordenadas; o cosmo e a humanidade estão ameaçados de ruína.

Ísis decide que não pode permitir a destruição do Universo e fica determinada a obter o Nome Sagrado de Rá, a suprema palavra de poder, com a qual ela poderá curar Seu pai e também governar em seu lugar, se for necessário. Essa história pode estar relacionada com os atos de suicídio ritualístico — ou assassinato — de faraós que se tornavam muito incompetentes para governar.

Da lama formada pela saliva de Rá, Ísis cria a figura de uma víbora e a coloca no caminho de Rá, porque somente algo criado da própria substância do deus poderia feri-lo.

Quando Rá caminha pela Terra, ele passa perto da serpente. A víbora o ataca, perfurando sua pele e inserindo o poderoso veneno.



Rá com alguns de seus atributos.

Febril e confuso, Rá sofre quando Ísis se oferece para curá-lo apenas se ele revelar-Lhe o nome secreto. A princípio, ele recusa, mas depois, por causa do sofrimento causado pelo veneno, resolve ceder e revelar o nome.

Ísis o cura, usando o nome secreto, e restaurando completamente sua saúde. Porém, o poder agora está dividido. Ísis conseguiu roubar o fogo do paraíso, na forma do nome secreto do deus sol Rá, ao mesmo tempo confirmando e expandindo Seu próprio poder divino.



O deus Hórus quando criança.

O mito é difícil de ser aceito, a princípio, e está sujeito a muitas interpretações, incluindo aquela de alegoria alquímica discutida no Capítulo Dezoito, "Ísis e a alquimia". Nessa história, Ísis, que é sempre uma deusa benevolente no mito egípcio — poupando até mesmo Sua irmã adúltera de Sua raiva; salvando a vida de Set no último instante, agindo em nascimentos e curas —, usa de chantagem para obter poder[15].

Rá, contrariamente ao conceito de divindade suprema, está temporária ou permanentemente decrépito e incapaz de cumprir seus deveres divinos. O mito poderia ter feito sentido se o culto a Ísis tivesse substituído a adoração a Rá, mas, pelo contrário, os dois existiam simultaneamente, e o culto a Ísis na verdade precedeu o culto a Rá.

15. Ísis provavelmente teve motivos. Em um dos encantamentos em *The Book of Coming Forth by Day*, onde o morto deve fornecer os nomes das diferentes partes de um barco que será usado no transporte das almas pelo Nilo celestial, o barco pede ao morto que revele seu nome (do barco). O morto responde: "Aquela perna de Ísis que Rá cortou para levar sangue ao Barco da Noite". Isso, obviamente, refere-se a outro conto mitológico, como aquele no Papiro de Turim, mas que foi perdido.

Arthur Versluis, em seu eloqüente livro *The Egyptian Mysteries* [Os mistérios egípcios], apresenta intrigante explicação para esse mito e fornece uma visão da natureza de Ísis. Ele sugere que o declínio mental de Rá é, na verdade, uma metáfora da diminuição do culto entre uma população e um sacerdócio cada vez mais ignorantes. Não sendo mais capaz de interagir diretamente com o Supremo, a humanidade dá a Ísis a posição de mediadora divina, passando por cima do poder da divindade suprema e intangível, cujas ações são tão obscuras que parecem ter sido praticadas por um deus senil[16].

Essa função de mediadora e salvadora é, indubitavelmente, desempenhada por Ísis tempos depois. Ela recebeu a mais sincera devoção do povo. Era Ela quem podia alterar o destino e se mover entre os mundos dos mortos e dos vivos.

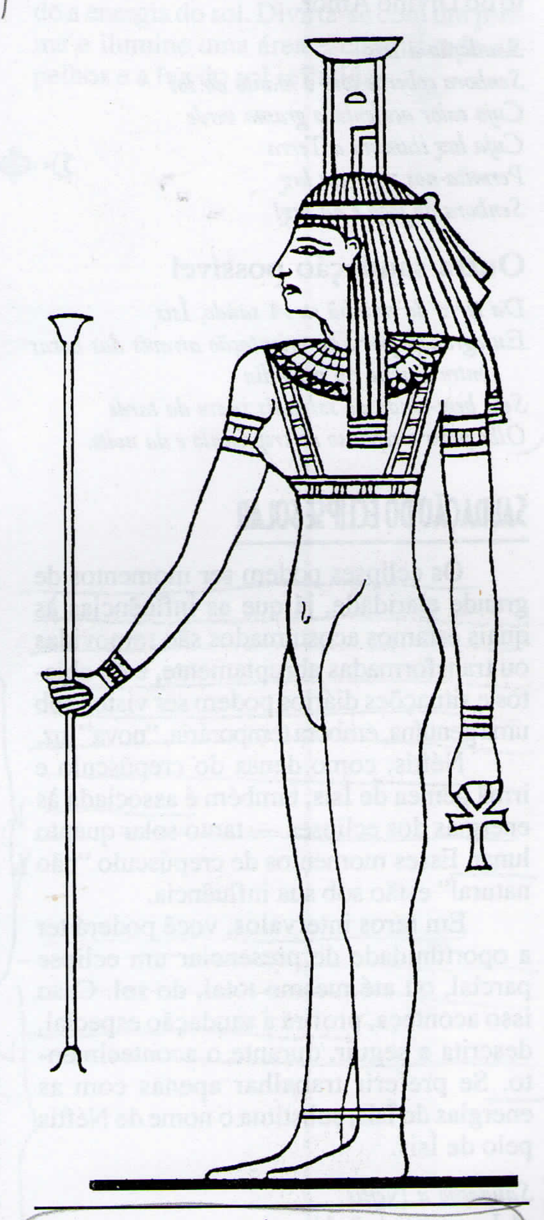
SAUDAÇÃO DO MEIO-DIA

Esse rito deve ser realizado ao ar livre ou à vista do sol. Receba de braços abertos essa oportunidade de absorver a luz natural do sol em seu corpo. Se você não puder sair para alcançar o sol, relaxe, respire profundamente e relembre com clareza um momento em que tenha ficado sob a luz do sol, e imagine-se proferindo o rito desse lugar.

Se não se lembrar destas palavras, ou se elas não fizerem sentido para você, crie a sua própria saudação, ou simplesmente cumprimente a Deusa como a amiga divina que Ela é. Uma olhada para o sol e um "Olá, Ísis!", falado em voz alta ou não, é uma expressão válida para esse rito.

A essência, que é Ísis, não pode ser diminuída ou aumentada pelo modo como você pratica o rito. Haverá aumento na sua percepção do divino e na habilidade em experimentar totalmente as dimensões espirituais da existência, bem como em transmitir isso ao seu mundo.

A ação da luz do sol produz um efeito tão forte sobre o terceiro olho, durante o rito, que é fácil esquecer os outros centros de energia do corpo. Durante um momento firme os pés na terra (ou no chão) e respire profundamente, sentindo a energia



Néftis, irmã gêmea de Ísis, Deusa do Crepúsculo, é também associada às energias dos eclipses.

16. Para obter outra explicação sobre o mito Ísis-Rá como um símbolo alquímico, veja o Capítulo Dezoito, "Ísis e a alquimia".

contida no oxigênio que respira penetrar em suas células. Perceba o fluxo de energia na região do coração.

Os egípcios conheciam a sétima hora do dia, ou o meio-dia, como "A Hora da Expansão do Coração", que se levanta para Hórus. Deixe que a luz e o calor que banham seu coração despertem o sentimento do Divino Amor.

Saudação a Ísis
Senhora coberta com o manto do sol
Cujo calor acalenta a grama verde
Cuja luz ilumina a Terra
Permita-nos viver em luz
Senhora do fogo e da luz!

Outra saudação possível

Da terra da manhã eu A saúdo, Ísis
Eu agradeço por Sua orientação através das horas entre a noite e o meio-dia
Seja bem-vinda ao sol mais suave da tarde
Olhe para o repouso do crepúsculo e da noite.

SAUDAÇÃO DO ECLIPSE SOLAR

Os eclipses podem ser momentos de grande claridade, já que as influências às quais estamos acostumados são removidas ou transformadas abruptamente, e os objetos e situações diários podem ser vistos sob uma genuína, embora temporária, "nova" luz.

Néftis, como deusa do crepúsculo e irmã gêmea de Ísis, também é associada às energias dos eclipses — tanto solar quanto lunar. Esses momentos de crepúsculo "não natural" estão sob sua influência.

Em raros intervalos, você poderá ter a oportunidade de presenciar um eclipse parcial, ou até mesmo total, do sol. Caso isso aconteça, profira a saudação especial, descrita a seguir, durante o acontecimento. Se preferir trabalhar apenas com as energias de Ísis, substitua o nome de Néftis pelo de Ísis.

Saudação a Néftis
A Lua e o Sol são Um.
Senhora da brilhante crescente e do escuro círculo
Senhora da Noite, escondida pela Luz
Multiplique meus olhos para que eu possa vê-La em todas as Suas formas.

A MEDITAÇÃO DO SOL: ASCENDENDO À BARCA DE RÁ

Ísis é uma deusa do sol, uma transmissora do poder solar ou aquela que reflete a luz do sol. Ela é "Luz", "Brilho", aquela que alivia a escuridão entre os estados da morte e da vida. Ela é a luz e o calor combinados com a umidade — a condição perfeita para vida e crescimento.

Aqui, o véu de lua e água esconde um forte coração solar, que por sua vez encobre o escuro cobertor do espaço que, por fim, se abre para revelar o Sol-por-detrás-do-Sol, a estrela Sírius.

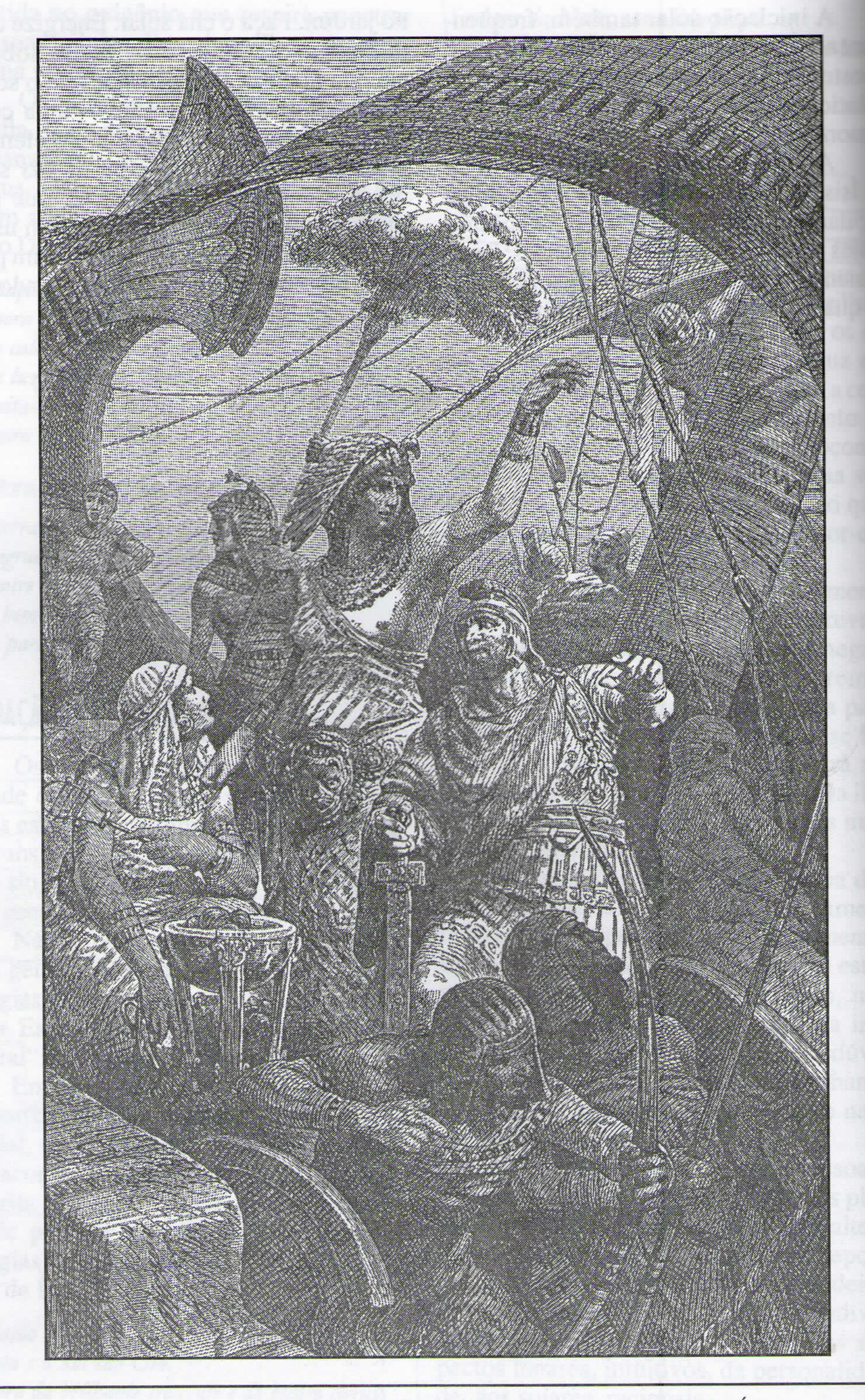
A própria estrela Sírius fisicamente esconde e, por suas perturbações, revela a sua escura irmã gêmea, um sol negro. Portanto, os véus da deusa se abrem e giram, se abrem e giram. Ísis dança para nós, e cada véu de iniciação pode se fechar para esconder, ou se abrir, para revelar, cada lampejo de mudança outra iluminação no ciclo de iniciação, mais uma volta no labirinto.

A iniciação solar de Ísis é uma das mais satisfatórias porque está intimamente ligada aos aspectos racionais da mente, as faculdades diárias com as quais estamos familiarizados, e que, portanto, nos passam despercebidas. Quando essa iniciação ocorre, há uma clareza e as dúvidas se dissipam. Ela, como é a brilhante luz da manhã, não se espalha com o nascer de um novo dia.

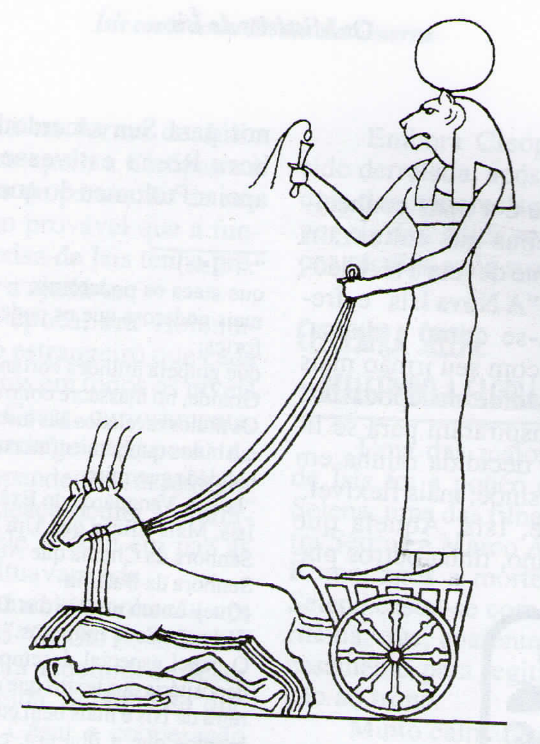
A iniciação solar confere à pessoa a capacidade de ser dinâmica, tanto nos planos interno como externo, em fases alternadas de poder. Com freqüência, depois que a iniciação ocorre, há um verdadeiro benefício material, uma vez que o indivíduo estará, finalmente, integrando os aspectos lunares, intuitivos, da personalidade, aos solares, racionais.

A iniciação solar também, freqüentemente, envolve um membro do sexo oposto. Pode ou não ser uma união romântica, a de dois amigos, ou do/a professor/a e aluno/a.

Ao buscar pelo conhecimento solar de Ísis, é útil realizar o Rito do Meio-Dia regularmente e meditar sobre o sol em suas várias fases através dos ritos diários. Preste atenção ao ponto de onde o sol nasce e no qual se põe. Coloque um relógio de sol no jardim. Faça o chá solar. Energize cristais com a energia solar. Pense sobre a energia nuclear. Compreenda que o sol se recarrega através de fusão — uma combinação forçada e incessante de elementos. Faça experimentos com os *kits* solares de fotografia para crianças, que permitem a revelação de uma imagem usando a energia do sol. Divirta-se com um prisma e ilumine uma área escura usando espelhos e a luz do sol refletida.



Uma representação, feita no século XIX, de Cleópatra, durante a batalha de Áctio.



CAPÍTULO OITO

A OITAVA HORA DA LUZ DO DIA

ÍSIS COMO UMA DEUSA DA GUERRA

Ísis, cultuada primeiramente no Egito e depois pelo mundo greco-romano, é conhecida como uma deusa de amor, maternidade e magia. Seu papel como criadora de reis e deusa da guerra é freqüentemente esquecido entre os muitos títulos a Ela atribuídos — que deram origem a um outro título: "Deusa dos Dez Mil Nomes"[17] Na verdade, Ísis não era apenas uma deusa criadora e protetora dos reis, mas também de rainhas, das quais muitas histórias sobrevivem até hoje.

Muitas rainhas e princesas devem ter sentido familiaridade com a história dos problemas enfrentados por Ísis e Osíris, principalmente no que diz respeito a brigas familiares e casamentos arranjados para assegurar uniões politicamente aceitáveis. Ísis Victrix, a Ísis da Vitória, era uma escolha natural para se tornar a salvadora de muitas rainhas poderosas.

17. Quando este livro estava para se editado, tive acesso à tradução de Zabkar dos hinos a Ísis em Philae. Se eu tivesse conseguido isso antes, este capítulo teria sido bem diferente. Para obter uma descrição e uma explicação bem mais detalhadas sobre Ísis como uma deusa da guerra, eu insisto que os leitores consultem *Hymns to Isis in Her Temple at Philae*, de Louis V. Zabkar, publicado pela University Press da Nova Inglaterra em Hanover e Londres para Brandeis University Press, 1988.
Curiosamente, os hinos a Ísis em Philae, aquela serena e bela ilha que divide as águas do Nilo, demonstram o aspecto mais "belicoso" da Deusa, segundo Zabkar. Sua natureza guerreira não é apenas revelada em palavras, mas há um painel em Philae que mostra Ísis empunhando uma cimitarra. O hino 5 mostra que Ela pretendia usar a arma:

Cleópatra Sétima

Cleópatra Sétima é a mais conhecida das rainhas guerreiras que cultuavam Ísis e a mais abertamente devota à fé. Cleópatra se autonomeava "A Nova Ísis" e, freqüentemente, vestia-se como a deusa. Cleópatra ia se casar com seu irmão mais novo, Ptolomeu, costume na época. Os conselheiros dele conspiraram para se livrar da inteligente e decidida rainha em favor de sua irmã, Arsinoe, mais flexível.

Aparentemente, Ísis, Aquela que Está Acima do Destino, tinha outros planos para Sua sacerdotisa Cleópatra. Embora Roma estivesse mais inclinada a apoiar Ptolomeu do que Cleópatra, uma po-





Acima, *A cartucheira de Cleópatra Sétima.* Abaixo, *Cleópatra Sétima.*

"... (Ísis)
que ataca os poderosos,
mais poderosa que os poderosos, mais forte que os fortes;
que golpeia milhões cortando (suas) cabeças,
Grande, no massacre contra Seu inimigo."

Os títulos revelados nas inscrições em Philae, Assuan e Abidos também enfatizam sua apaixonada personalidade guerreira:

"Ísis, A Vanguarda do Exército
Ísis, Mais Eficaz que Um Milhão de Soldados
Senhora da Chama que Ataca os Rebeldes
Senhora da Batalha
(Que) Lutou no Rio das Duas Terras para Derrotar
Todos os Seus Inimigos."

O papel especial desempenhado por Philae como depositária dos textos que enfatizam a natureza guerreira de Ísis é mais bem compreendido quando lembramos que a ilha era, essencialmente, um posto avançado de fronteira, um templo na fronteira do Egito. Há evidências que o pilar de Ptolomeu V em Philae foi construído com o propósito de funcionar como uma barreira mágica contra ataques da instável região sul. É também significativo saber que o fundador original do templo em Philae foi Nekhhnebf, o último faraó nativo do Egito, que teria consciência sobre o delicado estado de paz em seu império.

Talvez não seja de admirar que o culto a Ísis permaneceu forte na ilha, mesmo por muito tempo após o fechamento de outros templos. E mesmo a conquista pelas forças cristãs durou muito pouco tempo: a ilha ficou sob um forte domínio cristão apenas entre 575 (algumas fontes registram 595) e 641, quase o tempo de duração de uma vida, quando foi conquistada por muçulmanos. Após ser inundada pela represa de Aswan, e depois de voltar à tona devido ao milagre da tecnologia moderna e da surpreendente cooperação entre nações, não há dúvida sobre quem patrocinou a reconstrução das pedras. Ísis recuperara Seu santuário, embora tivesse de retirá-lo das águas, em conformidade com a crença egípcia sobre o início do mundo — uma colina se elevando das águas do caos.

A simbologia também é interessante: a ilha de Biggeh era território de Osíris, onde, em sua forma passiva, ele esperava pelas visitas de Ísis a cada dez dias trazendo-lhe oferendas. Biggeh é a ilha que foi separada em duas seções pelo curso das águas, e que também tinha um templo de Ísis, provavelmente para Suas "visitas" quando levava as oferendas a Osíris. O templo de Ísis em Philae fica, agora, na ilha Biggeh; Ísis e Osíris não estão mais separados. Terá ele emergido também das águas do Submundo?

derosa ajuda surgiu na forma de Júlio César. Atribui-se seu apoio a Cleópatra à beleza e aos poderes de persuasão da rainha. Contudo, é bem provável que a função de Alta Sacerdotisa de Ísis tenha predisposto Júlio César a ajudá-la.

Roma, àquela época, era violentamente contra o culto estrangeiro que cada vez mais atraía devotos em todos os níveis da sociedade. Júlio César, curiosamente, era tolerante à fé estrangeira. Apesar de suprimir grupos independentes, acreditando que eram uma ameaça oculta à estabilidade do governo, ele deixou em paz as fraternidades que cultuavam Ísis.

César, aparentemente, conheceu um indivíduo denominado "O Alto Pontífice de Ísis", no Egito. Embora a identidade desse líder não seja conhecida, acredita-se que ele teria garantido a César a cooperação do influente sacerdócio internacional de Ísis se o líder romano o apoiasse em sua reivindicação ao trono do Egito. Cleópatra pode, ou não, ter chegado a Júlio César escondida em um tapete que foi desenrolado perante o romano, como conta a lenda popular.

Entretanto, o primeiro encontro aconteceu, encontro esse que pode ter sido organizado pelo clero de Ísis, que reconhecia na devota Cleópatra e no poderoso general chance para uma união real no mesmo nível dos divinos Ísis e Osíris. Em um nível mais pragmático, essa união poria fim às destruições, comandadas pelas autoridades romanas, de templos e santuários dedicados a Ísis.

A despeito dos retrocessos em acontecimentos posteriores, esse foi o cenário que se apresentou. Embora Júlio César tenha sido traído e assassinado por aqueles em quem confiava — curioso paralelo com a morte de Osíris —, o culto a Ísis continuou.

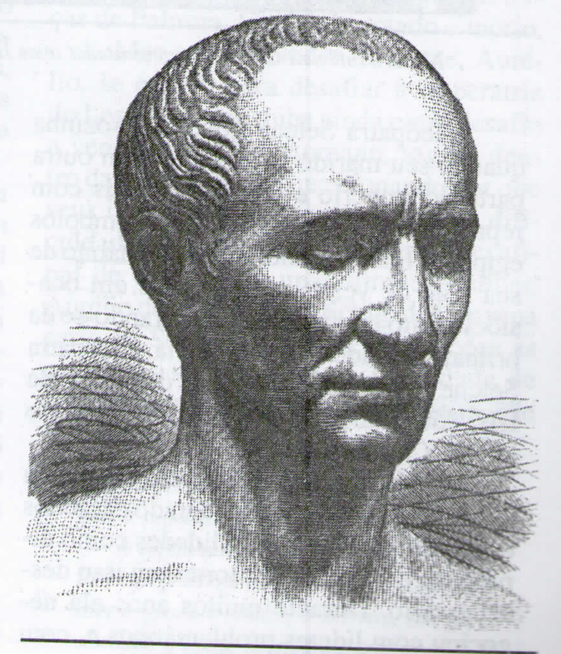
Quando Cleópatra recriou a união com Júlio César, aliando-se a seu amigo e "herdeiro" Marco Antônio, ela novamente transferiu o poder do trono do Egito a outro romano, simpático à religião de Ísis, que não interferiria com o crescimento desta.

Embora Cleópatra, por fim, tenha sido derrotada, após conseguir o apoio de dois dos maiores soldados romanos, a fé por ela defendida se expandiu e floresceu por séculos após sua morte.

Cleópatra Selene – Refletindo a Glória de sua Mãe

Uma das maiores seguidoras da fé de Ísis foi a pouco conhecida Cleópatra Selena, uma das filhas gêmeas de Cleópatra Sétima e Marco Antônio. Educada em Roma, após a morte da mãe, Cleópatra Selene casou-se com o Rei Juba da Mauritânia, que, aparentemente, precisava do casamento para legitimar sua reivindicação ao trono.

Muito calmamente, a filha de Cleópatra Sétima seguiu os passos da mãe, fundando o maior templo de Ísis em sua capital, Cesaréia. Logo após a fundação do templo, bem no coração de uma cidade romana, as autoridades de Roma permitiram que um templo a Ísis fosse erigido dentro de suas muralhas.



Júlio César.



Marco Antônio e Cleópatra representados como Ísis e Osíris — uma ilustração do século XIX.

Cleópatra Selene governou sozinha quando seu marido ficou detido em outra parte do Império e cunhou moedas com representações de Ísis e outros símbolos egípcios. Ela deu continuidade ao hábito de sua mãe de vestir-se como Ísis em ocasiões muito importantes. Lembrando-se da brilhante cidade de sua infância, Cleópatra Selene tentou recriar a glória da cidade de Ísis, Alexandria, às margens de seu novo lar em Cesaréia.

Cleópatra Selene também era astuta em política e poderia ter liderado exércitos em batalhas, mas as habilidades como diplomata e negociadora tornaram isso desnecessário. Durante muitos anos ela negociou com líderes problemáticos e, com maestria, impediu rebeliões abertas contra o Império Romano que ela, ironicamente, representava.

Um ano após sua morte, o delicado equilíbrio por ela mantido foi quebrado e a Mauritânia foi assolada por desentendimentos entre diferentes facções.

Zenóbia, rainha dos nabateus, conquistadora do Egito

Tanto Cleópatra quanto Cleópatra Selene devem ter visto ecos de si mesmas muitos séculos depois, na forma de Zenóbia, rainha dos nabateus, que alegava ser descendente espiritual e física de Cleópatra Sétima.

Os nabateus eram um povo misterioso, seminômade, que, contudo, criaram ci-

dades em montanhas e gargantas no deserto. Petra, a cidade escondida que, por muitos anos, foi a capital dos nabateus, tinha um templo rosado dedicado a Ísis, esculpido nas paredes da cidade, situada em uma garganta.

Foi a necessidade de incenso para o templo que uniu, pela primeira vez, os nabateus e o culto a Ísis, aproximadamente no primeiro século a.C. A provável ancestral de Zenóbia, Cleópatra, uma vez declarou guerra aos nabateus para garantir o acesso ao frankincense, cujo comércio era praticamente monopolizado por esse povo.

Quando o poder de Roma cresceu, a rica e independente nação nabatéia tornou-se motivo de irritação para os imperadores, e sucessivos ataques à Petra fizeram com que os nabateus transferissem a capital para a cidade montanhesa de Palmira. Porém, o imperador Severo conquistou Palmira também, assassinando o chefe da cidade, Odenathus, quando ele se tornou suspeito de organizar uma rebelião.

Roma errou ao acreditar que a morte de Odenathus seria suficiente para quebrar o espírito do povo de Palmira, endurecido pelo deserto. O filho mais novo do líder assassinado, também chamado Odenathus, voltou para o deserto e obteve o apoio dos beduínos e de outras tribos, treinando-os para lutar contra o exército romano.

Odenathus encontrou sua rainha na filha de seu principal conselheiro militar, um homem chamado Zabba. Uma possível descendente de Cleópatra através de sua mãe grega, Bath-Zabbai (ou Zenóbia), era bela e brilhante, bem como excelente estrategista militar. Ela supervisionava pessoalmente o treinamento da cavalaria de Palmira, ensinando aos soldados como triunfar sobre as táticas romanas usando a incômoda tática de guerrilha que consistia no estilo "picada de inseto".

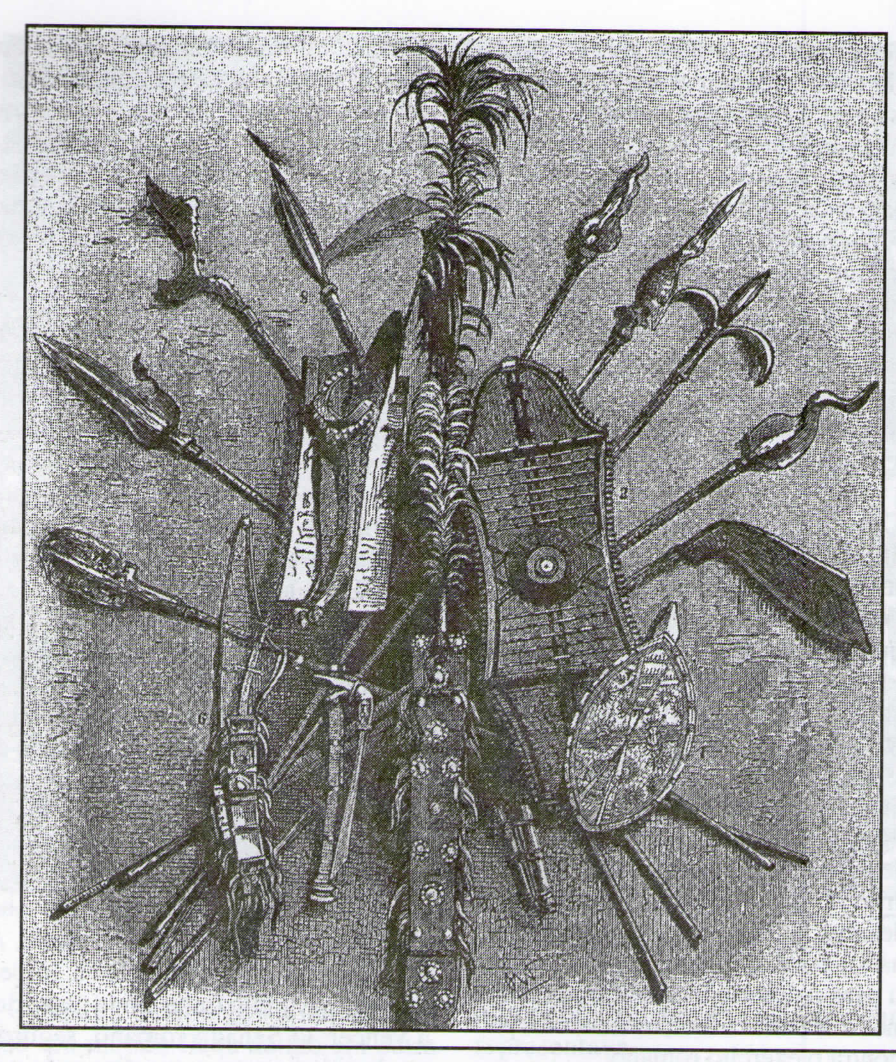
Igualando-se a Cleópatra, Zenóbia tinha completo domínio da língua egípcia, talvez por estudar com os sacerdotes egípcios no templo de Ísis-Afrodite em Palmira. Ela e Odenathus levaram Roma a acreditar que eram vassalos satisfeitos que lutavam apenas para aumentar os interesses romanos contra as nações não conquistadas da Mesopotâmia. Esse argumento pouco provável, apoiado cuidadosamente por uma lista dos inimigos de Roma que Zenóbia e Odenathus haviam subjugado, persuadiu o Senado romano com tanta eficácia que Odenathus foi nomeado Imperador do Leste.

Mas em 267 a tragédia ocorreu. Odenathus foi assassinado por um sobrinho e Zenóbia foi nomeada regente do Leste, assegurando o trono para seu filho mais velho. Como viúva, Zenóbia assumiu o poder sobre um império, que se estendia das montanhas do Cáucaso até os desertos da Líbia. Ela liderou as tropas em batalhas para defender suas terras, vestindo capacete, armadura e um manto preso por uma fivela de diamantes.

Zenóbia continuou a expandir o poder de Palmira e, finalmente, atacou e conquistou grande parte do Egito. Roma percebeu que os interesses e ambições da rainha não eram os mesmos do Império, e o imperador Gallienus voltou-se contra as forças de Palmira. Ele foi derrotado e morto.

Mas um imperador diferente, Aurélio, se ergueu para desafiar a Imperatriz do Leste. Aurélio tinha ainda outro desafio a vencer. O Senado romano, seguro dentro da cidade, estava questionando por que seus imperadores encontravam tanta dificuldade em vencer um adversário que, afinal de contas, era uma simples mulher. Aurélio detalhou suas dificuldades em uma carta ao Senado, respondendo a todas as perguntas sobre a força e habilidade de Zenóbia como governante e guerreira. Ele escreveu:

> *Meus acusadores não saberiam como me elogiar o suficiente se conhecessem essa mulher — se conhecessem sua prudência em conselho, sua firmeza de propósito, a dignidade com a qual ela conduz o exército, sua generosidade quando necessário, sua severidade quando é justo ser severa.*



Antigas armas egípcias.

Se qualquer romano suspeitava que as vitórias de Zenóbia se deviam ao seu marido ou pai, Aurélio pôs fim a essa suspeita ao acrescentar:

> *Eu devo salientar que a vitória de Odenathus sobre os persas, a fuga de Sapor, a marcha sobre Ctesifon, foram trabalhos dela. Posso afirmar que os orientais e os egípcios tinham tanto medo dessa mulher que ela encurralou árabes, sarracenos e armênios...*[18]

Por fim, Aurélio derrotou Zenóbia. Diferentemente de sua predecessora Cleópatra, Zenóbia não deixou de participar da parada triunfal de seu conquistador. Contudo, a história de Zenóbia, que juntamente com a de Aurélio se torna surpreendentemente obscura para dois personagens tão dinâmicos, ainda não terminara.

Zenóbia pode ter sido decapitada por Aurélio após a procissão de triunfo em

18. De uma carta escrita por Marco Aurélio ao Senado de Roma. Citada por Edward Wright no artigo Palmyra, Queen City of the Desert, em *Wonders of the Past*, vol. I, William H. Wise & Co., Nova York, NY, 1933, p. 235.

Antióquia, conforme assinala um registro; ou, seguindo os passos de Cleópatra até o fim, é possível que tenha cometido suicídio. Mas houve também rumores que Aurélio teve uma filha com Zenóbia, ou que se casara com uma filha dela.

É provável que Zenóbia tenha sobrevivido após a procissão em Antióquia e Roma e tenha vivido o restante de sua vida em uma vila no Tigre perto da Vila de Hadrian, onde existiam muitas estátuas e santuários de Ísis. Não sabemos, no entanto, em que condições.

Rainha Serpot e Príncipe Pedikhons: Uma Batalha de Morte e Amor

A literatura egípcia da era pós-imperial nos dá outro exemplo de uma rainha guerreira que contou com Ísis para obter a vitória. Uma parte do ciclo de histórias Petubastis é chamada *Egyptians and Amazons* [Egípcias e amazonas] e conta a história de uma rainha guerreira que governou uma nação de mulheres.

Nos fragmentos da história, traduzida por Miriam Lichtheim em *Ancient Egyptian Literature: The Late Period* [Literatura egípcia antiga: o período posterior], a rainha Serpot, governante da terra de Khor, está em sua fortaleza, em vias de ser atacada pelo príncipe Pedikhons, que assola a região. Sabendo que suas forças são inferiores em número, a rainha ora: "Ajude-me, Oh, Ísis!". A rainha, que é designada no texto pela forma feminina da palavra "Faraó", chama sua irmã mais nova, Ashteshyt, para ajudar.

Ashteshyt, cujo nome pode derivar do nome egípcio de Ísis, Aset, concorda em se disfarçar como homem e fazer um reconhecimento do campo inimigo. Baseada nas informações de Ashteshyt, a rainha decide atacar. Mais uma vez ela invoca Ísis para ajudá-la e ordena ao povo que se prepare para o ataque.

A batalha favorece Serpot. Descrevem-na lutando como um falcão que ataca a presa, como a serpente Apophis atacando Rá. O príncipe Pedikhons recua e decide que a única chance de vitória está em derrotar Serpot em um combate corpo a corpo na manhã seguinte. Ela aceita o desafio, apesar de a irmã se oferecer para lutar em seu lugar.

> *Por Ísis, a Grande Deusa, a Senhora da Terra das Mulheres; sou eu quem deve vestir a armadura e ir para o campo de batalha enfrentar, hoje, a serpente maligna de um egípcio!*[19]

O príncipe Pedikhons e ela se encontram a sós no campo de batalha e se engalfinham em um combate selvagem. O texto diz que: "eles tomaram a morte por vizinha", lutando com toda a bravura, malícia e habilidade obtidas em anos de batalhas. Nenhum se submeteu ao outro. Finalmente, após lutarem do amanhecer até o pôr-do-sol, concordam em fazer uma trégua durante a noite e recomeçar pela manhã.

Pela primeira vez eles vêem um ao outro fora do calor da batalha. Embora o final do texto contenha muitas informações incompletas, a rainha Serpot está rindo, agora, e o príncipe Pedikhons a chama de "minha irmã", o tradicional termo carinhoso usado entre os amantes, no Egito

Para a maioria dessas rainhas guerreiras, a simples vitória militar não é suficiente. Invariavelmente, o bem-estar de toda a nação é o seu objetivo, e a guerra é conduzida como um meio para atingir um fim, em vez de um fim em si mesmo. O conceito de Ísis de uma vitória verdadeira inclui uma união harmoniosa e dinâmica entre as forças opostas para o benefício de ambos os lados — uma filosofia apropriada para uma deusa que um dia proclamou: "Eu sou Aquela que criou o homem e a mulher para que amem um ao outro".

19. Lichtheim, Miriam, *Ancient Egyptian Literature: Volume III: The Late Period*, Berkeley, CA: University of California Press, 1980.

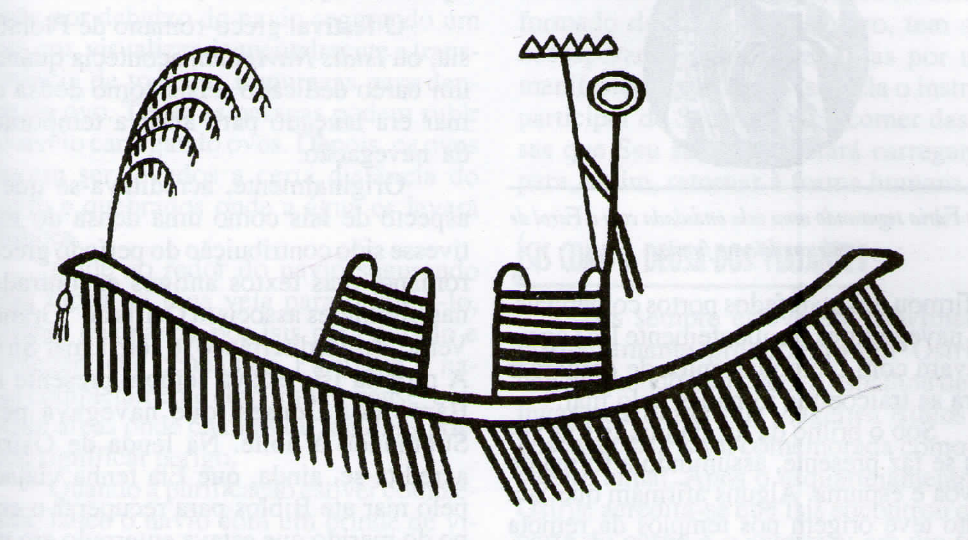
O RITO DE ÍSIS VITÓRIA PARA PROTEÇÃO E DEFESA

Você pode realizar esse rito sempre que se sentir ameaçado ou injustiçado.

Segure um objeto de poder na mão direita — pode ser uma varinha, um sistro ou cristal, ou uma lâmina. Apontando o objeto, respire profundamente e sinta o ar fluindo em seus pulmões, por todo o corpo e através do objeto que está segurando. Com firmeza, desenhe um círculo ao seu redor, visualizando uma luz elétrica azul ou vermelha flamejante, irradiando do objeto. Quando sentir que o círculo está bem desenhado, imagine-o crescendo e expandindo para cobrir sua sala, sua casa, seu quarteirão ou até mesmo sua nação. Se o perigo ou a angústia estiverem associados a uma direção específica, olhe para essa direção e profira as seguintes palavras:

Eu chamo a Luz de Ísis e o Poder de Ísis para proteger a mim e aos meus;
De todas as coisas que vêm da escuridão;
De todos os modos do ataque injusto;
Aqueles que querem me fazer mal
Não poderão ultrapassar essa barreira!
Aqueles que me causam dor
Não poderão ultrapassar essa barreira!
A Luz de Ísis os impede!
O Poder de Ísis os impede!
Eu brilho com a Luz de Ísis!
Eu falo com o Poder de Ísis!
Nenhum mal me atingirá, nenhum mal entrará!
Ísis me protege, Ela empunha o arpão de cobre!
Ísis é minha protetora! Ela luta por mim!
Ísis, a Sempre vitoriosa, Ela luta por mim!
Hórus me protege, Ele empunha o arpão de cobre!
Ele é meu protetor! Ele luta por mim!
Hórus, o Grande Guerreiro, ele luta por mim!
Vocês se deterão, vocês cessarão seus ataques,
Vocês perderão essa batalha injusta contra mim!
Suas armas falharão, suas armas se voltarão contra vocês!
Ísis é minha protetora, Ela luta por mim!
Hórus é meu protetor, Ele luta por mim!
Ela, que tem os Dez Mil Nomes
Protege-me de Dez Mil Maneiras!
Ísis é minha protetora e Ela os derrotará!
Hórus
É meu protetor e Ele os derrotará!
Vão embora! Vão embora!

Bata palmas na direção do adversário para terminar o rito. Se ele for realizado corretamente, você se sentirá forte e poderoso. Se sentir muita raiva ao terminá-lo, realize, em seguida, um banho de purificação. Aproveite para visualizar a limpeza pela água de qualquer força que esteja contra você.



CAPÍTULO NOVE

A NONA HORA DA LUZ DO DIA

ÍSIS COMO DEUSA DO MAR

Eu sou aquela que existia antes da terra ser formada
Era Ea, Binah, Ge
Eu sou o mar silencioso, sem limites, amargo
De cuja profundeza a vida jorra eternamente...

Rito de Ísis em *The Sea Priestess*[20]
[A sacerdotisa do mar],
de Dion Fortune

Ísis Pelagia — Ísis do Mar. Ísis Euplóia — Ísis da Boa Navegação. Navegando com a tripulação de Rá na jornada noturna pelo Submundo. Conduzindo um barco de papiro pela rasa baía delta, procurando pelas partes separadas do corpo de Osíris. Como a deusa especial da cidade de Alexandria, cujo poderoso farol produzia um raio de luz tão forte que mesmo os navios mais distantes conseguiam chegar ao Porto do Egito. Invocada às margens por Lucius, Ísis se manifestou na bruma do mar e na luz da lua.

Como Iemanjá, a deusa Ioruba que ainda é celebrada com procissões nas praias da África e de alguns países da América do Sul, Ísis era cultuada às margens e no mar. Padroeira especial dos navios que transportavam grãos, levando as doações do Egito aos portos romanos, o culto a Ísis

20. Fortune, Dion, *The Sea Priestess*, Ibid.



Ísis Fária segurando uma vela ondulada com o Farol de Alexandria ao fundo.

se firmou nos atarefados portos comerciais. Os navegadores freqüentemente Lhe agraciavam com oferendas antes de embarcar para as traiçoeiras jornadas pelo mar.

Sob o brilho da luz da lua, Ísis às vezes se faz presente, assumindo a forma de névoa e espuma. Alguns afirmam que Seu culto teve origem nos templos da remota Atlântida, e que as ondas do cataclismo carregaram os sacerdotes e sacerdotisas de Ísis para as margens do Atlântico, onde criaram novos templos em Sua homenagem.

As ondas e as marés são segredos de Ísis, e no quebrar das ondas contra a areia e as rochas podemos ouvir Seu coração batendo, pulsando, agitando-se, trazendo vida e morte em cada onda turbulenta.

Invocação a Ísis

De *The Sea Priestess* [A sacerdotisa do mar], de Dion Fortune

Eu sou aquela que existia antes de a terra ser formada. Era Ea, Binah, Ge
Eu sou o mar silencioso, sem limites, amargo
De cuja profundeza a vida jorra eternamente...

Astarte, Afrodite, Ashtoreth
Aquela que traz a vida e a morte;
Hera no Paraíso, na terra, Perséfone;
Levanah das marés e Hecate –
Eu sou todas elas, e elas são vistas em mim.

A hora da lua cheia no alto do céu se aproxima;
Eu ouço as palavras de invocação, ouço e apareço –
Ísis Revelada e Ea, Binah, Ge
Eu apareço para o sacerdote que me chamou[21].

21. Fortune, Dion, *The Sea Priestess*, Ibid.

O Festival Ploiafésia

O festival greco-romano de Ploiafésia, ou *Isidis Navigium*, acontecia quando um barco dedicado a Ísis como deusa do mar era lançado para abrir a temporada da navegação.

Originalmente, acreditava-se que o aspecto de Ísis como uma deusa do mar tivesse sido contribuição do período greco-romano, mas textos antigos encontrados nas pirâmides associam Osíris ao "Grande Verde" (o Mediterrâneo) e com a mar Sírio. A própria Ísis estava sempre presente no Barco dos Deuses, que navegava pelo Submundo à noite. Na lenda de Osíris, acredita-se, ainda, que Ela tenha viajado pelo mar até Biblos para recuperar o corpo do marido que estava enterrado em um pilar do palácio. Portanto, as próprias associações de Ísis com o mar e a navegação são relativamente antigas.

Com o crescimento do comércio com o Mediterrâneo, muitos navios receberam o nome de "Ísis", prática que ainda existe, embora com menor freqüência, em que várias barcas para turistas no Nilo trazem o nome da Deusa na proa. Os olhos de Hórus também eram pintados nos barcos para protegê-los das tempestades, o que ainda é ocasionalmente visto em navios modernos nos mares Mediterrâneo e Egeu.

No Egito, Ísis era simbolizada pelo poste de ancoragem onde os navios eram amarrados; em tempos mais recentes, lemes e âncoras foram usados como símbolos do poder de Ísis para guiar as almas através da vida e da morte, e como fonte de estabilidade em tempos difíceis.

Uma Ploiafésia moderna

Em um dia em que o tempo esteja excelente para navegar, vá para o cais com júbilo, música e dança. Decore o navio que será lançado com faixas, flores, luzes e qualquer coisa que lhe seja atraente. Decore o convés com palmas douradas e abanadores.

Se possível, peça a alguém que queira vestir uma roupa de mergulhador que nade por debaixo do navio segurando um ovo cru, visualizando mentalmente a transferência de todas as impurezas para dentro do ovo. Todas as pessoas podem subir ao navio carregando ovos. Depois, os ovos devem ser levados a certa distância do navio e quebrados onde a água os levará embora.

Ande ao redor do navio segurando uma tocha ou uma vela para purificá-lo, sempre chamando por Ísis para guiá-lo e proteger seus ocupantes. Purifique o navio completamente com frankincense, evitando áreas onde chamas ou fagulhas possam significar perigo.

Quando a purificação estiver completada, lance o navio com um brinde de vinho ou leite à Deusa Ísis, e parta. Festeje em Seu nome e invoque Sua proteção para todos que navegam pelos sete mares.

Outros navios podem acompanhar o Navio de Ísis, bem como participar dos ritos de purificação.

A história do festival

A Ploiafésia, ou *Isidis Navigium*, era o mais marcante festival do culto a Ísis no período greco-romano. Amplamente celebrado, o festival afirmava Seu poder benevolente sobre as marés e o mar no começo da temporada da navegação, após o duro inverno. O Lançamento do Navio de Ísis foi o protótipo de muitos outros festivais associados às celebrações cristãs.

Duas datas eram celebradas como a Ploiafésia. A mais observada, 5 de março, era a original e correspondia, na verdade, às melhores condições climáticas para a navegação. Posteriormente, em esforço de associar Ísis positivamente aos imperadores romanos, um outro Lançamento do Navio de Ísis foi incluído no dia sagrado do culto ao imperador, em 5 e 6 de janeiro.

Apuleius, em *The Golden Ass* [O burro dourado], descreve o festival da Ploiafésia como celebrado no porto de Cenchrea, na costa norte da África. Nessa parte do romance, Lucius, uma vítima indefesa da magia maligna, que fora transformado de humano em burro, tem suas desesperadas preces atendidas por uma manifestação da Deusa Ísis. Ela o instrui a participar de Seu festival e comer das rosas que Seu sacerdote estará carregando, para, assim, retornar à forma humana.

ÍSIS COMO A DEUSA DOS VIAJANTES

Ísis sempre esteve em movimento, primeiramente procurando por Osíris e depois quando Seu culto se espalhou de um lugar para outro. Sua viagem a Biblos em busca de Osíris foi comemorada como um evento anual. Após o esquartejamento de Osíris, acredita-se que Ísis encontrou cada parte do corpo e o enterrou em um templo localizado em outra parte do Egito, o que explicaria a quantidade de templos dedicados a Osíris espalhados pelo país. Ísis viajava de um templo para outro, durante o ano, visitando as outras divindades. E, é claro, ela navega no Barco de Rá todas as noites.

Os viajantes rapidamente adotaram Ísis como sua protetora especial. Ela tinha pelo menos um templo perto da base do farol de Alexandria, e uma grande estátua de granito cor-de-rosa foi erigida perto do templo, dando as boas-vindas aos cansados viajantes. Acreditava-se que ela criava os bons ventos com Suas asas, e uma pequena vela era o símbolo de Seu sopro de vida, levado para dentro das narinas da pessoa morta.



Um Olho de Hórus — geralmente pintado nos navios como símbolo de proteção.

Os viajantes faziam oferendas em Seus templos antes de iniciar suas jornadas e após o término bem-sucedido delas. Os devotos de Ísis desfrutavam de um companheirismo em locais estrangeiros; os templos e ritos eram familiares, e viajantes na fé eram sempre bem-vindos. Alguns devotos partiam em peregrinações que duravam meses e cobriam grandes distâncias.

MEDITAÇÃO DAS ÁGUAS

Ísis é o fluxo das marés, o caos que dá vida unindo hidrogênio líquido e oxigênio. Ela é a grande Onda que se move nos mares do Tempo e Espaço, o fluxo sem começo e sem fim. Ela é a água que traz as areias das margens, e Ela é a água que leva embora cada grão novamente. A umidade é Dela, na chuva, nas fontes, no gelo e quando ele derrete. Até o nome pelo qual A conhecemos é um sussurro de gelo e um assobio da água correndo sobre as rochas, ou a espuma do mar nascida do quebrar das ondas nas rochas salientes.

Ísis é, também, o fluxo dos rios. Do fluxo vem a lama, que penetra nas iniciações da Terra e Água.

Pense sobre o nascimento como uma vasilha de fluido fechada, dentro do corpo da mãe, que por sua vez é aquecido pelo fluxo de sangue nas veias e artérias.

Ao buscar essa iniciação, ande pela costa. Nade em uma piscina ou no mar aberto. Relaxe na água da banheira ou "jacuzzi". Observe o fluxo de seus próprios fluidos, secreções sexuais, saliva, suor. Banhe-se com freqüência, em diferentes temperaturas de água. Coloque velas flutuantes em vasilhas com água. Ferva água e observe as bolhas. Veja o movimento dos fluidos sendo despejados em uma xícara, ou a mistura do creme no café. Veleje ou passeie de balsa. Visite um parque aquático. Conscientemente, passe um dia sem ingerir fluidos. Beba mais água. Observe as águas paradas de uma poça feita pela chuva. Ande sob a chuva. Olhe para fotos de outros planetas e reflita sobre o quão especialmente bela é a nossa jóia azul e verde entre eles.





CAPÍTULO DEZ
A DÉCIMA HORA DA LUZ DO DIA

FESTIVAIS DE ÍSIS

A terra que alimentou o culto a Ísis, o Egito, era radiante com festivais e dias sagrados. Quando Seu culto se espalhou para o mundo greco-romano, com seus complexos ritos e festivais públicos e dias sagrados, mais dias e datas foram associados a Ísis. Um calendário dos festivais greco-romanos, do templo Socnaipou Nesos, lista mais de 150 dias de vigílias especiais e um festival em honra ao aniversário de Ísis com a duração de dezesseis dias.

Muitos ritos de Ísis eram noturnos, e luzes coloridas (provavelmente velas dentro de recipientes de vidro ou lâmpadas feitas de pedras translúcidas coloridas, cheias de sal e óleo) decoravam os templos e as residências por todo o Egito, do mesmo modo que as luzes de Natal em algumas partes do mundo hoje em dia. O egiptólogo e romancista Georg Ebers descreve um festival de luzes como aqueles que eram celebrados para Ísis:

O festival... era celebrado por uma iluminação universal que começa ao nascer da lua. As margens do Nilo pareciam duas longas linhas de fogo. Todos os templos, casas e cabanas estavam ornamentados com lâmpadas, de acordo com as possibilidades dos proprietários... As palmeiras e sicômoros estavam prateados pela luz da lua e criavam estranhos e fantásticos reflexos sobre a água vermelha do Nilo — vermelha por causa do intenso brilho das casas em sua margem... De vez em quando, um barco iluminado atravessava o rio suavemente e, ao se aproximar da margem, dava a impressão de estar passando por uma faixa brilhante de ferro derretido. Flores de lótus, brancas como a neve, es-

palhavam-se pela superfície do rio, elevando-se e caindo com as ondas, e se parecendo com olhos na água[22].

O BELO ANO ESTRELADO ERRANTE: VÁRIOS CALENDÁRIOS DO EGITO

É muito difícil estabelecer o dia exato dos festivais tradicionais quando estes não estão ligados a um evento específico, como a ascensão de uma estrela ou o advento do solstício. O Egito usava de três a quatro calendários simultaneamente, alguns se afastando tanto da realidade das estações que os festivais de outono eram celebrados na primavera.

O mitólogo Robert Graves descreve um calendário esotérico de Osíris, provavelmente o mais antigo do Egito, embora possa ter sido usado estritamente para os rituais. Esse "ano de Osíris" consistia em cinco estações de setenta e dois dias. Cada estação do ano era associada a uma das divindades de Osíris: Osíris, Ísis, Hórus, Set e Néftis. Graves sugere que esses períodos correspondem ao nascimento, iniciação, consumação, frutificação e declínio, que levaria ao próximo período de nascimento.

Outros calendários egípcios seguiam um ano de três estações. Um calendário do templo muito usado era o do ritual Sothic, no qual o ano se iniciava em *peret Sopdet* (o primeiro dia em que a estrela Sírius — ou Sothis — nasce antes do amanhecer, momento geralmente chamado de "nascimento helicoidal", derivado do nome grego da estrela, *Helios*). Esse evento coincidia com a cheia do Nilo. Esse cálculo anual era conhecido como *renpit nofert*, o ano belo ou perfeito.

Havia, também, um calendário cívico baseado em um ano de 360 dias e que rapidamente ficou fora de alinhamento com as reais mudanças de estação. Ocasionalmente, o erro acumulado era corrigido por um faraó astuto, confundindo ainda mais a situação do calendário até que todos fossem informados da mudança. Esse ano de 360 dias era popularmente conhecido como o Ano Errante, ou *renpit geb* (Ano Manco), porque ele "mancava" de estação para estação, raramente coincidindo com os eventos da natureza.

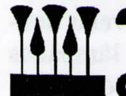
Como o ano básico egípcio habitualmente em uso era baseado em um ciclo de 360 dias, foram acrescentados cinco dias a cada ano para ajustá-lo ao ciclo celebrado de 365 dias.

Embora as datas exatas dos festivais sejam assunto que gera polêmica e diferentes interpretações, eu geralmente sigo o sistema detalhado no livro *Ancient Egyptian Magic* [Magia egípcia antiga], do Dr. Robert Brier. Ele usa uma forma atualizada do calendário Sothic, colocando o nascimento helicoidal moderno de Sírius (aproximadamente em 1º de agosto) como o início do ano egípcio, coincidindo com o primeiro dia do mês de Tahuti.

Como os próprios antigos consideravam a profusão de calendários algo confuso, como fica evidente na leitura de algumas crônicas, permitia-se ter flexibilidade a interpretar essas datas. Geralmente, se um acontecimento é baseado em um evento cósmico significativo, como o solstício, a lua cheia ou a lua nova, tente seguir as datas e os horários corretos desses eventos. A energia que eles manifestam não é imaginária e é mais forte no momento exato do evento celestial.

O ANO EGÍPCIO

Akhet



A estação de Akhet, a Inundação do Nilo.

Tabuti — 1º–30 de agosto

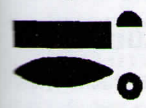
Paopi — 31 de agosto–29 de setembro

Hethara (também escrita como Athyr) — 30 de setembro–29 de outubro

22. Ebers, Georg, *An Egiptian Princess*. A. L. Burt Co., versão inglesa da segunda edição alemã, 1868.

Koiak — 30 de outubro–28 de novembro

Proyet


A estação de Proyet, o nascimento da terra e das coisas verdes

Tybi — 29 de novembro–28 de dezembro

Mechir — 29 de dezembro–27 de janeiro

Panemot — 28 de janeiro–26 de fevereiro

Parmuti — 27 de fevereiro–28 de março

Shomu


A estação de Shomu, do verão e da colheira.

Pachons — 29 de março–27 de abril

Payni — 28 de abril–26 de maio

Epipi — 27 de maio–26 de junho

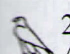
Mesore — 27 de junho–26 de julho

Aniversários dos Deuses e Deusas

Primeiro dia epagomenal


27 de julho
Aniversário de Osíris

Segundo dia epagomenal


28 de julho
Aniversário de Hórus

Terceiro dia epagomenal

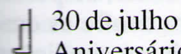
29 de julho
Aniversário de Set

Quarto dia epagomenal

30 de julho
Aniversário de Ísis

Quinto dia epagomenal

31 de julho
Aniversário de Néftis



Sexto dia epagomenal


Dia do Ano Bissexto

Os cinco dias inseridos no calendário para fazer com que o ciclo de doze meses, com trinta dias cada, equivalesse aos verdadeiros 365 dias do ano seguido, foram dados aos deuses como datas de aniversário. A lenda por trás desse evento conta que Nut fora proibida pelo marido, Geb, de dar à luz em qualquer dia do ano. Quando Tahuti (Thoth), que amava Nut, ouviu isso, desafiou o deus lua por uma fração de sua luz. Tahuti, deus da sabedoria, venceu o desafio e, com a luz extra, criou mais cinco dias e os deu a Nut, para que ela pudesse dar à luz nesses dias "que não eram do ano".

Tempos depois, um sexto dia epagomenal foi acrescentado para ajustar o calendário, exatamente como o "ano bissexto" faz nos tempos modernos. Esse dia a mais pode ser atribuído a uma divindade diferente, como Anúbis, e ser celebrado de acordo.

Os festivais que celebram os aniversários dos deuses devem incluir um rito ou hino em honra ao deus específico e qualquer forma de entretenimento que agrade aos deuses. A dança é muito adequada para Ísis e Osíris; Hórus e Set poderão preferir danças de guerra ou exibições marciais; o aniversário de Néftis é propício para ritos divinatórios e ela gosta de danças como oferendas, também. Realizar um banquete é parte importante em todas essas celebrações

Um encantamento de ano novo para dar sorte

No primeiro dos cinco (ou seis) dias epagomenais, desenhe uma imagem, ou hieróglifo, de Osíris em um pedaço de linho. Repita o processo todos os dias com cada divindade. Use um ungüento doce, enquanto desenha usando tinta e um palito de dente ou uma escova pequena.

Um ungüento simples pode ser feito usando um creme frio e misturando-o a algumas gotas de óleo essencial. A mistura pode ser afinada acrescentando um pou-

co de água. Para escurecer a tinta acrescente um pouco de erva em pó de cor escura, como a salva. Ao desenhar a imagem de cada divindade, medite sobre seus atributos e peça benevolente influência deles sobre sua vida.

Quando a tira de linho estiver pronta, você pode colocá-la como um item do altar, ou enrolá-la e amarrá-la com um fio, lacrando com cera. Carregue-a para atrair a sorte dos deuses para tudo o que fizer durante o ano.

OBSERVÂNCIAS MENSAIS E ASSOCIAÇÕES DIÁRIAS

Além dos dias sagrados especiais, cada mês tinha vários festivais lunares. O primeiro dia da lua nova é consagrado a Osíris, e um rito chamado "Bênção não Terminada" era realizado no Egito. Osíris



Osíris, marido de Ísis. O primeiro dia da lua nova é consagrado a ele.

também é cultuado durante o festival da lua cheia, no décimo quinto dia de cada mês lunar.

Um banquete para Ísis Lunar

No décimo quinto dia de cada mês lunar, quando a lua está totalmente cheia, o "Banquete do Décimo Quinto Dia", dedicado a Ísis e Osíris, era celebrado. Pode ter sido a origem do epíteto de Ísis, "A Deusa Quinze". Dion Fortune descreve um banquete lunar mais moderno em seu livro *The Sea Priestess* [A sacerdotisa do mar]:

> *Havia coalhada de amêndoa, como os chineses preparam; e mariscos em suas conchas, e pequenos bolos de mel, como marzipã, para sobremesa — todos os itens eram brancos. E essa curiosa e pálida mesa de jantar era contrastada por uma grande pilha de romãs...*[23]

Para realizar esse rito-banquete, uma variedade de alimentos lunares deve ser selecionada e preparada. Veja no Capítulo Catorze, "Nas cozinhas e nos jardins de Ísis", um cardápio e receitas. O cardápio é uma sugestão; sinta-se à vontade para improvisar ou substituir itens, principalmente se isso o permitir usar itens encontrados na região onde mora.

Os alimentos devem ser principalmente brancos, ou de cores claras; alguns toques de vermelho (que parecerão pretos sob a luz da lua) são perfeitamente aceitáveis. Se possível, eles devem ser redondos ou em forma de lua crescente. Todos devem ser os mais requintados e frescos que puder encontrar. Escolha frutas sem manchas, cultivadas organicamente, se possível, e se usar carne, prefira dentre as empresas que criam os animais em condições humanitárias. (Para as pessoas preocupadas com o consumo de calorias, a carne de animais criados em pasto tem menos calorias do que a daqueles em ambientes fechados que são alimentados com ração). Use pratos de prata ou brancos.

23. Fortune, Dion, *The Sea Priestess*, Ibid.

A bênção sobre o banquete

Pode ser feita de frente para o grupo, pelo grupo como um todo ou silenciosamente pelo sacerdote ou sacerdotisa que conduz o rito.

Em louvor a Ísis e Osíris
Em agradecimento pelo alimento concedido
Em adoração pelos grandes Seres
Uma saudação a todos os Sagrados
Uma saudação ao Deus e à Deusa
Uma saudação à Deusa e ao Deus!
Permitam que sejamos felizes à luz da lua
Sagrados, festejem conosco
Sagrados, dancem conosco
Sagrados, divirtam-se conosco!

Repita até sentir que o convite foi aceito. Coma e desfrute da companhia dos amigos — humanos e divinos.

Dias especiais

Ísis era especialmente honrada em ritos celebrados no primeiro e quarto dia do ciclo da lua crescente, depois da luz nova. Ela é associada a todas as conjunturas do dia e da noite: madrugada, meio-dia, pôr-do-sol e meia-noite. Os ritos para essas ocasiões estão descritos nos capítulos Um, Sete, Treze e Dezenove.

As horas do dia e da noite

Devemos o nosso dia de vinte e quatro horas ao sistema egípico de divisão do dia e da noite em doze horas cada. Ísis representa papel crucial e poderoso como Deusa da Hora, durante a décima segunda hora da noite (5–6 da manhã), a sétima hora da noite, a meia-noite (quando ela se junta ao Barco de Rá e o conduz), a oitava hora da noite, 1–2 da manhã, a nona hora da noite, 2–3 da manhã (da qual Ela era a Deusa particularmente responsável), a nona hora do dia (2–3 da tarde), a segunda hora da noite (7–8 da noite), conhecida como a "Hora Daquela que Sabe Como Proteger seu Consorte", e também durante a décima quinta e décima sexta hora da noite (10–meia-noite)

Em decorrência da multiplicidade de calendários e da necessidade de cada templo em áreas diferentes, praticamente "todos os dias são sagrados!" no que diz respeito aos ritos de Ísis, especialmente no Egito.

Abaixo segue uma lista de algumas celebrações que você pode optar por incluir em suas próprias observâncias.

Embora os egípcios fossem totalmente conscientes dos eventos astronômicos que marcavam as mudanças das estações, essas datas não tinham o mesmo significado aos fazendeiros do que para o resto do mundo. As estações reais para os camponeses egípcios eram ditadas pela cheia do Nilo, e não pela posição do sol.

Como muitos de nós estamos acostumados a marcar a mudança das estações celebrando os solstícios e equinócios, esses ritos podem ser combinados com os ritos de Ísis. A celebração do Ano Novo coincide aproximadamente com Lammas; os ritos de Koiak começam em Samhain (*Halloween*); o nascimento de Hórus para Ísis ocorre claramente no solstício de inverno; e a Ploiafésia de 5 de março se estenderá até o equinócio da primavera.

A CELEBRAÇÃO DO ANO-NOVO

Tahuti 1/1º de agosto — *"Shay met em ronpu!"* (Que você viva cem anos!). Essa frase era muito usada como cumprimento durante as celebrações do Ano-Novo, quando havia troca de presentes e diversão por toda a parte. O Nilo fluíra, elevado pelas lágrimas de Ísis; o Nilo se elevara, inundado pela ejaculação de Osíris; o Nilo transbordara com a chuva das distantes montanhas da Núbia.

A arte do drama começou nos templos. Embora nos lembremos, atualmente, de muitos dramaturgos gregos e romanos, esquecemos que os primeiros autores tiravam inspiração dos dramas de mistério representados nos templos em honra aos deuses. E os templos, por sua vez, tomavam emprestado os antigos dramas da terra de

Khem — o Egito — especialmente dos muitos dramas representados para ilustrar a vida, morte e ressurreição de Osíris.

Descrevo, aqui, um simples drama ritualístico, que pode ser representado por um grupo na celebração do Ano-Novo. Embora os papéis sejam mais indicados para sacerdotes e sacerdotisas, qualquer pessoa interessada pode representá-los. Se for difícil decorar as falas, grave-as antes e deixe que os atores apenas façam mímica. Há um precedente assim na prática egípcia, no qual o sacerdote leitor, ou o "Homem como o Papiro", lia o ritual em voz alta enquanto os outros representavam apenas com gestos o rito sagrado.

Um breve ensaio fará com que a representação seja mais fluente. É recomendável tirar cópias do texto, cortá-las e colá-las em cartões. É mais fácil manusear cartões durante a apresentação; e eles chamam menos a atenção do público.

Do modo como foi elaborado, o rito pode ser realizado por um mínimo de cinco pessoas (se você usar a imaginação e algumas pessoas representarem dois papéis, o número pode ser menor) ou um máximo de nove. Se você for abençoado com quantidade razoável de pessoas que desejem participar, as sacerdotisas ou sacerdotes dos quadrantes, ou que trazem notícias dos quadrantes, podem ser representados por duas pessoas.

Não há limites para a quantidade de pessoas que balançam o sistro, tocam os tambores ou os sinos, ou outras que formam a procissão; essa é uma boa oportunidade para permitir que todos os interessados, inclusive as crianças, participem.

Se crianças participarem, atribua a cada uma delas tarefa especial — isso manterá o interesse delas desperto e as fará com que se sintam parte do espetáculo. Algumas sugestões de tarefas incluem segurar objetos à mão para os sacerdotes ou sacerdotisas, carregar flores, balançar os sistros (embora elas possam exagerar ao fazer isso) ou desempenhar uma função muito útil — impedir que os longos mantos das pessoas se arrastem pelo chão, segurando-os e seguindo os atores. É claro, poderá haver grande número de espectadores.

Alguém que não seja o principal sacerdote ou sacerdotisa, conduzindo o ritual, deve ficar à frente da procissão e guiá-la para que siga ao redor da área onde a representação está sendo feita. Os sacerdotes e sacerdotisas dos quadrantes saem da procissão e vão para suas posições. Os sacerdotes e/ou sacerdotisas que trarão notícias dos quadrantes não estão na procissão, mas esperam na área da qual assumirão suas posições durante a cerimônia.

Uma procissão mal guiada poderá levar a um congestionamento dentro do Espaço Sagrado, e isso deve ser evitado, se possível. O líder da procissão pode carregar um bastão ou uma folha de papiro, que pode ser usada com gentileza para impedir que os participantes da procissão desviem do caminho. Gritos, como "Ei! Você está no caminho errado! Volte para cá!", devem ser evitados

Estou me estendendo um pouco mais sobre a tarefa de guiar a procissão por causa de uma experiência ocorrida logo no início da minha vida dedicada à magia quando, por ser o membro mais novo, recebi a incumbência — e a honra — de guiar a procissão para um rito de ordenação. Entretanto, quando estava na metade do caminho, percebi que ninguém havia me dito onde parar, e eu não sabia em que local o rito iria começar. Eu continuei a conduzir a procissão, seriamente varrendo o chão com o bastão de papiro, até perceber que o restante do grupo havia parado a mais ou menos nove metros atrás de mim, e o rito já estava para começar. Envergonhada, eu me juntei ao grupo novamente. Pelo menos ninguém, exceto eu mesma, se desviou do caminho.

O drama é mais bem representado ao ar livre, mas pode ser também em um local fechado. Como é um drama ritualístico, e não estritamente um ritual, a preparação mágica da Área Sagrada é opcional.

O drama do Ano-Novo

Os participantes seguem para a Área Sagrada em uma procissão solene, vagarosamente balançando os sistros ao mesmo tempo. O estado de espírito é sombrio.

Sobre um altar no centro da Área Sagrada repousa uma tigela com água. Um queimador de incenso propicia a fragrância, e um lampião ou vela fornece luz. Uma pequena tigela com sal ou natro também está sobre o altar.

Sacerdote/sacerdotisa: *Os cálculos dos sacerdotes astrônomos foram feitos, a hora chegou. Hoje será o início do Ano-Novo. Contudo, as águas não estão fluindo, o nascimento da estrela ainda não foi visto, o choro de nascimento da Deusa Ísis não foi ouvido. Hapi não emergiu de sua caverna.*

Deste templo, nas horas de escuridão, sacerdotes e sacerdotisas saíram em busca dos sinais dessas coisas sagradas. E agora, nestas horas silenciosas,

Nós esperamos para saber se as forças do caos triufaram;

Esperamos para saber se os poderes da luz prevalecerão;

Esperamos para saber se tudo será como sempre foi.

(Silêncio por um instante.)

Sacerdote/sacerdotisa (para o leste): *Já temos notícias do nascimento de Sathis? Bela estrela, ela brilha no leste, anunciando o alvorecer, compartilhando o céu com Rá?*

Quadrante leste: *O/a sacerdote/sacerdotisa subiu ao telhado do templo; ele/a ainda não retornou.*

Sacerdote/sacerdotisa: *A estrela voltará e convencerá o Nilo a se elevar? Eu não posso ver, a água está escura e insondável.*

Sothis, estrela de Ísis, grande brilho do leste, segundo Sol do céu, estrela cintilante de grande beleza, senhora do céu do alvorecer, companheira de Rá, aquela que procura por Osíris, atravessando o céu, não deixe de nascer! Espalhe sua luz sobre nós nesse início do Ano-Novo.

Sacerdote/sacerdotisa (para o sul): *Já temos notícias do movimento de Hapi em sua caverna? Grande Deus do Nilo, ele libertará as águas que esperam para fluir?*

Quadrante sul: *O/a sacerdote/sacerdotisa foi para baixo do solo, para a caverna de Hapi; ele/a ainda não retornou.*

Sacerdote/sacerdotisa: *Hapi libertará as águas, a enchente subirá até o nível da abundância na medida sagrada do Nilo?*

Hapi, senhor do Nilo, grande Deus da inundação, aquele que espera em sua caverna sagrado de Philae, fonte de todas as águas, saia com estrondo de sua caverna sagrada! Despeje as águas da vida! Deixe que os campos fiquem úmidos e abundantes para o ano que se aproxima! Liberte as águas, Deus jovial! Não nos deixe perecer, grande Deus que não pode ser visto!

Sacerdote/sacerdotisa (para o oeste): *Já temos notícias do nascimento de Ísis? Bela Deusa, ela já emergiu do ventre de Nut?*

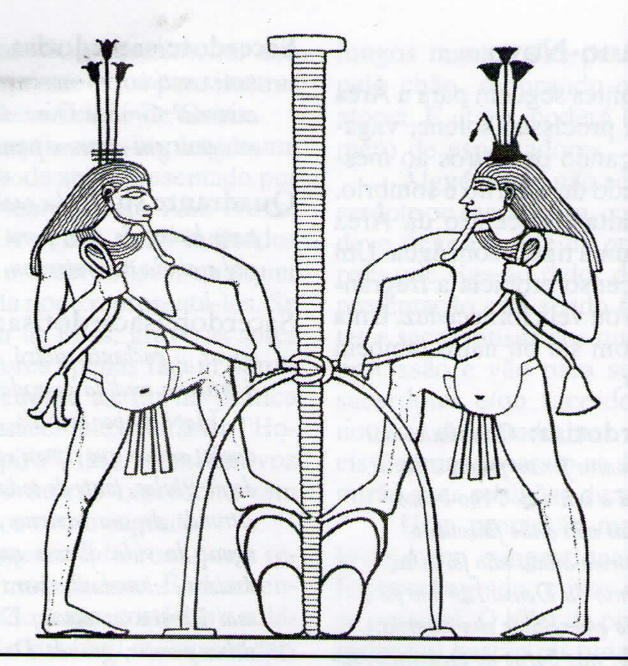
Quadrante oeste: *O/a sacerdote/sacerdotisa partiu para a casa do nascimento; ele/a ainda não retornou.*

Sacerdote/sacerdotisa: *Voltará a Deusa para nós, com toda a Sua luz e alegria? Eu não posso ver, a água está turbulenta e inflexível.*

Ísis, a Divina, Senhora cujas lágrimas fazem o Nilo transbordar, Grande Sothis, estrela da manhã, anunciadora do nascer do sol, mulher do senhor da inundação, divina criadora da enchente do Nilo, volte para nós, nesse dia-entre-os-dias, no nascimento do Ano-Novo.

Deusa do Verde, Deusa dos Jardins, Deusa das Plantas, Senhora das Colheitas Abundantes, Filha de Nut, saia do ventre de Sua mãe!

Sacerdote/sacerdotisa (para o norte): *Já temos notícias da sagrada elevação do Nilo, as águas já se elevam rapidamente e em grande quantidade?*



Hapi, representado como o Deus do Nilo do Sul e o Deus do Nilo do Norte. Embora do sexo masculino, ele era representado com seios, pelos antigos egípcios, para indicar seus poderes de fertilidade e sustento.

Quadrante norte: *O/ a sacerdote/ sacerdotisa partiu para as margens do rio sagrado; ele/ a ainda não retornou.*

(Silêncio por um instante.)

Sacerdote/sacerdotisa: *Os campos serão ricos neste Ano Novo? Eu não posso ver, a água está estagnada e embaçada.*

Águas sagradas do Nilo, lágrimas que Ísis derramou, grande água, rio eterno, cordão que liga o norte e o sul, aquelas que trazem umidade aos campos de Kemet, voltem para nós como voltaram tantas vezes. Grande Nilo, transborde sobre os campos!

Eu ouço um som; deixe-os entrar.

(O/a sacerdote/sacerdotisa anunciador/a se aproxima, vindo do leste, ou se dirige para o quadrante leste, lá permanecendo.)

Sacerdote/sacerdotisa: *Tem notícias do nascimento de Sothis?*

Sacerdote/sacerdotisa: *Eu tenho notícias: Sothis brilha no céu, mais radiante do que nunca!*

Regozijemos, regozijemos!

Sothis brilha novamente!

(O/a sacerdote/sacerdotisa anunciador/a se aproxima, vindo do sul, ou se dirige para o quadrante sul, lá permanecendo.)

Sacerdote/sacerdotisa: *Tem notícias da libertação das águas?*

Sacerdote/sacerdotisa: *Eu tenho notícias: Hapi saiu de sua caverna,*

As águas estão livres!

Regozijemos, regozijemos!

Hapi saiu!

(O/a sacerdote/sacerdotisa anunciador/a se aproxima, vindo do oeste, ou se dirige para o quadrante oeste, lá permanecendo.)

Sacerdote/sacerdotisa: *Tem notícias do nascimento de Ísis?*

Sacerdote/sacerdotisa: *Eu tenho notícias: a Deusa renasceu, bela em suas formas, grande de coração!*

Regozijemos, regozijemos!

A Deusa renasceu!

(O/a sacerdote/sacerdotisa anunciador/a se aproxima, vindo do norte, ou se dirige para o quadrante norte, lá permanecendo.)

Sacerdote/sacerdotisa: *Tem notícias da elevação do Nilo?*

Sacerdote/sacerdotisa: *Eu tenho notícias: o rio se eleva, ele se eleva até a marca da abundância e para além!*
Regozijemos, regozijemos!
O rio se eleva!

Sacerdote/sacerdotisa: *Olhemos para as águas agora: os sinais são claros!*
Tudo em abundância; os campos serão férteis, as colheitas grandiosas; os deuses e deusas ficarão satisfeitos;
Os corações dos homens e mulheres se iluminarão;
A paz e a prosperidade prevalecerão;
Muitas coisas novas serão criadas neste Ano Novo.
Um ano entre os anos, este ano será!
Nossos ritos foram bem-sucedidos; este dia sagrado deve ser celebrado!
Saudação aos quatro filhos de Hórus,
Que abençoaram nosso rito com sua presença!
Que o templo se abra para a multidão.
Vamos, agora, honrar o grande rio, a grande estrela,
A grande Deusa e o grande Deus, com um banquete, música e dança!

(A procissão sai do espaço, com muita alegria, balançando os sistros, etc.)

Todos cantam: *Há água nova e fria no mundo esta manhã.*
Há um novo começo, há um Novo Ano.
Há uma nova Deusa no mundo esta manhã.
Ísis, nascida de Nut, nos abençoou aqui.
Sinta a novidade da Deusa
Sinta o crescer das águas
Sinta o brilho dos céus
Sothis nasce, o Nilo transborda.

Encerre as festividades do dia com um banquete, música, dança, qualquer coisa que traga alegria a você e a seus amigos.

O CAMINHO SAGRADO DE ÍSIS

Hethara 8/7 de outubro — Durante várias datas no ano sagrado, o deus ou deusa de um templo seguia um caminho sagrado para outro templo, para "visitar" a divindade que lá residia. Nessa data celebrava-se um dos caminhos sagrados de Ísis. Uma procissão carregava a imagem de Ísis, geralmente a mais esplêndida que o templo possuía, e seguia uma rota, cuidadosamente elaborada, até outro templo, com muitas paradas em lugares especiais pelo caminho.

Em cada uma dessas paradas, um breve rito era celebrado na presença do público. Geralmente, adivinhações eram oferecidas pelos sacerdotes ou sacerdotisas. Por fim, a procissão chegava ao segundo templo e a imagem de Ísis era colocada em um lugar de honra. Dependendo da mitologia compartilhada, ritos diferentes e um festival eram realizados no segundo templo.

Um rito moderno oferece oportunidade maravilhosa para os sacerdotes e sacerdotisas pagãos, de fés diferentes, se reunirem. Escolha um dia para a procissão sagrada, como o Hethara 8, ou qualquer outro apropriado. Combine com uma ou mais sacerdotisas (e/ou sacerdotes) para aceitar uma visita de Ísis no dia escolhido. Purifique-se e a qualquer veículo que carregue a imagem da Deusa. Os carros podem ser purificados com lavagem comum, seguida de um último balde de água na qual se acrescentou uma xícara de infusão de hissope. Encerre com um óleo de unção ou fragrância, despejando uma gota em cada porta, cada pára-choque, no meio do teto e embaixo do carro. Acrescente algumas gotas em uma bola de algodão colocada dentro do carro.

A procissão deve levar alimento e outras oferendas. O templo que está sendo visitado também pode fornecer alimento como oferenda para as cerimônias.

O rito do caminho sagrado

Ao trabalhar com os oficiantes do outro templo, crie um breve rito de chegada e saudação que seja apropriado a

Ísis e a outra divindade envolvida. Ele pode acontecer na entrada do templo (geralmente o portão da frente, ou no gramado ou na inclinação). Um membro da procissão se aproxima e anuncia a chegada da Deusa:

Nós trazemos saudações da Deusa Ísis, que espera para entrar.

O sacerdote, ou sacerdotisa, do templo responde:

A Casa (ou templo, abrigo, bosque, círculo, etc.) de (nome da divindade) recebe a Deusa Ísis. Entre neste espaço sagrado.

A imagem da Deusa é levada para dentro e colocada ao lado, ou em frente, da imagem da divindade do templo. Nesse momento, deve-se realizar outro breve rito, curto drama ritualístico ou outra cerimônia — o que os oficiantes preferirem. As oferendas de alimento são feitas e compartilhadas entre os participantes. Pode-se tocar música ou dançar. Se outras visitas estão agendadas, a procissão deve partir depois de algum tempo, sendo acompanhada por qualquer pessoa do segundo templo que deseje participar.

Os Ritos Sagrados de Koiak – o Mistério de Osíris

Sua natureza, Osíris, é mais secreta do que a dos outros deuses,
Você é a lua no céu.
Você se rejuvenesce à sua vontade,
Torna-se jovem de acordo com seu desejo.
Você aparece para dissipar as trevas, ungido e vestido,
porque os deuses e a magia foram criados para iluminar sua majestade
e destruir seus inimigos.
Verdadeiramente, você é o Nilo,
grande sobre as margens na hora
do início da estação;
Homens e deuses, todos vivem da umidade
que vem de você.

Inscrição de Rameses IV a Osíris, em Abidos.

Considera-se que o ciclo completo do mistério de Osíris pertence ao mês de Koiak, embora as diferenças entre os vários calendários também afetaram a data de celebração desse dia sagrado. Diversas opiniões colocam os festivais de Koiak em várias datas, dentro de período atual que vai de setembro a janeiro. Além disso, os templos principais, e aqueles que estavam próximos, às vezes, ajustavam as verdadeiras datas das celebrações para que o público pudesse participar de mais de uma versão do festival. Os templos menores geralmente usavam versões mais curtas dos ritos, enquanto nos maiores os ritos duravam uma semana ou mais.

Embora a maior parte do festival fosse triste, com lamentações, a atitude dos cidadãos era alegre. Por alguns dias, vendedores de comida e de *souvenirs* se estabeleciam no território do templo, artistas se apresentavam e, o público de modo geral assistia às representações dos dramas pelos membros do templo. Alguns cidadãos participavam, combatendo ao lado de Hórus ou Set, ou aparecendo como "extras" nas cenas externas da dramatização.

A gravidade dos eventos que levaram à morte e ao esquartejamento de Osíris era aliviada pelo feliz momento em que Ísis o encontrava e, em algumas versões, pelo triunfo final de Hórus sobre Set.

Para celebrar esse dia sagrado, leia em voz alta o "Rito da Restauração", no Capítulo Onze, parado na frente do altar ou santuário. Imagine que Osíris é aquele que está sendo restaurado, e que você fala com ele. Faça uma pequena imagem em argila e coloque-a deitada no altar à sua frente. Quando terminar o rito, coloque a imagem em posição vertical ou inclinada, significando a restauração de Osíris.

Ploiafésia – o Festival da Navegação

Parmuti 7/5 de março — Veja o Capítulo Nove, "Ísis como uma Deusa do Mar", para obter mais detalhes sobre essa

celebração. O dia da celebração desse rito também pode ser mudado para coincidir com o equinócio da primavera.

A NOITE DO DERRAMAMENTO DAS LÁGRIMAS DE ÍSIS

Epipi 18/14 de junho — Nessa noite, acredita-se que Ísis chorou por Osíris — o que dá início à Cheia do Nilo. Esse festival ainda é celebrado pelos muçulmanos com o nome de *Lelat Al Nuktah*, ou Noite do Derramamento. As mulheres colocam montículos de massa de farinha do lado de fora das casas, representando os membros da família. Pela manhã, elas observam se há fissuras na massa. Se houver, isso é sinal de vida longa para a pessoa representada pela massa. Se não houver, acredita-se ser um mau sinal. *Gerekh en Haty* é o nome egípcio dessa noite. Nessa noite, em Philae, o clero jogava moedas e outros objetos de ouro no Nilo.

A VÉSPERA DOS DIAS EPAGOMENAIS

Mesore 30/26 de julho — Os cinco dias dos aniversários dos deuses e deusas estão para começar, e um festival é celebrado. Acredita-se que qualquer rito realizado nesse dia terá poder durante todo o ano. Recomenda-se cantar.

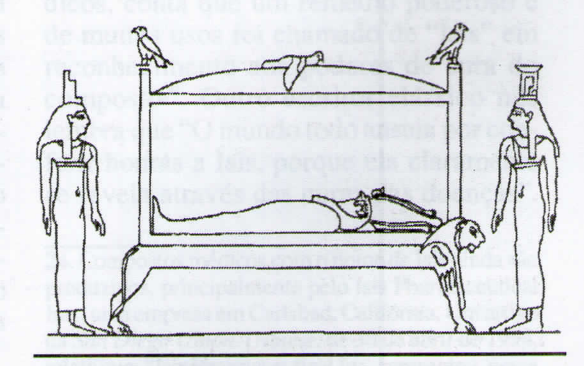
ÍSIS EM FESTIVAIS MODERNOS

As celebrações modernas da festa de carnaval por todo o mundo têm muita semelhança com os grandes festivais egípcios, principalmente os de Ísis. Os modelos de navios do festival *Isidis Navigium* ainda são levados em festas e outras celebrações, freqüentemente sem qualquer explicação para sua presença, exceto que eles sempre foram incluídos.

No moderno Mardi Gras, o carnaval de Nova Orleans, os diversos flutuadores são tripulados pelos "Krewes", homens e mulheres membros de grupos cujo principal objetivo é criar um flutuador para a celebração. Esses grupos apresentam algumas semelhanças com os grupos de leigos que eram associados as mistérios de Ísis; muitos desses "Krewes" se uniram sob nomes egípicos, incluindo um bem estabelecido grupo denominado "Ísis". Outros nomes egípcios dos "Krewes" incluem Nefertiti, Cleópatra e muitos outros. As fichas de alumínio jogadas do flutuador dão continuidade à tradição do festival da cunhagem celebrado nos templos; dançar, beber e divertir-se não deve ser algo muito diferente dos antigos festivais, como o de Hathor em Denderah, onde se acredita que as pessoas consumiam mais cerveja do que em todo o resto do ano!

O papel transformador das máscaras e fantasias também pode ser visto como um equivalente secular às cerimônias muito mais controladas e complexas dentro do contexto dos antigos mistérios, especificamente de Ísis.

As máscaras eram objeto de uso comum entre os sacerdotes, principalmente aqueles dedicados a Anúbis, que geralmente apareciam nas procissões vestindo as imponentes máscaras de chacal. Uma teoria controvertida sobre as representações artísticas do Egito, proposta por Arelene Wolinski, afirma que muitas das representações de deuses com cabeças de animais eram, na verdade, de seus sacerdotes e



Osíris em seu leito de morte, assistido por Ísis (a seus pés) e Néftis (perto da cabeça).

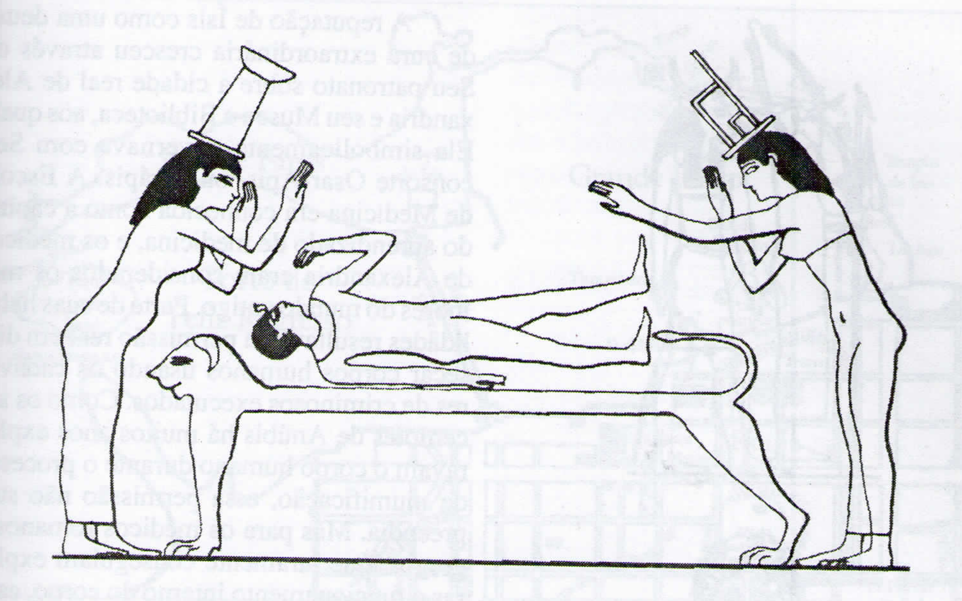
sacerdotisas mascarados; a distinção teológica seria crucial para o entendimento das antigas crenças egípcias.

O drama, que como vimos nasceu das peças apresentadas pelos mistérios dos templos e foi lentamente assimilado pelo mundo material originalmente fazia uso de máscaras para transmitir as emoções.

A própria rigidez de expressão de uma máscara parece ajudar a induzir um estado meditativo ou de transe na pessoa que a veste; as constantes mudanças de expressão do rosto humano são paralisadas, permitindo que as examinemos. É possível acumular energia entre o rosto verdadeiro e o falso, e a concha inanimada pode absorver *mana*, a força de vida, e ser percebida como enervantemente real pelas pessoas que se aproximam. Os chacras na cabeça e no pescoço são particularmente ativos, e o restrito alcance do movimento força a concentração nessas áreas. Muitas pessoas que se consideram incapazes de atuar de modo convincente podem, entretanto, criar e manter uma voz compatível para combinar com seu rosto temporário.

Portanto, no próximo Mardi Gras, leve a Deusa ou Seus sacerdotes e sacerdotisas para junto da barulhenta multidão nas ruas.





CAPÍTULO ONZE

A DÉCIMA PRIMEIRA HORA DA LUZ DO DIA

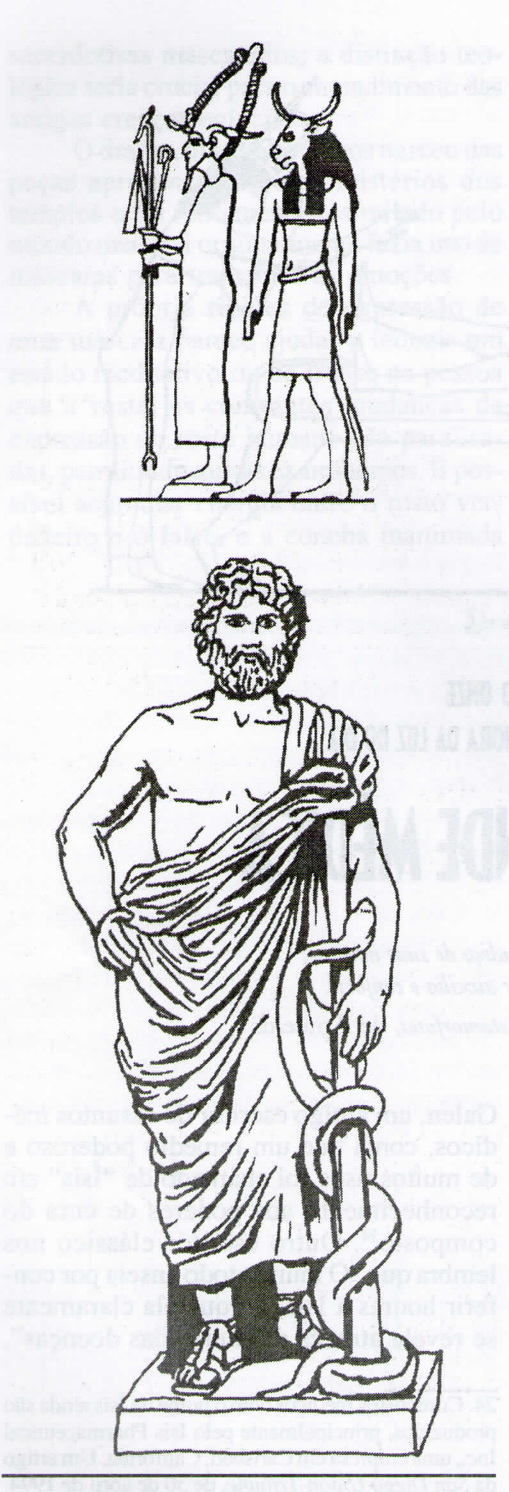
ÍSIS, A GRANDE MÉDICA

Estou aqui e me compadeço de suas doenças;
Estou aqui para dar auxílio e conforto.
Ísis, falando em *Metamorfoses,* de Apuleius

Curar-se de uma doença é algo sagrado. É uma bênção que os trabalhos da alma dão ao corpo. Desequilíbrios, às vezes originados de causas que estão além de nossa compreensão, são corrigidos, e a saúde é restaurada. Em nossa era da medicina moderna, interventiva, ter o bem-estar restaurado, principalmente quando falamos no lado espiritual, é algo tão milagroso quanto nos templos de cura em tempos antigos. Algumas das invocações em línguas misteriosas foram alteradas, mas as essências são idênticas.

Os poderes de Ísis para ritos de cura foram estabelecidos em tempos remotos. Galen, um antigo escritor de assuntos médicos, conta que um remédio poderoso e de muitos usos foi chamado de "Ísis" em reconhecimento aos poderes de cura do composto[24]. Outro escritor clássico nos lembra que "O mundo todo anseia por conferir honras a Ísis, porque ela claramente se revela através das curas das doenças".

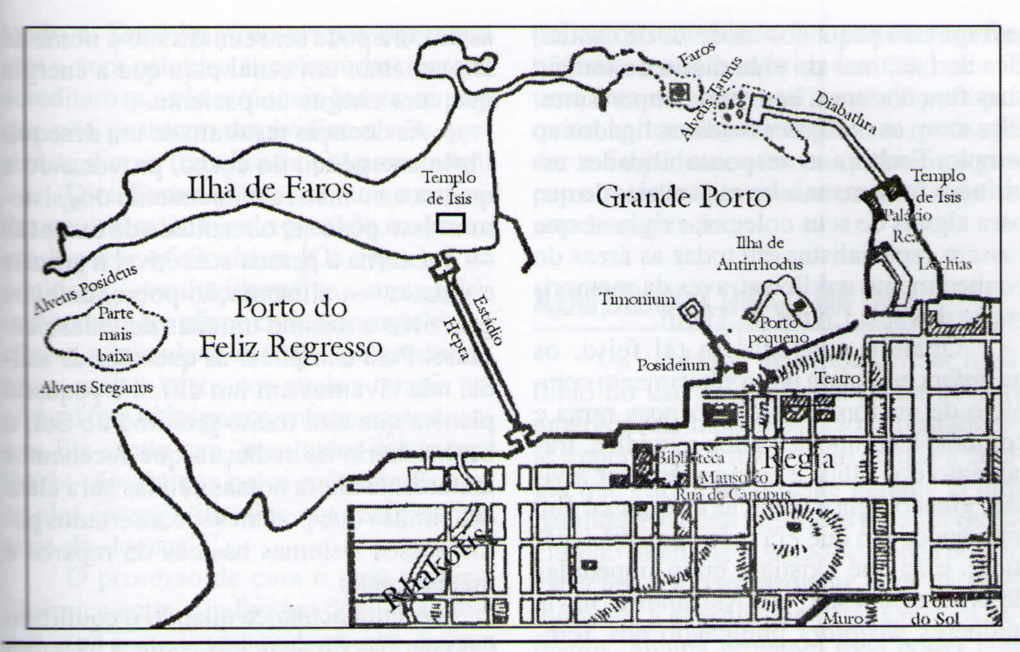
24. Compostos médicos com o nome de Ísis ainda são produzidos, principalmente pelo Isis Pharmaceutical Inc., uma empresa em Carlsbad, Califórnia. Um artigo da *San Diego Union-Tribune*, de 30 de abril de 1994, relata que: "Isis Pharmaceutical Inc. apresentou, nessa semana, os primeiros resultados positivos de um tipo de tratamento que ataca as doenças em nível celular.



Acima, *Osíris, à esquerda, e Serapis, à direita, ambos identificados com o culto a Ísis.* Abaixo, *Asclepius, um deus médico a quem os gregos associavam com Ísis.*

A reputação de Ísis como uma deusa de cura extraordinária cresceu através de Seu patronato sobre a cidade real de Alexandria e seu Museu e Biblioteca, aos quais Ela simbolicamente governava com Seu consorte Osar-Apis, ou Serápis. A Escola de Medicina era conhecida como a capital do aprendizado de medicina, e os médicos de Alexandria eram considerados os melhores do mundo antigo. Parte de suas habilidades resultava da permissão real em dissecar corpos humanos usando os cadáveres de criminosos executados. Como os sacerdotes de Anúbis há muitos anos exploravam o corpo humano durante o processo de mumificação, essa permissão não surpreendia. Mas para os médicos romanos e gregos, que raramente conseguiam explorar o funcionamento interno do corpo, essa permissão representou um grande avanço. Seu conhecimento íntimo de fisiologia dava

"O tratamento usa a tecnologia conhecida como anti-sentido. Em um teste preliminar, o tratamento pareceu interromper uma doença incurável que causa cegueira em pacientes sofrendo de AIDS ou outra deficiência do sistema imunológico.
"O laboratório, sediado em Carlsbad, relatou que o composto Ísis 2922 interrompeu a progressão da retinite induzida pelo citomegalovírus em todos os pacientes, exceto um dos pacientes que recebeu tratamento com doses médias a altas.
"... Estamos confiantes que as reações dos pacientes foram o resultado do tratamento com o Ísis 2922", afirmou o Dr. Daniel Kisner.
"O laboratório reportou que alguns efeitos colaterais foram notados e que estudos mais completos são necessários..." "Ísis realizou um grande avanço demonstrando que esse problema pode ser resolvido", afirmou James McCamant, editor da *Medical Technology Stock Letter*, em Berkeley. "São esses testes uma prova absoluta? Não", continuou McCamant, "Mas com certeza eles retiram muitas das dúvidas sobre a tecnologia anti-sentido."
"Ísis planeja realizar um estudo mais amplo, ainda neste verão, com centenas de pacientes sofrendo de retinite CMV."
Obviamente, o nome da empresa, Ísis, não significa que os cientistas e diretores são devotos da Deusa. Entretanto, os antigos acreditavam no Poder de Seu nome, e o nome do laboratório é um exemplo interessante, embora não tenha sido intencional, da sobrevivência da tradição em dar o nome da Deusa a remédios.



Detalhe de um mapa mostrando Alexandria durante o reinado de Cleópatra. Observe os templos de Ísis.

aos médicos de Alexandria condições para fazer diagnósticos mais precisos e entender melhor o funcionamento do corpo humano. Os manuais médicos de Alexandria eram ansiosamente procurados e estudados detalhadamente por médicos em outras cidades e países. O grande farol, Faros de Alexandria, foi provavelmente um bem-vindo sinal de promessa de cura para viajantes que chegavam pelo mar. Uma monumental estátua de Ísis foi erigida perto do farol, trazendo os navios para os braços de Seu porto protetor[25].

Nas mentes do gregos, Ísis era associada, desde os tempos mais remotos, com o deus médico Asclepius, e uma capela dedicada a Ísis foi construída dentro do templo desse deus, em Atenas.

A INCUBAÇÃO DO SONHO

Tanto os templos de Ísis quanto os de Asclepius praticavam a terapia de cura da incubação do sonho[26]. Uma pessoa sofrendo de uma doença que havia resistido ao tratamento tradicional permanecia no templo, seguindo um regime diário cuidadosamente prescrito. Sob a atenta orientação dos sacerdotes, o paciente dormia dentro do templo, esperando receber um sonho da Deusa que lhe revelaria qual o método de cura a ser usado. O sucesso desse tipo de terapia pode ser comprovado por objetos doados em agradecimento e inscrições encontrados nos templos. Além disso, sacerdotes e sacerdotisas treinados praticavam curas menos esotéricas, mas que também traziam alívio.

Nas procissões públicas, os sacerdotes e sacerdotisas denominados *pastofors*

25. Uma expedição submarina egípcia e francesa recentemente resgatou um possível fragmento de uma estátua de Ísis, e outras relíquias, das ruínas do farol de Faros. Centenas de outras relíquias continuarão submersas, para serem enterradas permanentemente pela construção de um muro submerso, que protegerá os restos de uma fortaleza histórica perto daquela área. A expedição, liderada por Jean-Yves Empereur, do Centro Francês de Estudos sobre Alexandria, pode conseguir trazer mais alguns objetos antes do término da construção.

26. Mais informações sobre sonhos estão incluídas no Capítulo Vinte e Três, "Ísis e os sonhos".

carregavam pequenos modelos de santuários de Ísis; mas na vida diária do templo suas funções eram bem mais importantes. Eles eram os melhores médicos ligados ao templo. Embora as responsabilidades espirituais fossem mais leves para eles do que para alguns de seus colegas, exigia-se que fossem especialistas em todas as áreas do conhecimento médico através da memorização dos seis Livros de Thoth.

Quando conseguiam tal feito, os *pastofors* possuíam um conhecimento completo de anatomia geral, doenças raras e comuns, a composição dos remédios, tratamento dos olhos e como preservar a visão, ginecologia e técnicas cirúrgicas. Em uma época em que era raro encontrar médicas, e as que existiam eram impedidas de praticar, mesmo em Alexandria, havia mulheres *pastofors* praticando nos Templos de Ísis.

Comunidades nasciam e cresciam ao redor das localizações do templo — em muitos aspectos semelhante aos spas. Na verdade, muitos dos spas atuais, famosos por suas águas, foram construídos em locais onde existiram templos de Ísis e de outras divindades de cura. Vestígios das antigas acomodações, refeitórios e templos rivais de outras divindades de cura nos revelam o quanto os antigos "spas" eram parecidos com os modernos. Muitos templos de Ísis eram particularmente conhecidos como locais de cura, e esses lugares continuaram a ser usados até período mais recente.

Doença e Cura

Ísis, abraçando tanto a medicina ortodoxa quanto a que hoje chamamos de cura psíquica, desconsidera qualquer limitação nos métodos pelos quais uma pessoa pode curar ou ser curada. Sua bênção pode ser invocada por qualquer canal, quer seja a medicina moderna, a cura psíquica, a medicina asiática ou técnicas não tradicionais. De maneira ideal, o que há de melhor e mais apropriado em todas as terapias de cura pode ser reunido sob o nome de Ísis, criando um canal para que a energia que cura chegue ao paciente.

As doenças resultam de um desequilíbrio energético do corpo, provocando a quebra ou o mau funcionamento dos sistemas. Isso pode ser o resultado de exaustão — que torna a pessoa suscetível a germes e viroses —, alimentação pobre, defeitos genéticos e mesmo traumas de vidas passadas. Para complicar as questões de saúde, nós vivemos em um difícil e pequeno planeta que está muito próximo do Sol; o banho diário de radiação que recebemos lentamente altera nossas células para além dos limites que podem ser consertados pelos nossos sistemas básicos de reparos e manuntenção.

A cura acontece quando o equilíbrio das energias é restaurado, e nunca há muito ou pouco de qualquer coisa que o corpo precisa para funcionar e sobreviver.

Como a doença é uma função de energia, esta deve ser restaurada ao organismo — ao nosso ou ao da pessoa que procuramos curar — na quantidade e qualidade certa. Geralmente, isso deve ser feito de modo gradual para dar à pessoa que está sendo curada tempo suficiente de receber, absorver e usar a energia que cura. Dependendo da urgência da enfermidade, tanto a cura psíquica quanto a medicina ortodoxa têm papel muito importante. De modo geral, as doenças crônicas, resistentes às terapias tradicionais, podem ceder à cura psíquica, assim como acontece com outros males que se desenvolveram lentamente e não são, de imediato, uma ameaça à vida. A medicina moderna deve ser invocada, entretanto, no caso de emergências mais modernas.

Por favor, não substitua totalmente a medicina ortodoxa pela cura psíquica. Eu assisti à lenta decadência de um parente próximo que decidiu tratar um caso mais simples de câncer apenas por meio da cura pela fé até que a doença se espalhara para além de qualquer possibilidade de cura, ma-

tando-o. Também vi outras pessoas tentarem a cura psíquica simplesmente porque acreditam que ela será mais barata ou porque não gostaram do médico e não querem se dar ao trabalho de procurar outro.

Dion Fortune, uma das mais renomadas ocultistas do século passado, escreveu em *Aspects of Ocultism* [Os aspectos do ocultismo] que duvidava que a cura espiritual poderia ser eficaz contra doenças como câncer, tuberculose ou sífilis, pois testemunhara muitos casos nos quais a terapia espiritual fora inútil para combater essas doenças. Ela sentiu que "resultados muito melhores são obtidos pelos métodos físicos, se eles forem utilizados nos estágios iniciais da doença"[27].

O processo de cura é uma parceria dinâmica entre o indivíduo doente, aquele que cura e quaisquer poderes que entrem em sintonia com essa associação. Um fator-chave na cura psíquica, freqüentemente esquecido, é se o indivíduo realmente quer melhorar ou acredita totalmente que merece ser curado.

Muitas pessoas ainda consideram as doenças como um tipo de punição divina, embora isso nem sempre seja percebido no nível consciente. Muitas pessoas morrem porque acreditam com toda a força que foram amaldiçoadas, ou abandonadas, pela divindade a qual cultuam por causa de alguma falha cometida. Em alguns casos, isso pode estar próximo da verdade: alguém pode ter pecado, em sua mente, contra as forças que cultua, e por sentir-se culpado pode suprimir seus próprios poderes de cura, tornando-se mais suscetível à doença que o puna. As divindades todo-poderosas que cultuamos têm capacidade de perdoar muito maior que a de nossas almas e corações.

Curar as barreiras psicológicas e espirituais é essencial para obter resultados positivos. Essa é uma área em que a medicina ortodoxa moderna abdica de seu papel como autoridade, ignorando com freqüência essas necessidades tão reais. É uma área onde um praticante da cura psíquica, bem treinado e experiente, pode ajudar a limpar escombros espirituais e preparar o indivíduo para a cura — seja ela ortodoxa ou não.

MANIFESTANDO A ENERGIA QUE CURA

Os cuidados descritos acima, insistindo no uso da medicina moderna para emergências modernas, são especialmente importantes à luz do fato de que a energia que cura é facilmente gerada. É uma habilidade natural que todos possuímos, incluindo os animais, embora apenas poucas espécies decidam projetar para os seres humanos a energia que cura. Entre os humanos, alguns projetam esse poder com mais facilidade, e eles geralmente lidam muito bem com plantas e crianças doentes. Toda pessoa tem a capacidade de curar, sendo que isso pode ser refinado com prática e estudo.

Inicialmente, como ela vem facilmente para muitas pessoas, você pode ficar tentado, como fui, a considerá-la apenas como o resultado da eletricidade estática ou atrito, bem como atribuir os benefícios aparentes que a acompanham como simples resultados de sugestão. Embora os fatores psicológicos definitivamente tenham importante papel em qualquer tipo de cura, a energia projetada é real e não mero resultado da imaginação diária.

Centralizando

Sempre que realizar trabalhos de cura, é essencial reservar um tempo para se centralizar e entrar em contato com as energias que curam do Universo. Sua reserva pessoal de energia é limitada, e se você não conseguir se ligar ao suprimento universal, o seu trabalho de equilíbrio de energia, para si ou para os outros, pode deixá-lo exausto ou fazer com que, acidentalmente, traga para si os sintomas que está

---

27. Fortune, Dion, *Aspects of Occultism*, York Beach, ME: Samuel Weiser, Inc., 1973.

tentando curar. O trabalho rotineiro de equilibrar as energias, quando realizado de maneira correta, deve fazê-lo sentir-se levemente revigorado; através do equilíbrio você pode perceber que as suas indisposições leves estão curadas.

Para centralizar e entrar em contato com a energia do Universo respire profundamente e imagine sua aura penetrando na terra e se elevando para as estrelas. Peça pela ajuda de Ísis ou de outra divindade de cura para conceder-lhe a ligação necessária com as fontes universais de energia.

Antes de começar, certifique-se de que tem permissão para curar. Por mais estranho que pareça, há muitas pessoas que dão valor a suas doenças ou as usam como ferramentas de crescimento e forma de pagar o carma. Se essa é ou não decisão sensata, ela é um peso a ser carregado pelo indivíduo. Suas escolhas não podem sofrer interferências do tipo "é para o seu próprio bem". Quando estiver em dúvida, ofereça a energia que gerou ao espírito da pessoa doente para que ela a use de qualquer modo positivo que escolher.

A energia que cura também pode ser usada em seus animais e plantas. O alívio que ela traz será muito bem recebido por animais feridos, já que eles raramente recebem analgésicos quando estão se recuperando de uma cirurgia ou ferimento. Novamente, procure pelo melhor diagnóstico médico e tratamentos existentes para usar junto com seu trabalho de equilíbrio energético e cura, e peça permissão ao animal ou à planta. Se sentir alguma resistência, ou se o animal estiver com muito medo para permitir a união mental, direcione sua energia para acalmá-lo e dissipar a confusão. Se ainda houver resistência, peça ajuda à divindade com a qual você cura. Determine se deve continuar com a tentativa de cura.

Como gerar a energia que cura

Se você não trabalhou com essa energia antes, pratique o exercício descrito a seguir. Ele o deixará familiarizado com algumas das sensações que a energia pode causar em seu corpo.

Comece por inspirar profundamente e depois esfregue as mãos rapidamente uma na outra, contando até cinco. Pare e coloque uma palma da mão de frente para a outra a uma distância de aproximadamente cinco centímetros. Mova a mão dominante levemente para longe da outra. Você provavelmente sentirá o campo de energia na mão que está parada responder quando a outra mudar de posição. Respire fundo novamente. Você sentirá a energia aumentar e diminuir.

É possível que você sinta também a diminuição e o fluxo da força que cura existente em outras partes do corpo, particularmente nos centros de energia chamados de chacras ou plexos, se espalhar por todo o corpo. Ao praticar esse exercício, se houver qualquer coisa que lhe cause dor, como um corte ou arranhão, coloque suas mãos uma de cada lado do ferimento, sem tocar a pele, e mova a mão dominante para frente e para trás ao redor do ferimento. Se você realizou uma boa "ligação", sentirá agradável formigamento ou suave enrijecimento na pele ao redor do ferimento. Após um breve momento, você perceberá a energia diminuindo. Esse é o sinal de que não é mais possível absorver energia e de que está na hora de terminar a sessão. Quando acabar, o desconforto ou dor terá diminuído. Freqüentemente a indisposição continuará a se desenvolver por curto período de tempo até que a transferência de energia tenha cessado.

Ao terminar de transferir a energia, bata palmas ou balance as mãos vigorosamente longe do corpo. Isso age como purificação e o livrará de qualquer problema relacionado com a energia que possa ter ocorrido durante o processo. Se ainda se sentir extremamente drenado ou "carregado", use algumas das técnicas de purificação descritas no Capítulo Dois.

A transferência de energia pode ser excelente tratamento de primeiros-socorros enquanto o paciente espera o tratamen-

to médico ortodoxo. Eu recentemente a pratiquei em mim enquanto esperava para fazer exames de raios X depois que meus pés resolveram pular os últimos dez degraus de uma escada. Meus músculos enrijeciam de tal forma que não acreditava que andaria no dia seguinte. A medicina moderna me forneceu antiinflamatórios. Eu forneci a energia que cura, e o resultado foi que no dia seguinte estava em pé e parecia não haver qualquer problema mais sério do que um hematoma. Eu acredito que ambos os tratamentos interagiram e tornaram-se mais fortes do que se aplicados sozinhos.

Minha primeira experiência com o trabalho de cura envolveu um animal que, eu sabia, não iria receber qualquer tratamento. Uma cadela que pertencia a alguns conhecidos não comia havia vários dias e estava ficando cada vez mais fraca e apática. Os donos não tinham a intenção de levá-la ao veterinário, e eu não tinha um carro para fazer isso. Eu fiquei preocupada com a cachorra, que era uma amigável, mas não muito inteligente, pastora alemã. Seus donos pensavam em sacrificá-la porque ela não conseguia mais cumprir seus deveres como cão de guarda. Minha preocupação foi considerada idiotice, sentimentalismo de garota da cidade.

À época, logo no início de minha busca por alternativas religiosas, eu tinha uma grande e inocente confiança na habilidade e direito de curar. Quando ninguém estava olhando, decidi ver o que poderia fazer e andei ao redor da cadela — ela estava deitada com a cabeça sobre as patas e um olhar triste em seus profundos olhos castanhos. Enquanto andava eu transferia para ela, de todas as partes do meu corpo, a energia que cura. Eu andei ao redor do animal em um círculo porque parecia uma coisa "mágica" a fazer, e sussurrei uma prece de cura, algo como: "você está sentido a cura, seja rápida, levante-se e coma". Obviamente, essa oração não era uma sofisticada poesia barda ou um antigo encantamento, mas felizmente os cânticos e preces de cura não precisam ser assim.

Antes que eu completasse a terceira volta ao redor do animal, ela alegremente ficou em pé, andou ao redor do círculo comigo e correu para a tigela que estava a certa distância, e comeu e bebeu como se nada de errado tivesse acontecido. Essa cachorra não tinha qualquer ligação comigo; ela simplesmente começou a comer durante o meu pequeno ritual. Ela viveu muitos anos ainda.

ANTIGAS PRECES DE CURA

Ísis, conhecida como Aquela que é Grande em Magia, também foi saudada como A Grande Médica, Inventora dos Remédios, Ísis Médica, A Grande Feiticeira que Cura. Não é de se surpeender que as mais antigas orações-encantamentos de cura fossem associadas a Ísis juntamente com eficazes templos de cura e remédios cientificamente compostos.

Uma antiga oração é apresentada por Guido Majno no fascinante livro *The Healing Hand* [A mão que cura]. A oração era originalmente feita durante a remoção de bandagens (ou qualquer outro processo doloroso), mas pode também ser usada em situações nas quais a "ligação" seja um problema. A referência negativa à cor vermelha provavelmente está ligada à inflamação e por associação, a Set, o "deus vermelho". Eu modernizei um pouco a linguagem, substituindo os pronomes "tu" e "vós", encontrados na tradução do livro.

Rito para febres e inflamações

Livre é você
Que é liberto por Ísis
Liberto foi Hórus por Ísis
Da maldade que sentia
Quando seu irmão Set
Assassinou seu pai Osíris
Oh, Ísis, grande em magia,
Liberte-me,

Liberte-me,
De todas as maldades
E depravações
E do VERMELHO
Do encantamento de um deus,
Do encantamento de uma deusa,
De um homem morto,
De uma mulher morta,
De um homem cruel,
De uma mulher cruel,
Que será cruel comigo,
O gosto da Sua libertação
O gosto da Sua libertação
Seu filho Hórus.
Porque andei sobre fogo,
Andei para fora da água;
Não serei aprisionado
Nessa armadilha.
Você me salvou
De todas as coisas más
E de todas as depravações
E do VERMELHO[28].

Outro encantamento de cura é apresentado pelo Dr. Walter Jayne no livro *The Healing Gods of Ancient Civilization* [Os deuses da cura na civilização antiga]. Encontrado no Papiro Ebers, um dos maiores compêndios de encantamentos de cura que sobreviveu ao tempo, trata-se de uma proteção contra doenças em geral. A linguagem foi um pouco modernizada.

Encantamento de cura do Papiro Ebers

Que Ísis me cure
Como curou Seu filho Hórus
De todas as dores
Que seu irmão Set
Lhe causou
Quando assassinou seu pai Osíris.
Oh, Ísis!
Grande em Seus encantamentos, cure-me,
Salve-me de todas as coisas más da escuridão,
Das doenças epidêmicas e mortais
E das infecções de todos os tipos que surgiram em mim,
Como salvou e curou Seu filho Hórus
Porque eu atravessei o fogo
E saí da água;
Que eu nunca chegue ao dia
Em que direi,
"Sou sem importância e digno de pena".
Oh, Rá
Que falou através de Seu corpo,
Oh, Osíris,
Que reza pela Sua manifestação.
Rá fala pelo corpo,
Osíris reza pela manifestação.
Liberte-me de qualquer mal,
De todas as coisas nocivas da escuridão,
De febres epidêmicas e mortais de todos os tipos[29].

RITO DE ÍSIS PARA A CURA DO MUNDO

Esse rito simples pode ser realizado a qualquer momento e lugar. Pode ser acrescentado aos quatro ritos diários ou conduzido separadamente. A energia gerada por esse rito aumenta com o tempo e a prática, e trabalhará para curá-lo ao mesmo tempo que você atua para curar o mundo.

Sentado ou em pé, erga levemente os ombros e respire fundo. Invoque a Deusa Ísis chamando Seu nome, mentalmente ou em voz alta. Respire fundo novamente e desperte a energia que cura em suas mãos. No início, você precisará seguir os passos indicados anteriormente. Mais tarde, o simples pensamento será suficiente para gerar o fluxo de energia. Visualize a energia fluindo para dentro de você, vinda de cima e para fora, espalhando-se por todas as direções, emanando em uma fina camada sobre a superfície completa da terra. Imagine pessoas em lugares distantes sentindo sobre elas esse leve véu de energia que cura, disponível para qualquer uso positivo.

28. Majno, Guido, *Healing Hand: Man and Wound in the Ancient World*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1974.

29. Jayne, Walter, M.D., *The Healing Gods os Ancient Civilization*. Yale University Press, 1925. Reeditado por University Books, Inc., New Hyde Park, NY, 1962, pp.66-67.

Após alguns momentos, sentirá que a energia fluindo de você começa a se soltar. Nesse instante, liberte mentalmente o que resta da energia que recebeu e conscientemente interrompa o fluxo que sai de seu corpo. Mova-se, bata palmas ou interrompa o fluxo por qualquer modo eficaz para você. Algumas pessoas preferem realizar esse rito pouco tempo antes de fazer uma refeição, porque o ato de comer interrompe automaticamente o fluxo de energia.

Durante o rito, você pode repetir uma simples prece ou invocação da Deusa, se isso não desviar sua atenção do processo de gerar a energia essencial que cura. Algumas coisas são inefáveis — não podem ser exprimidas por palavras —, portanto, é possível que ao acrescentar palavras conscientes ao rito sua concentração seja prejudicada.

Prece de cura

Ísis, gloriosa Deusa,
Aquela que possui as asas que curam,
Mãe do Mundo, Aquela que Cura as Feridas,
Aquela que Quebra as correntes da dor,
Você, que segura o mundo na palma de Sua mão,
Cure através de mim, cure através de mim,
Cure por mim, cure para mim,
Toda a Glória a Você, Sagrada Ísis!

Minha prece geralmente não é tão prolixa. Eu aspiro e solto o ar com a palavra "Ísis", e penso: "Cure o Mundo", quando o fluxo começa a sair de minhas mãos. O local onde você está não é importante; eu já realizei esse rito sozinha, com outras pessoas ou mesmo dirigindo.

ÍSIS E AS DOENÇAS MODERNAS

Em nosso planeta, há poucas coisas mais horríveis do que a lenta destruição de um ser humano pela AIDS ou por qualquer outra doença. Essas pragas de Set são, provavelmente, os maiores desafios espirituais e médicos enfrentados pelo planeta na segunda metade do século XX. Elas destroem pessoas criativas e talentosas, e nos fazem ter medo de abraçar os outros. É difícil manter a fé em nossos deuses enquanto observamos o lento declínio daqueles a quem amamos.

O mito de Osíris oferece dolorosos exemplos; talvez, temporariamente, os poderes do mal estejam crescendo agora, assim como nos conta o mito que Set triunfou por algum tempo sobre Ísis e Osíris. Haverá ressurreição, mas as formas físicas de muitas pessoas podem ser destruídas antes que a AIDS seja derrotada. Entretanto, não há motivo para abandonarmos as lutas individuais. Com o rápido desenvolvimento dos remédios que salvam e prolongam a vida, impedir o avanço dessa doença, no momento fatal, pode resultar na primeira geração que sobreviveu a ela. Os encantamentos de cura, mesmo o de proteção em batalhas, descrito no Capítulo Oito — "Ísis como uma deusa da guerra", na seção "O rito de Ísis para proteção e defesa" —, podem ajudar a aliviar os sintomas. A cura psíquica também pode ser muito eficaz; a massagem física traz alívio em alguns casos, principalmente para aquelas pessoas que há muito não são tocadas. A aromaterapia pode causar satisfação, mesmo quando os outros sentidos enfraqueceram. Se desistirmos, estaremos nos entregando às forças do caos cego e da destruição sem sentido; e nós não somos dessa natureza.

Pode ser útil executar uma versão das Lamentações após a morte de alguém cujo corpo estava tão dolorosamente destruído. Espiritualmente, acredito que esse rito ajudará a pessoa que morreu a se sentir mais confortável em sua nova forma e a aceitar que o corpo rejuvenesceu. Alguns indivíduos, tão acostumados às deficiências do corpo físico, mutilam-se com corpos menos que perfeitos no mundo além da morte. Outros, cujas doenças arruinaram também seus espíritos externos, encontram-se sujeitos à cura no Outro Mundo, e esse rito pode ajudá-los no processo de cura espiritual.

Este trecho é baseado, com certa flexibilidade, na forma das Lamentações, as antigas canções entoadas por Ísis e Néftis para Osíris e todos aqueles que o seguiram para o Mundo do Além.

Assim como as outras informações contidas neste livro, você pode modificá-lo de acordo com as circunstâncias pessoais. De maneira ideal, os participantes do rito deveriam se purificar antes, usando qualquer um dos métodos descritos no Capítulo Dois — "Purificações para os ritos de Ísis" —, mas isso não é essencial. O rito pode ser realizado por uma ou mais pessoas, e não requer preparação especial. Pode ser conduzido em um templo, em outro local sagrado ou em qualquer lugar. Não é necessário formar um círculo ou usar qualquer instrumento.

Esse rito tem duplo propósito: curar a pessoa morta e a dor dos participantes.

Se for apropriado, o rito pode ser precedido por um período específico de lamentações antes que o cântico comece. No Egito, carpideiras profissionais eram contratadas para derramar lágrimas, gritar e criar dramáticas expressões de tristeza. Isso era feito ostensivamente para garantir um respeitável enterro, mas parentes e amigos, com certeza, demonstravam seu grande pesar com mais liberdade, ainda que de modo mais discreto, quando uma dúzia ou mais de mulheres especialmente treinadas para se lamentar em voz alta atraíam a atenção dos curiosos. Aqui, um momento de grito e choro pode ser muito catártico e ajudar na cura daqueles que deixamos para trás. Tenha muitos lenços de papel e água à mão. Tambores, sistros, flautas e outras coisas que fazem barulho podem ajudar as pessoas a exprimir através do som o mais profundo pesar, mesmo que elas se sintam desconfortáveis ou incapazes de chorar.

Rito de restauração

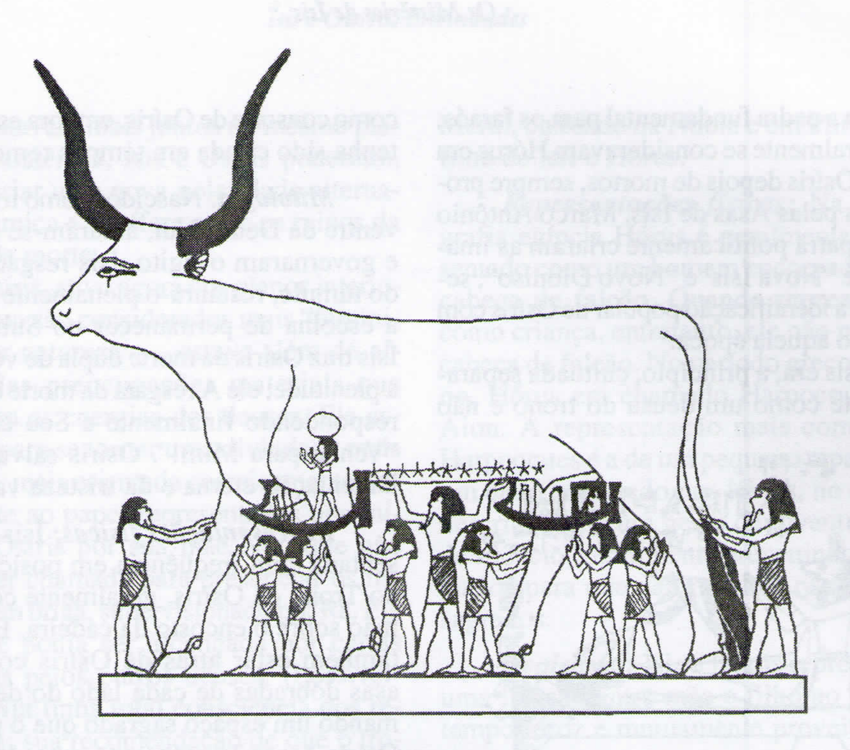
Venha para sua casa,
Venha para sua casa,
Bela criatura, retorne à sua casa.
Seu corpo espera, renovado e preparado.
Venha e ocupe sua forma
para suas viagens Além.
Rápida e sagaz é sua mente,
sua bela mente.
Fortes e poderosos são seus membros,
seus belos membros.
Movendo-se sem limites,
seus belos membros.
Claros e brilhantes são seus olhos,
seus belos olhos.
Enxergando sem limites,
seus belos olhos.
Cheios e rosados são seus lábios,
seus belos lábios.
Falando sem limites,
seus belos lábios.
Vermelha e úmida é a sua língua,
sua bela língua.
Clara e macia é sua pele,
sua bela pele.
Protegendo sem limites,
sua bela pele.
Forte e estável é seu coração,
seu belo coração
Pulsando sem limites,
seu belo coração.
Profunda e cheia é sua respiração,
sua bela respiração.
Respirando sem limites,
sua bela respiração.
(versos descritivos adicionais podem ser incluídos, se necessário)
Todas as coisas são perfeitas em você,
Todas as funções estão restauradas em você.
Totalmente perfeito, totalmente restaurado.
Desperto nesse corpo de luz, espírito justificado, seus sofrimentos acabaram.
A medida foi tomada, o peso foi equilibrado.
Como um novo Ser você avança pelo dia,
Você avança para a Luz.
Como um novo Ser você avança para a noite,
Avance, amado,
Ísis está à sua frente,
Néftis está atrás de você,
Anúbis o guia,
Osíris lhe dá boas-vindas.



Lamentação pelos mortos.

Até o renascimento você será
Um convidado de honra à mesa.
À Mesa de Osíris
Tome o seu lugar.
Completo e perfeito
Entre os Abençoados,
Tome o seu lugar.

Depois do rito, bebam água e comam juntos. Os participantes não devem demonstrar nem alegria, nem tristeza; deixe tudo como está. O sentimento de pesar segue seu próprio caminho, a seu tempo, para todos nós. A "celebração" da vida de uma pessoa logo após uma morte pode doer mais do que curar, já que alguns indivíduos que lamentam podem se sentir culpados por não conseguirem sentir a alegria necessária para uma verdadeira celebração. Em primeiro lugar deve vir a aceitação da tristeza e da perda; mesmo ao recriar a morte de Osíris, muitos dias de lamentação precederam o breve Hilaria, ou o festival que celebra a sua descoberta novamente.



CAPÍTULO DOZE

A DÉCIMA SEGUNDA HORA DA LUZ DO DIA

ÍSIS E OUTRAS DIVINDADES

Descrever algumas das relações de Ísis com outros deuses e deusas, tan-to no Egito quanto em outros lugares, é tarefa desafiadora. Por exemplo, se Ísis é casada com Osíris, e este foi assassinado por Set, por que ela é colocada junto a Sobek, algumas vezes considerado como uma das formas de Set, no maior templo de Socnaipou Nesos? Para cada fato concreto há, com freqüência, uma informação oposta e aparentemente contraditória.

O que, a princípio, também causa espanto é a facilidade com que Ísis se relaciona e se funde com outras divindades. Ela está totalmente à vontade com divindades que os "puristas" considerariam totalmente fora de Seu panteão para aceitar essa Deusa hipnótica.

Limites nacionais, lingüísticos e psicológicos pouco significam para Ísis: Ela se move e encontra companhia onde quiser. Ela é verdadeiramente uma Deusa Universal que não conhece barreiras... e pode quebrar os fracos obstáculos criados pelos seres humanos em virtude da pequenez da mente.

Ao explorar Ísis e Sua interação com outras divindades, tentei me limitar àquelas que eu ou meus colegas experimentamos pessoalmente, ou que têm base histórica ou mitológica. Você provavelmente experimentará muitas outras ao juntar-se à Deusa em Suas viagens.

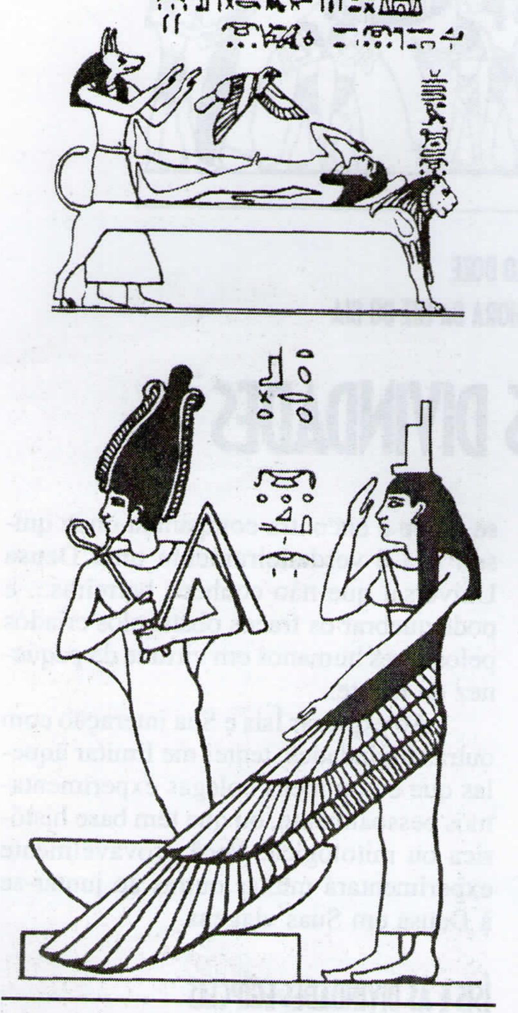
ÍSIS E AS DIVINDADES EGÍPCIAS

Ísis e Osíris

Histórico: Os relacionamentos de Ísis e Osíris, e de Ísis e Hórus-Osíris for-

mavam a pedra fundamental para os faraós, que geralmente se consideravam Hórus em vida e Osíris depois de mortos, sempre protegidos pelas Asas de Ísis. Marco Antônio e Cleópatra politicamente criaram as imagens de "Nova Ísis"e "Novo Dioniso", seguindo a identificação popular de Osíris com Dioniso àquela época.

Ísis era, a princípio, cultuada separadamente como um deusa do trono e não



Acima, *Ísis, na forma de um falcão, sobrevoa o corpo de Osíris, enquanto Anúbis está aos pés do deus.* Abaixo, *Osíris, segurando um gancho e um açoite, é envolvido pelas asas de Ísis.*

como consorte de Osíris, embora essa união tenha sido criada em tempos remotos.

Mitologia: Nascidos como irmãos do ventre da Deusa Nut, amaram-se em vida e governaram o Egito. Ísis resgata Osíris do túmulo, restaura-o plenamente e lhe dá a escolha de permanecer no Submundo. Ísis traz Osíris da morte dupla de volta para a plenitude; ele A resgata da morte em vida, respondendo finalmente a Seu chamado "Venha para Mim!". Osíris salva Ísis da lamentação eterna e da tristeza vazia.

Representações físicas: Ísis é representada com freqüência em posição atrás do Trono de Osíris, geralmente com uma mão sobre o encosto da cadeira. Ela pode também estar atrás de Osíris com Suas asas dobradas de cada lado do deus, formando um espaço sagrado que o protege. Osíris é geralmente representado com a pele negra ou verde, e com freqüência segura o gancho e o açoite, símbolos da realeza. Ao ser representado morto, Osíris é com freqüência visto como "ithyphallic" (com o pênis ereto), enquanto Ísis sobrevoa seu corpo na forma de um falcão. Geralmente, Ísis e Néftis são representadas, uma em cada extremidade do leito de morte, com Osíris deitado entre elas.

Espiritual: Foi através de Seus atos em restaurar Osíris que Ísis foi capaz de restaurar a si mesma; Sua esterilidade durante o período de vida de Osíris, fato que não tem qualquer explicação no mito, mesmo quando os dois trazem grande fertilidade e prosperidade ao país, é equilibrada por Sua fertilidade após a morte de Osíris.

Para que Ísis se tornasse fértil Ela precisava experimentar Sua própria Paixão, no sentido religioso medieval, e sofrer e procurar por Osíris. Como deusa viva, perfeitamente equilibrada por Osíris vivo, não havia oportunidade ou necessidade da criação de uma nova vida. As formações das tríades Ísis-Osíris-Hórus e Ísis-Osíris-Set trouxeram a potencialidade do movimento e da vida de volta ao cenário. Como

já não estavam mais juntos no mesmo plano da existência, Ísis e Osíris poderiam, agora, criar uma nova polaridade alternada, dinâmica e frutífera entre os reinos da vida e da morte.

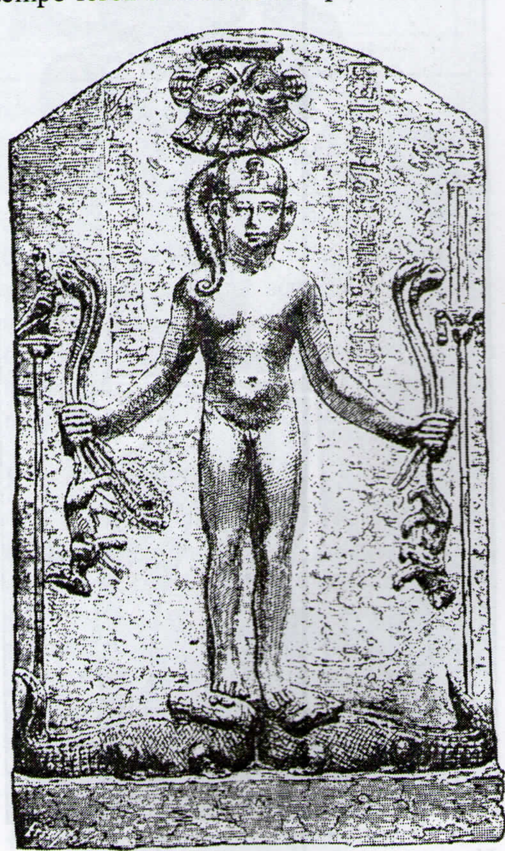
Osíris, ativo agora nos planos interiores — que são considerados mais "femininos" por natureza —, estava além do alcance das preocupações materiais que prendiam as energias dos deuses. Ele ascendeu para se tornar uma divindade mais distante, mais orientada cosmicamente, semelhante ao papel representados nos mitos de Osíris por sua mãe Nut, que não podia ser chamada para presenciar os tribunais em briga, supervisionado por Rá. Ela somente podia ser alcançada por cartas enviadas pelos outros deuses. (Possivelmente Nut tinha total consciência dos resultados; sua recomendação de que o trono fosse dado a Hórus foi completamente ignorada, e as reclamações continuaram.)

Ísis e Hórus

Mitologia: Qualquer discussão sobre Hórus deve, em primeiro lugar, reconhecer que havia dois deuses distintos com esse nome no Egito, e nem mesmo os egípcios sabiam com segurança quando um acabava e o outro começava. O deus sobre o qual falaremos é Hórus, o Jovem, filho de Ísis e Osíris, que, acredita-se, foi concebido no ventre de Ísis quando Ela ainda esperava para nascer do ventre de Nut. Acredita-se que Hórus nasceu com as pernas fracas e quase morreu em virtude da picada de um escorpião, ou serpente, enquanto Ísis estava longe, procurando comida. Ísis o treinou para crescer e vingar o pai, mas o relacionamento entre eles parece ser turbulento. Algumas versões do mito contam que, em dado momento, Hórus violentou Ísis; outras relatam que ele A decapitou, com raiva porque Ela libertou Set. (Segundo essas versões, Thoth, que estava por perto, substituiu a cabeça de Ísis pela de uma vaca, o que explica Seu antagonismo com Hathor.) Acredita-se que o deus Merul, cultuado na Núbia e em Philae, era filho de Ísis e Hórus.

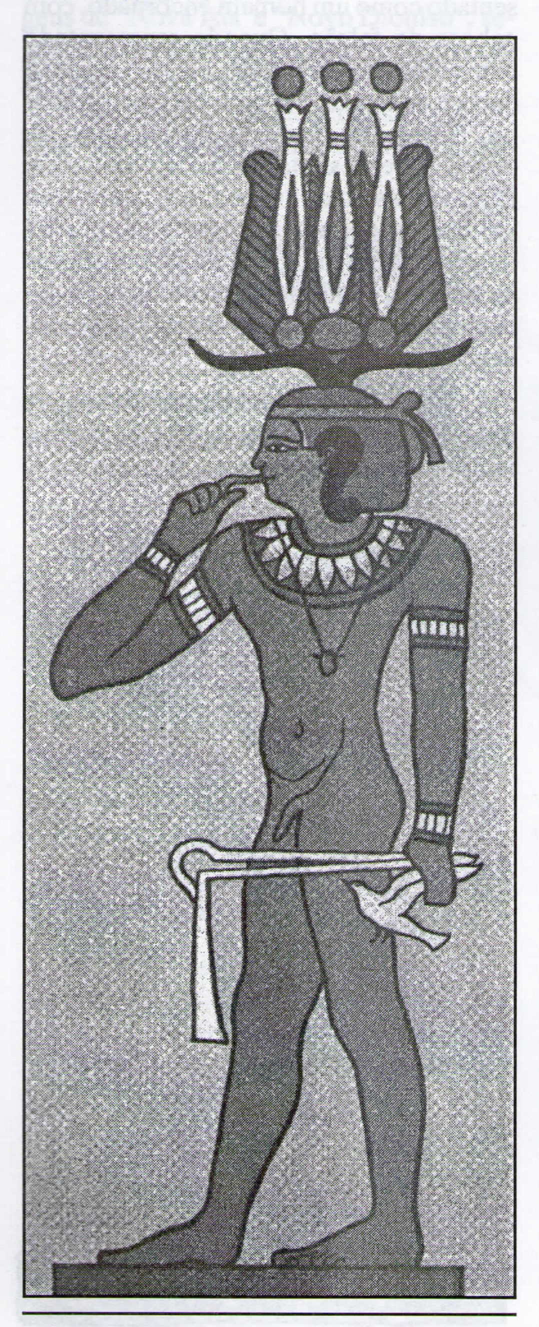
Representações físicas: Na iconografia egípcia Hórus é geralmente representado como um homem encorpado, com cabeça de falcão. Quando representado como criança, entretanto, ele não possui a cabeça de falcão. No período greco-romano, Hórus era chamado Harpocrates, ou Aion. A representação mais comum de Harpocrates é a de um pequeno rapaz, com um dedo encostado nos lábios, no que foi descrito como um gesto de juventude, ou de silêncio, gentilmente prevenindo os iniciados para que não revelem os segredos sagrados.

Espiritual: Ísis e Hórus representam uma ligação entre mãe e filho ao mesmo tempo feroz e mutuamente proveitosa. O



Hórus, filho de Ísis e Osíris.

relacionamento não é considerado negativo ou enfraquecedor para Hórus. Ísis é extremamente ativa em assegurar a força e a independência de Hórus, embora isso leve a atritos entre eles.



Harpocrates, facilmente identificado pelo gesto de levar o dedo aos lábios.

Ísis e Anúbis

Histórico: O culto a Anúbis prevaleceu no Egito por causa de sua associação muito próxima com as divindades de Osíris. Alguns de seus ritos podem ter se originado de outra divindade com cabeça de chacal, Wepawet.

Muitos templos greco-romanos dedicados a Ísis e Serápis às vezes também reconheciam Anúbis como divindade de cura. Quando os autores greco-romanos desacreditaram os deuses egípcios com cabeça de animal, eles falavam geralmente de Anúbis, que atraía grande número de devotos e era quase sempre incluído com proeminência nas procissões de Ísis.

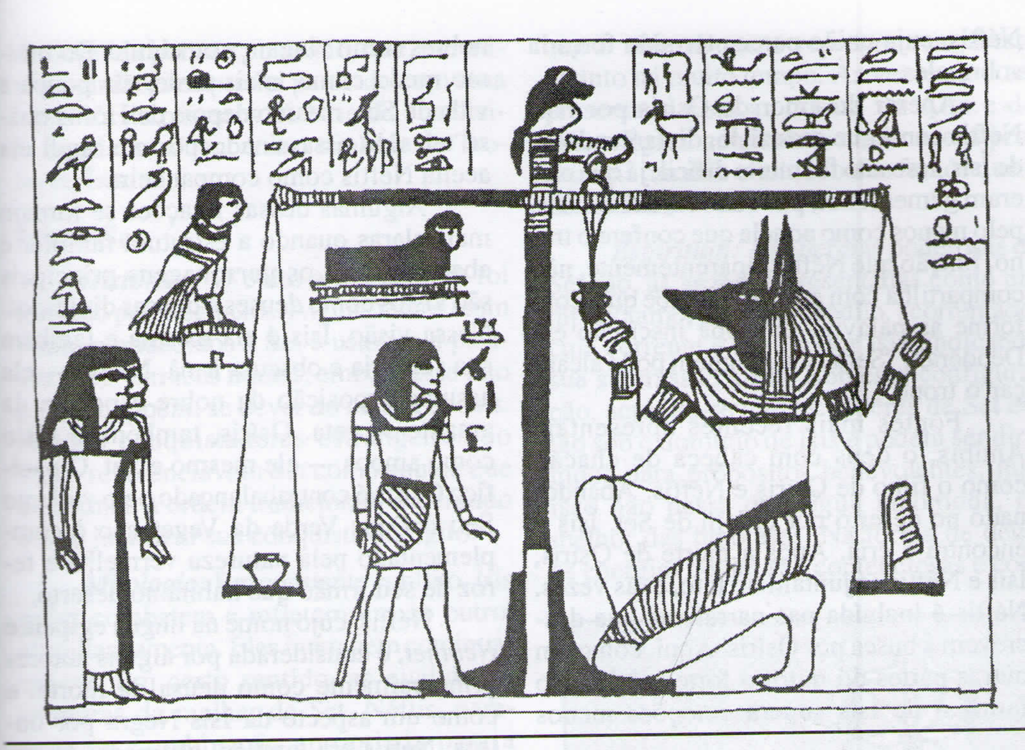
Um grupo de devotos, chamados de *Anubofores*, carregava sua estátua com reverência nas procissões, enquanto os sacerdotes de Anúbis vestiam sua máscara. Seu culto no império romano era tão comum em algumas regiões que um futuro imperador, Domício, escapou da morte vestindo o manto de um dos sacerdotes de Anúbis para poder passar tranqüilamente pela multidão irada.

Plutarco, ao versar sobre a divisão do dia e da noite entre Ísis e Néftis, sugere que Anúbis era considerado a linha do horizonte que separava o dia e a noite, tocando ambos e compartilhando da natureza de cada um. A teoria de Robert Temple, que acredita em origem síria para os deuses egípcios, sugere que esse "horizonte" era na verdade a órbita relativa ao sistema estelar de Sírius[30].

Mitologia: A lenda mais comum apresenta Anúbis como filho de Osíris e Néftis, nascido após a furtiva relação entre ela e Osíris. Entretanto, por medo de Set, Néftis abandonou o bebê deformado no deserto, onde Ísis o encontrou e criou. Pelo menos uma antiga fonte chama Anúbis de Filho de Ísis.

Anúbis, conhecido como *Anupu* na língua egípcia, ajudou Ísis em Sua busca pelo

30. Temple, Robert, *The Sirius Mystery*, Rochester, VT: Inner Traditions, 1987.



Anúbis, pesando a alma dos mortos.

corpo de Osíris, e acredita-se que criou, junto com ela, a arte de embalsamar. No submundo ele toma conta daqueles que morreram há pouco tempo, e é freqüentemente representado guiando os mortos até a Sala do Julgamento, presidida por Osíris. Ele é também parte essencial da cerimônia da "Abertura da Boca" e, originalmente, fornecia o ferro mágico necessário ao enxó ritualístico.

Representações físicas: Anúbis é na maioria das vezes representado com corpo humano e cabeça de chacal, ou na forma completa de um chacal ou cão. Pode também ser representado vestindo o traje de um centurião romano. Uma obscura representação o mostra como um arqueiro, o que pode ser um trocadilho, associando-o a Sírius, a Estrela Cão, também conhecida como a Estrela da Flecha. Anúbis é representado na forma completa de um ser humano em um relevo em Abidos, um dos dois mais importantes centros espirituais da religião de Osíris.

Espiritual: A forma de Anúbis é uma energia poderosa e protetora, e pode ser conectada como um guia em explorações astrais e também para novos conhecimentos. Uma forma menor de Anúbis pode ser requisitada para agir como sentinela de um templo ou casa. Sua presença é silenciosa, mas muito poderosa.

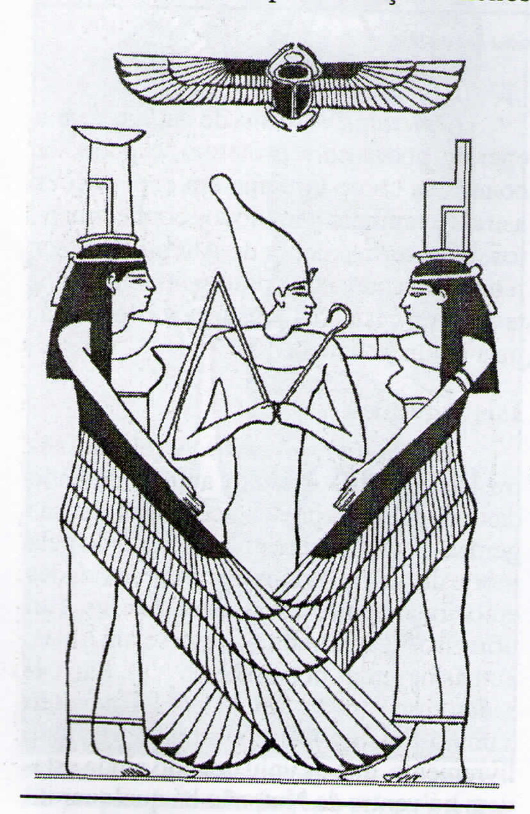
Ísis e Néftis

Mitologia/espiritual: A relação entre Ísis e Néftis é muito antiga, datando das primeiras representações das deusas gêmeas, às vezes sem nome, chorando pela morte de Osíris. Há muitas complexidades emocionais entre essas duas deusas. Em primeiro lugar, acredita-se que sejam irmãs, ambas nascidas do ventre de Nut. São casadas com irmãos, Set e Osíris. Enquanto a união de Ísis e Osíris contém amor dado livremente, que os uniu quando ainda estavam no ventre de Nut, não há qualquer informação sobre o relacionamento de Set e

Néftis, cuja união parece ter sido forçada sobre eles.

Apesar do amor de Osíris por Ísis, Néftis consegue seduzi-lo, disfarçando-se de Ísis. Isso não foi muito difícil, já que elas eram gêmeas. Set, por sua vez, deseja Ísis, pelo menos como aquela que confere o trono, função que Néftis, aparentemente, não compartilha com a irmã. Set sabe que, conforme as palavras em uma inscrição em Denderah, "Sem Ísis, ninguém pode alcançar o trono".

Fontes mais recentes apresentam Anúbis, o deus com cabeça de chacal, como o filho de Osíris e Néftis. Abandonado no deserto por ordem de Set, Ísis o encontra e cria. Após a morte de Osíris, Ísis e Néftis se juntam no luto, e, às vezes, Néftis é incluída nas narrativas que descrevem a busca por Osíris. Aqui, como em outras partes do mito, o forte sentimento familiar de Ísis supera emoções menos nobres como vingança ou ciúme. Do mesmo modo como, mais tarde, ela poupa a vida de Set, mesmo depois de Hórus quase ter sido assassinado por ele, aqui ela aceita Néftis como companheira.


Da esquerda para a direita, *Néftis, Osíris e Ísis.*

Algumas dessas ligações se tornam mais claras quando a estrutura familiar é abandonada e os personagens principais são vistos como deuses e deusas divididos. Nessa visão, Ísis é ela mesma e também sua sombria e obscura irmã, Néftis — ela assume a posição da nobre esposa e da amante secreta. Osíris, também, é visto como ambos — ele mesmo e Set. O pacífico Osíris é contrabalançado pelo violento Set; o Deus Verde da Vegetação é complementado pela natureza vermelha e feroz de seu irmão que habita no deserto.

Néftis, cujo nome na língua egípcia é *Nebthet*, é considerada por alguns autores principalmente como deusa da morte, e como um aspecto da Ísis Negra por outros. Néftis era também chamada, às vezes, de "Senhora dos Livros" e recebeu o crédito pela autoria das Lamentações e outros hinos. Nesse aspecto, ela era associada muito de perto a Seshet, a sagrada senhora da escrita da casa real dos faraós e aquela que determinava a duração de seus reinados.

Os horários específicos do dia para Néftis eram a madrugada e o crepúsculo. Acredita-se que ela nasceu em Het-Sekhem, que permaneceu como centro de seu culto. Plutarco define Néftis como "a senhora de tudo o que não se manifesta, do imaterial, enquanto Ísis governa sobre tudo o que se manifesta, que é material".

Apesar de suas ligações com o submundo, Néftis também recebeu o nome de "A Deusa Criativa que Vive Dentro de An". Era também considerada deusa da sexualidade e a contraparte feminina do deus perpetuamente ereto, Min. Em Mendes, na região do Delta, era conhecida como deusa de cura.

Representações físicas: Néftis é gêmea de Ísis e geralmente pode apenas ser

distinguida por seu penteado, que, em minha opinião, sempre foi parecido com uma banheira de pássaros. A base da "banheira de pássaros" encerra o símbolo do Trono de Ísis.

Ísis e Set

Histórico: O culto a Set sempre foi tolerado pelos egípcios. Alguns faraós eram muito agradecidos a Set e usavam a palavra "Set" em seus nomes, embora esse fato possa, também, se dever ao nó Set de Ísis. Alguns conquistadores estrangeiros do Egito reverenciavam Set como aquele que se opunha à ordem tradicional, esperando assim justificar sua conquista do Egito.

Mitologia: Em constante conflito, Ísis e Set combatem e refletem um ao outro, simultaneamente. Eles interagem continuamente. Em certo sentido, as qualidades obscuras da mulher de Set, Néftis, parecem ser combinação apropriada para a passividade forçada de Osíris, e as fortes qualidades de Ísis equivaliam ao perigoso dinamismo de Set.

Os crimes cometidos por Set contra Ísis estão bem registrados nos mitos: ele A deseja, mata Osíris, aprisiona Ísis, tenta matar Seu filho Hórus, luta física e legalmente contra Hórus pelo trono do Egito, tenta violentar Hórus... e a lista continua.

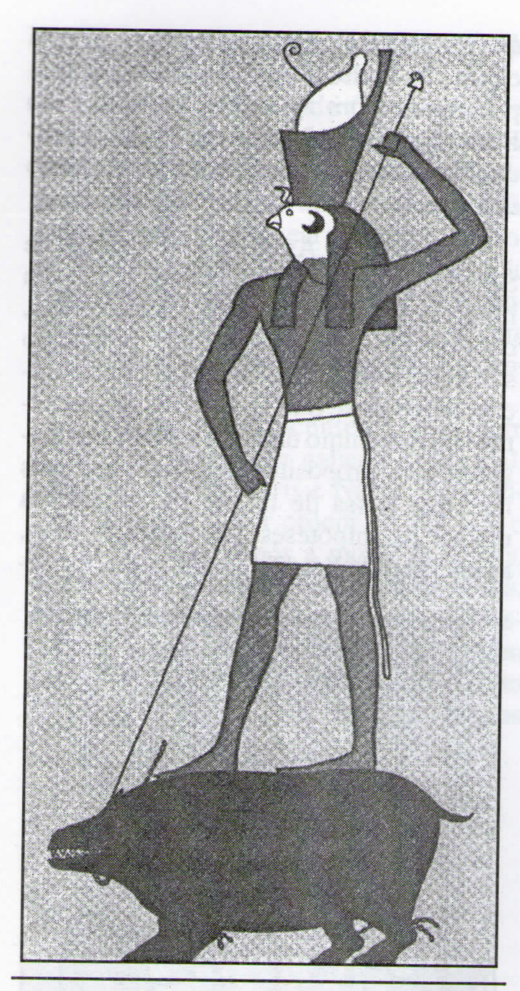
Os defensores de Set — e eles sempre existiram no Egito, tolerado junto às crenças populares — alegaram que ele era o filho mais velho de Nut e Geb, nascido antes de Osíris, e portanto tinha mais direito ao trono e, conseqüentemente, a Ísis. Nessa visão, Ísis e Osíris são os transgressores. Osíris reivindica um trono ao qual não tinha direito, pelo amor inapropriado de sua irmã, Ísis.

Representações físicas: O "Animal Set" usado para representar o deus foi identicado de várias modos — um burro selvagem, um cão, um tamanduá ou um animal parecido com a zebra, entre outros. Ninguém sabe ao certo; alguns acreditam que o animal que o representava já está extinto há muito tempo. Às vezes ele é representado com as coroas do Alto e do Baixo Egito, geralmente em imagens produzidas durante o reinado dos faraós que o defendiam.

Espiritual: As energias poderosas de Set são, às vezes, representadas como um hipopótamo, ou um crocodilo, acorrentado, cuja corrente é segura por Ísis, indicando sua submissão a Ela. Sob essa configuração, acredita-se que os poderes de Set estão sob o domínio de Ísis e podem ser dirigidos para propósitos benevolentes, mas isso não passa de trégua incômoda, na melhor das hipóteses. Na forma de deus, as energias de Set são contenciosas e con-



A Deusa Seshet, "Senhora da Casa dos Livros", associada a Néftis.



Set, como um hipopótamo acorrentado, subjugado por Hórus.

duzidas por desentendimentos, e seus devotos, mesmo sob o disfarce da corrente, raramente têm vida tranqüila.

Ísis e Tahuti (Thoth)

Mitologia: Na mitologia, Thoth é a divindade que joga com a lua para obter luz suficiente para criar cinco dias nos quais Nut poderia dar à luz, abrindo o caminho para o grupo de divindades de Osíris, que estava por vir. Ele também ajuda Ísis a escapar da prisão onde Set A colocou após a morte de Osíris, e é, ainda, o intermediário entre Ísis e Rá quando Ela pede que o sol pare o movimento até que Hórus possa ser curado da picada fatal do escorpião. Tanto Thoth quanto Ísis receberam o crédito pela criação da escrita, e um dos títulos de Thoth é "Senhor das Palavras Divinas". É Thoth quem dá o sopro de vida ao recém-nascido Osíris, quando ele sai do corpo de Nut.

Espiritual: Thoth é a clareza e a honestidade personificadas. Ele é o sábio supervisor dos escribas, conhecendo os caminhos da escrita bem o suficiente para desembaraçar seu trabalho, quando necessário. É ele quem guarda as chaves do repositório da sabedoria e acredita-se que seus templos "possuem câmaras secretas que guardam o conhecimento que nem mesmo os faraós possuem". Ele é um literato que pode encontrar flexibilidades ocultas na linguagem falada e escrita. Como um intercessor divino entre os deuses e os seres humanos ele é, talvez, mais inclinado à retidão do que a maioria das divindades a quem serve.

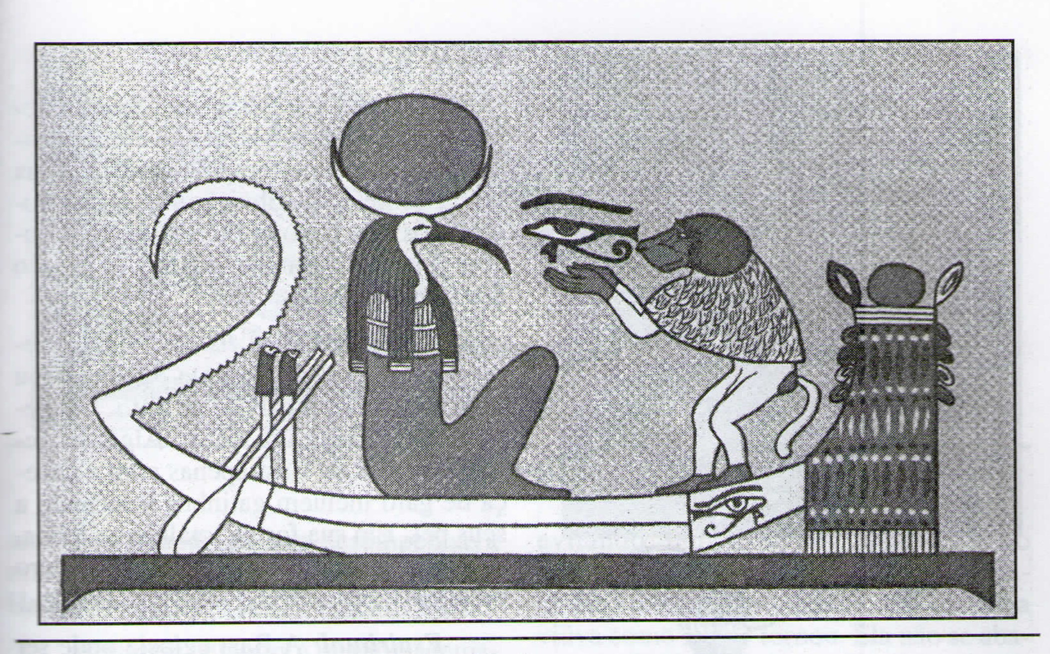
Algumas histórias contam que Thoth é o pai de Ísis. Em tempos mais recentes, ele foi associado à alquimia e foi considerado o autor de muitos tratados sobre o tema. O aforismo "como acima, também abaixo" vem da Placa Smaragadene (Placa Esmeralda), atribuída a Thoth.

Thoth é geralmente representado como um deus com cabeça de íbis, segurando uma tábua de escrita. Ele também pode ser representado junto ao "macaco de Thoth", o macaco "com cabeça de cão".

Ísis e as Deusas Escorpiões

Quando Ísis fugiu da prisão onde Set A colocara após matar Osíris, ela foi acompanhada pelas Sete Deusas Escorpiões. O Metternich Stele, datado de aproximadamente 370 a.C., apresenta a lista dos acompanhantes de Ísis: "Os dois escorpiões Tefen e Befen estavam atrás de mim; Mestet e Mestefet estavam um de cada lado; Petet, Thetet e Matet seguiam à frente, preparando o caminho para mim".

Essas deusas guardiãs, mais tarde, puniram uma mulher que se recusou a abri-



Tahuti (Thoth) e seu macaco.

gar Ísis, colocando fogo em sua casa. Ísis, preocupada com a angústia da mulher, chamou a chuva e apagou as chamas. A mulher, então, A reconheceu como uma deusa e ofereceu ajuda. A própria Ísis era, às vezes, chamada de "Escorpião de Behdet", particularmente em associação a Hórus de Edfu.

Selkit (ou Selquet, ou Serket) era outra deusa escorpião associada a Ísis. Uma representação de Selkit a mostra como uma mulher com o corpo de escorpião, na posição de uma esfinge. A cauda em arco se eleva sobre o corpo, e a cabeça é coroada com o penteado de chifre e disco de Ísis. Essa Ísis-Selkit é um aspecto extremamente protetor da Deusa, e não deve ser usado de modo frívolo. Sua natureza feroz nessa forma deve ser usada com cuidado.

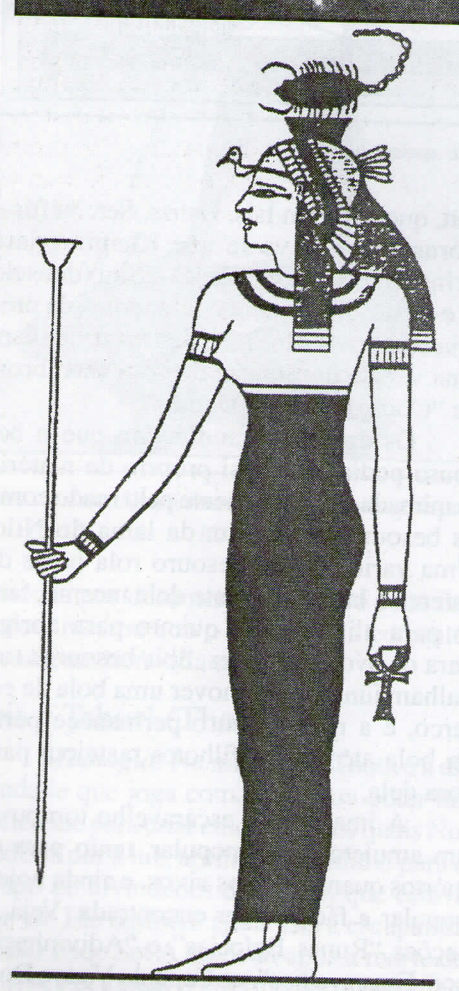
Ísis e Khepra

Khepra era possivelmente o deus sol original do antigo Egito, antes do crescimento do culto a Rá ou outros deuses-sol. Acreditava-se que Khepra gerou a si mesmo, e era o único criador de Tefnut e Shu, que por sua vez eram os pais de Geb e Nut, que geraram Ísis, Osíris, Set, Néftis e Hórus. Acreditava-se que Khepra criara Tefnut (deusa da umidade) e Shu (deus do ar e da luz do dia) ao copular com sua própria sombra. Todos esse deuses formavam uma versão do Ennead de nove membros, ou "Companhia dos Deuses".

Os egípcios acreditavam que o besouro podia criar a si próprio de matéria inanimada, provavelmente pelo modo como os besouros emergiam da lama do Nilo. Uma variedade de besouro rola bolas de esterco e lama em frente dele mesmo, tanto para alimentação quanto para abrigo para os ovos. Às vezes, dois besouros trabalham juntos para mover uma bola de esterco, e a mãe besouro permanece perto da bola até que os filhotes rastejem para fora dela.

A imagem do escaravelho tornou-se um amuleto muito popular, tanto para os mortos quanto para os vivos, e ainda hoje é popular e fácil de ser encontrada. Veja as seções "Runas Egípcias" e "Adivinhação com Escaravelhos", no Capítulo Vinte e Dois, "Os oráculos de Ísis", para um método de adivinhações usando escaravelhos.





Acima, *estatueta de Ísis-Selkit com corpo de escorpião, da coleção da autora.* Abaixo, *a Deusa Selkit.*

Ísis e Bast

A deusa gata Bast era freqüentemente associada a Ísis, sendo comum encontrar gatos nos templos de Ísis. Uma teoria sobre a distribuição dos gatos domésticos pela Europa e Oriente Médio sugere que eles acompanharam a expansão dos templos de Ísis.

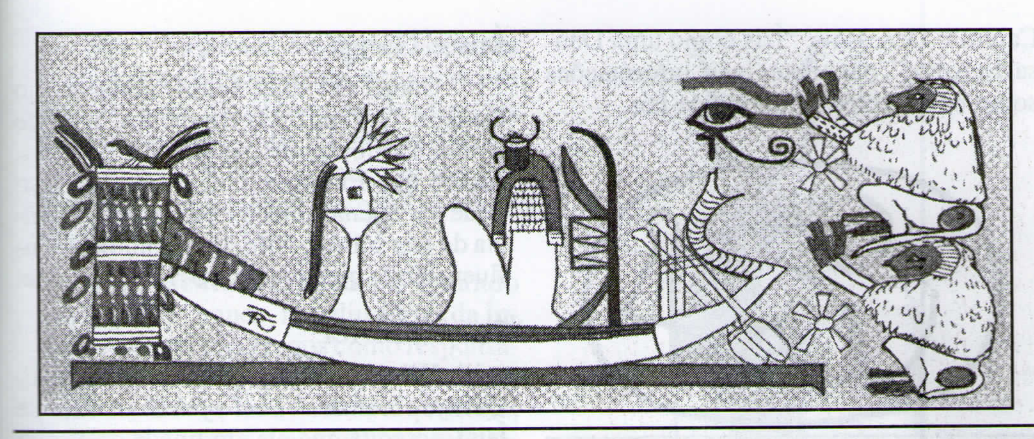
Representações físicas: Bast é representada como uma gata agachada ou uma mulher com cabeça de gato. Ela geralmente carrega um sistro. Algumas representações de Bast apenas com a cabeça de gato incluem gatinhos brincando a seus pés. Em sua forma totalmente felina, suas estátuas carregam um brinco de ouro ou outras jóias.

Espiritual: A Bast egípcia pode ser dividida em Ba-Ast, que significa "Alma de Ísis". A combinação de ferocidade e calma encontrada em muitos gatos é uma boa metáfora para a natureza da Deusa Ísis. Um dos títulos de Bast é "Filha de Ísis", embora a mitologia sobre essa relação seja vaga. Possivelmente, acreditou-se que Bast era filha de Ísis e Rá (em alguns textos Ísis é chamada de "Mulher de Rá").

Bastet era muito cultuada em sua cidade, Boubastis, conhecida pelo festival onde, segundo as lendas, bebia-se mais cerveja em um dia do que durante todo o resto do ano por todo o Egito. Bastet era, portanto, associada à embriaguez divina, dança e música, bem como sexualidade. Nesses aspectos ela era muito semelhante a Hathor, freqüentemente considerada um aspecto de Ísis (embora do ponto de vista hathoriano, é claro, Ísis ser considerada um aspecto de Hathor).

Ísis e Hathor

Histórico: Ísis e Hathor representavam praticamente o mesmo papel, notadamente como Divina Enfermeira do Faraó. É possível que uma representação de Ísis como "A Casa de Hórus" tenha originado



O deus Khepra em um barco solar.

uma deusa separada que desempenhava essa função. Os gregos identificavam Hathor (bem como Ísis) como Afrodite.

Mitologia: Embora a mitologia remanescente sobre o relacionamento de Ísis e Hathor seja muito reduzida, elas foram consideradas divindades semelhantes em muitas formas desde os tempos mais remotos. Nos registros do julgamento da disputa entre Hórus e Set, Hathor anima o sisudo Rá, dançando e se expondo para ele, garantido seu retorno ao processo legal. O nome "Hat-Hor" significa "Casa de Hórus", o que a associa tanto ao antigo Hórus Mais Velho quanto ao jovem Hórus filho de Ísis.

Representações físicas: As iconografias (símbolos e atitudes) usadas por Hathor e Ísis são muito semelhantes; ambas são coroadas com chifres e a lua crescente. Em alguns casos elas só podem ser distinguidas se hieróglifos de seus nomes estiverem indicados.

Hathor freqüentemente tem uma faixa ao redor da cabeça, amarrada atrás. Ísis geralmente não usa essa fita.

Espiritual: Tanto Hathor quanto Ísis eram principalmente deusas positivas, que desejam a felicidade de seus seguidores. Uma deusa estava quase sempre presente no templo da outra. Em certo sentido, Hathor possui todos os lados alegres de Ísis, evitando Seus aspectos fúnebres e do submundo. Ela é uma virgem, uma amante, uma mãe até certo ponto, mas não uma viúva como Ísis se tornou. Ela não se abate por tribulações ou tragédias, embora em alguns registros conste que foi Hathor, e não Sekhmet, quem, com o Olho de Rá, destrói a humanidade (e só pode ser aplacada por cerveja tingida de vermelho, que substitui o sangue). Uma sacerdotisa sugeriu que Hathor é "Ísis Antes de se Casar", e essa análise bem-humorada não deixa de conter alguma verdade.

ÍSIS E AS DIVINDADES ASIÁTICAS

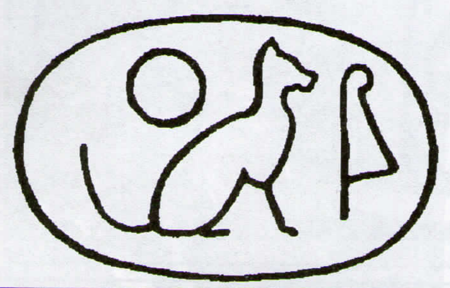
Ísis e Kali

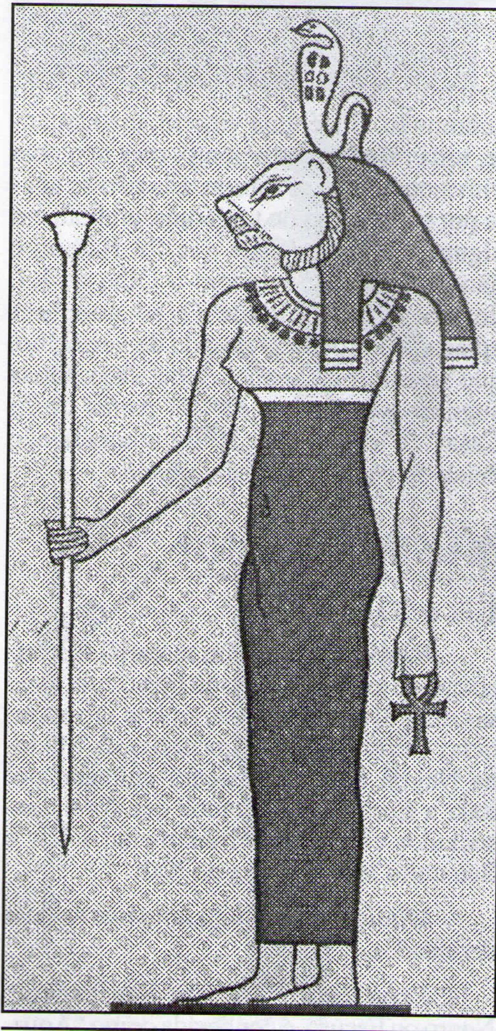
Histórico: Nenhum material histórico que eu tenha encontrado liga o culto dessas duas divindades, mas ambas são apontadas como sendo antepassadas da Madona Negra, a Virgem escura cultuada por toda a Europa. Os ciganos que foram associados correta ou erradamente a Ísis e Seu culto vêm da terra de Kali.

Mitologia: Nenhum mito liga as duas divindades.

Espiritual: Ísis, em Seu aspecto Negro ou Escuro, é conhecida como "Aquela que Quebra em Pedaços", título compartilhado por Kali. Veja "A meditação da Terra", na seção "Dentro do labirinto", no

Capítulo Dezesseis, "Ísis como uma Deusa do Amor", para obter mais informações sobre os aspectos sombrios de Ísis.





Acima, *um talismã egípcio de gato.* Abaixo, *a Deusa Bast em forma pouco comum como Sekhmet com cabeça de leão.*

Ísis e Ganga

Ganga era uma deusa hindu do rio Ganges. O Papiro Oxyrhynchus, lista de nomes e atributos de Ísis em outros países, sugere que Ela governou o Ganges. Isso pode ser apenas uma extensão da influência de Ísis sobre o Nilo, implicitamente influenciando qualquer outro rio importante.

Ísis e Harita

Histórico/mitologia: William MacQuitty, autor de *Island of Isis* [A ilha de Ísis], acredita que ela era ligada de algum modo com a deusa das pragas Harita ou Hariti. Acreditava-se que essa deusa era mãe de quinhentos demônios, mas foi convertida ao budismo pelo próprio Buda. Outros autores encontram sinais de sua presença no desenvolvimento da iconografia Kuan Yin.

Ísis e Tara

Histórico: Tara, com suas muitas formas, é talvez a mais verdadeira Grande Mãe, deusa da Terra, amada e temida por seus seguidores.

Representações físicas: Tara pode aparecer carregando uma flor de lótus ou ser representada com o diadema da lua crescente. A lua e a lótus são freqüentemene mencionadas em canções de exaltação a Tara. Ela geralmente veste um cinto com um nó similar ao Thet de Ísis.

Espiritual: Tara e Ísis compartilham muitos atributos e grande quantidade de títulos. Assim como Ísis, Tara é uma salvadora, uma deusa mãe, uma deusa que cura e uma protetora. Ela é considerada uma Bodhisattva, bem como um perfeito Buda; ela conseguiu tudo o que é possível e, mesmo assim, se volta e estende a mão para ajudar seus seguidores.

Ísis e Kuan Yin

Histórico/mitologia: Kuan Yin se tornou uma deusa popular relativamente tarde; portanto, é bem possível que Ísis te-

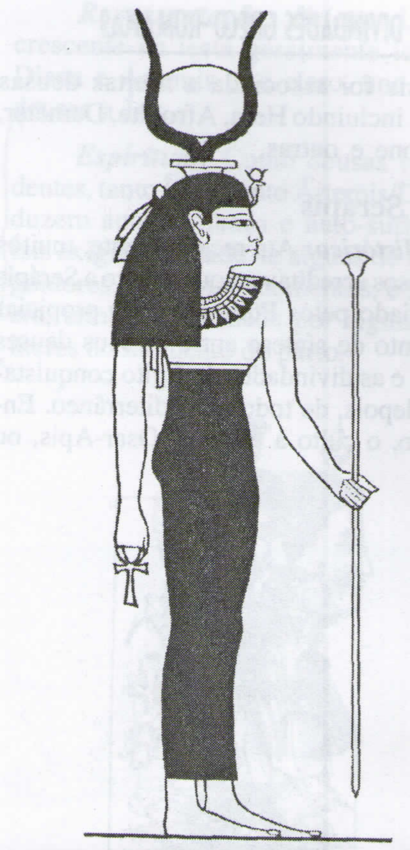
nha sido incorporada em alguns aspectos de seu mito. Originalmente, acreditava-se que era uma divindade masculina — Avalokitesvara — cuja transformação em Kuan Yin não é clara e pode ter sido influenciada pelo conhecimento greco-romano sobre Ísis.

Representações físicas: Quando Alexandre, o Grande, invadiu partes da Índia, ele deixou reis gregos como responsáveis pelos territórios conquistados. Esses reis naturalmente trouxeram a arquitetura, as artes, os artesãos e os costumes religiosos gregos. No estado-província de Gandhara, a arte greco-indiana floresceu, e foi nesse local que se criaram muitas das convenções ainda encontradas nas modernas representações dos deuses e deusas indianos. Ísis teve muitas oportunidades de influenciar representações de outras deusas, e essa pode ser a razão pela qual Kuan Yin passou a ser representada, anos depois, com o Nó de Ísis e a Lótus, como dois de seus atributos especiais. Ela com freqüência também aparece segurando uma ou mais crianças.

Espiritual: Ísis e Kuan Yin compartilham muitos aspectos luminosos, particularmente como protetoras de crianças pequenas e aquelas que concedem favores às mulheres. A energia essencial de Ísis Clara e de Kuan Yin é praticamente a mesma e pode ser invocada com sucesso.

Ísis e Nu Kua

A menos conhecida deusa total asiática, Nu Kua, compartilha muitos aspectos com Ísis. Ela e seu consorte são freqüentemente representados com corpo de serpente, imagem também usada para representar Ísis e Osíris e Ísis e Serápis — as caudas se unem em uma espiral formando um nó. Formando um casal primário e sagrado, como Ísis e Osíris, Nu Kua e o irmão Fu Xi trouxeram semelhantes aspectos culturais a seu povo, incluindo a agricultura, o trabalho em metal, a navegação, a cura e outras artes e habilidades.





Acima, *Hathor.* Abaixo, *um busto de Bast da coleção da autora.*

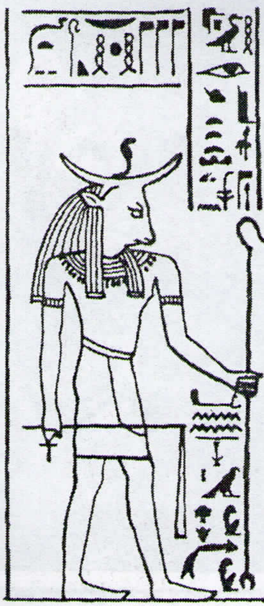
ÍSIS E AS DIVINDADES GRECO-ROMANAS

Ísis foi associada a muitas deusas gregas, incluindo Hera, Afrodite, Deméter, Perséfone e outras.

Ísis e Serápis

Histórico: Até recentemente, muitos estudiosos acreditavam que o culto a Serápis fora criado pelos Ptolemes para propiciar um ponto de síntese entre os seus deuses gregos e as divindades do Egito conquistado e, depois, de todo o Mediterrâneo. Entretanto, o culto a Serápis, Osar-Apis, ou Ausar-Apis, parece ter surgido espontaneamente. Essa afirmação tem base nas recentes análises mostrando que, aparentemente, nas regiões onde se acreditava que os Ptolemes tentaram desenvolver esse tipo de colonização religiosa, os templos de Ísis e Serápis são encontrados esporadicamente. Em outras áreas, onde os reis e rainhas Ptolemes nada tinham a ganhar afirmando sua presença e poder, templos e outras evidências dos cultos são freqüentes.





Acima, *Kuan Yin*. Abaixo, *Asar-Hapi (Serápis)*.

Plutarco nos dá uma descrição de Serápis que se concentra em seus aspectos do Submundo[31]. Serápis também era reverenciado como um deus de ação e especialmente venerado entre os homens que serviam às legiões romanas; há várias placas oferecidas em agradecimento que atestam a sua popularidade entre os soldados. Em alguns lugares era comum oferecer armas a Serápis.

Mitologia: Há pouco material mitológico ou literário unindo Ísis a Serápis. Apesar dessa falta de informação, temos evidências de muitos templos por eles compartilhados durante vários séculos.

Representações físicas: Serápis é geralmente representado como um homem de músculos desenvolvidos, não egípcio, no início da meia-idade, com barba e cabelos crespos. Associada a Serápis, Ísis é, às vezes, representada como uma mulher romana de classe alta, que veste um chale com franjas e com os cabelos levemente cacheados. Ela pode, ainda, apresentar alguns atributos de Deméter, como uma folha de grão.

Ísis e Serápis são também representados como divindades com corpos de serpentes que unem as caudas.

Espiritual: Serápis é um aspecto mais vivaz de Osíris, particularmente conhecido como um deus de cura. Ísis e Serápis, quando invocados como um par, apresentam relacionamento um tanto cal-

31. O registro de Plutarco sobre as origens do culto a Serápis está no Apêndice B.

mo, mas ao mesmo tempo exemplar, como casal. Seus papéis como fornecedores de grãos, simbolizados pelo *modius* (ou o medidor de grãos), geralmente presente na cabeça de Serápis, eram cruciais ao império romano, que dependia do Egito como o "silo de Roma".

Ísis e Zeus

Histórico/mitologia: Ísis era ligada a Zeus por dois caminhos — Sua identificação com Io e através da identificação de Serápis com Zeus. As estátuas de Zeus-Serápis eram comuns, e as divindades em alguns lugares eram consideradas idênticas. O brado "Um Zeus Serápis!" insinua um tipo de monoteísmo baseado nessa divindade composta.

Espiritual: O relacionamento de Ísis com Zeus era semelhante ao de Ísis com Rá, uma aliança incômoda, na melhor das hipóteses. Ísis nunca aceitou muito bem ser subordinada a outros deuses, e os mitólogos não conseguiram casá-La facilmente com Zeus. Para tanto, Ísis era identificada com Hera, mas, ainda assim, limitada.

Ísis e Ártemis/Diana

Histórico/mitologia: Ártemis e Ísis eram consideradas aspectos da mesma divindade em muitos lugares nos mundos grego e romano. O romance de Xenofonte, *Efesiaca*, narra as aventuras de uma sacerdotisa dedicada a ambas e para quem elas são, essencialmente, nomes diferentes da mesma divindade. Ártemis, como caçadora virgem, parece estar muito distante dos aspectos maternos e eróticos de Ísis. Entretanto, muitos santuários e templos eram dedicados às duas deusas, e localizações individuais podem ser dedicadas tanto a Ísis-Ártemis quanto a Ártemis-Ísis. A identificação de Diana com Ártemis era tão abrangente que as duas deusas eram, com freqüência, consideradas idênticas. O fato de serem divindades lunares é mais um ponto coincidente com o culto de Ísis.

Representações físicas: Uma lua crescente na testa geralmente identifica Diana e Ártemis e, é claro, une as duas deusas a Ísis.

Espiritual: Como deusas independentes, tanto Ísis quanto Ártemis/Diana induzem autoconfiança e auto-suficiência. Ísis exigia castidade de alguns de Seus seguidores, em certos momentos, e Ártemis era, também, chamada por algumas mulheres no momento do parto.



Acima, *Serápis e Ísis.* Abaixo, *Serápis.*



Acima, *uma gravura de Diana do século XIX, mostrando a característica lua crescente na cabeça.* Abaixo, *a imagem de Ártemis (Diana) com muitos seios, de Éfesus.*

Ísis e Io

Histórico/mitologia: Acreditava-se que Io era uma sacerdotisa de Hera desejada pelo marido da Deusa, Zeus. Isso não era incomum — Zeus geralmente desejava todas as pessoas. Janet e Stewart Farrar, no excelente livro *The Witches' Goddess* [A deusa das bruxas], afirmam que Io era na verdade uma antiga deusa Vaca da Lua que deu seu nome aos ionianos. Io é, às vezes, associada a Europa, que deu seu nome ao continente.

Quando Hera descobriu o desejo de Zeus por Io, ele transformou a sacerdotisa em uma novilha para protegê-la da ira de sua mulher. Mas Hera se transformou em uma mosca varejeira e perseguiu a pobre deusa-vaca até o Egito, onde, supostamente, ela se tornou Ísis.

Essa história é uma criação mais nova, de origem grega, e não pode ser considerada relato válido do aparecimento de Ísis no Egito. É bem mais plausível que o fluxo de divindades e informações tenha seguido do Egito para a Grécia, e não o contrário.

Representações físicas: Io é geralmente representada como uma jovem mulher vestindo trajes gregos e com a lua crescente na sobrancelha ou pequenos chifres de vaca visíveis em seu penteado. Mosaicos e afrescos de Io geralmente apresentam elementos egípcios, como crocodilos, cenas do Nilo, esfinges, etc.

Ísis e Deméter/Perséfone

Histórico/mitologia: Até mesmo os gregos acreditavam que os mistérios de Deméter se originaram no Egito, e ao que parece os antigos mistérios dos ritos da noite de Ísis foram adaptados pelos gregos na história de Deméter. Como a Mãe que Procura, elementos da procura de Ísis por Osíris ecoam em Deméter. Como Noiva do Morto, Perséfone se encontra casada com o Senhor do Submundo, que, aqui, pode ser visto como uma versão de Osíris.

Representações físicas: Deméter e a Ísis helenizada são quase indistingüíveis se não houver inscrição identificando-as. Deméter pode apresentar um penteado em estilo egípcio, enquanto Ísis helenizada segura trigo nas mãos em vez de um sistro.

Kore, outro nome de Perséfone, foi ocasionalmente associada a Ísis, e existem algumas estatuetas da deusa Kore-Ísis.

Espiritual: Como uma deusa mãe que perde aquele a quem ama, a história de Deméter não é muito diferente da de Ísis. Deméter, como Ísis, sai em busca daquele a quem perdeu e apenas com muita dificuldade é bem-sucedida em trazê-lo de volta à vida.

Ísis e Dioniso

Histórico/mitologia: Os aspectos mais divertidos e adoráveis de Osíris, como músico, amante e dançarino, foram identificados com Dioniso. Como se acreditava que Ísis e Osíris inventaram o vinho e a cerveja, essa associação era plausível. Os aspectos enlevados e xamânicos de Osíris foram bem representados por Dioniso. Em algumas regiões acreditava-se que Ísis e Dioniso formavam um casal.

Espiritual: Como aquele que evoca alegria e divina embriaguez, Dioniso representa aspectos de Osíris não revelados na literatura subsistente, que é principalmente fúnebre. Dioniso pode ser considerado o aspecto de Osíris que Ísis tanto amava: ativo, erótico, divinamente embriagado e embriagante.

Ísis e Afrodite/Vênus

Histórico/mitologia: Ísis e Afrodite eram cultuadas como a mesma divindade em muitos lugares. O amor e a paixão de Ísis por Osíris foram um dos pontos principais dessa identificação.

Representações físicas: Existem estatuetas de Afrodite em estilo egípcio. Essas imagens de Ísis-Afrodite a apresentam geralmente nua, ou apenas usando jóias.



Acima, *Deméter.* Abaixo, *Sacerdote de Dioniso.*

Espiritual: Ísis e Afrodite olham com carinho para as fraquezas das emoções humanas, e acredita-se que ambas atendem às preces por amor. Elas também compartilham aspectos como deusas do mar e aceitavam prostitutas entre seus seguidores. A prostituição sagrada, embora menos comum na história de Ísis, não era desconhecida, e uma história conta que Ísis se prostituiu durante os anos em que se escondia de Set.





Acima, *Freia em sua carruagem puxada por gatos.*
Abaixo, *Freia nos campos de batalha.*

Ísis e as Divindades Celto-Escandinavas

Ísis e Herne

Histórico: A expansão do império romano levou Ísis para o coração do país de Herne, e pelo menos uma placa de origem celta representa Cernunnos, que pode ser considerado outro aspecto de Herne, junto a divindades egípcias.

Mitologia: Não há qualquer mito unindo essas duas divindades.

Espiritual: As energias de Ísis, representada com chifres de veado em vez dos de vaca, combinam-se surpreendentemente bem com Herne, e é fácil imaginá-los como um par.

A força masculina do deus gamo é similar àquela do touro de Ápis, do Egito. Operar as energias de Ísis e Herne aumenta o sentimento de ligação com a terra e todas as coisas vivas. Herne, como Líder da Caçada Selvagem, encontra sua companheira em Ísis, Senhora do Trovão e do Vento.

Ísis e Freia

Histórico: Tacitus, antigo escritor romano, em sua obra *Germanicus* [Germânico], relata que Rus, uma tribo escandinava, cultuava Ísis, embora a evidência por ele apresentada seja ambígua. Ele acreditava que o costume viking do funeral no navio era relacionado às práticas egípcias.

Outra deusa escandinava, Nehallenia, era representada com trigo, um chifre da abundância e um navio — todos símbolos de Ísis.

Mitologia: Nenhum mito une as duas deusas especificamente.

Espiritual: Como Aquela que Escolhe os Mortos, a comandante das Valquírias, Freia, desce à Terra e escolhe os mais valorosos entre os mortos para entrar em Valhalla, o mundo após a vida governado por Odin, cujos súditos lutam e morrem durante o dia e são ressuscitados para comer e beber durante a noite. O resgate dos

mortos dos campos de batalha, por parte de Freia, se assemelha ao de Osíris, realizado por Ísis, para que ele possa receber a vida do submundo. Janet e Stewart Farrar, em *The Witches' Goddess* [A deusa das bruxas], explicam que Freia/Frigg era mulher e irmã de Odin e possuía um manto com plumas de falcão que lhe conferia o dom de voar, em paralelo ao poder de Ísis de se transformar em um falcão. A carruagem de Freia, puxada por gatos, se assemelha à de Ísis, bem como a Suas associações com o mundo dos felinos.

Ísis e Odin

Histórico: Ver "Ísis e Freia".

Mitologia: Nenhum mito une as duas divindades. O espúrio *British Edda* tenta relacionar Thor, o filho de Odin, e Hórus/Osíris, o filho-marido de Ísis.

Espiritual: Uma afinidade improvável existe entre essas duas divindades. Como uma deusa que faria praticamente qualquer coisa para obter conhecimento — inclusive enganar Seu pai, Rá —, Ísis encontra afinidade com Odin, disposto a sacrificar um olho para obter conhecimento interior. Ambas as divindades, ocasionalmente, se disfarçam para alcançar seus objetivos. Ísis se disfarça como uma velha mulher para conseguir acesso à ilha onde os deuses debatem a questão sobre o trono do Egito e também esconde Sua identidade enquanto está a serviço da rainha Astarte, durante Sua busca por Osíris. Odin altera sua aparência e identidade sempre que necessário. Ambos têm títulos que se referem ao poder sobre as tempestades, o trovão e os raios, e podem ser saudados como divindades da guerra.

ÍSIS E AS DIVINDADES CRISTÃS

Ísis e Maria

Histórico: Muitos templos de Ísis foram dedicados posteriormente a Maria e muitos títulos de Ísis também foram atribuídos a Maria. Estátuas de Ísis segurando Hórus redenominadas como estátuas de Maria carregando Jesus, o mesmo acontecendo com as de Ísis, que passaram a ser consideradas estátuas de Maria, a egípcia, uma serva de Maria, ou da terceira Maria, Maria Madalena.

Ísis também é conhecida como a Grande Virgem. Marina Warner menciona em seu livro *Alone of All Her Sex* [Só de todo o seu sexo] um rumor que certa vez surgiu em Alexandria, segundo o qual Maria teria concebido Jesus em uma relação incestuosa com o irmão — um eco curioso da união entre irmãos de Ísis e Osíris.

Acredita-se que José e Maria fugiram para o Egito procurando proteção em um processo reverso ao Êxodo do Egito. Em todos os lugares no Egito havia imagens de Ísis e Osíris, e Ísis e Hórus, ao redor do casal.

Centenas de títulos atribuídos a Ísis também foram conferidas a Maria.



Uma gravura do século XIX da Pietà, *de Michelangelo.*

Mitologia/espiritual: Como mães de crianças divinas concebidas de modo incomum, Maria e Ísis têm muitas afinidades. É muito fácil traçar paralelos entre a história de Osíris e de Jesus.

Embora a Igreja tenha limitado os poderes de Maria como uma Deusa independente, ela ainda mantém a memória de tempos quando a divindade suprema não precisava ser do sexo masculino. Como mães que nutrem seus filhos, tanto Ísis como Maria atendem a seus devotos e perdoam suas falhas, como as mães fazem com os filhos.

Representações físicas: As representações de Maria apresentam muitos detalhes em comum com as de Ísis. Ambas são geralmente representadas com a lua crescente e na companhia de estrelas. Imagens de Ísis amamentando Hórus podem ter influenciado o conceito artístico básico da Madona e seu Filho. Várias imagens de Ísis segurando Osíris morto sobre Seus joelhos trazem à mente a formidável obra de Michelangelo *Pietà*, embora as versões egípcias existentes sejam consideradas mais rígidas e tenham menos apelo emocional.

Ísis e a Virgem Negra

Ísis está por trás de muitas das misteriosas estátuas da Virgem Negra. Grande quantidade dessas estátuas eram representações egípcias de Ísis que, acredita-se, "tomou o véu", vivendo sob esse disfarce ainda durante muitos séculos de adoração. Consideram-se essas Virgens Negras muito mais poderosas do que as representações convencionais da Virgem. Várias das aparições de Maria em tempos mais recentes se deram em locais onde existiam os santuários dessas Virgens Negras, ou próximo a eles[32].

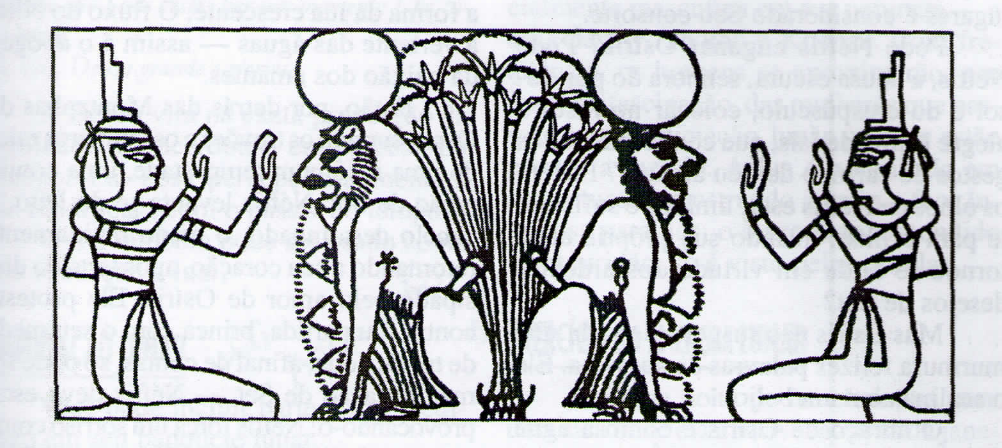
Diane Stein sugere que o período da Quaresma, no calendário católico, é derivado da busca de Ísis por Osíris e de sua ressurreição[33].

Uma das mais importantes aparições de um ser que se assemelhava a uma Deusa ocorreu sobre a abóbada da Igreja Coópta, no Cairo. Milhares de pessoas viram a aparição de uma figura feminina; nem todas a identificaram como Maria.

Grande quantidade de santas tem indícios de sua linhagem remontando até Ísis. Entre elas estão Santa Maria, a egípcia; Santa Genoveva, de Paris; Santa Gudule, de Bruxelas; Santa Thaís; e Santa Pelágia. No Egito moderno, os cristãos coóptas balançam sistros e têm uma Ísis entre suas santas, embora não seja claro se ela recebeu o nome da Deusa, de uma mártir ou de outra celebridade da Igreja.

☽•☉•☾

32. Para mais informações sobre a Virgem Negra, ver *The Cult of the Black Virgin*, de Ean Begg, Nova York, NY: Penguim, 1989.
33. Stein, Diane, *The Goddess Book of Days*, St. Paul, MN: Llewellyn Publications, 1988.



CAPÍTULO TREZE

A PRIMEIRA HORA DA NOITE

O RITO DA NOITE

Ao fim do dia, quando o sol é encoberto pelo horizonte e a luz lentamente desaparece do céu, celebra-se o Rito da Noite. Essa hora nebulosa, em que nem as forças cósmicas solares nem as lunares verdadeiramente exercem influência sobre a Terra, é o equivalente espiritual dos momentos de semilucidez entre o ato de despertar e de dormir. Nesse momento, uma grande clareza de pensamentos e fantásticas imagens de visões pode ocorrer. É hora para buscar calma e tranqüilidade e de se distanciar dos desafios das horas do dia. Durante as estações em que o crepúsculo ocorre mais tarde, um Rito da Noite ou uma oração podem ser o prelúdio de uma noite mística dedicada a projetos espirituais e meditação.

A MEDITAÇÃO DE NÉFTIS

Agora é a hora de Néftis, a Deusa do Pôr-do-Sol e do Crepúsculo, irmã de Ísis, irmã de Osíris, também irmã de Set, com quem ela é presa em um casamento sem amor. A feliz união de sua linda irmã com seu belo irmão, o amável Osíris, nunca está distante da visão de Néftis. Mas Néftis é gêmea de Ísis, igual em beleza; e, embora ame sua irma, e tema seu marido Set, Néftis deseja Osíris, ainda que por apenas uma hora. Seu ventre arde por ele. Ela anseia por seu toque, o toque de Osar-Un-Nefer, o Belo Ser, para curá-la dos anos de ligação sem afeto com o irmão Set.

Não é muito difícil para Néftis disfarçar-se de Ísis e ir para o leito de Osíris. Ela se enfeita com um adorno de trevos. Osíris está sozinho no escuro. Ísis está em

algum outro lugar — auxiliando em um parto, visitando um templo ou talvez nos braços de Min ou Sobek, que, em alguns lugares é considerado Seu consorte.

Pode Néftis enganar Osíris? Pode Néftis, a deusa escura, senhora do pôr-do-sol e do crepúsculo, colocar no rosto o alegre brilho de Ísis, que conheceu muitos gestos de carinho de Seu amante? Podem os olhos de Néftis estar úmidos o suficiente para brilhar, quando sua própria alma tornou-se árida em virtude dos ardentes desejos de Set?

Mas Osíris não suspeita de nada. Ele murmura felizes palavras de surpresa. Ela o acalma com um beijo.

O abraço de Osíris é como a água fria e refrescante no deserto. É como a luz do sol atravessando as folhagens das palmeiras sagradas. As mãos de Osíris sobre o corpo de Néftis são como o fogo das estrelas; como se o brilho da Via Láctea a inundasse. Brumas se elevando da lagoa de lótus — assim é a emanação de Osíris. O brilho de seus olhos na escuridão é como a forma da lua crescente. O fluxo do Nilo, a vertente das águas — assim é o apogeu da paixão dos amantes.

Então, por detrás das Montanhas do Oeste, surgem os trovões e os inúmeros raios de uma incomum tempestade, uma conjuração de Set. Néftis levanta-se do leito, o cabelo desalinhado, o medo rapidamente retornando a seu coração, após ter sido dissipado pelo amor de Osíris. Ele protesta contra seu partida, brinca com o seu medo de trovão, que, afinal de contas, só pode ser manifestação de Set — Néftis deve estar provocando-o! Néftis força um sorriso como resposta, beija-o novamente com os lábios úmidos e parte com uma luminosa promessa. Osíris adormece novamente na alcova, o rosto pressionado contra a guirlanda de trevos, que fora esquecida.



Osíris.

Uma prece noturna de Ísis

Invocação por uma sacerdotisa:

Saudação a Ísis, gloriosa Deusa,
O dia acaba e a noite chega,
O sol se põe e as estrelas emergem.
Este é o Rito da Noite,
O rito que encerra o dia da luz.
Permita que Seu instrumento entoe Seu nome,
Saudando-A com todas as honras,
Ísis, gloriosa Deusa.
Elevo o fogo até a vela,
No altar erigido para Você, Ísis, gloriosa Deusa,
E o incenso da noite se eleva, docemente misturado,
Para que eu possa perceber Sua presença,
Ísis, gloriosa Deusa,
Que se eleva atrás de mim como uma chama de ouro
E resvala minhas costas com hábeis asas.
Eu me abro para Você.
Permita que o Seu portal lhe dê as boas-vindas,
Oh, Ísis,
Grande e gloriosa Deusa,
Minhas mãos se erguem e seguram
O arco da exaltação,
E se erguem mais uma vez
Para o ângulo reto

Da invocação.
Venha! Oh, grande e gloriosa Deusa,
Venha na plenitude de força e amor,
Permita que Suas vestes por um momento Lhe cubram,
Oh, Ísis, Deusa grande e gloriosa.

A Deusa virá na exata proporção da habilidade da sacerdotisa em percebê-La e recebê-La. Essa percepção aumentará e se modificará com o passar do tempo.

O rito também pode ser usado como uma saudação à lua.

A MEDITAÇÃO LUNAR

Você pode incluir parte dessa meditação em seu banquete lunar.

O nascer da lua é uma exaltação visual a Ísis. Ela é a lua, a pérola da noite, aumentada pela lente do horizonte distante, levando-nos com Ela quando se eleva para se transformar em um grande olho branco no céu, coroada por um círculo de gelo, envolvida por um arco-íris nas noites em que as condições são favoráveis. Nos céus modernos, um avião ocasionalmente traça uma trilha de fumaça através da borda de Sua aura lunar, formando, por alguns instantes, o "Shen", o sinal da eternidade, desenhado pelo céu como se estivesse proclamando que esses céus são eternos.

A iniciação lunar é muito acessível. As mulheres, em particular, são naturalmente sintonizadas com os ciclos da lua pela manifestação física da menstruação, que pode ser prevista pela mudança da lua. Grupos de mulheres que dormem expostas à luz da lua cheia terão seus ciclos sintonizados com as noites de lua cheia; é a iluminação artificial que destrói o ritmo natural das noites. Mesmo o membro mais cínico, e menos psíquico, de uma comunidade reconhecerá algo estranho nas noites de lua cheia, pelo menos quanto ao seu impacto sobre as outras pessoas.

Entretanto, embora o processo de alinhamento com as energias da lua seja menos esotérico e mais material para as mulheres, a iniciação lunar é essencial também aos homens. Muitas culturas, incluindo a egípcia, consideravam a lua essencialmente masculina em sua natureza — a casa de Ihy, Thothh e Khonsu. Com freqüência, os homens se aproximarão, por amor ou fascinação, das mulheres que passaram pela iniciação lunar ou que estão prestes a fazê-lo. A lua é polarizada em sua natureza, mostrando apenas a face luminosa para nós; o outro lado, escondido na escuridão, só é visto pelas estrelas.

EXERCÍCIO DA ENERGIA LUNAR

Em uma noite de lua cheia, vá para uma sala onde ela é visível através da janela. Fique perto de uma lâmpada sem o glo-



Meditação lunar.



Khonsu.

bo de proteção. Sinta a qualidade da luz, seu calor, o modo como ela altera as cores da sua pele e das roupas que está vestindo.

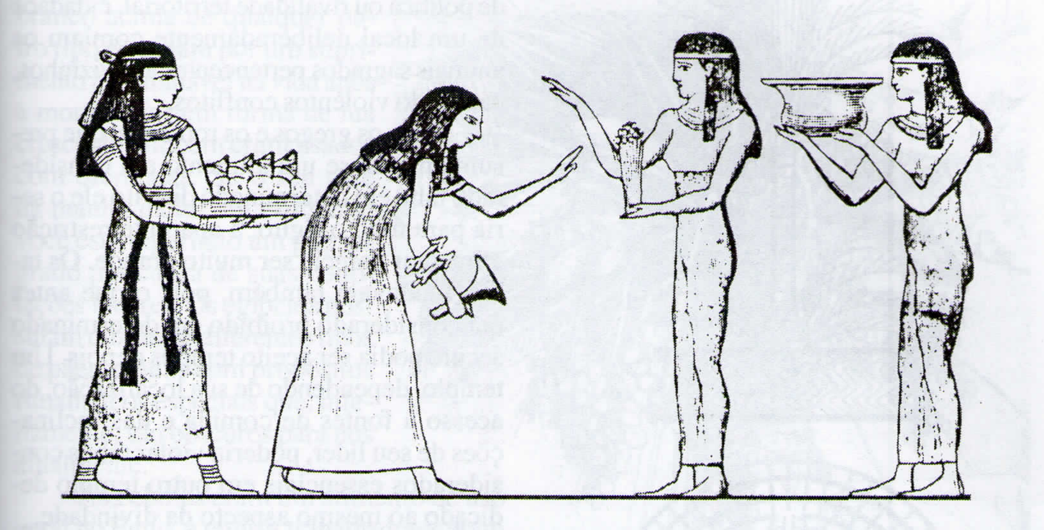
Apague a lâmpada. Deixe a luz da lua atingir você. Sinta o impacto no corpo e na mente. Ao se acostumar com a diferença, você conseguirá sentir mudanças nas áreas das sobrancelhas e no alto da cabeça. Você descobrirá que, embora a lua seja associada a sonhos e fantasias, sua luz induz um sentimento de clareza da mente. Por outro lado, a superexposição ao sol, o senhor do pensamento racional, pode aumentar a temperatura do cérebro e causar pensamentos confusos, insolação e até mesmo danos permanentes.

Agora, ligue uma luz e traga-a para perto do rosto. Sinta as qualidades mistas da luz agirem sobre as suas percepções, a luz quente da vela, a luz gelada da lua. Medite sobre isso até conseguir expandir seu entendimento o máximo possível naquele momento e, então, encerre o exercício. Você pode continuar a observar a luz da luz sem praticar o exercício formal.

Ao buscar pela iniciação lunar, observe as fases da lua todas as noites. Faça um esforço especial para ver a lua pela manhã e depois da meia-noite, e observe-a durante o dia. Procure ativamente por qualquer coisa que o faça se lembrar das cores, alimentos e tecidos da lua. Você não precisa comprar ou consumir esses itens; apenas observá-los. Preste atenção às fases da lua e aprenda a imaginar a lua em todas as suas formas e cores. Siga as marés e faça um esforço especial para observar a luz refletida em uma região natural de água. Antes, ou enquanto faz essas coisas, diga simplesmente: "Eu faço isso para aprender mais sobre Ísis da Lua. Possa isso agradar-Lhe para que me guie e instrua".



Itens para oferendas (na perspectiva egípcia, os objetos que estão mais distantes são colocados mais perto da parte superior do desenho).



CAPÍTULO CATORZE

A SEGUNDA HORA DA NOITE

NAS COZINHAS E JARDINS DE ÍSIS

Consumimos comida para que possamos existir. Como seres humanos, nós perpetuamente sacrificamos outros organismos — animais ou vegetais, talvez até minerais — para viver.

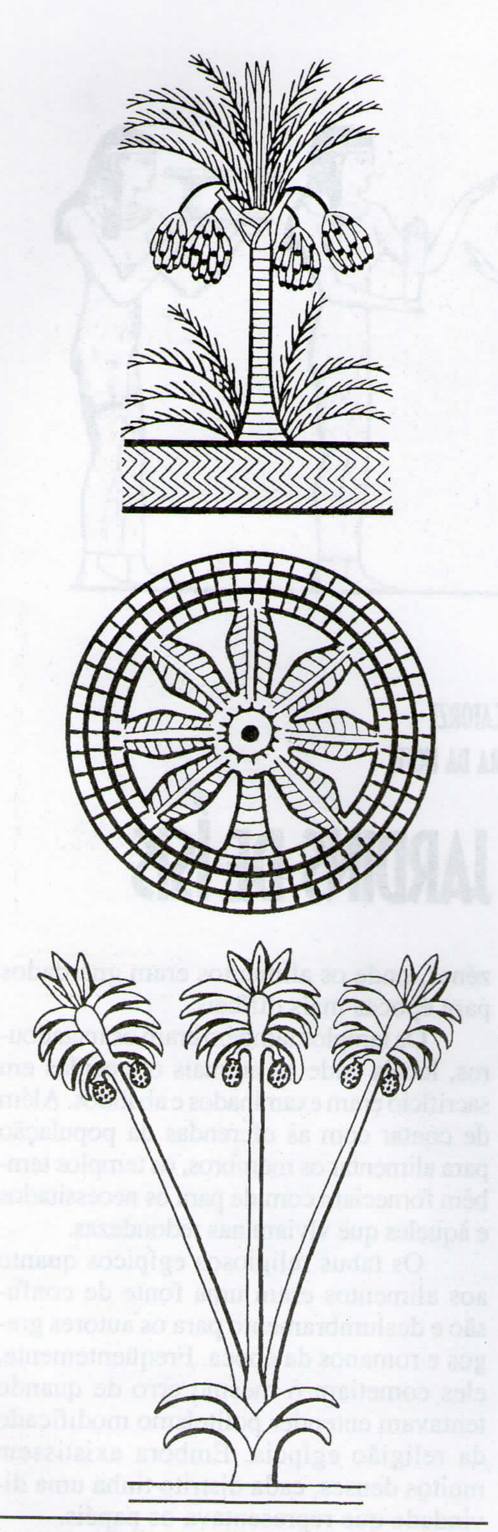
Embora não saibamos como os mortos e os deuses conseguem se sustentar com alimentos, desde os tempos remotos oferecemos isso em rituais religiosos e de sacrifício.

O alimento, portanto, é sagrado. Nos templos do Egito, assim como em muitos outros lugares, as oferendas aos deuses eram acontecimentos diários, freqüentemente parte dos quatro ritos diários principais: ao amanhecer, ao meio-dia, no crepúsculo e à meia-noite. Nesse momentos, alimentos eram apresentados, refletindo o que de melhor um distrito específico tinha a oferecer. Os templos eram os "armazéns", onde os alimentos eram guardados para épocas mais difíceis.

Os templos também eram os matadouros, locais onde os animais oferecidos em sacrifício eram examinados e abatidos. Além de contar com as oferendas da população para alimentar os membros, os templos também forneciam comida para os necessitados e àqueles que viviam nas redondezas.

Os tabus religiosos egípicos quanto aos alimentos eram uma fonte de confusão e deslumbramento para os autores gregos e romanos da época. Freqüentemente, eles cometiam o mesmo erro de quando tentavam entender politeísmo modificado da religião egípcia. Embora existissem muitos deuses, cada distrito tinha uma divindade que representava os papéis.

Tudo o que era considerado tabu, em termos de comida, em um distrito era acei-



Três exemplos de representações de antigas tamareiras egípcias.

tável em outro. Em períodos de instabilidade política ou rivalidade territorial, cidadãos de um local deliberadamente comiam os animais sagrados pertencentes aos vizinhos, causando violentos conflitos.

Para os gregos e os romanos, que presumiam que se um alimento era considerado tabu em determinado distrito ele o seria para todo o Egito, a aparente restrição alimentar parecia ser muito grande. Os tabus mudavam também, pois o que antes era considerado proibido em determinado século podia ser aceito tempos depois. Um templo, dependendo de sua localização, do acesso a fontes de comida e das inclinações de seu líder, poderia violar tabus considerados essenciais em outro templo dedicado ao mesmo aspecto da divindade.

Alimentos sagrados de Ísis e Osíris

Ísis, como uma deusa da agricultura e da fertilidade, considera praticamente tudo como alimento sagrado. Como Deusa dos Pomares, todas as frutas que crescem nas árvores são sagradas para Ela. As palmeiras são sagradas tanto para Ísis quanto para Osíris, bem como a tâmara e o coco (a propósito, um excelente alimento que simboliza a lua). Palmitos, no entanto, não são uma oferenda apropriada, porque os seguidores de Ísis e Osíris foram proibidos de destruir uma árvore cultivada, e a remoção do palmito comestível destrói a árvore.

Todos os tipos de pão eram altamente valorizados pelo antigos egípcios e são oferendas ideais. Com freqüência, os pães eram assados em diferentes fôrmas para os propósitos de oferendas. Acredita-se que a própria Ísis assava pães em oferenda ao Grande Deus (Osíris). Um costume encantador requeria pães redondos e chatos com pequenas formas de orelhas humanas colocadas no meio para encorajar o Deus ou a Deusa a ouvir as preces do suplicante.

Embora a prática ofenda as preferências modernas pelo trigo integral, os

egípcios valorizavam o puro pão branco acima de qualquer outro tipo e oravam por um suprimento interminável na vida após a morte. Pães em forma de lua crescente também eram usados com oferendas. Se o seu café da manhã inclui um *croissant*, você está ingerindo um pão sagrado por causa de suas conotações lunares. Os egípcios possuíam dúzias de diferentes tipos de pães, alguns com propósitos ritualísticos especiais que, infelizmente, são obscuros para nós atualmente.

As cebolas eram um alimento de uso geral no Egito, e muitos trabalhadores eram pagos parcialmente em cebolas. O alho e o alho-poró também eram consumidos em abundância, e o alho era usado em muitas composições de remédios.

Considerava-se a alface de natureza de Set — acreditava-se que a horta de Set continha grande quantidade de alfaces, alimento muito valorizado por Set devido às supostas propriedades afrodisíacas. O clero do Templo de Ísis em Philae era proibido de ingerir alface. Outra fruta atribuída a Set era a melancia, que, acreditava-se, se originou quando Set, na forma de um touro, estava perseguindo Ísis com a intenção de violentá-La. Ela escapou e Set, ainda na forma de touro, derramou seu sêmen no solo. A melancia teria sido criada a partir dessa ejaculação.

O mel era freqüentemente usado como oferenda e também como ingrediente em incensos e remédios. Ísis e Osíris eram associados a abelhas e sua criação. Um dos títulos de Ísis era "Senhora da Casa das Abelhas".

Todos os tipos de alimentos bons e nutritivos eram sagrados. Embora alguns membros do clero adotassem uma dieta vegetariana, isso não era um costume universal. Outros se abstinham parcial ou totalmente de vinho.



Tamareira e fruto.

Em Pompéia, ao que parece, os sacerdotes seguiam uma dieta simples, se é que podemos considerar os remanescentes de seu último almoço como uma boa indicação. Enterrada nas cinzas após a erupção do Vesúvio, em 79 d.C., a mesa no templo de Ísis apresentava ovos, nozes e peixe.

Os banquetes eram uma parte importante dos trabalhos do templo. Os dedicados a Serápis, que quase sempre continham um santuário a Ísis ou era compartilhado com Ela, possuíam instalações especiais para realizar banquetes usadas por grupos de adoradores leigos que se encontravam regularmente para apreciar uma boa re-

feição e o companheirismo com outros devotos. Os cardápios dessas refeições eram extensos e caros, mas parece que elas eram bem populares.

Vinho e cerveja

O vinho foi produzido em tempos muito remotos no Egito. Primeiramente, nas terras dos templos, para uso dos sacerdotes e sacerdotisas, de modo semelhante ao que ocorre em muitos monastérios cristãos, que ainda produzem vinho em seus vinhedos. A população mais comum bebia cerveja. Durante o período greco-romano o hábito de tomar vinho se espalhou pelo Mediterrâneo, e a bebida era geralmente produzida em vinhedos criados a partir de mudas vindas do Egito.



Uma ilustração do século XIX de uma situla.

Os templos, às vezes, produziam vindimas para distribuição local ou exportação. Os rótulos de Terracota, criados para envolver os gargalos das garrafas de vinho, traziam símbolos de Ísis, indicando que eram para uso do templo ou de devotos em casa. Não é de se surpreender que esses artigos são mais freqüentemente encontrados em ricas regiões produtoras de vinho da França e da Alemanha, que mesmo nos tempos antigos eram famosas pelos vinhedos. Algumas dessas regiões ainda produzem vinho e ocasionalmente oferecem uma estátua ou outro objeto de arte a Ísis. Um cálice de vinho pertencente a um santuário de Ísis na ilha de Paos, no mar Egeu, contém uma longa inscrição a "Ísis, a Grande", datada, com uma precisão encantadora, de 26 de outubro de 73, d.C.

Associações posteriores entre Ísis e Dioniso, deus do vinho e do êxtase, fortaleceram ainda mais a imagem de Ísis como Senhora do Vinho. Acreditava-se que os vinhos mais escuros e doces eram os mais sagrados para Ela. Um maravilhoso vinho moderno que apresenta essas qualidades é o Mavrodaphne, um vinho grego produzido em distritos onde o culto a Ísis existia desde tempos remotos. É feito de vinhas que cresceram perto de Knossos, em Creta, onde Ísis também tinha devotos. Esteja alerta, no entanto: vinhos doces são mais fortes, e a embriaguez era terminantemente proibida nos ritos de Ísis.

Leite

O leite também era sagrado para Ísis (uma deusa vaca), e uma receita para o sagrado "Leite de Ísis" ainda existe. Esse líquido doce, tingido de cor-de-rosa, representava o leite que sustenta e cura, dado por Ísis a seu filho Hórus e aos faraós como Seus filhos divinos. O leite era carregado nas procissões de Ísis em uma *situla* (balde em forma de seio) que permitia que um filete do líquido escorresse para a terra, como oferenda consagrada e consagradora.

UM BANQUETE LUNAR

Apresento, aqui, algumas sugestões e receitas que podem ser usadas para o "Banquete Lunar" descrito no Capítulo Dez, "Festivais de Ísis".[34]

Entradas

Amêndoas descoradas

Queijo branco cortado em círculos

Bolachas redondas simples, de cores claras

Patê de cebola

Sementes de romã

Uvas "brancas"

Pratos principais

Bolinhos de frango em forma de lua crescente (receita a seguir)

Bistillah com símbolos lunares (receita a seguir)

Pão recheado (receita a seguir)

Acompanhamentos

Batatinhas brancas, descascadas e cozidas

Arroz branco

Pão assado com alho (receita a seguir)

Sobremesas

Litches em calda

Bolinhos brancos e redondos

Bolo branco com borrifos de cor prata

Bebidas

Leite de Ísis (receita a seguir)

Licor de *litche*, uzo ou outro licor claro (creme de mentol claro também é uma boa bebida lunar, porque seu sabor frio sugere o "frio fogo da lua")

Água mineral com gás

34. Devo informar que a maioria das receitas apresentadas aqui é de origem asiática, mais especificamente chinesa. Isso pode parecer estranho em um livro sobre Ísis. Contudo, decidi incluir apenas receitas que realmente preparei para banquetes, e minhas habilidades culinárias são limitadas aos pratos chineses. Como os chineses ainda celebram festivais da lua regularmente e em decorrência das semelhanças entre Ísis e Kuan Yin, não acredito que ofendi meus deuses com esse cardápio; espero não ofender o leitor.

Bolinhos de frango em forma de lua crescente

3 peitos de frango grelhados, sem pele

1 lata de castanhas

2 cebolas verdes, cortadas bem finas

2 colheres de sopa de licor de cereja

1 colher de sopa de molho de soja

30-40 rolinhos de massa de pastel chinês

Corte três peitos de frango grelhados, sem pele, e misture com uma lata de castanhas; acrescente as cebolas verdes. Misture os ingredientes com o licor de cereja e o molho de soja por uma hora (a maior parte do molho será absorvida). Ponha uma colher do recheio em um rolinho de massa de pastel chinês e dobre na forma da lua crescente (se a massa estiver dura, umedeça-a com um pouco de água)

Aqueça os bolinhos sobre uma panela com água fervente por 15 a 20 minutos. Rende 10 porções como entrada e 5 como prato principal.

Bistillah com símbolos lunares

1 frango grelhado e frito

2 cebolas amarelas de tamanho médio

3 latas de caldo de galinha (6 xícaras)

1 xícara de salsa picada

1 canela em pau

1 colher de sopa de gengibre ralado

¼ de colher de sopa de pimenta

¼ de colher de sopa de açafrão

6 ovos

8 camadas de massa

4 colheres de sopa de manteiga derretida

1 colher de sopa de açúcar

1 colher de sopa de canela em pó

açúcar para polvilhar e canela ralada

$^2/_3$ de xícara de nozes de pinha (ou 2/3 de xícara de amêndoas descoradas, cortadas bem finas)

estêncil para desenhar por cima

Corte os miúdos do frango e coloque em uma panela grande. Acrescente o pescoço, o resto do frango, a cebola, o caldo de galinha, a salsa, a canela em pau, o gengibre, a pimenta e o açafrão. Ferva em fogo alto, depois reduza o fogo, tampe a panela e cozinhe por uma hora (ou até que a carne esteja tão macia que desprenda facilmente dos ossos). Coe o caldo e reserve. Retire o frango e descarte o pescoço, a cebola e a canela em pau. Retire a pele do frango e corte a carne em pedaços pequenos. Reserve.

Pré-aqueça o forno a 230º. Ferva o caldo novamente. Bata os ovos levemente e despeje-os lentamente no caldo, mexendo até formar uma massa coalhada. Despeje a mistura em uma peneira sobre uma tigela, vagarosamente, de modo que o coalho fique na peneira. Deixe escorrer. Separe o caldo para usar em outra receita ou como sopa.

Derreta a manteiga e use um pouco para untar o fundo e as laterais de uma assadeira funda e redonda, com aproximadamente 30cm de diâmetro. Coloque gentilmente 6 camadas de massa na assadeira, com rapidez para que a massa não seque, formando um círculo em sentido horário. Cubra a assadeira completamente. Apenas metade de cada camada permanecerá na assadeira, o resto da massa se espalhará para fora da assadeira, como pétalas de uma flor gigante. Passe manteiga nas camadas de massa e jogue açúcar e canela. Coloque os pedaços de frango dentro da assadeira coberta com massa. Coloque os "coalhos" de ovos por cima e espalhe as nozes de pinha ou as amêndoas picadas. Cubra o recheio com as "pétalas" da massa, desdobrando e juntando-as. Dobre a camada extra de massa ao meio e coloque em cima da torta para que o topo fique macio.

Asse a torta a 230º por 20 minutos ou até que esteja levemente dourada. Balance a assadeira para soltar a torta e vire-a a sobre uma assadeira mais fina. Coloque-a de volta no forno e asse por mais dez minutos. Vire a torta novamente sobre uma travessa.

Usando uma peneira, espalhe a canela levemente por cima da torta. Depois, corte um pedaço limpo de papel em forma de lua crescente, do crescente e do disco de Ísis, ou outro símbolo apropriado. Coloque o papel em cima da torta. Polvilhe açúcar sobre a torta, cobrindo o papel e todas as áreas expostas. Levante o papel vagarosamente pelas bordas opostas e mova-o para o lado. Seu desenho estará impresso em canela escura contra o fundo claro da torta. Rende de 8 a 10 porções.

A criação desse prato rende automaticamente um excelente caldo de galinha. Você pode usá-lo como uma sopa para incluir no banquete da lua. Se optar por servir o caldo, antes de esquentá-lo novamente, acrescente um lata de castanhas que foram picadas no formato de lua.

Pão recheado (*bao* chinês)

Quando preparar esta receita pense em Kuan Yin, a Deusa asiática da Misericórdia, que compartilha muitos atributos com Ísis. Representações mais antigas dessa deusa podem ter sido baseadas nas estátuas greco-indianas produzidas na região de Gandhara, na Índia. Entre outros atributos, ela compartilha com Ísis uma natureza misericordiosa e o amor das criancas. Freqüentemente, é representada com o Nó de Ísis ao redor dos quadris. Sua ajuda também é pedida no momento do parto e para encontrar o amor.

Massa

4 ½ xícaras de farinha pura, não peneirada

½ xícara de açúcar

1 colher de sopa de sal

1 pacote de levedura

1 ½ xícara de água morna
1 colher de sopa de gordura derretida

Recheio

2 xícaras de frango cozido, preparado anteriormente (ver o final da receita "Frango ao vinho doce")
1 colher de sopa de molho de soja
2 cebolas verdes picadas
2 colheres de sopa de salsa

Pré-aqueça o forno a aproximadamente 180º. Dissolva a levedura em ½ xícara de água morna. Peneire a farinha, o açúcar e o sal juntos e mexa em água morna e gordura. Acrescente a levedura dissolvida e misture bem por aproximadamente 5 minutos. Deixe a massa descansar por 30 minutos, cobrindo-a com uma toalha levemente úmida.

Enquanto a massa descansa, prepare o recheio.

Misture o frango com outros ingredientes. Retire o excesso de líquido.

Para fazer um *bao* (pãozinho), tire um pedaço da massa, do tamanho de uma bola de golfe, achate-o e coloque uma colher de sopa de recheio no meio. Cubra o recheio com as bordas da massa e pressione-a, formando um quadrado. Quando todos os *baozi* (pãezinhos) estiverem prontos, deixe de lado para crescer até o dobro do tamanho por pelo menos 1 ½ hora.

Aqueça os *baozi* em uma bandeja sobre água fervente ou em uma caldeira de bambu sobre uma panela *wok* com água fervente. Sirva quente ou deixe esfriar antes de congelá-los para uso posterior. Rende aproximadamente 25 a 30 *baozi*.

Se desejar, pinte vários símbolos nos *baozi*, usando uma escova limpa e um pouco de suco de frutas escuras (ou corante de alimentos). Os desenhos podem ser estampados nos *baozi* usando um pilão de borracha limpo e suco de frutas, ou corante de alimentos.

Frango ao vinho doce

3 peitos de frango inteiros (ou 6 metades)
3 cebolas verdes picadas
½ xícara de vinho doce (como o Mavrodaphne)
2 colheres de sopa de molho de soja
¼ de xícara de açúcar mascavo

Se você não tiver nenhuma sobra de frango disponível, coloque 3 peitos de frango inteiros (ou 6 metades) em uma panela, misturados com cebolas verdes picadas. Despeje ½ xícara de vinho doce sobre o frango. Acrescente molho de soja. Polvilhe com ¼ de xícara de açúcar mascavo. Asse a aproximadamente 180º por 40 minutos, virando na metade do tempo. Para a receita dos *baozi*, separe a carne dos ossos e corte-a em pedaços pequenos. Pode ser servido como entrada.

Pão assado com alho

2 cabeças de alho inteiras por porção (aproximadamente)
Pão, pimenta ralada, sal e pedaços de salsa
Queijo parmesão ralado (opcional)

Se você gosta muito de alho, após experimentar essa receita, será difícil voltar a comer pão misturado com outras ervas servido geralmente como "pão de alho". Separe aproximadamente 2 cabeças de alho inteiras por pessoa. A pele externa do alho deve estar intacta e sem manchas. Apare as pontas das extremidades para que a maioria dos dentes se abra. Coloque o alho em uma panela rasa com um pouco de água. Borrife água sobre o alho. Acrescente pimenta ralada, sal e pedaços de salsa. Asse a aproximadamente 180º por 20 minutos ou até que o alho fique macio.

Passe o alho no pão. Polvilhe com queijo parmesão ralado, se desejar.

O leite de Ísis

4 xícaras de leite
6 colheres de sopa de calda de amêndoas (receita a seguir)

vários morangos grandes (ou suco de frutas vermelhas)

Calda de amêndoas

1 xícara de açúcar

1 xícara de água

2 colheres de sopa de extrato de amêndoas

Prepare a calda de amêndoas dissolvendo o açúcar na água. Ferva, mexendo de vez em quando, até que a calda comece a engrossar. Acrescente o extrato de amêndoas e mexa. Deixe a calda esfriar. Pode também usar calda de baunilha — substitua as duas colheres de sopa de extrato de amêndoas por uma de extrato de baunilha.

Acrescente a calda ao leite e misture bem (use um liqüidificador, se possível). Esprema vários morangos grandes dentro do leite para obter coloração rosada ou use outro suco de fruta vermelha. Sirva gelado.

RECEITAS MISTAS

Pão para ouvir a prece

Usando uma lata de biscoitos prontos para assar, separe cada biscoito e achate-os. Belisque a massa para que pareça uma orelha humana. Asse conforme as instruções e ofereça no altar para Ísis, pedindo-Lhe que ouça sua prece.

Biscoitos sagrados

Faça a sua receita de biscoitos favorita, deixando de fora elementos como castanhas ou flocos de chocolate. Escolha uma jóia ou uma figura de borracha. Asse os biscoitos pela metade do tempo e retire-os do forno. Pressione a jóia ou a figura no biscoito. Se for um bom desenhista, crie uma imagem com pontos usando um palito de dente. Leve ao forno novamente e termine de assar.

Bolinhos com a imagem de um hipopótamo eram consumidos para simbolizar



Um busto de Ísis-Deméter com a tradicional cesta egípcia e dois pães para ouvir a prece.

o triunfo de Ísis sobre Set. Biscoitos com a imgem do Ankh podem ser ingeridos para restaurar a vitalidade. Uma imagem de Ísis em um biscoito pode ser consumida para trazer a essência da Deusa para dentro de você. Se quiser, pode pintar os biscoitos com corantes de alimentos, glacê ou outros tipos de decoração.

NOS JARDINS DE ÍSIS

Ah, Ísis, Senhora das Coisas Verdes, Senhora das Ervas, Senhora das Abelhas. Seus templos são jardins além de construções. Aqui, um poço de pedra encerra uma tenda de papiros, embora esteja a mais de mil quilômetros do Nilo. Em outro local, na margem do deserto, existe grande avenida de árvores, algumas preciosas por causa das contas de incenso que exsudam, algumas preciosas por causa da sombra, dos frutos, da beleza de suas flores; cada uma plantada cuidadosamente em um globo de terra fértil colocado na areia seca. As palmeiras, sagradas para Osíris e Ísis, não estão distantes; elas crescerão prontamente nas piscinas sagradas que, embora há muito tempo secas, ainda contêm os restos da rica lama que, outrora, sustentava as flores de lótus e os papiros quando o templo ainda era freqüentado.

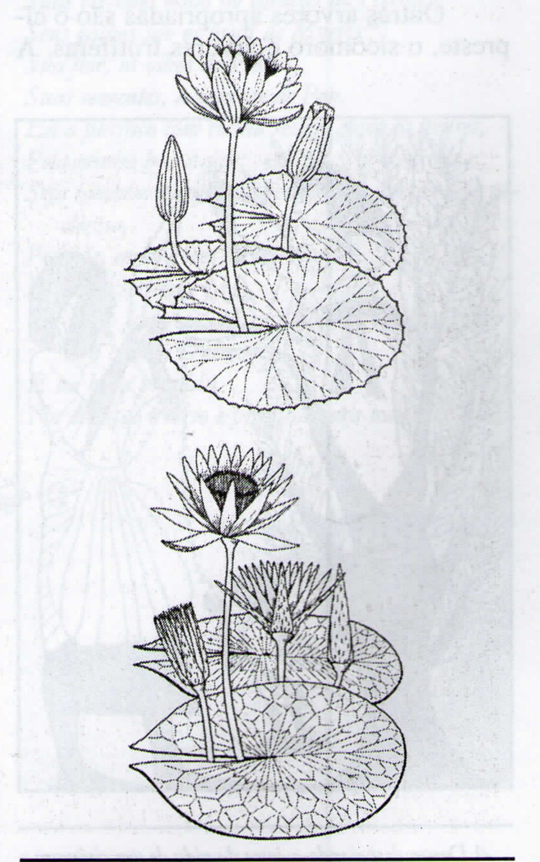
E, plantadas em vasos, aqui estão as flores de rico perfume que desabrocham à noite; as flores que brilham à luz da lua. Ao seu lado crescem misteriosas ervas medicinais cujos segredos apenas Você, Ísis, conhece por completo. E com cada gota da água que dá vida, que nasce das raízes sedentas dessas diversas plantas, Seu poder como Senhora da Umidade é confirmado.

☽•⊖•☾

Certa noite, quando regava meu jardim, sob a lua, aspergindo água para o céu e deixando-a cair, carregada de luz, de volta para o terra, percebi que com um movimento do pulso meu jardim poderia ser abençoado com um *Ankh* ou um Shen, formados do fluxo de água saindo da mangueira. O bocal prateado não era muito diferente dos asperges usados nos templos, e a longa e verde mangueira pulsava como serpente.

A luz da lua e a água sempre tiveram união mística, e usar um pouco desse poder para garantir a fertilidade do jardim é um rito simples e poderoso. Fontes ou poças são bem-vindas aos jardins do templo. Um jardim dedicado a Deusa deve ser solar e lunar — desfrutado de dia e à noite.

Um modo de realizar o rito é usar gesso branco amassado para os caminhos. Essa pedra brilhará à luz do sol; contudo, mesmo nas noites mais escuras seus caminhos serão especialmente iluminados. Sob a lua quase cheia, os caminhos parecerão estar acesos de dentro, quase fosfo-



Acima, *a lótus branca.* Abaixo, *a lótus azul.*

rescentes. Se tiver espaço suficiente, faça um jardim em forma de ankh ou com a configuração de um templo. Alinhe os caminhos com flores que amam a noite, como as gardênias, cactos que desabrocham à noite, flores da lua japonesas e rosas de cores vivas.

As palmeiras são bem-vindas aos jardins do templo. Elas proporcionam sombra, uma lembrança do Egito e dos vários portos do Mediterrâneo onde Ísis fez Seu lar, e também podem ser usadas ritualisticamente em decorações e adivinhações. A borda em serra do caule das folhas da palmeira era usada para contar os dias e era às vezes carregada por Thoth como um símbolo da medida do tempo. Observar o suave movimento das folhas da palmeira, mesmo com uma leve brisa, pode ser um exercício de meditação.

Outras árvores apropriadas são o cipreste, o sicômoro e árvores frutíferas. A madeira cítrica era algumas vezes utilizada nos objetos ritualísticos para o culto a Ísis. Os sicômoros são especialmente sagrados para Ísis quando Ela é associada a Hathor como um deusa do amor (que era também chamada de Senhora dos Sicômoros), e Sua presença e bênção são facilmente percebidas em qualquer bosque de sicômoros. Os pinheiros fornecem as pinhas, que eram algumas vezes usadas nas fogueiras ritualísticas nos templos de Ísis. Algumas espécies de pinhas têm um caroço que pode ser queimado como incenso durante os ritos do dia ou masculino. Dioniso, que compartilhava muitos atributos com Osíris, foi algumas vezes representado pela pinha, e esses frutos costumavam ser oferecidos a Osíris.



A Deusa despejando a água da vida de um sicômoro para o morto e sua Alma.

O loureiro era freqüentemente utilizado em ritos de adivinhação, como os praticados em Elêusis. Sua ligação com Ísis é comprovada pelas peneiras feitas de ramos dessa árvore, carregadas na procissão Ploiafésia descrita por Apuleius.

Abacateiros, semelhantes à espécie *persea* que era sagrada para Ísis por causa das folhas em forma de coração, também podem ser cultivados como oferenda apropriada. Templos de Ísis casada com Sobek, em vez de Osíris, podem preferir o outro nome, "pêras de crocodilo", em substituição à permanência de um crocodilo de verdade (não recomendado!).

As rosas também estavam presentes nos ritos de Ísis e um festival mais recente, o Rhodophoria, era celebrado em Sua honra em alguns templos, principalmente naqueles que ficavam em regiões onde as rosas eram cultivadas para venda e exportação. O Egito cultivava muitas das rosas do mundo antigo, mas elas eram as simples rosas mais antigas, e não as espécies mais novas, que continham muitas pétalas.

Algumas espécies mais novas de rosas trazem nomes egípcios, como a "Osíris", com forte cor vermelha e intenso perfume; e a "Nilo Azul", com cor de lavanda.

Uma espécie popular de lírio, o "Lírio do Nilo" (*Agapantus*), cresce com fa-

cilidade em muitos climas e pode ser encontrada nas variedades anã e grande. Esses lírios florescem em tufos nos longos caules de folhagens verde-claras. Nas lojas especializadas podemos encontrá-los nas cores branca, lavanda, roxa e rosa.

A perfumada dama-da-noite é fácil de ser cultivada e floresce abundantemente ao anoitecer, permanecendo aberta até as primeiras horas do dia. Todas as espécies são belas, algumas produzem flores vermelhas, amarelas e rosas em uma mesma planta, no mesmo caule. Essas flores têm uma fragrância delicada que, pelo que eu sei, jamais foi capturada em óleos essenciais ou usada em perfumes.

Todas as espécies de jasmim são excelentes flores para oferendas. Uma espécie de jasmim árabe tem flores pequenas em forma de cálice, perfeitas miniaturas de lótus para oferecer a estátuas ou flutuar em pequenas vasilhas de água.

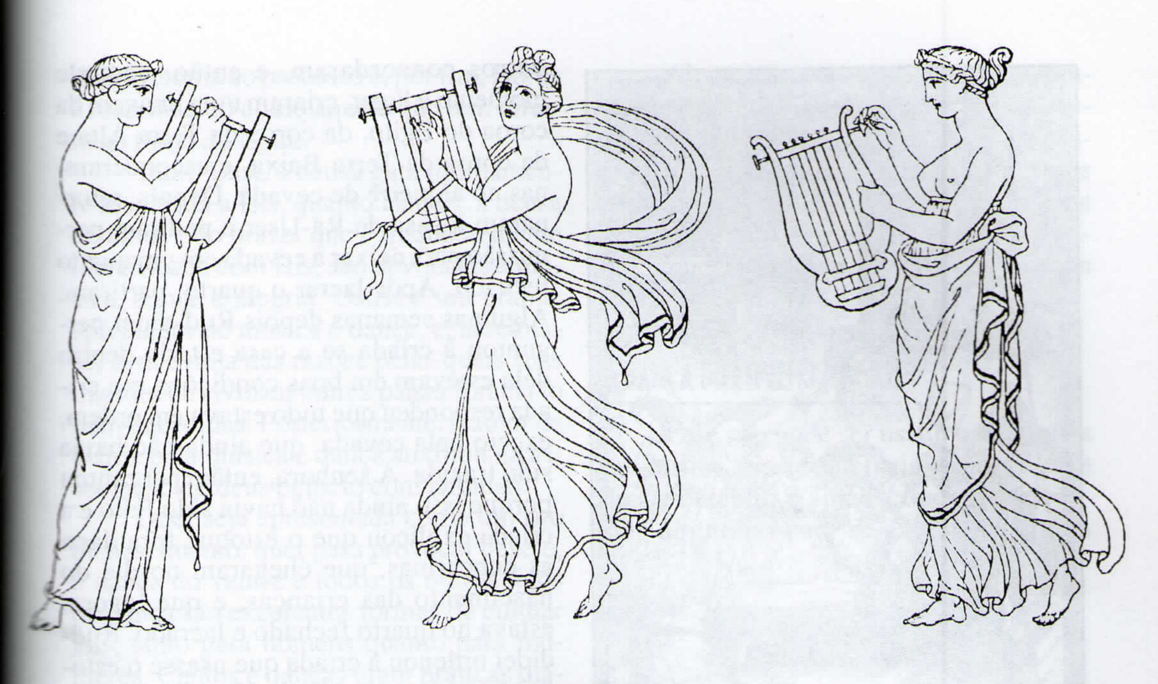
ENCANTAMENTOS PARA AS PLANTAS

Adiante, apresento um "Encantamento para plantas" atribuído aos médicos gregos de Alexandria[35]. É excelente para ser usado quando regamos ou colhemos materiais das plantas. O termo "resina" provavelmente se refere a incenso, que pode ser frankincense, copal, mirra, goma ou qualquer outro tipo de incenso de resina.

Você foi semeada por Cronos
Bem-vinda por Hera,
Protegida por Amon,
Nascida de Ísis,
Alimentada por Zeus das Chuvas,
Você cresceu pela graça do sol e do orvalho,
Você é o orvalho de todos os deuses,
O coração de Hermes,
A semente dos altos deuses,
O olho do sol,
A luz da lua,
A dignidade de Osíris,
A beleza e a glória do céu,
A alma do Daimon de Osíris, que festeja em todos os lugares,
A respiração de Amon.
Levante-se, como fez Osíris se levantar;
Erga-se alta como o sol,
Você é tão alta quanto o zênite;
Suas raízes são tão profundas quanto o abismo,
Suas virtudes estão no coração de Hermes;
Seus galhos são os ossos de Mnevis[36]*;*
Sua flor, os olhos de Hórus,
Suas sementes, a semente de Pan.
Eu a purifico com resina serena como os deuses,
Pela minha boa saúde;
Seja também purificada pela minha prece e seja poderosa,
Por nós, como Ares ou Atenas.
Eu sou Hermes,
Eu colho (ou rego, ou cuido) você com boa sorte, e com o Bom Daimon,
E na hora propícia,
No dia que é certo e propício para todas as coisas.

35. Agradeço a Scott Cunningham por fornecer esse encantamento, que ele copiou de uma tradução de antiga fonte.

36. Mnevis era outra divindade — touro do Egito.



CAPÍTULO QUINZE

A TERCEIRA HORA DA NOITE

ÍSIS, A DEUSA DANÇARINA

"Ísis", disse-me a mulher egípcia, "era uma dançarina do ventre." A mulher exótica e confiante à minha frente, também uma dançarina do ventre, orgulhosamente afirmava que seguia a tradição da Deusa. Por todos os lados, na convenção das dançarinas do ventre, a presença de Ísis era evidente: pinturas e jóias importadas do Egito; tomada como o nome de uma dançarina; relembrada nos títulos de músicas de dança gravadas em fitas e discos; evocada das imagens de Sua sacerdotisa, Cleópatra — e com todo o direito: címbalos e tamborins que as dançarinas usam nos dedos foram encontrados em escavações nos antigos templos de Ísis; o sistro sagrado é um elemento adicional à música do Oriente Médio; os véus multicoloridos são apontados na literatura antiga como vestimenta apropriada para Ísis. Uma sacerdotisa de Ísis e dançarina do ventre, Daniela Gioseffi, em seu livro *Earth Dancing* [Dança da Terra], aponta o uso do véu como símbolo da lua crescente e sugere que os chifres de vaca de Ísis eram também associados com os movimentos do véu[37]. O abrir e o fechar do véu da dançarina, segundo a autora, representam, na verdade, o Véu de Ísis e os mistérios que podem ser revelados ou escondidos.

A VISITA DA DEUSA

Na história a seguir, "A visita da deusa" — incluída na obra *The Myths of Ancient Egypt* [Os mitos do antigo Egito], de Lewis Spence —, Ísis dança e toca por

37. Gioseffi, Daniela, *Earth Dancing*.



Dançarinas da corte se apresentando para o faraó.

ocasião do nascimento de três filhos de Rá que estão destinados a se tornar faraós[38].

"Agora que os filhos de Rá e Rud-didet nasceram, a divindade pediu a Ísis, Nebhat, Meshkent, Hakt e Khnumu que viessem até ela, assumindo a forma de dançarinas, todas, exceto o deus Khnumu, que as acompanhou como carregador. Elas desceram à Terra e se aproximaram da casa do sacerdote Rá-User, o marido de Rud-didet, e tocaram para ele. Elas dotaram as crianças com vários atributos e as chamaram de User-ref, Sah-ra e Kaku. Saíram, então, da casa e desejaram felicidades a Rá-User. Em troca dos bons desejos, ele lhes concedeu um alqueire de cevada, que Khnumu colocou sobre a cabeça, mas quando eles retornavam para seu hábitat divino Ísis lhes disse: "não teria sido melhor se tivéssemos feito algo maravilhoso para essas crianças?". Os outros concordaram, e então, naquele momento e lugar, criaram uma imagem da coroa do Egito, da coroa da Terra Alta e da coroa da Terra Baixa, e esconderam-nas no alqueire de cevada. Depois, retornaram à casa de Rá-User e pediram permissão para deixar a cevada em um quarto fechado. Após lacrar o quarto, partiram. Algumas semanas depois Rud-didet perguntou à criada se a casa e tudo dentro dela estavam em boas condições, e a criada respondeu que tudo estava em ordem, exceto pela cevada, que ainda não havia sido trazida. A senhora, então, perguntou porque isso ainda não havia sido feito e a criada explicou que o estoque fora dado às dançarinas, que chegaram no dia do nascimento das crianças, e que, agora, estava no quarto fechado e lacrado. Rud-didet ordenou à criada que usasse o estoque naquele momento, explicando que Rá-User poderia repor a cevada antes que as dançarinas voltassem. A moça abriu o quarto e, quando entrou, ficou surpresa por ouvir o som de música e dança, pessoas conversando e cantando e sons que são ouvidos no palácio do rei. Ela retornou imediatamente e informou à sua senhora o que ouvira. Rud-didet entrou no quarto e também ouviu os sons, mas não conseguiu localizá-los. Finalmente, ao encostar o ouvido na saca que continha a cevada, descobriu que os sons vinham de lá..."

Esses sons foram considerados sinais de que os três filhos se tornariam governantes do Egito. A história continua, mas o final não é conhecido.

Nas histórias mitológicas das contendas entre Set e Hórus, o filho de Ísis, o deus sol Rá se aborrece ao conduzir o processo legal entre os dois pleiteantes ao trono. Irritado, ele abandona o recinto. O panteão do Egito, ali reunido, precisava da presença de Rá para decidir a questão de uma vez por todas. Então, eles chamam Hathor, deusa do amor, da dança, da beleza e quase gêmea de Ísis. Ela se aproxima sozinha do deus sol Rá e apresenta uma dança erótica para ele. Alegre novamen-

38. Spence, Lewis, *The Myths of Ancient Egypt*, Londres: George G. Harrap & Co., 1917.

te, Rá retorna ao processo e, por fim, Hórus é reconhecido como aquele que tem direito ao trono do Egito.

Tanto Bast, a deusa gata intimamente associada a Ísis, quanto Hathor, a deusa do amor e do prazer que é freqüentemente identificada com Ísis, são devotadas à música, dança e alegria. Osíris é um grande apreciador de música e dança, e, acredita-se, essa é uma das razões pelas quais suas missões de civilizar outros países foram tão bem-sucedidas. Posteriormente, o amor de Osíris pela música e dança auxiliou na associação do deus egípcio com Dioniso.

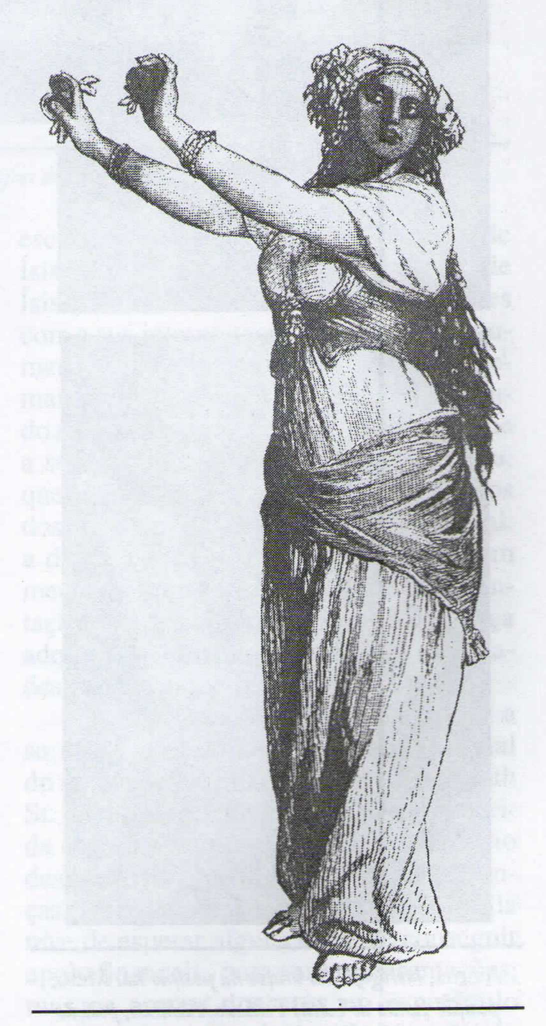
Quer seja apresentada como um rito de nascimento, quer para provocar desejo, a dança do ventre e todos os outros tipos de dança são excelentes formas de cultuar Ísis, tanto para homens quanto para mulheres. Cantos e danças eram práticas diárias comuns em honra a Ísis e Osíris em alguns templos. Ainda existem murais mostrando dançarinas se apresentando durante os sagrados ritos de Ísis.

A dança para os deuses era muito comum nos antigos templos. No Egito, os faraós dançavam para os deuses e deusas durante a celebração dos ritos sagrados. A sacerdotisa de Ísis, Omm Sety, descreveu como o faraó Seti, o Primeiro, dançou para ela quando lhe apareceu em uma visão[39]. Instruindo-a a desenvolver um ritmo de dez batidas rápidas seguidas de uma batida mais forte e uma breve pausa, Seti girou com os braços estendidos ao longo do corpo, saltou para cima e para baixo, com os braços curvados, representando o símbolo do *ka* (alma), moveu-se como se estivesse correndo sem sair do lugar e brandiu um machado de guerra imaginário. Finalmente, encerrou a dança com um salto e um grito. Esse registro vigoroso da dança masculina é consistente com as evidências encontradas em pinturas e relevos nos templos.

Alguns autores acreditam que os dançarinos *ghawaji* do Egito atual são descendentes de uma casta de dançarinos sagrados contratados pelos faraós e pelos templos nos tempos antigos. A música *ghawaji* é assombrosa, com batidas e zumbidos que, facilmente, levam a pessoa a um estado de transe.

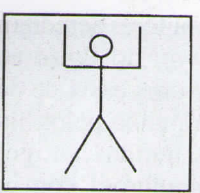
A DANÇA DO ESPELHO MÁGICO

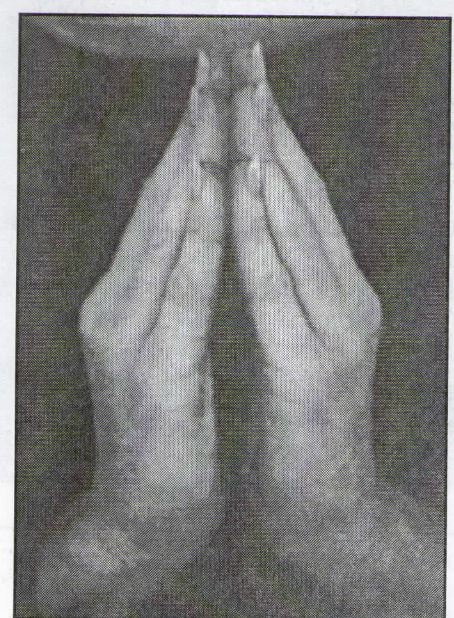
Esse rito pode ser usado para muitos propósitos. Na forma mais básica, é uma dança de culto e agradecimento por possuir um corpo para se expressar através

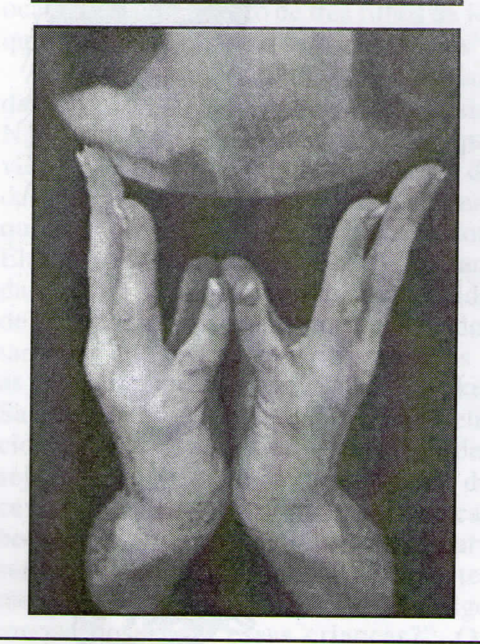


Dançarina com os címbalos usados nos dedos.

39. Veja *The Search for Omm Sety: Reincarnation and Eternal Love*, de Jonathan Cott e Hanny El Zeini, para mais informações sobre essa notável sacerdotisa moderna de Ísis (Nova York, NY: Doubleday & Company, Inc., 1987).







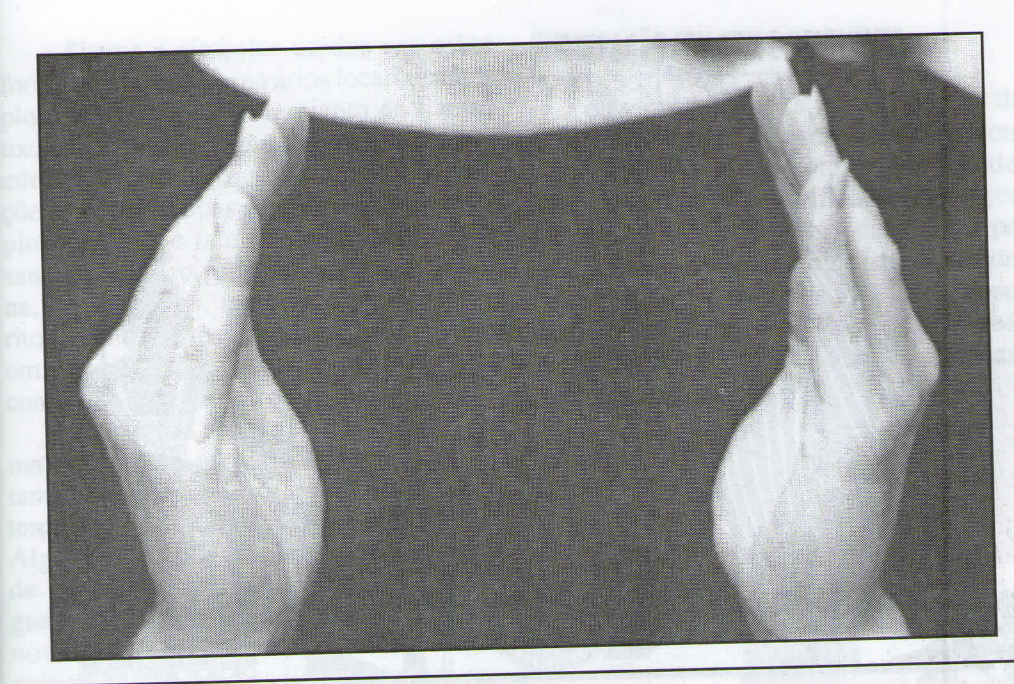
Acima, *hieróglifo dos braços na posição* ka. Meio, *posição Botão de Lótus Fechado.* Abaixo, *posição Botão de Lótus Aberto.*

da dança. No nível seguinte, é um modo de gerar e liberar energia para um fim específico. Por fim (principalmente na versão para mulheres), é um modo de contatar e se unir à divina essência de Ísis.

Vista-se com roupas que lhe inspirem a dançar e mova-se. Acrescente echarpes e jóias, cintos ou braceletes. Fique em frente a um espelho grande, de preferência que reflita o corpo inteiro.

Acenda duas ou mais velas e coloque-as no final da sala, do lado oposto ao espelho. Lâmpadas elétricas encobertas também podem ser usadas — cubra-as com echarpe transparente. A iluminação deve ser reduzida, dando a impressão que o espelho flutua em semi-escuridão. Se tiver música apropriada comece a tocá-la antes de iniciar a dança. Se não houver música use os címbalos, o sistro, chocalhos, palmas ou a própria voz como acompanhamento. Pegue um palito de incenso, acenda a extremidade e desenhe um *ankh* do tamanho do corpo ao redor de sua imagem no espelho. Considere o *ankh* um símbolo que expulsa toda a negatividade e limpa o espelho, preparando-o para a Deusa. Observe a imagem desenhada pela extremidade brilhante do incenso. Ela permanecerá em seus olhos; deixe-a desaparecer. Coloque o incenso em um recipiente apropriado. Crie em sua mente a imagem de Ísis como aquela que dança para criar, para dar as boas-vindas, para despertar, para iluminar ou qualquer outra coisa apropriada ao espírito de seus ritos. Ofereça à Deusa um botão de lótus formado por suas mãos na altura do coração, depois eleve as mãos o mais alto que puder, deixando que a "lótus" se abra. Fique nessa posição por um momento, depois deixe as mãos caírem formando um arco.

Pegue um sistro ou chocalho. Balance-o com vigor, fazendo um círculo, ou em cada uma das oito direções, bem como acima da cabeça e abaixo dos pés. Deixe que o ritmo do sistro mova seu corpo por inteiro. Ao se mover, observe sua imagem no espelho. Quem é essa poderosa sacer-



Posição Chifres de Ísis.

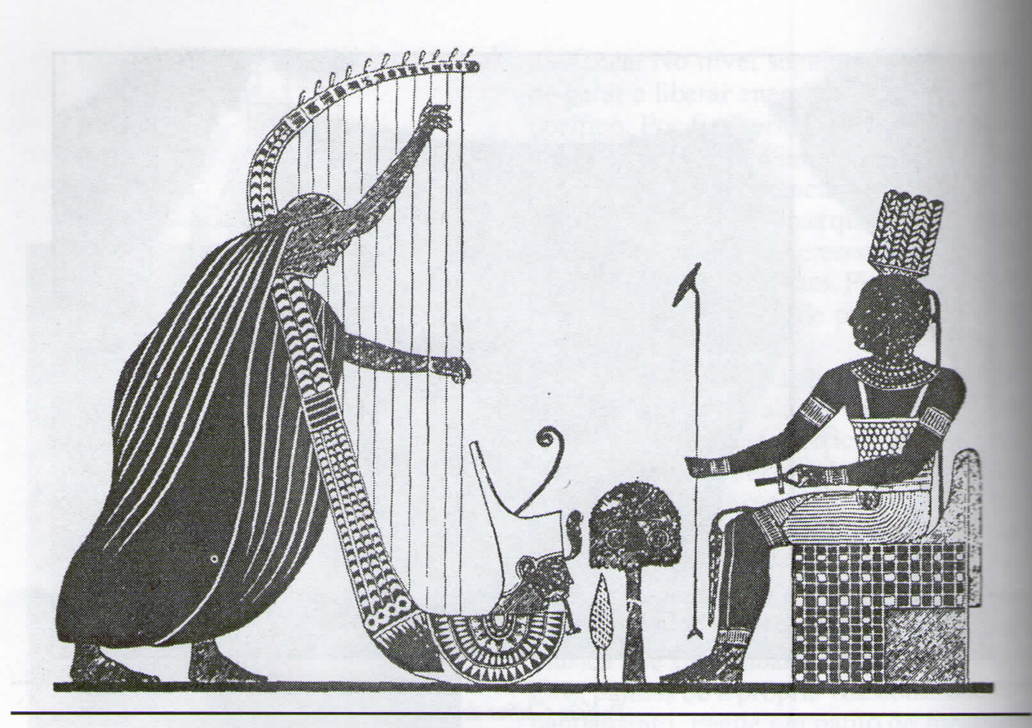
dotisa? Qual face de Ísis ela revela? O que será trazido à existência através de sua dança? Talvez o movimento da saia ou da echarpe evoque as asas de Ísis. Talvez o véu escuro evoque a Ísis enlutada; um gesto do braço ou da mão evoque a lua crescente ou o globo do sol.

Quando a atividade e a energia crescerem, ofereça-as à Deusa e ao seu propósito em realizar a dança. Dance até se cansar ou até que a iluminação pare os seus movimentos. Não se exceda — a exaustão não é útil para o rito. Pare em frente ao espelho e permita que a respiração volte ao normal. Faça o sinal do chifres de Ísis sobre a cabeça. Fique nessa posição por alguns instantes, depois deixe que os braços caiam ao longo do corpo. O rito está encerrado. Acenda as luzes, beba água e volte totalmente à consciência. Coma algo leve ou tome um banho.

ÍSIS E A DANÇA MODERNA

Uma das maiores avatares da dança moderna, considerada ao mesmo tempo escandalosa e hipnótica, traz um nome de Ísis. Isadora (que significa "Presente de Ísis") Duncan desprezou as convenções com a sua interpretação livre do corpo humano em movimento, reinventando os temas clássicos em suas danças e expandindo amplamente os horizontes daqueles que a seguiram nesse novo mundo da dança, que tomou emprestado muitos elementos dos templos pagãos. No mundo ocidental, a dança nunca mais foi considerada um mero entretenimento. Sob a inspirada orientação de Isadora Duncan, a arte da dança adquiriu novamente algumas das qualidades sagradas que perdera no Ocidente.

Isadora não foi a única dançarina a se inspirar na atmosfera egípcia no final do século XIX e início do século XX. Ruth St. Denis, inspirada por uma deusa parecida com Ísis representada em um anúncio de cigarros egípcios, decidiu recriar as danças do antigo Egito para seu público. Ela teve de esperar alguns anos até conseguir apoio financeiro para suas representações; mas os nomes dos atos no espetáculo *Egypta* são evocativos: "Invocação do



Tocando a grande harpa.

Nilo", "O véu de Ísis", "A dança do dia", e "A sala do julgamento". Com certeza, danças com esses nomes não estariam deslocadas nos templos antigos, principalmente quando nos lembramos de que os templos de Ísis eram, geralmente, localizados muito próximos aos teatros das cidades, às vezes até mesmo tendo uma parede em comum com eles.

MÚSICA NO TEMPLO

Nas frias noites do deserto, ou na hora dos ritos diários, as paredes dos grandes templos de Ísis ressoavam com cânticos jubilosos. Autores da época afirmavam que os templos poderiam ser localizados simplesmente pelo som dos ritos diários se espalhando pelo ar.

No período greco-romano, o sacerdote responsável pelo coro e pelos músicos do templo era chamado de *precentor* — aquele que conduzia os *paeanistai* — os cantores das homenagens a Ísis. Os músicos acompanhavam as procissões e tocavam durante as cerimônias. Alguns desses músicos são descritos por Apuleius em seu registro do festival Ploiafésia:

> *"Chegavam, então, os encantadores músicos dos muitos instrumentos, e o som da gaita e da flauta nas mais doces melodias. Eles eram acompanhados por um maravilhoso coro dos mais bem selecionados jovens, radiantes em túnicas brancas como a neve; eles repetiam uma canção cativante que fora composta por um habilidoso poeta, especialmente para a música, com a ajuda da Deusa da Canção, e o tema dessa canção continha, repetidamente, prelúdios musicais aos votos solenes que estavam por vir. Vieram também os flautistas dedicados ao grande Serápis [sic], que repetiam, através de um junco colocado ao lado do ouvido direito, uma tradicional melodia dedicada ao templo e sua divindade..."*

Outro registro de uma procissão em Alexandria menciona os músicos tocando liras, cítaras e tambores. Cantar perante a congregação reunida também era, aparentemente, hábito comum, pelo menos nos templos greco-romanos.

Sistros e címbalos usados nas mãos foram encontrados em vários locais de templos. Vemos *oloi* (um conjunto de flautas tocadas ao mesmo tempo) freqüentemente em pinturas e relevos. Existem muitas menções a gaitas. Harpas eram comuns nos templos egípcios e também eram usadas em santuários greco-romanos. A harpa africana, ou lira núbia, também era tocada nos ritos de Ísis. Címbalos para os dedos e sinos em pares nos templos também foram encontrados nos santuários de Ísis.

Anotações musicais de qualquer forma eram raras nos tempos antigos, portanto os registros históricos da música nos templos de Ísis estão perdidos atualmente. Algumas canções persistiram por milhares de anos, principalmente aquelas que seguem modismos menos comuns. Colocar novas letras em velhas melodias é uma prática antiga. Os acadianos criaram novas letras para a música suméria em 2800 a.C. Alguns estudiosos de música acreditam que a canção de Natal *The Holly and the Ivy* [O azevim e a hera] é uma versão de uma melodia do império romano. Assim como os lugares sagrados, a música sobrevive e transcende as religiões.

Ísis na música clássica

Ísis não foi esquecida pelos grandes compositores. Wolfgang Amadeus Mozart criou uma música brilhante para sua ópera *A flauta mágica*, que foi apresentada pela primeira vez na França, em 1791, sob a direção do próprio Mozart. Originalmente, a ópera se chamava *The Mysteries of Isis* [Os mistérios de Ísis]. Ela conta a história de dois jovens amantes protegidos e guiados por um benevolente sacerdote de Ísis.

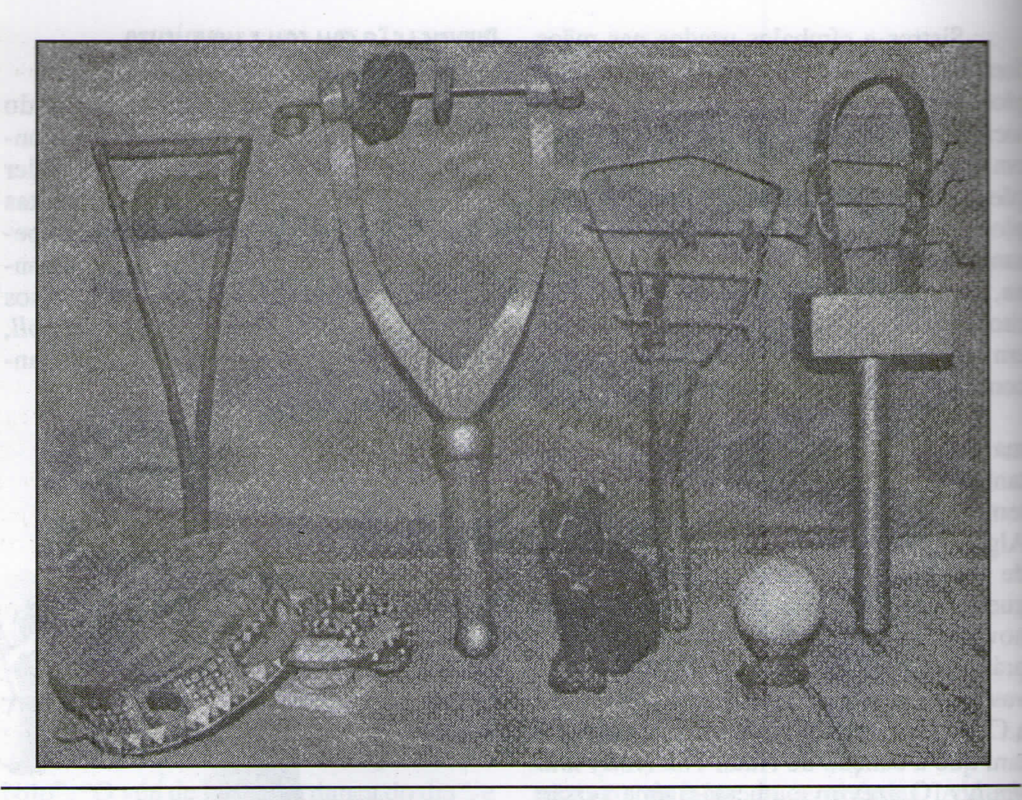
Um século depois, o compositor Verdi criou uma de suas músicas mais bonitas para a ópera de tema semelhante, *Aída*, um romance também inspirado no Egito, que se passava dentro e ao redor de um templo de Ísis. As duas óperas ainda são muito apresentadas hoje em dia e podem ter contribuído para o reconhecimento moderno de Ísis como força espiritual.

PURIFICAÇÃO COM SOM E MOVIMENTO

As propriedades purificadores do som nem sempre são reconhecidas; contudo, elas são revigorantes e têm o poder de limpar. O efeito purificador de muitas vibrações musicais é uma das razões pelas quais é tão prazeroso assistir a um concerto ou ouvir uma música. Os furiosos decibéis dos concertos de *rock and roll*, além de prejudiciais aos ouvidos e chocan-



Estátua de uma mulher tocando oloi.



Sistros da coleção da autora. Da esquerda para a direita, *africanos modernos, do norte da Europa, greco-romanos e egípcios.*

tes para o cérebro, podem liberar certo nível de negatividade vindo do público. Essa emissão de negatividade, embora seja um processo de limpeza para a pessoa que a experimenta, quando multiplicada por milhares de pessoas, comprimidas em uma mesma área e em um estado nada voltado para o espiritual, pode ser a razão da violência que, às vezes, ocorre nas apresentações de alguns conjuntos modernos.

Wendy Buonaventure, em seu excelente livro *Serpent of the Nile: Women and Dance in the Arab World* [A serpente do Nilo: as mulheres e a dança no mundo árabe], cita uma aparente sobrevivência da antiga prática de purificação pela música e pelo som através das memórias de Armen Ohanian, uma mulher armênia de classe alta, nascida na virada do século XX, e que mais tarde procurou transformar a dança em sua carreira. A perspectiva de um casamento infeliz a atormentava com pesadelos, enquanto ela esperava pela realização do matrimônio na casa de seu futuro marido. Seus gritos à noite necessitaram dos serviços de um homem santo, que aconselhou a realização de um ritual de dança para afastar os maus espíritos que, conforme acreditava, possuíam a moça. Vários talismãs para afastar o mal foram colocados no corpo da jovem, e ela foi obrigada a dançar pelas ruas até os túmulos dos santos. A dança e o barulho dos címbalos que ela usava nos dedos tinham o propósito de expulsar os maus espíritos do corpo, e os talismãs agiriam como lacres sagrados, impedindo que eles voltassem para atormentá-la. Entretanto, como seus medos e ansiedades não eram causados por forças do mal, mas por uma real rejeição em participar de um casamento arranjado e sem amor, o rito não funcio-

nou. Por fim, a dança tornou-se sua salvação e purificação, para a qual ela se voltou após tentar cometer suicídio. A mulher viveu e tornou-se uma grande defensora da dança árabe e suas dançarinas[40].

Todos os tipos de música realizam o processo de limpeza. A música, assim como o perfume, tem um efeito sutil que é físico e espiritual. Algumas canções ou estilos de música trazem grande liberação. Os antigos sabiam disso e sempre incluíam música e som nos rituais do templo.

O chocalho sagrado de Ísis, o sistro, pode ser usado para purificações. O tinido desse instrumento funciona do mesmo modo que um chocalho de um xamã moderno, agitando a atmosfera e limpando-a de influências negativas. Chocalhos, tamborins ou instrumentos usados na dança do ventre também liberam uma explosão de energia purificadora.

Purificação pelo sistro[41]

Acredita-se que, tradicionalmente, o sistro era balançado três vezes seguidas em cada uma das quatro direções. Podemos, também, acrescentar os quatro pontos adicionais da bússola — nordeste, sudeste, noroeste, sudoeste. Faça isso para iniciar a sua própria purificação, limpando a área ao redor. Depois, comece balançando o sistro, ou chocalho, a aproximadamente dez centímetros de distância do corpo, movendo-o da cabeça aos pés e depois de volta para a cabeça. Balance o sistro abaixo de cada pé e virilha. Repita a seqüência quantas vezes for necessário e sinta-se à vontade para improvisar. Obviamente você estará se movendo durante a purificação, e o movimento pode, naturalmente, tornar-se uma oferenda sagrada de dança.

A purificação pelo som através do sistro ou chocalho também pode ser feita para outra pessoa que permaneça em frente àquela que segura o sistro, enquanto realiza o rito. Nesse caso, o sacerdote ou a sacerdotisa deve se purificar com o som antes de começar o processo para a outra pessoa. Se houver abundância de sistros e chocalhos, o rito pode ser realizado como uma dança em grupo para purificação. Qualquer pessoa pode balançar o sistro e usá-lo para emitir sons purificadores; por esse motivo, é um bom rito para ser praticado em grupo.

Ao selecionar ou fazer um sistro ou chocalho para usar no rito de purificação, o som do instrumento deve ser um tinido seco, em vez de um som agudo ou doce. Pequenos tambores também podem ser usados na purificação, embora seja mais difícil usá-los eficazmente na autopurificação.

Finalmente, a purificação pelo som pode ser alcançada usando nada mais do que as mãos, batendo palmas rapidamente, acompanhadas da voz. Não é necessário cantar ou emitir qualquer som; um simples barulho funcionará muito bem e terá poder de liberar antigas energias internalizadas. Os sons das vogais entoados nos templos de Ísis durante as cerimônias eram, possivelmente, similares ao som "AUM", entoado hoje em dia por alguns grupos, para despertar a consciência e começar o rito.

40. Buonaventure, Wendy, *Serpent of the Nile: Women and Dance in the Arab World*, Londres: Saqi Books, 1989.
41. Para instruções sobre criar seu sistro, veja o Capítulo Vinte e Um, "Ísis e o culto das mãos".



CAPÍTULO DEZESSEIS
A QUARTA HORA DA NOITE

ÍSIS COMO UMA DEUSA DO AMOR

Ísis-Astarte, Ísis-Inanna, Ísis-Afrodite. O culto a Ísis dança com a sexualidade, a paixão e o romance, primeiramente se aproximando, depois afastando-se, para se aproximar novamente. Acredita-se que Ísis e Osíris uniram-se desde o ventre, magnetizados por um desejo irresistível. Eles se casam e vivem uma união de grande amor e prazer erótico, oferecendo um modelo de casamento perfeito aos antigos egípcios. Trabalhando juntos, eles propiciam a seu povo todos os tipos de artes e ofícios da civilização: agricultura, música, tecelagem, a arte de fazer cerveja, de tecer, escrita, construção. Separados pela tragédia, Ísis e Osíris mantêm um elo mesmo depois da morte.

A história da morte e do esquartejamento de Osíris parece negar a sexualidade da união do casal, mas, ao contrário, apenas propicia a oportunidade da ressurreição e, especificamente, da restauração fálica — um forte contraste com outras histórias de deusas mães, como Cibele, que aparecem para exigir o sacrifício da carne em nome da bênção espiritual. Os atos de Ísis após a morte de Osíris, quando Ela o traz de volta à vida por tempo suficiente para que ele possa engravidá-la, são considerados por alguns autores como indicação de que Ísis induz seus seguidores a ser igualmente agressivos sexualmente. O fato de as áreas externas de Seus templos serem às vezes criticadas por serem lugares onde os amantes podiam se encontrar com privacidade também comprova as bênçãos que Ísis concede às pessoas apaixonadas. Ao mesmo tempo, contudo, exigia-se que alguns de seus seguidores e membros do clero permanecessem castos por longos períodos. Uma sa-





Acima, *Osíris e Ísis.* Abaixo, *Cibele, uma antiga Deusa Mãe de sacrifícios.*

cerdotisa prometeu a Ísis que permaneceria celibatária por toda a vida, enquanto muitas mulheres se abstinham de sexo por dez dias durante um festival.

Uma busca pela mitologia geral revela poucos casais divinos apaixonados, principalmente no mundo ocidental. A mitologia egípcia revela muitos fortes deuses ou deusas individuais, mas nenhum casal com emoções tão fortes quanto Ísis e Osíris. Em contraste, vemos a dolorosa união de Set e Néftis, irmã gêmea de Ísis, que não é amada pelo marido e deseja Osíris.

ÍSIS E OS ENCANTAMENTOS DE AMOR

Não há qualquer dúvida de que Ísis ouve e responde às preces por amor apresentadas por Seus devotos. Ao pedir à Deusa que lhe conceda um relacionamento feliz, você estará colocando a questão em Suas mãos. Mas e quando desejar uma pessoa específica? Encantamentos de amor direcionados a uma pessoa específica são, obviamente, antiéticos, porque quase sempre perturbam o livre-arbítrio de outra pessoa. Devemos evitar esse tipo de encantamento? Sim. Se estiver à frente de seu altar realizando um encantamento de amor "genérico", mas que na verdade esconde o desejo por uma pessoa específica, você ainda estará realizando um encantamento de amor específico. Você fingirá que essa não foi a intenção, mas, na verdade, foi.

Descrevo a seguir dois encantamentos de amor — uma oração e um rito simples, que evitam os problemas morais mencionados acima.

Oração sobre amor não correspondido

Grande Ísis,
Senhora do Amor,
Deusa do Romance,
Ísis-Afrodite!
Ísis-Inanna!
Ouça minha prece.
Saiba que nos recessos de meu coração

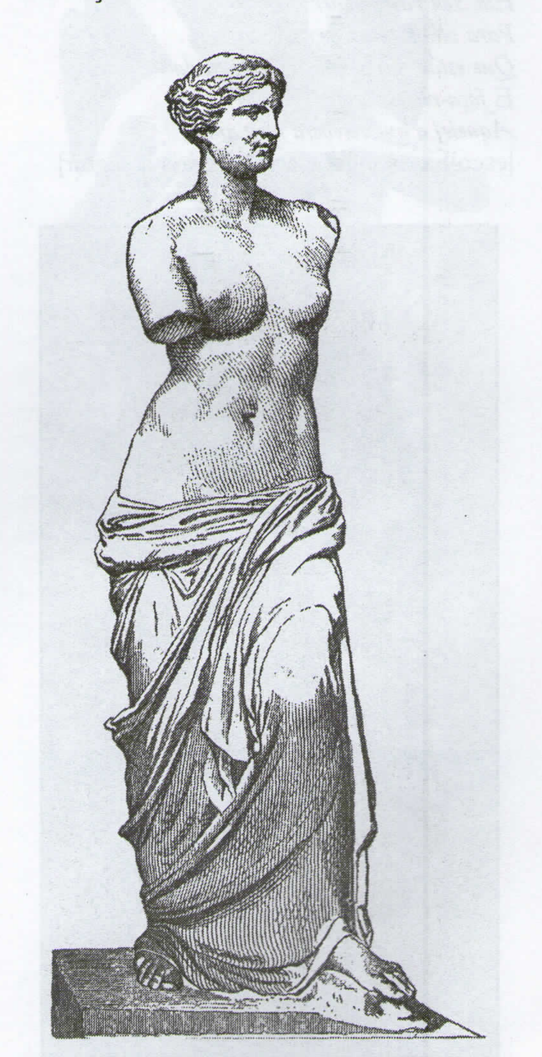
Queima uma chama de amor por _______.
Os caminhos do coração são misteriosos,
Senhora,
E eu rogo Sua orientação nesse caminho.
Se meu amor por _______
For verdadeiro em Suas mãos
Permita que _______ saiba
Que eu recebo com alegria seu olhar.
Que_______ saiba que aprecio sua conversa.
Que_______ saiba que anseio pelo toque de suas mãos.
E desejo que nos amássemos com felicidade.
Se minha atenção não for bem-vinda por_______
Que meu coração liberte todo o desejo por ele/ a;
Se Você considerar esse amor indigno,
Limpe meu coração dele.
Tome o seu poder
Como uma oferenda.
Traga-me alegria nova
E liberte-me da tristeza,
Grande Ísis,
Ouça minha prece!

Encantamento de amor

Reúna alguns objetos — fotos, escritos ou quaisquer itens — que lhe façam lembrar da pessoa a quem ama (ou acredita que poderia amar). Esses itens podem ser de uma pessoa real, que você conheça, de um personagem histórico, de um romance do passado, de um filme, ou desenhos e rascunhos que você tenha feito. Eles não precisam ser de uma só pessoa; na verdade, é melhor se forem de pelo menos três pessoas.

Olhe para os itens. Decida qual aspecto de qual imagem lhe atrai mais. Talvez a foto de um/a artista de cinema represente a forma física ideal em sua opinião, ou uma parte do poema de amor Kalidasa represente o modo ideal pelo qual você gostaria que seu amor expressasse os sentimentos. Um *souvenir* de um antigo romance poderá lhe fazer lembrar dos melhores momentos de estar apaixonado/a, sentimento que você gostaria de experimentar novamente. Talvez você admire a honestidade de um/a amigo/a, ou as habilidades esportivas de um/a colega de trabalho ou de time. Peça por tudo que você deseja em um/a companheiro/a. Se houver alguém em sua mente que se encaixe na maioria dos critérios, use sua imagem para representar essas qualidades, mas sempre especifique que deseja alguém que seja *como* essa pessoa, e não aquela outra específica.

Escolha um incenso com perfume que represente algo do tipo de pessoa desejada. Depois, escolha um perfume para usar que lhe faça sentir muito atraente. Tome um



Uma gravura do século XIX da famosa Vênus de Milo. Vênus/Afrodite é freqüentemente associada a Ísis.

banho — de banheira ou chuveiro — e vista-se como se estivesse se preparando para encontrar essa pessoa. Coloque o perfume. Acenda uma vela e use a chama para iluminar o incenso escolhido. Fique à frente dos itens que selecionou. Respire profundamente várias vezes, cada vez mais devagar.

Ísis,
Deusa do Amor,
Cônjuge sagrada,
Aquela que faz os amantes se abraçarem,
Eu lhe peço
Em Seu vasto poder
Para olhar pelas terras
Que estão sob a Sua visão sagrada
E faça-me conhecer
Aquele/ a que receberá meu amor,
[escolha os versos apropriados a seguir]



Eros e Psique.

Que lembra _______em sua forma
Que possui a/ o__________ de ________
Que retornará a mim os sentimentos de amor que conheci com________,
Que pode_________ como ________
[acrescente versos se necessário]
Deusa,
Olhe para minha alma e meu coração.
Permita-me conhecer o que realmente me trará alegria,
Permita-me desejar aquele/ a que me trará minha verdadeira realização,
Permita-me abraçar aquele/ a que encontrará grande felicidade em meu amor,
E me retornará o mesmo sentimento.
Grande Ísis,
Ouça minha prece!

A HISTÓRIA DE EROS E PSIQUÊ

Os ciclos mitológicos do Olimpo estão repletos de luxúria, estupros e casamentos por conveniência, mas contêm poucas histórias de amor entre deuses. Uma exceção é a história de Eros e Psiquê, que, significativamente, foi associada ao culto a Ísis por Apuleius de Madaura, quando escreveu sobre sua iniciação nos mistérios de Ísis e Osíris. Nessa história, a amável Psiquê torna-se mulher do misterioso Eros, que não pode ser visto. Ele a abraça todas as noites, mas apenas na escuridão, alertando-a que ela não pode vê-lo "descoberto". Por algum tempo Psiquê vive com Eros em perfeita felicidade, mas, por fim, suas ciumentas irmãs a convencem de que está casada com um monstro horrível, que lhe prejudicará. Elas convencem Psiquê a matá-lo. Na noite fatal, ela segura uma lâmpada para ver o terrível monstro, mas, ao contrário, a beleza de Eros a enfraquece, e treme a lâmpada, acidentalmente espirrando algumas gotas de óleo quente no marido. Eros acorda em pânico e dor, vê a faca que ela segura e foge.

Eros volta para a mãe Vênus/Afrodite, que cuida de suas feridas e persegue Psiquê. Por fim, ela deve descer ao submundo e enfrentar Perséfone para en-

cher uma caixa com um ungüento mágico de beleza e levar para Afrodite.

O que Psiquê não sabe é que Vênus intenciona que os perigos da jornada a destruam. Mas ela é guiada com segurança pela ajuda de uma amigável torre falante e um junco. Após conseguir o ungüento de Perséfone, Psiquê, acreditando que reconquistará o amor de Eros se usar o bálsamo, abre a caixa e cai em sono profundo.

Eros, agora curado, tem saudades da doce Psiquê e sai em sua procura. Ele a desperta com um toque de uma de suas flechas de amor. Voa, então, até Júpiter e convence-o a tomar seu partido contra Vênus, que ainda está irada. A ira de Vênus é aplacada. Psiquê e Eros voltam a viver como marido e mulher, e após algum tempo têm uma filha cujo nome é Prazer. Para ler o texto completo e um comentário revelador, veja *Amor and Psyche: The Psychic Development of the Feminine*[42] [Amor e Psiquê: O desenvolvimento psíquico do feminino].

ÍSIS E OS PRIMEIROS ROMANCES

Religião e romance parecem ser estranhos parceiros. O amor romântico entre os parceiros, entretanto, era uma das pedras fundamentais da fé de Ísis. Esse tema está presente em grande quantidade de romances de ação e aventura, em que um apaixonado casal é forçadamente separado por piratas, seqüestradores, ladrões, bárbaros, atos violentos da natureza, parentes que interferem e outros problemas. Mantendo o amor e a fé de modo imperturbável, esses atribulados amantes finalmente conseguem se unir sob a bênção de Ísis e alcançam um final feliz. Com apenas algumas mudanças, essas histórias poderiam ser transformadas em um filme moderno ou ser vendidas nas livrarias, ao lado dos mais recentes romances.

Um exemplo desse tipo de romance, *Ephesiaca*, de Xenofonte, é na maior parte dedicada aos esforços da heroína Anthia em preservar a castidade para seu amado Harbokrames. Anthia é tão bela que é considerada a manifestação da deusa Ártemis, que, na história, é vista como



Psique retornando do Submundo com a caixa da beleza que Vênus/Afrodite ordenou-a a obter de Perséfone.

42. Neumann, Erich, *Amor and Psyche: The Psychic Development of the Feminine*, Priceton, NJ: Princeton University Press: edição de bolso, 1971.

sendo idêntica a Ísis. Anthia defende com firmeza sua castidade contra homens indesejados, enquanto Harbokrames é quase crucificado nas margens do Nilo. Quando finalmente encontram segurança e são unidos sob a bênção de Ísis, Anthia abraça Harbokrames em um ritual de acasalamento semelhante aos atos de Ísis para reviver Osíris. O tempo da castidade acabou, e, agora, a história nos diz que "a vida do casal é um longo dia sagrado".

Anthia é quem toma a iniciativa sexual. Conforme citado por R. E. Witt, em *Isis in the Greco-Roman World* [Ísis no mundo greco-romano], "Ela selou seus lábios aos dele com um beijo, e com esse gesto todos os pensamentos que estavam em suas mentes foram transmitidos de uma alma para a outra". Witt sugere que Anthia imita Ísis quando esta ressuscitou Osíris[43].

O romance de Ísis, de D. H. Lawrence

Em seu último livro *The Man Who Died* [O homem que morreu], D. H. Lawrence combinou e contrastou os temas da ressurreição nas fés de Ísis e cristã. Lawrence era essencialmente um pagão e um defensor das antigas fés mitológicas. Em uma época particularmente estéril no mundo ocidental, o autor trouxe um antídoto de sexualidade sagrada[44].

Na romance de Lawrence, Cristo sobreviveu à crucificação, mas se encontra mental e espiritualmente distante de tudo o que aconteceu antes. Ele se afasta de todos os que o conheciam e viaja, encontrando, por acaso, uma mulher devota de Ísis, que mantém um pequeno templo dedicado à Deusa. Por muito tempo ela reverenciava a Ísis que Busca, procurando por Osíris. No Cristo sobrevivente, ela encontra seu Osíris e o introduz ao conhecimento das graças espirituais encontradas através da carne. Ele passa por uma nova ressurreição, dessa vez uma feliz conquista da vida, não da morte. Eles têm um filho. Embora a oposição da família da moça os separe, ele promete retornar. (O elo Cristo-Osíris-Ísis é explorado em uma perspectiva diferente no romance de Clysta Kinstler, *The Moon Under Her Feet* [A lua sob seus pés], no qual a autora propõe que Maria Madalena era uma sacerdotisa de Ísis. Ela também explora o conflito Set-Osíris como um corolário da oposição entre Cristo e Judas[45].)

Lawrence não foi o primeiro autor a incluir temas sobre Ísis a ter seus trabalhos ultrajados por causa do conteúdo sexual, e pelo mesmo motivo amplamente distribuídos. O registro mais completo de uma iniciação aos mistérios de Ísis de que temos notícia — escrito por Apuleius — ainda existe nos tempos modernos devido às passagens explicitamente sexuais do manuscrito. Em decorrência do conteúdo erótico dos primeiros capítulos, o texto *The Golden Ass* [O burro dourado] foi um documento popular entre os escritos de monastérios por toda a Europa, e as muitas cópias existentes garantiram sua sobrevivência até os dias de hoje.

Embora este não seja o lugar para um extenso exame literário, os romances mágicos de Dion Fortune foram influenciados pelas obras de Lawrence que versavam sobre os relacionamentos entre homens e mulheres. Em seu romance místico, *The Winged Bull* [O touro alado], a autora sutilmente reconhece essa influência na escolha do nome da principal personagem, Ursula Brangwyn, o mesmo dado por Lawrence a uma personagem do livro *Women in Love* [Mulheres apaixonadas].

Os romances mágicos de Dion Fortune

Os romances mágicos de Dion Fortune, principalmente *Moon Magic*, *The*

43. Witt, R. E. *Isis in the Greco-Roman World*, Ithaca, NY: Cornell University Press: 1971, p. 249.
44. Lawrence, D. H. *St. Mawr and the Man Who Died*, Nova York, NY: Vintage Books, relançamento da edição de bolso de 1953.

45. Kinstler, Clysta, *The Moon Under her Feet: The Story of Mary Magdalene in the Service of the Great Mother*, São Francisco: Harper, 1991.

Sea Priestess e *The Winged Bull* [A magia da lua, A sacerdotisa do mar e O touro alado], versam extensivamente sobre a magia que emana de um relacionamento totalmente polarizado[46]. Os relacionamentos que ela descreve são "românticos", mas são romances destituídos de sentimentalidade, em que o amor e a paixão não são fins em si mesmos, mas sim um meio de alcançar maior desenvolvimento espiritual, concedendo aos parceiros a habilidade em funcionar como seres humanos completamente realizados. Os personagens cumprem os papéis de sacerdote e sacerdotisa, iniciando um ao outro e ensinando um ao outro o culto da Grande Deusa Ísis.

Quis o destino que a leitura de seus romances criasse um tipo de caminho para a iniciação. Em decorrência da intenção da autora, eles não estão resumidos aqui. Essas obras me confirmaram no caminho para Ísis, e eu recomendo seriamente a qualquer homem e mulher interessados na fé de Ísis que as leiam atentamente, usando o tempo necessário. Para eu reler as obras é praticamente um evento anual, e sempre descubro novas visões que não havia percebido nas leituras anteriores.

O caminho dos polarizados personagens, que funcionam como sacerdote e sacerdotisa, não é de modo algum fácil; os relacionamentos já são frágeis o suficiente sem o pesado acréscimo do desenvolvimento mágico e espiritual. Mas vale a pena perseguir o objetivo — um casal de seres humanos unidos e capazes de levar adiante a sua própria evolução, e também a da humanidade.

Como pode alguém se lançar nessa busca? Não será, como muitos podem imaginar, através da procura pelo par perfeito ou pela incessante busca por relacionamentos, tentando descobrir a pessoa certa. A habilidade em funcionar eficazmente em um relacionamento polarizado está no fato de cada indivíduo ter desenvolvido a capacidade de funcionar bem separadamente. Os potenciais de projeção e recepção em cada um de nós devem ser reconhecidos, porque eles se expressarão indiferentemente e, com freqüência, em modos que gostaríamos de modificar. Ignorar qualquer pólo da bateria humana resulta em curto-circuito, que pode se manifestar em muitas formas de doenças — tanto mentais quanto físicas (embora, do ponto de vista espiritual, não haja diferença entre as duas), perversão sexual, violência, depressão, incapacidade de realizar um trabalho e paralisia da criatividade.

Também é verdade que pessoas que são muito ativas e bem-sucedidas no mundo material podem estar em falta com o mundo espiritual. As mulheres podem sentir um eco desse conflito nos ciclos mensais; alguns pesquisadores acreditam que os sintomas da TPM e de outros desequilíbrios podem ser amenizados simplesmente se elas tiverem mais horas de sono em alguns momentos no mês. Nos homens, o fato de constantemente projetarem e raramente receberem manifesta-se com freqüência na forma de doença física, que também pode seguir um ciclo determinado.

Exercício para o desenvolvimento da polaridade

Crie em sua mente a imagem ideal de uma pessoa cuja polaridade é oposta àquela que você geralmente manifesta. Se você for tranqüilo, imagine o indivíduo mais dinâmico possível. Se for uma pessoa muito ocupada, sempre envolvida em novos projetos e para quem a própria idéia de tirar férias é estressante, imagine alguém contemplativo, que esteja sempre sereno.

Observe a imagem em sua mente. Que roupas ela está vestindo? Qual a expressão do rosto? Onde ela está? Ela parece lhe conhecer? Se a resposta for negativa, apresente-se à sua "criação". Diga-lhe que admira suas qualidades e gostaria de

46. Fortune, Dion, *Moon Magic*, The Aquarian Press, 1956, reeditado por Samuel Weiser Inc., Nova York, 1978.
———, *The Sea Priestess*, Ibid.
———, *The Winged Bull*, Reino Unido: The Aquarian Press, 1990.

receber seus conselhos de vez em quando. Pense em algumas situações nas quais gostaria de contar com a sua "outra metade". Faça anotações ou desenhos, se desejar.

Pode ser que você precise de mais de uma figura. Nesse caso, é possível expandir seus dois lados opostos, e essa imagem lhe ajudará a fazê-lo. Em minha mente, tenho pelo menos dois personagens: um homem dinâmico e ético, que não tem medo de lutar por algo justo; e uma gentil sacerdotisa de cabelos pretos que é tão misteriosa e distante quanto a lagoa de lótus que visualizo atrás dela.

O objetivo, a propósito, não é alcançar o equilíbrio perfeito. Você deseja obter um nível de consciência que lhe permita passar de um modo a outro, deixando as circunstâncias e as experiências definirem quais aspectos interiores você permitirá predominar em dado momento.

DENTRO DO LABIRINTO

Por trás de todos os atos de amor e fertilidade está a Terra. A Ísis da Terra, aspecto mais sombrio que contém o sexo e a morte, deve ser encontrada, reconhecida, integrada. O aspecto mais brilhante do amor e da polaridade será desconhecido a menos que a profunda riqueza da Ísis da Terra seja compreendida. Descrevo, a seguir, uma meditação, que lhe conduzirá ao início desse entendimento.



A meditação da Terra

Com as fundações feitas em rochas, muitos dos templos egípcios ficavam sobre passagens e salas subterrâneas, onde as estruturas do templo eram colocadas em contato direto com as forças primordiais da terra. Para realizar essa meditação lembre-se de que do outro lado da terra existem campos de estrelas, e no centro do planeta arde uma essência quente e liquefeita, um sol interno.

Somos seres da terra: os átomos, nossos menores componentes, são formados da poeira que se aglomerou dentro da brilhante esfera azul que chamamos de casa. Os elementos que formam a Terra vieram das estrelas e para elas um dia retornarão, alimentando a conflagração que ocorrerá quando nossa estrela se transformar em uma nova — uma "novidade" no céu.

Como acontece em todas as iniciações, a passagem final é uma erupção para outra esfera. Com a Terra, entramos na esfera de outras estrelas; com o feroz Sol, encontramos a força para realizar e enfrentar mudanças maleáveis; com a iniciação das estrelas, encontramos a sólida e unificadora constituição do Universo; com a iniciação das águas e marés, encontramos a estrutura que está sobre o caos e os fluxos de movimento contidos até mesmo nas ações fortuitas.

Ísis da Terra é uma deusa negra, chamuscada por tochas subterrâneas, escura e fértil como a lama do Nilo e o céu, segurando as estrelas que aparecem no coração da iniciação da Terra. Ela é poderosa e terrível; a existência, e não a vida, é a Sua causa; tudo o que existe, material e de forma sólida, está em Seus domínios. Para Ela, os cristais, as estalagmites, o líquen seco — tudo o que é antigo e sólido, com movimentação vagarosa, exceto nos momentos de criação ou destruição —, é sagrado.

Seu ato de fazer amor é uma união crua; só muito mais tarde virão a existir as sutilezas de polaridade que unirão Seus reluzentes sacerdotes e sacerdotisas. Entretanto, sem Ela, Aquela que é da Escuridão, nada existe. Ela tomou forma partindo da rocha, da lava, das grandes ondas congeladas de pedras, e emerge, ligada ainda pela espinha dorsal ao centro da Terra, assumindo os inícios das linhas e formas.

Desde os primórdios da criação, os filhos da Terra criaram imagens daquela que, como seus sentidos mais aguçados perceberam, seria a Grande Deusa que governaria as civilizações do planeta. Mas não agora, ainda não. Ela governa silenciosamente a sobrevivência, a profunda beleza primordial de um planeta jovem.

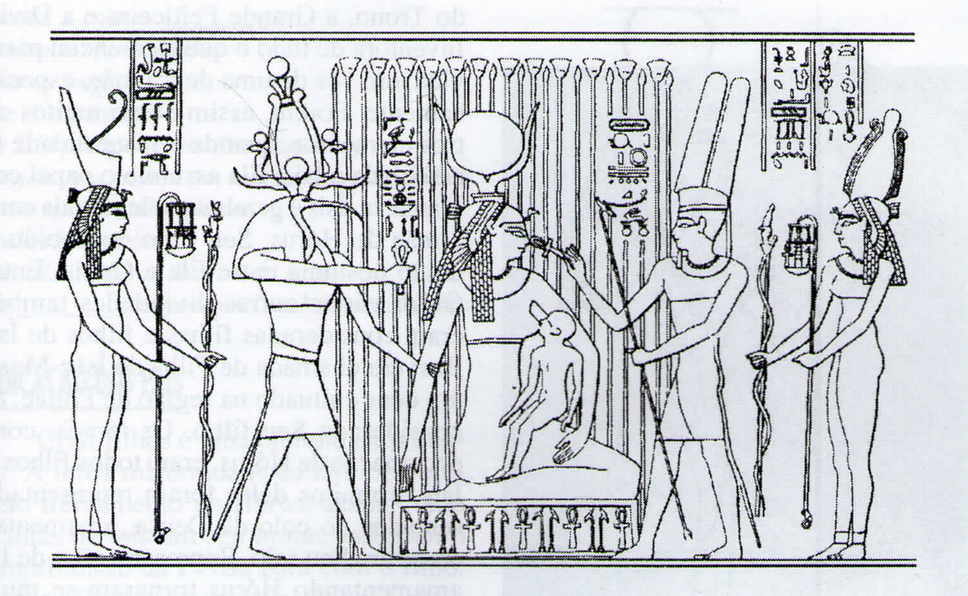
Mais tarde, ela assumirá uma personalidade mais reluzente que adotará a humanidade como Seus filhos. Agora, Seus elementos sagrados são aqueles que nos parecem sem alma e sem vida. Vida e morte são a mesma coisa para Ela — não há tristeza, nem lamentações. Um dia, conheceremos uma personalidade dessa deusa que aprendeu a amar e a perder. Ela está muitos milênios à frente, assim como aqueles que A reconhecerão. Não há preces para essa deusa; apenas a injunção: Exista, Suporte. Sinta o redemoinho das estrelas acima e os movimentos do centro do planeta.

Vá para debaixo do templo, portanto, para essa meditação.

Ao buscar esse entendimento, explore os lugares escuros, escondidos, ainda que seja um espaço apertado abaixo de sua casa. Ande pelas altas colinas. Cave o solo com as mãos e observe as partículas que formam o solo. Passe um dia nas fontes quentes ou em banhos de lama naturais. Plante uma semente a cada dia e observe a ação das fases da lua e do coração do sol. Faça objetos de argila. Esculpa em uma rocha.

Veja imagens de vulcões em erupção. Antes ou durante essas práticas, diga simplesmente: "Eu faço isso para aprender mais sobre Você, Ísis da Terra. Possa isso agradar-Lhe para que me oriente e instrua".





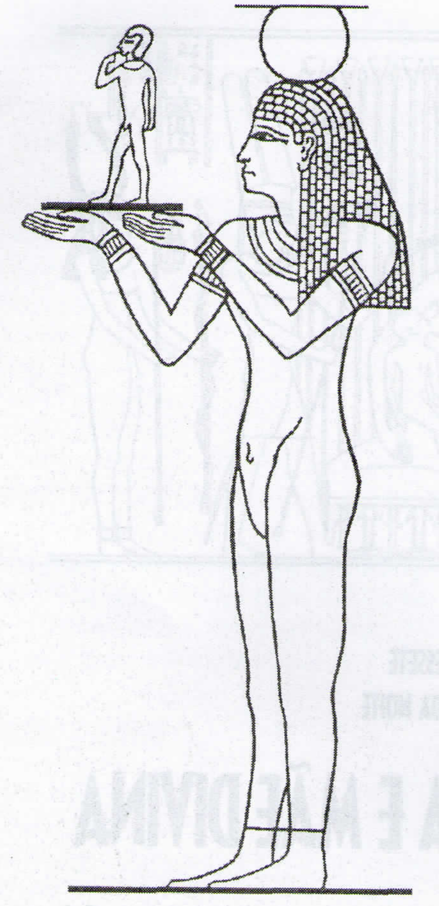
CAPÍTULO DEZESSETE
A QUINTA HORA DA NOITE

ÍSIS COMO PARTEIRA E MÃE DIVINA

Na popular história de Ísis e Osíris, a Deusa escapa da prisão de Set para os pântanos, onde, após um parto difícil, dá à luz Hórus. Em decorrência de Suas próprias dificuldades em dar à luz, Ísis tornou-se a padroeira das mulheres grávidas. Em muitos templos egípcios havia uma construção denominada Mammisseum, onde as apresentações dos mistérios representavam o nascimento de Hórus e, algumas vezes, o parto sagrado do faraó governante, que era sempre identificado com Hórus. Essas casas de nascimento continham inúmeras cenas da história de Ísis, e é possível que tenham sido usadas como locais onde as mulheres da região davam à luz.

Antigos registros dos templos revelam que os santuários de Ísis com freqüência contratavam "amas de leite" para ajudar as mulheres que não tinham leite suficiente para amamentar seus filhos. O "Leite de Ísis" era considerado um poderoso talismã e podia ser simbolizado por um leite adocicado, tingido de cor-de-rosa, guardado em baldes com forma de seios, que respingava no solo ao ser carregado em procissões (veja a ilustração da *situla*, no Capítulo Catorze, "Nas cozinhas e jardins de Ísis"). É provável que o Leite de Ísis tenha sido usado, também, como substituto do leite materno para as crianças abandonadas ou àquelas cujas mães não tinham leite. Os faraós eram geralmente representados amamentando-se nos seios de Ísis — Sua mão gentil conduzindo-os aos mamilos.

Embora a maternidade de Ísis seja, com freqüência, o primeiro aspecto descoberto pelos devotos modernos, Ela era originalmente reverenciada como o Poder





Acima, *a deusa Nut segurando Harpocrates.* Abaixo, *Ísis amamentando Hórus, enquanto Seu consorte Serápis mantém-se próximo.*

do Trono, a Grande Feiticeira e a Divina Inventora de tudo o que é essencial para a vida, em vez de uma deusa mãe, especificamente. Porém, assim como muitos outros elementos, quando a maternidade foi associada a Ísis, Ela assumiu o papel com grandeza. Ísis é geralmente lembrada como a mãe de Hórus, Seu filho concebido da união póstuma entre Ela e Osíris. Entretanto, várias outras divindades também eram consideradas filhas e filhos de Ísis. Bast era chamada de Filha de Ísis; Merul, um deus cultuado na região de Philae, era considerado Seu filho. Os faraós, como encarnação de Hórus, eram todos filhos de Ísis, e muitos deles foram representados sentados no colo da Deusa, amamentando-se em Seu seio. Representações de Ísis amamentando Hórus tornaram-se muito populares nos últimos anos do poder egípcio. Quando Ela se tornou mais poderosa no mundo greco-romano, Hórus passou a ser chamado, com freqüência, de Harpokrates, em substituição a seu nome egípcio.

UM RITO PARA PROTEÇÃO DOS FILHOS

Proteger nossos preciosos filhos é preocupação dos pais e, na verdade, de qualquer pessoa que ame uma criança. Ao colocá-los sob a proteção de Ísis, você estará realizando duas coisas: chamar a atenção da deusa para as crianças e reforçar o compromisso dos pais com a segurança dos filhos. Esse ato cria uma ligação psíquica de vida entre a deusa, os pais e a criança que pode atrair poderes para a criança sempre que necessário.

O rito pode ser realizado com ou sem a criança. Se ela não estiver presente, coloque sobre o altar um brinquedo, uma fotografia ou qualquer outro objeto para representá-la. Você obterá o mesmo resultado simplesmente orando a Ísis, com intenção.

Grande Ísis, Mãe Sagrada,
Você que tudo vê,
Você que tudo ouve

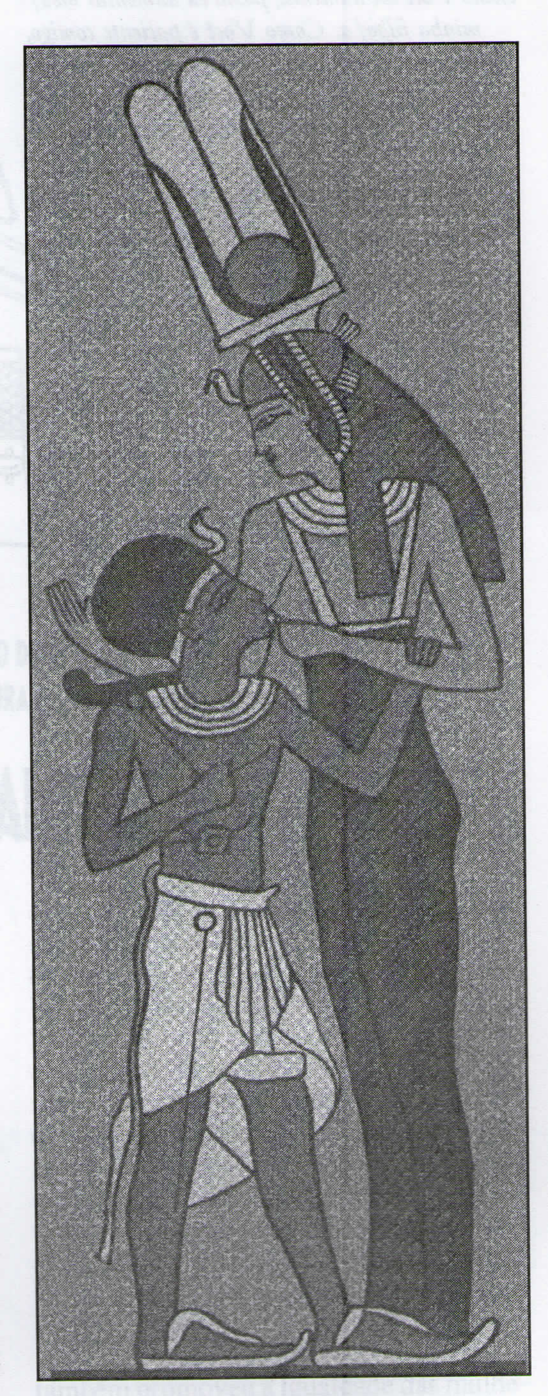
Guarde a criança ______.
Mantenha-o/ a seguro/ a,
Perto ou longe.
Que os sete escorpiões,
que Lhe protegeram em Suas jornadas,
protejam essa criança (ou meu/ minha filho/ filha)
em seus caminhos diários.
Acalme seus medos
Em todas as horas do dia e da noite
Que ________ esteja seguro/ a sob Seus cuidados[47].

DEDICAÇÃO DOS PAIS

Criar filhos é uma oferenda aos deuses. A feroz maternidade de Ísis e o completo treinamento de Hórus, assim como as lutas de Ísis em seu nome, mostram o compromisso da Deusa para com o filho. Os desafios da paternidade são ao mesmo tempo espirituais e iniciadores, materiais e problemáticos.

Fique de frente para o altar ou santuário no qual uma imagem de Ísis como mãe tenha sido colocada. Acenda incensos e velas brancas ou cor-de-rosa. Coloque as mãos sobre o coração. Se a criança estiver presente, deixe uma mão em seu coração e a outra em contato com a criança. Se for um bebê, segure-o/a nos braços à sua frente.

Eu,______, pai/ mãe de______, dedico minha paternidade à gloria de Ísis.
Conceda-me sabedoria, paciência e todas as outras habilidades necessárias para criar meu/ minha filho/ a como um indivíduo forte e feliz que alcançará glórias nas alegrias da vida e não terá medo do desafio da morte.
Ilumine-me e fortaleça-me, Ísis, para que eu possa ser um/ a bom/ boa guia de almas para meu/ minha filho/ a; para que eu ensine através do exemplo e não por punições; e para que eu também possa aprender com esse pequeno ser colocado sob meus cuidados, porque a idade de uma alma é antiga e em meus braços posso estar embalando meus antigos pais e minha futura mãe.



A deusa Mersekert (um aspecto de Ísis) amamentando Hórus.

47. Agradeço a Paula Morgan por inspirar esse rito e a dedicação dos pais que a acompanha.

Como Você me alimenta, possa eu alimentar meu/minha filho/a. Como Você é paciente comigo, possa eu ser paciente com ele/a. Como Você me dá amor, possa eu dar amor tão livremente. Como Você me ajuda a crescer, possa eu ajudá-lo/a a crescer.
Grande Ísis, atenda minha prece!

Fique em pé e medite por alguns momentos. Deixe as velas queimando, se for possível.

UMA CANÇÃO DE NINAR DE ÍSIS

Que as Asas de Ísis lhe envolvam
E lhe segurem sempre com segurança.
Perto ou longe,
A Grande Mãe
Ouvirá seu chamado.
Ísis toma conta
De todos nós.
As estrelas brilhantes estão girando
Ouça, elas estão cantando
Sonhe com coisas maravilhosas,
Durma tranqüilamente em Suas asas.



CAPÍTULO DEZOITO

A SEXTA HORA DA NOITE

ÍSIS E A ALQUIMIA

Durante o império romano, Ísis era conhecida como uma alquimista. As transformações espirituais e físicas através do uso de práticas e filosofia alquímicas estavam sob seu controle. Sua benevolente proteção aos estudiosos em Alexandria, a primeira cidade científica do império romano, sem dúvida reforçou a reputação de Ísis como deusa versada em alquimia e outras ciências.

A associação de Ísis com a alquimia, com o duplo enfoque na produção de ouro e na imortalidade do espírito, era natural. Os mitos de Ísis Lhe atribuem os créditos da ressurreição de Osíris e da origem dos ritos de mumificação. Sua fama como divindade mágica que possuía o nome secreto de Rá foi duradoura. Acrescente, ainda, o fato de Ísis ser considerada uma inventora de remédios divinos e torna-se óbvia a razão pela qual Ela e os alquimistas reuniram as forças. Através de um fascinante documento no qual Ísis instrui Hórus nas artes alquímicas, podemos vislumbrar o quão respeitada Ela era pelos alquimistas. Esses documentos, cuidadosamente guardados e passados por gerações de alquimistas, também preservam a memória de Ísis e podem muito bem ter desempenhado importante papel no desenvolvimento do amor galante, uma vez que o simbolismo espiritual/alquímico é freqüentemente expresso nesses documentos por termos românticos e sexuais.

A preservação desses manuscritos também promoveu a igualdade das mulheres tanto pela presença da sábia e ativa Ísis, instruindo Seu filho, quanto pelo registro de grande quantidade de proeminentes mulheres alquimistas ativas durante o im-

pério romano. Os nomes de muitas dessas mulheres chegaram até nós. Uma delas também era chamada Cleópatra e deixou registrado um diagrama, amplamente reproduzido, do *Ouroboros*, uma serpente mordendo a própria cauda. Esse diagrama é freqüentemente usado como sinal de eternidade.

Maria, a egípcia, outra mulher alquimista, trabalhou com Zosimos, famoso alquimista de Akhmin (Panópolis) que escreveu uma enciclopédia sobre alquimia com vinte e oito volumes. Contudo, Maria era geralmente considerada superior a Zosimos nas artes alquímicas.





Acima, *o Ouroboros.* Abaixo, *Thoth era reverenciado como um deus da alquimia.*

Mesmo durante a Idade Média, os alquimistas tinham mulheres como assistentes, o que era considerado essencial para o sucesso do trabalho. Uma fonte sugere que as mulheres consideradas bruxas às vezes encontravam asilo entre as alquimistas, cuja perseguição era um pouco menor. Os alquimistas reconheciam e respeitavam o conhecimento sobre ervas e compostos que as "bruxas" possuíam.

Acredita-se que "alquimia" e a sua adaptação posterior, mais refinada, "química" se originaram da palavra árabe que significa Egito — *Al-Khem* — ou "fora da Terra Negra". A Terra Negra era a fértil lama escura depositada pelo fluxo do Nilo. Desde os tempos mais antigos o Egito era considerado o lar das práticas e filosofias alquímicas. Thoth, assim como Ísis, era reverenciado como deus da alquimia e divino instrutor dessa arte.

A alquimia é uma ciência das transformações, e por esse motivo seus resultados parecem ser obra de magia. Ela poderia ser chamada de o elemento mágico da ciência, com resultados tangíveis em todas as fases do comportamento humano — intelectual, psicológico, espiritual e físico. Seu estudo pode facilmente levar uma vida inteira; muitas encarnações seriam necessárias para conseguir o total controle sobre ela. As instruções sobre combinações de óleos e incensos são apenas a entrada do saguão da alquimia e da ciência.

ÍSIS E O ANJO AMNAEL

No *Codex Marcianus* existe um curioso documento intitulado *The Prophetess Isis to Her Son Horus* [A profetisa Ísis para Seu filho Hórus], que relata em detalhes a aventura pela qual Ísis passou e o resultado final. A história é narrada em primeira pessoa, como se Ísis a recontasse para o filho. Ela explica que durante o período em que Hórus lutava pelo reino de



Homens e mulheres alquimistas na Idade Média.

seu pai contra o malévolo Set, Ela se retirou para Hormanouthi, uma cidade sagrada para Thoth e a capital da comunidade alquímica daquela época. Ela conta que algum tempo se passou e, então, um anjo "que vivia no primeiro firmamento" A viu e desejou. O anjo aproximou-se Dela rapidamente para consumar os desejos, mas Ísis o recusou porque, em primeiro lugar, Ela queria lhe perguntar sobre os métodos de preparação do ouro e da prata. Isso deteve o anjo, que aparentemente não sabia ou não podia responder. Ele adiou a resposta até o dia seguinte, quando um anjo maior, de nome Amnael, poderia acompanhá-lo e responder as perguntas de Ísis. O anjo ainda Lhe informou que Amnael poderia ser reconhecido por um jarro de cerâmica cheio de água cintilante que estaria carregando na cabeça. (Essa passagem é intrigante, uma vez que um dos sinais de Osíris também era um jarro de água, carregado pelos sacerdotes nas procissões e apresentados aos templos para adoração).

No dia seguinte Amnael apareceu sozinho e também foi tomado por um apaixonado desejo de se unir a Ísis. Porém, Ísis foi inflexível e exigiu que ele respondesse as perguntas. Por fim, o anjo Lhe mostrou seu sinal (o jarro com a água cintilante) e contou-Lhe todos os segredos.

O texto relata que Amnael mostrou a Ísis seu sinal e Lhe contou os segredos uma segunda vez (ou talvez estendeu as explicações), fazendo-A jurar que jamais os revelaria a qualquer outra pessoa além de Hórus, Seu filho, e a seu "amigo íntimo", embora a gramática seja tão ambígua nessa passagem que ela pode estar se referindo novamente a Hórus. Daí vêm as frases finais "de modo que você sou eu e eu sou você". Em outras palavras, eles se tornam idênticos ao compartilhar esse conhecimento. Novamente, o texto é vago e pode se referir a Ísis e Amnael ou a Ísis e Hórus.

A próxima seção muda e torna-se uma cena que ocorre no campo. Hórus recebe a ordem de "ir, observar e falar com Acheron, o camponês", e aprender com ele, o semeador, que quem semeia cevada colherá cevada; quem semeia trigo colherá trigo. Ísis dá mais detalhes sobre essa informação e depois explica a Hórus que "um homem só é capaz de produzir um homem, um leão só pode produzir um leão e um cachorro só produzirá um cachorro". Ísis explica que qualquer coisa que seja contrária a essa ordem será um milagre e não sobreviverá por muito tempo, porque "a natureza desfruta da natureza, e a natureza supera a natureza". Ela continua:

"Como possuo uma parte do poder divino e estou muito feliz pela sua presença divina, responderei as perguntas sobre as areias, que não são preparadas usando-se outras substâncias, porque devemos permanecer com a natureza existente e com o material que temos em mãos para preparar as coisas". Mais uma vez Ela afirma que o trigo gerará trigo, o homem gerará homem e ouro gerará ouro.

Em seguida, Ela apresenta uma detalhada receita alquímica, provavelmente uma tentativa de criar a "Pedra Filosofal", a pedra que gerará ouro continuamente. Ísis encerra essa parte do texto com a seguinte frase: "Agora, compreenda o mistério, meu filho, o medicamento, o elixir da viúva".[48]

ALQUIMIA DIÁRIA

Transformar a matéria, quer seja cozinhar ingredientes juntos para fazer o pão, queimar incenso ou forjar uma liga de prata e ouro, é, em termos gerais, forma de alquimia. A transformação da matéria também age como uma catalisadora de transformações espirituais e psicológicas, e esse efeito é particularmente forte ao lidarmos com perfumes e aromas. O sentido humano do olfato é muito primitivo. Portanto, a sua estimulação rompe muitas defesas civilizadas e chega direto ao cérebro. Um odor pode despertar emoções e memórias escondidas; pode atrair, provocar ou repelir; pode curar e inspirar.

Todos os aromas doces são sagrados para Ísis. Flores brancas com perfumes doces, como a gardênia, são excelentes para auxiliar no contato com os aspectos feminino e lunar de Ísis.

Ao misturar ingredientes, todas as vasilhas devem estar limpas. Esterilize os recipientes de vidro com água fervente, se necessário. Cubra-os e deixe esfriar antes de usá-los. Mantenha os conta-gotas separados, evitando contaminar um óleo com gotas de outro. Escreva em um cartão todas as informações pertinentes à combinação de ingreditentes. Inclua, no mínimo, a data, a fase da lua (e/ou outra informação astrológica importante), o tipo e quantidade de cada ingrediente usado, e o fabricante, ou a fonte, de cada perfume ou substância.

Óleos essenciais

Os óleos altamente refinados de plantas e flores são muito potentes. São poderosos e podem ser embriagantes. Se você nunca experimentou um verdadeiro óleo essencial, é provável que não perceba o que um perfume pode fazer à sua consciência. Muitos óleos que estão à venda atualmente, incluindo vários cujos rótulos informam que são óleos essenciais, são parcial ou totalmente sintéticos, à base de petróleo ou subprodutos. Falando simples e diretamente, dinossauros antigos não têm o perfume de rosas, principalmente quando queimados como incenso.

Se decidir usar óleos essenciais, compre aqueles com qualidades aromaterápicas de um fornecedor confiável. Valerá a pena gastar mais e ter um pouco mais de trabalho para encontrá-los.

Precaução: por favor, lembre-se de que verdadeiros óleos essenciais são geralmente cáusticos e podem queimar. *Não use* óleos essenciais não diluídos diretamente sobre a pele.

Um óleo essencial pode ser colocado em um difusor para espalhar o perfume pela área. Uma alternativa é aquecer um pouco de água e derramar uma gota ou duas sobre a superfície da área de trabalho. Mantenha um suave calor, e o aroma se espalhará pela casa. Uma gota de óleo essencial evaporando em um cristal redondo pode substituir um incenso no altar, embora o perfume não se espalhe tão amplamente (e nem tão depressa) quanto o faria usando-se um difusor ou água quente.

48. Para um exame mais detalhado deste texto, veja *Alchemy: An Introduction to the Symbolism and the Psychology*, Irving, TX: Spring Publications, Inc. 1980.

No romance de Dion Fortune, *Moon Magic* [Magia da lua], a sacerdotisa de Ísis, Lilith Le Fay Morgan, discute o uso que ela faz de perfumes para determinar o humor e faz alusão ao que chama de "psicologia e teologia". Ela menciona o uso de madeira de sândalo, cedro, gálbano e incenso, e também dos óleos de gerânio, jasmim e essência de rosas[49].

Plutarco menciona que o incenso da manhã nos templos de Ísis é resina, ao meio-dia, mirra, e à noite é o complexo aroma kifi, rico e profundo aroma, perfeito para os ritos da noite. É altamente evocativo e torna mais fácil ver as imagens pouco iluminadas dos templos antigos. Pode ser um eficaz incenso para queimar quando realizamos trabalhos de adivinhação.

Plutarco lista uma versão dos ingredientes para fazer kifi, esclarecendo que, enquanto ele é preparado, escritas sagradas são lidas para os responsáveis pela combinação dos ingredientes. A ordem dos ingredientes também é fundamental. Ele indica mel, vinho, uvas passas, o *cyperus* redondo, resina, mirra, espinho de camelo, mástique, betume, junco, ruibarbo, zimbro maior, zimbro menor e cardamono. As receitas diferem tanto na quantidade quanto nos tipos de ingredientes, variando de um mínimo de dez (de Dioscorides) a cinqüenta ou mais ingredientes listados por outros autores.

A receita de Dioscorides para fazer o kifi, uma versão citada em *An Ancient Egyptian Herbal* [Um antigo herbal egípcio], de Lise Manniche, é relativamente simples.

Receita de Dioscorides para o kifi

284ml de *cyperus* (um tipo de junco usado para engrossar)

284ml de sementes de zimbro

5kg de uvas passas com caroço

2,27kg de resina

454g de junco aromático

45g de mirra

49. Fortune, Dion, *Moon Magic*, Ibid.

454g de betume (*Cytisus lanigerus*, *Genista acanthoclada* — para engrossar)

454g de capim cheiroso ou capim limão (*Cynbopogon schoenanathus*)

5*l* de vinho antigo

1kg de mel[50]

Tire os caroços das uvas passas e moa-os com o vinho e a mirra. Separe o mel, bata e peneire os outros ingredientes junto com as uvas. Deixe descansar por um dia. Ferva o mel para engrossá-lo, coe e misture com os outros ingredientes. Guarde em um pote ou jarra de barro.

Esse tipo de incenso complicado melhora com o passar dos anos e deve ser queimado sobre carvão. É difícil estimar a quantidade exata. Quanto ao vinho, use um forte e doce, como Mavrodaphne, ou um bom vinho do porto.

O kifi também era acrescentado ao vinho para dar sabor e usado pelos médicos para purificação. Ele induzia ao estado de transe e fazia dormir.

Um óleo para atrair amor

30 gotas de óleo claro de almíscar

5 gotas de verdadeiro óleo essencial de lavanda

10 gotas de verdadeiro óleo essencial de flores *ylang-ylang*

Coloque o óleo de almíscar em um recipiente, depois acrescente os óleos de lavanda e *ylang-ylang*. Misture e deixe descansar por vários dias. O recipiente deve estar bem fechado. Ajuste a quantidade de lavanda ou *ylang-ylang* ao seu gosto pessoal.

Pode ser usado como um óleo para oferenda ou unção, ou como perfume.

Um óleo para se lembrar das informações dos sonhos

Uma tradição atual do Oriente Médio, repetida pelos fabricantes de óleos talismãs, sugere colocar uma gota de óleo

50. Manniche, Lise, *An Ancient Egyptian Herbal*, Austin, TX: University or Texas Press, 1999.

de jasmim do lado de fora do ouvido para lembrar as informações que recebe em sonho.



PERFUMES SAGRADOS PARA ÍSIS



Podem ser usados na forma pura como flores ou folhas, ou em extratos ou óleos essenciais.

Aspectos terrestres

Cedro

Murta

Opópanax

Pinho

Aspectos lunar/feminino

Gardênia

Jasmim

* Kifi

* Lótus

* Almíscar branco/claro

Rosa

Aspectos do mar

Mel e cera virgem

Limão

Mirra

Laranja

Osmanto

Aspectos estelares

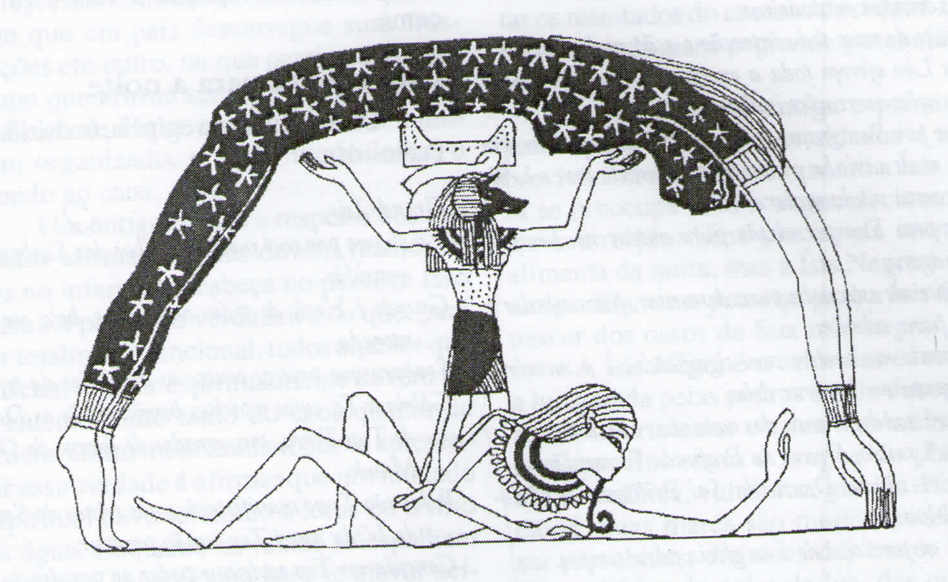
Benjoim

Frankincense

Sândalo

** indica misturas que podem ser aceitáveis para alguns usos.*





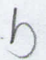
CAPÍTULO DEZENOVE
A SÉTIMA HORA DA NOITE

RITO DA MEIA-NOITE

Agora as estrelas estão brilhantes no céu. Os astrônomos fazem cuidadosas anotações durante suas vigílias nos telhados dos templos usando varas para focar a visão em uma estrela específica. Os alquimistas cuidam de seus alambiques, monitorando a temperatura em delicadas composições. Logo, os cozinheiros do templo começarão a preparar o pão para as oferendas matutinas. Alguns pacientes e penitentes esperam, semi-acordados, por um sonho mágico da Deusa, e próximos a eles estão os sacerdotes e sacerdotisas médicos. Os estudiosos apertam os olhos contra a luz dos lampiões, perscrutando antigos documentos.

Mas para a maioria das pessoas já passou da hora de ir dormir. As roupas da estátua da Deusa são removidas, as portas para os pequenos santuários são fechadas e lacradas. Do mesmo modo nós nos fechamos e lacramos, neste Rito da Meia-Noite.

RITO DA MEIA-NOITE

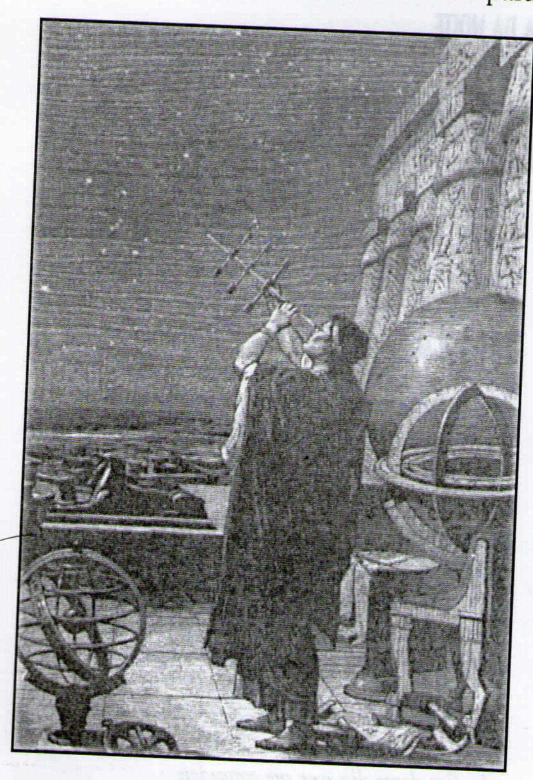


Antes de ir para a cama, fique em frente a uma vela acesa no altar ou a uma janela de onde possa ver o céu e as estrelas. Conscientemente, libere todas as tensões que se ligaram a você durante o dia e ofereça a energia presa nela para o uso de Ísis. Deixe que a energia se eleve no calor da vela ou sinta-a sendo puxada de seu corpo para as distantes estrelas.

Eu A saúdo e A exalto,
Deusa Gloriosa,
Ao fim desse dia que me concedeu.
Que minhas ações durante suas horas sejam julgadas
e justificadas,

E que as palavras por mim proferidas sejam consideradas verdadeiras.
Retire de mim toda intenção e ação malévola,
Eu Lhe ofereço toda a energia por mim presa em ações ou reações indignas;
Que por Sua graça, o dia de amanhã me encontre mais sábio/a e meu contentamento com o Universo ainda maior.
Eu peço Sua permissão para entrar no Templo, agora;
Aceite-me esta noite para descansar, para estudar e para adorar;
Conceda-me sonhos com significados e a memória para me lembrar deles.
Eu A saúdo, Deusa dos caminhos estrelados;
Eu A saúdo, Deusa da Profunda Escuridão,
Eu A saúdo, Deusa da Sol Brilhante à Meia-Noite,
Que eu participe de Sua glória para sempre.

Acrescente quaisquer outras preces que sejam necessárias para você ou para outras pessoas. Apague a vela e vá para cama.



Hipparchus no Observatório de Alexandria.

Outra prece para a noite

Da antiga língua egípcia, traduzida por Padiusiri:

Grande Ísis,
Eu chamo por você junto aos olhos dos Senhores da escuridão.
Grande é Você, de todos os Deuses, bela em Sua morada,
Senhora que protege contra os demônios da terra.
Glória a Ti, cujos espíritos benéficos são os Deuses de Tua Terra, consagrados de dentro do Outro Mundo.
Belas são Tuas manifestações nos reinos do Senhor da Vida que é Teu irmão protetor.
Conceda-me Teu espírito e poder no paraíso,
Grande Poder de Ísis, proteja-me!

MEDITAÇÃO SOBRE A ÍSIS DA MEIA-NOITE

A Ísis Negra é o caos. Até recentemente mesmo a ciência considerava o comportamento caótico uma anomalia negativa da ordem divina, algo que deveria ser erradicado pela imposição da mais rígida e crescente ordem microscópica. Toda a existência foi um dia, aparentemente, estabelecida em ordem; a desordem deveria ser rejeitada e eliminada.

O caos, entretanto, é a fonte de nossa existência; a ordem pura é um conceito muito artificial e mortal. A filosofia oriental apresentou muitas visões nesse sentido. Embora superficialmente as culturas asiáticas pareçam ainda menos tolerantes com a desordem do que as ocidentais, os símbolos *yin* e *yang* permitem que cada lado segure a semente do outro. Uma superabundância de ordem automaticamente cria o caos.

Isso pode ser observado nos sistemas políticos através dos tempos. De modo geral, não é o excesso de liberdade que leva o povo de uma nação a guerrear contra os vizinhos. Ao contrário, é o resultado

da repressão e da ordem excessiva que faz com que um país descarregue suas frustrações em outro, ou que persiga qualquer grupo que afirme ser diferente. O Terceiro Reich de Hitler era um governo muito bem organizado, e desse modo levou o mundo ao caos.

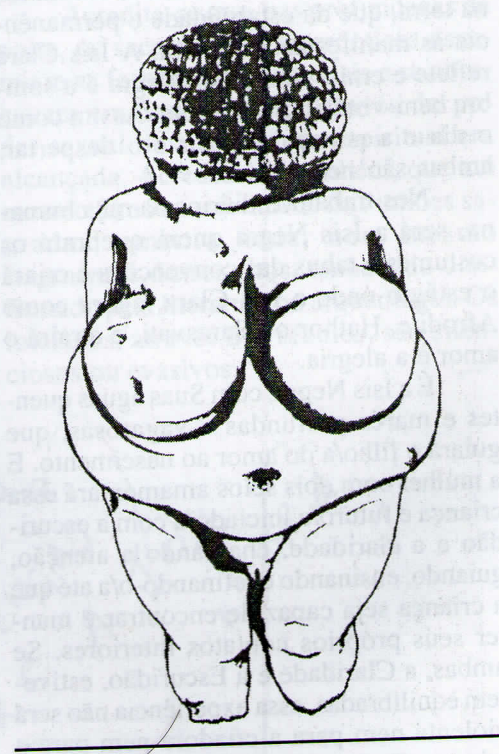
Um antigo ditado a respeito dos iniciados afirma que eles devem manter os pés no inferno e a cabeça no paraíso. Isso ilustra o princípio verdadeiro de que, para ser totalmente funcional, todos aqueles que buscam evoluir espiritualmente devem ter o entendimento tanto do caos quanto da ordem. Outro modo tradicional de apresentar essa verdade é afirmar que um iniciado espiritual deve ser como a lótus ou o lírio da água. Enquanto as raízes se espalham pela lama, o caule luta para se elevar acima da água. Então, flutua na superfície, nutrindo-se do ar e da luz antes de pressionar sua energia acumulada sobre o botão, que se abrirá como uma flor radiante e perfumada, em um processo, aparentemente, organizado. Retire o bulbo de seu leito de caos, entretanto, e a flor não terá como se nutrir, e morrerá.

Um mundo sem as flores de lótus, sem vida, seria um lugar muito ordenado. A atmosfera de planetas mortos revela a existência de muito mais ordem do que em nossa turbulenta Terra. Estamos em um mundo que herda o legado do excesso de ordem que se transformou em caos. Descobrimos, com inocente surpresa, que a destruição do planeta também nos aniquilará. Aprendemos ainda, para nosso horror, que a capacidade de quebrar um ecossistema não pressupõe a de consertá-lo. Vemos espécies tornarem-se extintas sem que outras surjam para substituí-las. Destruímos organismos que nos dão oxigênio, sem o qual não podemos viver, usando máquinas que criam venenos que podem nos matar. Isso é verdadeiramente o caos.

Do mesmo modo que tentamos controlar um carro que derrapou, fazendo-o voltar à direção certa, precisamos retornar ao mais puro sentido do caos para consertar os resultados do excesso de ordem. Esse é o chamado para o grande potencial da Ísis Negra.

A Ísis Negra é antiga e primitiva, preocupada com as necessidades e a sobrevivência primária, enquanto a Ísis Clara se preocupa com o engrandecimento e a ressurreição. Uma precisa da outra, se alimenta da outra, mas a Ísis Negra é mais antiga. Ela torna possível para a Ísis Clara nascer dos ossos de Sua mãe negra.

A Ísis Negra é o calor das cavernas, a luz gerada pelas pedras e pela decomposição, o forte calor e a luz não natural da lava que flui como o sangue do planeta. Ela é oceânica, vulcânica, grande e formidável. Suas marés são muito vastas para ser percebidas, distantes das marés horárias e diárias do sol e da lua, das quais a Ísis Clara é, em todos os Seus aspectos, senhora.



Antigas deusas da fertilidade demonstram o poder cru da Ísis Negra.

Nenhuma sacerdotisa ou sacerdote existe sem o outro, e nenhum atributo pertence a apenas um ou outro aspecto. Ligada à Terra, da qual Ela é parte e manifestação, uma sacerdotisa firmemente enraizada nas tradições da Ísis Negra jamais deixará de perceber a necessidade e a praticidade, e poderá ser muito mais humana — e gentil — do que aquela sacerdotisa que se distanciou de suas raízes escuras e se lançou em vôos de espiritualidade que nutrem apenas a si mesma. Do mesmo modo, a sacerdotisa da Ísis Escura que não reconhece seu lado estrelado tem dificuldade em receber o livre fluxo dos poderes da Deusa, quando isso requer a autorização de seu outro lado; ou permite o uso da energia primordial para fins aparentemente superficiais.

A Ísis Negra e a Ísis Clara estão, de maneira ideal, ligadas. A Ísis Clara pode ficar alta como um obelisco na luz do sol; a Ísis Negra é a rocha enraizada, escondida na terra, que dá estabilidade e permanência às manifestações acima. A Ísis Clara reflete e emite luz; a Ísis Negra é a sombra bem-vinda por trás Dela. Assim como o dia e a noite, o dormir e o despertar, ambas são necessárias.

Nos trabalhos diários da raça humana, será a Ísis Negra quem quebrará os costumes e tabus das convenções e criará o estágio onde a Ísis Clara, agora como Afrodite, Hathor ou Sarasvati, e atrairá o amor e a alegria.

É a Ísis Negra, com Suas águas quentes e marés profundas e vagarosas, que guiará o filho/a do amor ao nascimento. E a mulher com dois seios amamentará essa criança e futuro/a iniciado/a com a escuridão e a claridade, chamando a atenção, guiando, ensinando e refinando-o/a até que a criança seja capaz de encontrar e manter seus próprios contatos interiores. Se ambas, a Claridade e a Escuridão, estiverem equilibradas, essa experiência não será violenta nem para a criadora nem para a criança. Embora a metáfora usada seja a do parto, os mesmos processos são igualmente verdadeiros para qualquer empenho. A Ísis Negra será aquela que verá e se aproveitará de qualquer oportunidade, porque ela conhece a precariedade de todas as manifestações de vida e também os meios mais eficazes para melhorar as chances de sobrevivência.

A Ísis Clara trará para si os recursos necessários para a criação, quer através de pessoas atraídas por Sua luz ou por informações que fluem até Ela. Os materiais essenciais virão da Grande Mãe Negra, assim como a tenacidade — a paciência forte como uma rocha — necessária para que um empenho alcance resultados. A Ísis Clara será responsável pela glorificação, expansão e detalhamento dessa atividade; o cuidado contínuo será compartilhado pelos dois aspectos. E às vezes a plenitude de um sacerdote ou sacerdotisa de Ísis está no conhecimento sobre qual aspecto é o mais apropriado e na habilidade de permitir que cada aspecto aja completamente sobre a psique das pessoas envolvidas.

A Ísis Negra é o aspecto mais difícil, e ao mesmo tempo mais poderoso, de Ísis. Como nos relatam os romances de Dion Fortune, as sacerdotisas que se dedicam exclusivamente a esse aspecto são, geralmente, amadas e odiadas com igual intensidade. Os homens são particularmente encantados por essas mulheres; como um veloz carro-esporte, elas combinam sexo e morte.

A Ísis Negra combina os aspectos da força pura da Ísis da Natureza, com a qual Ela está freqüentemente ligada. As sacerdotisas devotadas a esse aspecto são alinhadas com o elemento fogo e seus atributos de rápidas mudanças e explosões vulcânicas, em vez dos lunares e aquosos tipos de mudanças encontrados em sacerdotisas de outros aspectos.

Entretanto, se as mudanças, as alterações ou a recriação forem necessárias, ninguém está mais capacitada para conduzi-las do que uma sacerdotisa da Ísis Negra.

As sacerdotisas do fogo rotineiramente deixam um rastro de cinzas por onde passam; antes de julgá-las muito severamente é sábio relembrar que existem certas plantas cujo ciclo de vida é tão peculiar que elas só podem germinar na terra carbonizada; outras, ainda, precisam que a semente se queime para crescer. Nesses casos, as ações de uma sacerdotisa da Ísis Negra podem ser purificadoras e renovadoras, mas elas definitivamente não são o aspecto de Ísis para aquelas pessoas que reverenciam o *status quo*. Sua ação é para o bem, mas o bem em uma escala cósmica e, portanto, pode atropelar os sentimentos e emoções humanas sem qualquer remorso.

Para as pessoas que necessitam da liberação, quer sejam os homens com quem a Sacerdotisa Negra se une, ou as mulheres que se tornam Suas sacerdotisas, o poder da Ísis Negra pode ser a única oportunidade disponível para alcançar a liberdade ou a realização. As pessoas, para quem as ações dos processos mais suaves são suficientes, provavelmente irão encontrar a própria iniciação em caminhos mais lentos. Aquelas que precisam das ações das sacerdotisas negras podem nunca alcançar a liberdade de outra maneira e, em vez disso, se afastam cada vez mais de suas naturezas verdadeiras.

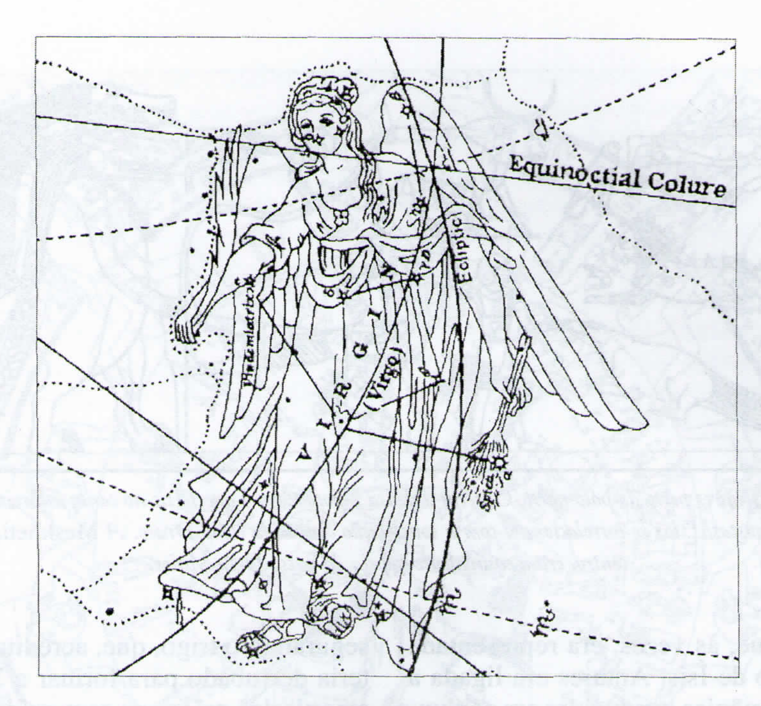
O grande mistério, aqui, está no fato de que são os sacerdotes e sacerdotisas da Ísis Negra quem se tornam os grandes sacerdotes e sacerdotisas da evoluída Ísis Clara.

O RITO NEGRO

Para entender o significado do termo "O Rito Negro", lembre-se de que para os egípcios a terra fértil era escura e negra. Sua terra era chamada *Al-Khem*, ou Terra Negra. O "rito negro" não era escuro significando maldade, mas no sentido da fertilidade espiritual, física e mental que evocava.

À meia-noite, nas escondidas câmaras atrás das capelas de Osíris em uso, a Ressurreição de Osíris era representada e o "Sol brilhava à Meia-noite", talvez na forma do obelisco semelhante ao falo, usado como imagem de um raio solidificado de Rá. A esse rito era associado Khepra, o besouro do sol que voa no calor do meio-dia. Na hora oposta, o poder solar ascendia como o "Sol por trás do Sol", que muitos acreditavam ser a estrela Sírius, talvez uma distante pátria da humanidade.

Acredita-se que, nas profundezas da noite, os sacerdotes e sacerdotisas assumiam as formas de Osíris e Ísis e se abraçavam em Seus nomes. Através do poder sexual uma fertilidade espiritual era alcançada. Acredita-se, também, que até mesmo faraós nasceram dessas uniões sagradas, embora nada, nem mesmo fragmentos desses ritos, tenha sido confirmado pela literatura ou arqueologia. Os iniciados, através dos séculos, são silenciosos ou evasivos.



CAPÍTULO VINTE
A OITAVA HORA DA NOITE

ÍSIS NAS ESTRELAS

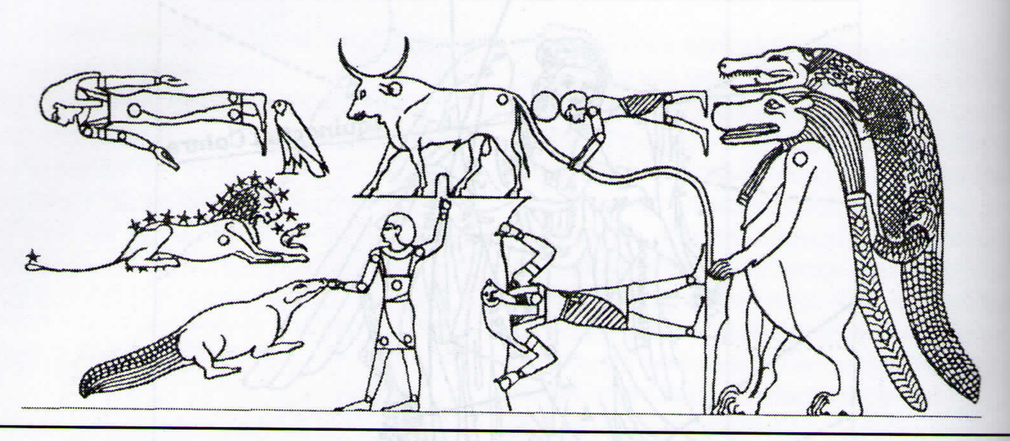
Daqui em diante eu espalho asas confiantes ao espaço;
Não temo barreiras de cristal ou vidro;
Eu penetro nos céus e vôo ao infinito.

Giordano Bruno[51]

A linhagem estelar de Ísis está muito bem registrada em antigas fontes. No início, Ela era o brilho de Sírius no amanhecer, convidando o Nilo a transbordar. Muitas outras estrelas foram associadas a Ela ou receberam Seu nome. Um dos motivos pelos quais o nome de Ísis era freqüentemente associado às estrelas é que a astronomia era praticada ativamente em Seus templos. Sacerdotes astrônomos observavam o céu todas as noites dos telhados dos templos e faziam observações regulares. Na capela de Osíris em Denderah, o zodíaco egípcio (no qual o nosso é baseado) estava representado no teto. Um proeminente astrônomo greco-romano, Ptolomeu (não um dos faraós), fez suas observações do telhado de um templo de Serápis e escreveu vários tratados que sobreviveram até hoje.

Entre as estrelas que receberam nomes associados a Ísis está Antares, que também era associada a Selkit, a deusa

51. Giordano Bruno era um filósofo italiano. Suas visões panteístas, que incluíam o gosto pelas divindades egípcias junto a outras heresias, levaram ao seu aprisionamento pela Inquisição. Ele morreu na fogueira em 17 de fevereiro de 1600.



Os deuses estelares perto do pólo norte. Observe a deusa hipopótamo Tauert-Ísis no canto à direita com um crocodilo nas costas. Elas se correlacionam com a constelação conhecida como Draco. A Meskheti, *ao alto, no centro, era a equivalente egípcia da nossa Ursa Maior.*

escorpião que, às vezes, era representada no penteado de Ísis. Antares era ligada a Ísis nas cerimônias conduzidas em conjunto com o complexo da grande pirâmide em Gizé, onde Ela recebia o título especial de Senhora das Pirâmides. Um dos primeiros astrônomos, Kircher, chamou a constelação de Escorpião, da qual Antares faz parte, de *Isias*, ou *Statio Isidis*, devido à sua antiga associação com Ísis[52].

A constelação de Touro era às vezes chamada de Ísis por causa dos chifres de vaca representados nas imagens da Deusa; eles simbolizam Seu papel de Mãe do Touro Sagrado.

Acreditava-se que Ísis controlava as estrelas na constelação de Ursa Maior. Ela exercia Seu domínio sobre outras constelações do norte que, segundo as crenças, projetavam uma força maligna sobre o sol durante a primavera. Esse fato pode estar ligado à crença de que Ísis podia mudar o curso das estrelas e transformar as influências negativas em positivas.

A figura na constelação de Virgem era, algumas vezes, considerada como Ísis segurando o trigo, que, acreditava-se, Ela teria derrubado para formar a Via Láctea a partir dos grãos; ou segurando Seu filho Hórus. Essa constelação também era algumas vezes identificada com Fortuna, que, por sua vez, era freqüentemente identificada com Ísis.

Pliny, um astrônomo dos tempos clássicos, afirmou que o planeta Vênus também era chamado de Ísis. Ela era com freqüência associada à deusa Vênus e sua divindade similar Afrodite; Ela ainda compartilhava identidade e títulos com Ishtar, cujo planeta sagrado era Vênus. A prece suméria a  Inanna (uma forma mais antiga de Ishtar), apresentada a seguir, é citada por E.C. Krupp no livro *Echoes of the Ancient Skies* [Ecos dos céus antigos] e pode ser usada também para saudar Ísis.

PRECE A INANNA

A tocha pura que fulgura no céu,
A luz do paraíso que brilha, clara como o dia,
A grande rainha do paraíso, Inanna, eu saúdo...
Sua majestade, Sua grandeza, Sua extraordinária dignidade,
Seu majestoso aparecimento no céu da noite.
Seu fulgor no céu — uma tocha pura —
Sua permanência no céu como o sol e a lua,
Conhecida em todas as terras, do sul ao norte

52. A "estação de Ísis", referindo-se a um dos pontos de descanso visitados pelas procissões em Sua homenagem. Os sacerdotes, carregando um santuário, andavam em meio à multidão, parando em locais predeterminados para realizar cerimônias e dar bênçãos.



O zodíaco egípcio no Templo de Denderah.

A grandeza daquela que é a sagrada do paraíso
Para a Senhora, eu cantarei[53].

A lua era freqüentemente chamada de Ísis, e as duas eram consideradas manifestações da mesma grande energia cósmica.

Como Ísis Myrionymos, a Deusa dos Dez Mil Nomes, Ela era identificada com a constelação de Virgem. Como a Deusa do Trono Sagrado, Ísis pode ser reconhecida em Cassiopéia e sua Cadeira.

53. Krupp, E.C., *Echoes of the Ancient Skies: The Astronomy of Lost Civilizations*. Nova York, NY: Harper & Row, 1978.

A cerimônia da Ploiafésia, em janeiro, que acontecia no mês de Aquário, também ligava Ísis àquela constelação. O zodíaco na Catedral de Notre Dame em Paris mostra Aquário e Ísis lançando juntos um navio ao mar na celebração *Isidis Navigium*.

Pela data de Seu aniversário, Ísis pode ainda ser ligada ao signo de Câncer, ou Leão, dependendo do calendário usado.

O poeta clássico Ovídio, cuja amante era uma devota de Ísis, afirma que oferendas eram feitas à constelação Delfinus (Golfinhos), como estrelas sagradas de Ísis.

Uma estrela dupla, representada pela letra grega *mu*, na constelação do Cão

Menor, era conhecida como Ísis. Na constelação de Draco, outra estrela dupla era conhecida como Ísis ou Tauert-Ísis; ela marcava a cabeça da figura (que os antigos egípcios viam como um hipopótamo e que seria mais tarde chamada "o Dragão").

Entretanto, acima de todas as outras, a estrela especial de Ísis era Sírius. Essa estrela, na verdade a mais visível de um sistema de estrelas gêmeas (talvez trigêmeas), era conhecida como a "Casa da Alma de Ísis". Sírius é uma pedra preciosa reluzente que nasce no céu do leste durante o inverno, precedida das Plêiades, e depois de Órion, o grande caçador que era visto como Osíris. Com mais duas estrelas brilhantes, a vermelha Betelgeuse no ombro esquerdo de Órion, e Procyon à esquerda, Sírius forma um grande triângulo invertido no céu. Siga a fileira de estrelas no cinturão de Órion, no sentido leste, e você encontrará a luz trêmula de Sírius, também conhecida como Sothis. Ela cintila com cores flamejantes, especialmente logo após seu nascimento, quando a atmosfera refrata sua luz. Essa estrela convida à adoração.



A deusa Ísis-Sothis

O sistema estelar de Sírius também está associado a Anúbis, Osíris e Néftis. Os complicados e fascinantes inter-relacionamentos dentro desse sistema estelar múltiplo são detalhadamente examinados no livro *The Sirius Mystery* [O mistério de Sírius], de Robert Temple. Embora seja difícil para algumas pessoas aceitar a premissa extraterrestre que ele postula, a documentação apresentada é interessante para todos[54].

Sírius também era conhecida como Ísis Hathor, Ísis Sothis e Ísis Satit. Dois outros títulos atribuídos a Sírius — que também podem ter sido atribuídos a Ísis — eram Aquela que Irradia Claridade e Estrela Clara das Águas. Em Denderah, no pequeno templo de Ísis, orientado na direção de Sírius, ela recebia o título de Sua Majestade de Denderah.

A constelação Cão Maior, da qual Sírius agora é parte, só foi vista no céu algum tempo depois. A associação do cão com Sírius era feita, ou conhecida, pelos egípcios, que usavam um hieróglifo em forma de cão para representar a estrela.

Argo Navis, a constelação do Navio, tem associações com Ísis e Osíris e seus barcos sagrados. É também associada a Isi e Iswara, duas divindades hindus que podem ser aspectos adicionais de Ísis e

54. Temple, Robert, *The Sirius Mystery*. Ibid.

Osíris. Canopus, uma proemintente estrela na constelação Argo Navis, era às vezes chamada de Estrela de Osíris.

Apresento a seguir um poema-saudação que fala da energia da Ísis das Estrelas:

Levarei Seu nome para as estrelas,
Oh Deusa do desejo de minha natureza.
Em minha alma ele será ornado em letras de luz e vida.
Procurarei pelos Seus locais de repouso entre as estrelas
E farei luzes para Você que não diminuirão ou apagarão.
Para Você farei luzes de laser para o altar
E círculos sagrados no espaço com uma carruagem de aço e plástico.
Apóie-se em mim
E permita-me ser
O Barco de Milhões de Anos
Para carregar os deuses
Através do espaço sempre noturno para os espaços dos dias.
Farei um templo para Você
Medido em galáxias
E darei a cada uma das estrelas do altar
Um de Seus muitos nomes.

Recentemente, uma série de grandes asteróides recebeu nomes. Um deles tem a denominação de Ísis, devolvendo, assim, a Ela a posição oficial nos céus no mundo ocidental.

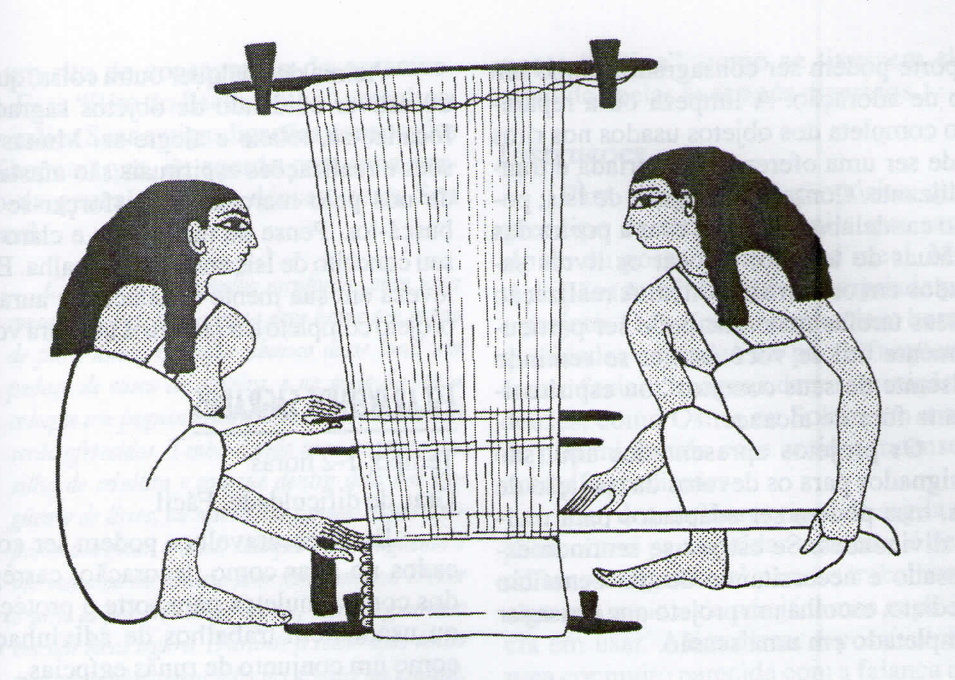
MEDITAÇÃO DAS ESTRELAS – ÍSIS DOS CÉUS

Simultaneamente a Deusa Escura, que habita no seio da terra, a Ísis das estrelas — Ast de Astra, talvez melhor denominada Ísis dos Cosmos —, toca o planeta novamente com outra explosão de energia divina, vinda de fora e não de dentro. Tão tênue e abrangente quanto a Ísis da Terra, que é limitada, contida e sólida, a Ísis das Estrelas é uma grande energia fluida que anima os espaços entre os tronos do Universo, assim como os próprios "tronos" e "estações" que são planetas, sóis e criações cósmicas de todos os tipos.

A Ísis das Estrelas é a razão misteriosa pela qual a física quântica postula que todas as partículas, quando em contato umas com as outras, se comportarão para sempre como se ainda estivessem influenciadas pelo toque do passado; o que acontece com os átomos também ocorre conosco. Ela é a Conexão Cósmica sem restrições; a comunicação e o acesso definitivos sem a perda da individualidade. Assim como a luz, Ísis das Estrelas ensina que é possível ser muitas coisas e estar em vários lugares ao mesmo tempo; Sua teia de luz translúcida se espalha para muitas outras dimensões.

Vá para o topo do templo. Então, do lado de fora, no telhado, abaixo do céu noturno, prepare-se para a meditação. Procure também pelo astral para a completa iniciação nos caminhos das estrelas.

Ao buscar por essa iniciação, estude as estrelas com a ajuda de um livro. Use binóculos ou um telescópio, se tiver. Visite um planetário local. Dirija para as montanhas para visitar um observatório ou simplesmente para ver as estrelas longe das luzes da cidade. Identifique Sírius ou outras estrelas associadas a Ísis. Fique acordado/a a noite toda observando o céu, principalmente em uma noite sem luar. Escolha uma estrela e anote sua localização na mesma hora, todos os dias. Pinte as constelações na parede do quarto com tinta que brilha no escuro. Imagine-se voando entre as estrelas. Assista documentários sobre a criação do cosmo, viagens espaciais ou assuntos correlatos. Leia sobre astronomia e astrologia. Ao fazer essas coisas, diga: "Eu faço isso para aprender mais sobre a Ísis dos Céus Estrelados. Guie-me e instrua-me, Deusa, como Lhe agradar".



CAPÍTULO VINTE E UM
A NONA HORA DA NOITE

ÍSIS E O CULTO DAS MÃOS

Aquela que Cria; A Criadora de Todas as Coisas; A Criadora da Humanidade; Aquela que Produz Toda a Vida. Esses são apenas alguns dos títulos pelos quais conhecemos Ísis como uma suprema deusa criadora; e as altas horas da noite são perfeitas para o trabalho de criação se o sono se evadir.

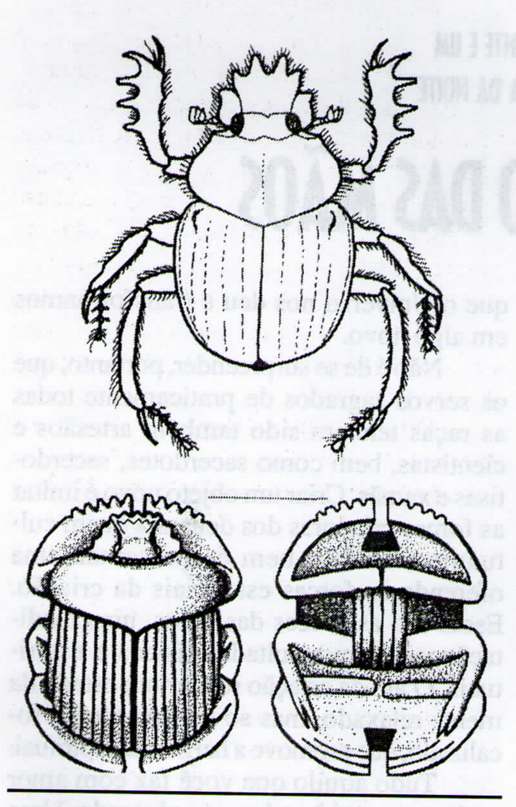
Todo caminho religioso atribui à sua forma de divindade o poder da criação ou da formação do planeta, das raças e até mesmo do Universo. E a humanidade, em um grau muito maior do que qualquer outra espécie, é uma raça criativa. Nós criamos e alteramos nosso ambiente, às vezes para melhor; outras, para pior. A curiosidade nos leva a desenvolver coisas novas. Como espécie, nós não simplesmente aceitamos as coisas como elas são. Quer nas artes e ciências, ou magia, tomamos aquilo que o Universo nos deu e transformamos em algo novo.

Não é de se surpreender, portanto, que os servos sagrados de praticamente todas as raças tenham sido também artesãos e cientistas, bem como sacerdotes, sacerdotisas e xamãs. Criar um objeto novo é imitar as forças criadoras dos deuses a quem cultuamos; fazê-lo bem é apresentar uma oferenda às forças essenciais da criação. Essas são as preces das mãos, uma meditação que tem resultados físicos e espirituais. O ato da criação requer um estado da mente relaxado, mas ao mesmo tempo focalizado, que promove a harmonia espiritual.

Tudo aquilo que você faz com amor pode ser considerado uma oferenda. Uma boa refeição, a reconstrução de um motor, a restauração de uma antigüidade, um hino de saudação, até mesmo a prática de um

esporte podem ser consagrados como um ato de adoração. A limpeza ou a reparação completa dos objetos usados nos ritos pode ser uma oferenda apropriada e tranqüilizante. Consertar um colar de Ísis; polir o candelabro de prata; tirar a poeira das estátuas do templo; colocar os livros sagrados em ordem alfabética. A realização dessas tarefas materiais pode ser particularmente útil se você estiver se sentindo "distante de seus contatos" ou espiritualmente fora de alcance.

Os projetos apresentados aqui são designados para os devotos da tradição de Ísis, mas podem ser adaptados para muitas divindades. Se estiver se sentindo estressado e necessitando de um benefício imediato, escolha um projeto que possa ser completado em uma sessão.



Acima, *uma espécie de escaravelho freqüentemente usada* — Scarabaeus sacer. Abaixo, *as partes da frente e de trás de um amuleto do Reino do Meio que representa realisticamente esse escaravelho.*

Acima de qualquer outra coisa, quando estiver cuidando de objetos sagrados, focalize-se, relaxe e alegre-se. Muitas visões e realizações espirituais são afastadas de nós pelo mero ato de esforçar-se em buscá-los. Pense de modo leve e claro em seu conceito de Ísis enquanto trabalha. Essa leveza em sua mente fortalecerá a aura do projeto completo e o fará mais útil para você.

ESCARAVELHOS SAGRADOS

Tempo: 1-2 horas
Grau de dificuldade: Fácil

Esses escaravelhos podem ser colocados no altar como decoração, carregados como amuletos para sorte e proteção, ou usados em trabalhos de adivinhação como um conjunto de runas egípcias.

O escaravelho tem sido considerado sagrado no Egito desde os tempos da pré-dinastia. Era considerado um símbolo de energias solares, porque voava durante o período mais quente do dia, quando o sol estava mais forte. Esses besouros metálicos e brilhantes, com o inconfundível zumbido das asas, exigiam atenção.

Mais tarde, outros tipos de besouros também foram considerados sagrados, como os "besouros do esterco", que depositam os ovos em uma bola de lama e esterco e a rolavam pelo solo. Isso era visto como uma metáfora do rolar do sol através do céu, todos os dias. Um dos primeiros deuses do sol, Khepra, era representado com um escaravelho no lugar da cabeça.

Representações desses besouros são abundantes em túmulos e templos. Escaravelhos de pedra, com inscrições sagradas, eram envoltos como múmias para guardar as almas após a vida. Os faraós distribuíam vários escaravelhos com inscrições para comemorar eventos importantes.

Um antigo encantamento com escaravelhos

Em seu livro *Oriental Magic* [Magia oriental], Idries Shah apresenta o texto

de um rito de consagração do escaravelho. Esse "Rito do Escaravelho" no culto a Ísis indica Suas antigas ligações com o culto a Khepera, que, de acordo com uma versão da genealogia dos deuses, seria Seu bisavô:

Coloque o escaravelho esculpido sobre uma mesa de papel. Sob a mesa deve haver um tecido de puro linho. Coloque abaixo desse local um pedaço de casca de oliveira, e no meio da mesa coloque um pequeno incensário onde mirra e kifi serão oferecidos. Tenha à mão uma pequena vasilha de crisólita e coloque dentro dela um ungüento de lírios, ou mirra, ou canela. Após limpar e purificar o anel, coloque-o no ungüento e ofereça-o no incensário com kifi e mirra. Deixe o anel lá por três dias, depois, retire e guarde-o em um local seguro. Durante a celebração tenha por perto pães puros e frutas frescas da estação. Após realizar outra oferenda em galhos de vinhas, durante a oferenda, retire o anel do ungüento, use-o para fazer uma unção em si mesmo. Pode se ungir logo cedo pela manhã e, voltando-se para o leste, proferir as palavras escritas abaixo. O escaravelho deve ser esculpido em uma esmeralda preciosa; fure-o e passe um fio de ouro através dele, e abaixo do escaravelho esculpa a sagrada Ísis, e após consagrá-la, use a imagem.

O encantamento citado era: "Eu sou Thoth, o inventor e fundador da medicina e das letras; venha até mim, vós que estais abaixo da terra, eleve-se para mim, grande espírito". Mais tarde, afirmou-se que o processo só poderia ocorrer em alguns dias: o 7º, 9º, 10º, 12º, 14º, 16º, 21º, 24º e 25º dias, a contar do início do mês[55].

É fácil moldar a forma de um escaravelho. No Egito eles eram geralmente esculpidos em pedra ou moldados em faiança, um tipo de argila com um alto conteúdo de quartzo. Eles ainda são feitos no Egito em grandes quantidades, às vezes misturados à ração para aves, com o intuito de dar-lhes uma aparência apropriadamente "antiga", como se tivessem sido expelidos pelas aves após digeridos.

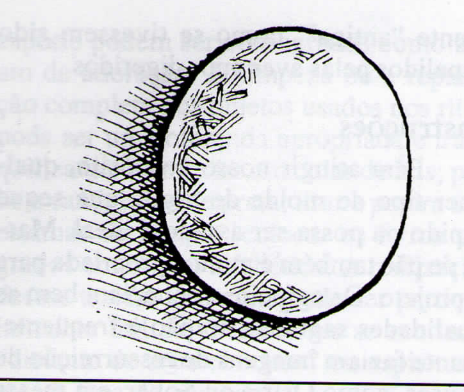
Instruções

Para atingir nosso propósito, qualquer tipo de molde de argila que seque rápido ou possa ser assado é ideal. Massa de pão também é muito apropriada para o projeto. Os egípcios conheciam bem as qualidades sagradas do pão e freqüentemente faziam imagens de ressurreição de deuses, como Osíris ou Sokar, em massa de pão misturada com areia e incenso, e outros ingredientes.

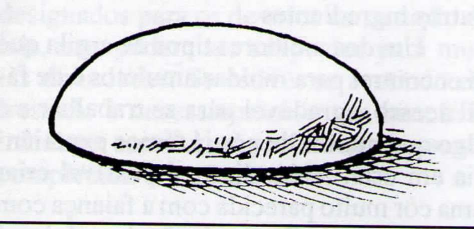
Um dos melhores tipos de argila que já encontrei para moldar amuletos é de fácil acesso, agradável para se trabalhar e é algo que muitos de nós já temos experiência em usar. Além disso, é possível criar uma cor muito parecida com a faiança com pouco esforço. Essa substância mágica é a massa de modelar. Ao misturar quantidades iguais de azul e amarelo, uma bela tonalidade turquesa, similar à da faiança, pode ser obtida. Se desejar, pequena quantidade de areia da praia ou de quartzo em pó pode ser acrescentada, ou ainda um pouco de sal. Isso dá textura um tanto rústica e as substâncias com cristal permitem que o objeto receba e retenha uma "carga" mais eficazmente do que apenas a massa ou a argila.

Para fazer um escaravelho, pegue um pouco de massa ou argila, aproximadamente do tamanho da unha do polegar. (1) Modele-a em uma fôrma oval e gentilmente pressione até obter uma superfície plana, de modo que a parte de trás fique achatada (2), mas que a parte da frente do escaravelho continue redonda. Usando uma caneta, uma faca ou um palito de dentes, escreva nas costas do escaravelho a letra "T" (3) para indicar a separação entre a cabeça e as asas. Você pode acrescentar mais detalhes (4) ou deixá-lo estilizado. Vire-o e inscreva um símbolo ou hieróglifo na parte achatada. Para ver alguns desses hieróglifos, cheque a seção "Adivinhação

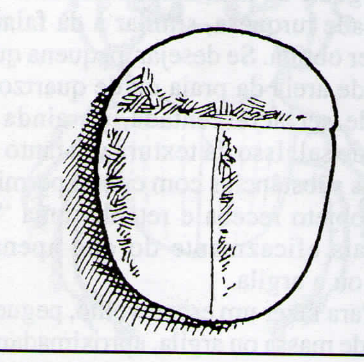
55. Shah, *Indries, Oriental Magic*, New York, NY: Philosophical Library, 1957.



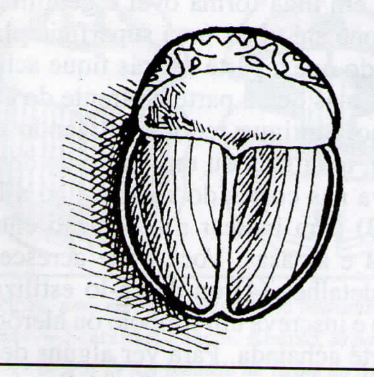
(1) Modele a argila em uma forma oval.



(2) Pressione gentilmente para que a parte de trás fique achatada.



(3) Escreva a letra "T" nas costas do escaravelho.



(4) Se desejar, acrescente mais detalhes.

com escaravelhos" no Capítulo Vinte e Dois, "Os oráculos de Ísis". Você pode fazer cada escaravelho individualmente ou deixar que o primeiro seque, pressioná-lo na argila úmida, retirá-lo e endurecer o molde resultante. Pressione argila dentro do molde, depois retire cada escaravelho e decore individualmente. Use talco sobre o molde para soltar os escaravelhos com mais facilidade.

Sinta-se à vontade para ser bem criativo. Ocasionalmente, os escaravelhos eram feitos retendo-se a forma básica do corpo, mas acrescentando-se cabeças de animais diferentes e até mesmo rostos humanos.

TIRAS DE ADIVINHAÇÃO DAS PALMEIRAS

Tempo: 1 hora

Grau de dificuldade: Fácil se usar papel pergaminho; moderado se utilizar uma folha de palmeira.

Para fazer adivinhações com essas tiras, reúna-as, depois espalhe-as no chão à sua frente e remova-as de par em par. A última tira que sobrar terá a resposta à sua pergunta.

Método da folha de palmeira

Pegue uma folha de palmeira. Usando uma tesoura, corte-a em vinte e nove tiras iguais. Apare qualquer extremidade pontiaguda. Usando um marcador com ponta porosa, inscreva em cada tira um hieróglifo ou símbolo de uma divindade. Use qualquer um dos símbolos apresentados no Capítulo Vinte e Dois, "Os oráculos de Ísis".

Método do papel pergaminho

Pegue uma folha de papel pergaminho, ou qualquer outro papel grosso, e corte um único triângulo longo e estreito para representar a nervura da folha da palmeira. Use-a como um padrão para cortar mais vinte e oito pedaços. Marque cada pedaço com um símbolo.

SISTROS

Tempo: 8 horas ou mais
Grau de dificuldade: Difícil

O sistro era um atributo de Ísis muito conhecido e era usado em muitos dos ritos em Seus templos. Autores antigos descreveram vários tipos de sistros — um com um tinido doce e outro com um som áspero, de batidas. Os sistros também eram usados em ritos dedicados a outros deuses e deusas, particularmente Bastet e Hathor.

Apresento, aqui, dois métodos para fazer um sistro. O primeiro requer acesso a ferramentas para trabalhar em metal; o segundo pode ser feito com mais facilidade.

Fazer o meu primeiro sistro foi, realmente, uma experiência de iniciação. Eu jamais trabalhara com metal antes, mas a casa que eu dividia àquela época oferecia ferramentas para trabalhar em metal e um paciente instrutor[56]. A criação do sistro forçou-me a confrontar e superar meus medos em usar ferramentas como serras e furadeiras elétricas.

Ferramentas necessárias

Furadeira para metal
Serra elétrica
Martelo
Lixadeira elétrica
Cinzel para metal
Óculos de proteção (essencial!)

Materiais necessários

Uma fina folha de cobre, ou 50cm de comprimento de uma tira de cobre com 1,8cm de largura

60cm de fio de cobre com 0,31cm de diâmetro

13 discos de cobre (de 2,5cm), ou arruelas de latão, ou pequenos e baratos címbalos para dedos usados pelas dançarinas do ventre

15cm de comprimento de uma cavilha de madeira com 1,25cm de diâmetro, madeira cítrica polida ou alisada, para fazer o cabo

Um prego com a cabeça grande e achatada, ou um parafuso

Um lápis

(opcional) ferramentas para entalhar madeira e/ou tinta para decorar o cabo

Se esse for o seu primeiro projeto em metal, por favor, não se esqueça das seguintes orientações:

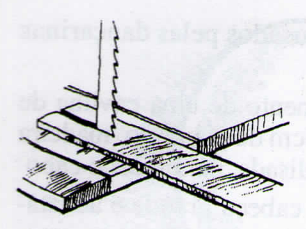
1. Sempre use óculos de proteção. As partículas de metal voam por toda a parte. Tome cuidado para não tocar os olhos se tiver partículas de metal nos dedos. Se um pedaço de metal cair em seus olhos procure um médico imediatamente.
2. Se tiver cabelo comprido, prenda-o atrás da cabeça e retire todas as jóias.
3. Ao usar a furadeira ou a serra elétrica, tome muito cuidado com os dedos. Mantenha-os distantes das extremidades cortantes das ferramentas.
4. Meça todas as coisas duas vezes.

Instruções

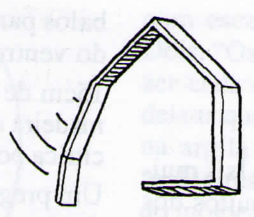
Se estiver usando uma folha de cobre, separe uma tira de 50cm de comprimento e 1,8cm de largura usando a serra elétrica. Lixe ou amasse com o martelo as bordas ásperas até que elas fiquem lisas. Usando o martelo quando necessário molde a tira de cobre como se fosse uma tenda - siga a ilustração.

Certifique-se de que os lados da fôrma são iguais. Marque três buracos de cada lado externo da tira de cobre. As barras dos sistros serão inseridas nesses buracos, portanto é importante deixar espaço suficiente entre as barras para que os discos possam ser pendurados com liberdade sem tocar nos discos das outras barras. Se você tiver discos ou arruelas muito

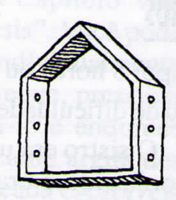
56. Muitos agradecimentos a Jeff Schröter.



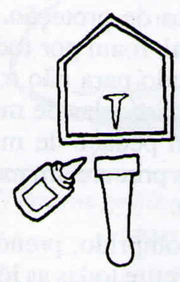
(1) Use a serra para cortar as tiras



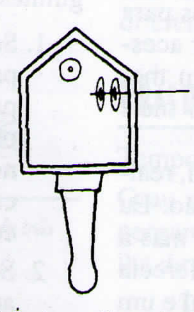
(2) Dobre a tira como se fosse uma tenda. Deixe as extremidades do fundo se encaixarem de modo que possa fazer um buraco onde um prego prenderá a estrutura ao cabo.



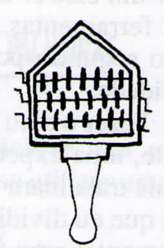
(3) Marque os buracos para os fios do sistro. Fure-os.



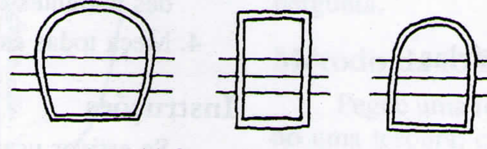
(4) Prenda a estrutura ao cabo antes de inserir os fios.



(5) Insira os fios, coloque os discos, amarre os fios através do buraco do outro lado.



(6) Dobre os fios em ângulos retos



(7) Outras formas possíveis

Ilustrações dos passos para fazer seu próprio sistro.

pequenos, pode acrescentar mais uma fileira ao sistro. Tanto os sistros com três barras quanto os com quatro eram comuns.

Faça os buracos com a furadeira. Dobre as extremidades do sistro, onde ele se ligará ao cabo. Marque o/s ponto/s onde eles se encontram e faça buracos também nesse/s ponto/s.

Se não encontrar discos de cobre ou arruelas de latão, você pode fazer os discos usando a serra para cortar pequenos quadrados de metal e depois lixar os cantos usando a lixadeira elétrica. Foi assim que eu fiz, mas leva muito tempo e é muito difícil. É mais fácil usar discos que só precisem de um buraco no meio. Arruelas, quer de latão ou outro metal, também funcionam, mas som produzido não será tão doce quanto o do cobre.

Medindo a estrutura do sistro, corte o fio de cobre, deixando 2,5cm a mais de cada lado do sistro. Esse é o lugar onde você dobrará o fio para prendê-lo na estrutura do sistro. Dobre ou bata os últimos centímetros do fio de modo que ele fique preso em um ângulo reto. Amarre-o atra-

vés do buraco. Corte usando a serra elétrica ou o cinzel para metal.

Nesse ponto, seu trabalho básico de metal está terminado. Se desejar entalhar o cabo do sistro, faça-o agora. Se preferir pintá-lo, termine de fazer o sistro antes.

Junte a estrutura ao cabo usando um prego ou parafuso. É preferível usar um parafuso, já que o sistro será balançado com entusiasmo durante os rituais. Se usar um prego, comece furando o cabo, acrescente um pouco de cola branca e então termine de pregar a estrutura no cabo.

Agora, amarre os fios, um de cada vez, nos buracos de um lado da estrutura. Coloque três ou quatro discos, depois prenda o fio do outro lado da estrutura. Dobre ou bata para que o fio forme um ângulo reto com a estrutura. Repita o processo com os outros fios. Seu sistro está terminado.

Decorações tradicionais dos sistros incluem gatos e imagens de Hathor. Sinta-se à vontade para dar ao sistro qualquer nova interpretação. Havia muitos tipos e estilos em uso, com diferentes tamanhos, aparências e sons. Alguns sistros não tinham discos e produziam sons simplesmente pela ação dos fios batendo contra a estrutura de metal. Esses sistros sem discos eram feitos com muito cuidado de modo que cada fio reproduzisse uma nota musical diferente, emitindo um acorde equilibrado. Várias miniaturas de sistros foram encontradas nos templos de Ísis em Londres.

Para fazer meu sistro, fugi da tradição usando um pedaço de madeira rústico, na forma de uma cabeça de gato, como cabo. Outro sistro maravilhoso empregado por uma xamã usava um chifre de veado como estrutura e cabo. Dois sistros modernos da minha coleção vieram do Quênia e são simplesmente construídos com um galho em forma de forquilha, preso por fios e com dúzias de discos cortados de latas. Embora construídos de modo rústico, o som e a ação deles são purificadores e regozijadores.

UMA DECORAÇÃO TRADICIONAL PARA O FESTIVAL DE ÍSIS

Tempo: 1 hora (não incluindo o tempo necessário para encontrar e cortar uma folhagem de palmeira) ou o tempo que quiser gastar decorando-a ou fazendo as decorações. Se usar uma peneira tecida, são necessários 30 minutos para dourar e deixar secar.

Grau de dificuldade: Moderado.

Ísis, em Seu papel como deusa mãe suprema, deu à luz o filho do Sol, Hórus, durante o solstício de inverno. Seu nascimento ocorreu em sincronicidade com o retorno dos dias mais longos, o fim do declínio das horas do dia. Nada poderia melhor simbolizar a esperança e a chegada da primavera do que o nascimento de uma criança. Muitas outras fés também incluem o nascimento de crianças divinas nesse período do ano, inclusive o cristianismo e muitas outras.

Por toda a história houve muitas crenças compartilhadas entre as religiões que celebram seus dias sagrados em épocas próximas. Por esse motivo, em alguns lares judeus encontramos atualmente "Árvores de Hanukkah" derivadas da tradição da "Árvore de Natal" cristã, que, por sua vez, derivou dos ritos de decoração das árvores existentes em muitas fés pagãs.

No culto a Ísis e Osíris os seguidores eram proibidos de cortar uma árvore viva, e a cerimônia da "Elevação do Pillar Djed" pode ter sido originalmente associada à adoração da árvore e da decoração do objeto sagrado. Aqueles que desejarem acrescentar um símbolo associado a Ísis às observâncias do tempo do solstício podem seguir as instruções abaixo para criar uma Folhagem de Solstício de Ísis, usando o galho de uma palmeira do tipo abanador, tinta dourada e ornamentos inspirados no Egito.

O antigo culto a Ísis incluía muitas procissões públicas nas quais objetos sagrados eram carregados e exibidos ao povo,

que formava uma fila ao longo do caminho por onde passava a procissão — muito semelhante ao que acontece durante o Mardi Gras (o carnaval de Nova Orleans). Folhas de palmeira douradas e peneiras simbolizavam uma rica colheita ou, possivelmente, o sopro de vida de Ísis. Acreditava-se que Ísis reunira as partes do corpo de Osíris em uma peneira. As palmeiras eram sagradas para Ísis e Osíris e cresciam nos jardins dos templos, propiciando sombra e frutos. A forma da folha da palmeira tipo abanador, com seus múltiplos raios, simbolizava os raios do sol, destinados, aqui, ao momento de seu retorno.

Instruções

Em primeiro lugar encontre uma folhagem de palmeira tipo abanador ou, se não for possível, uma grande e decorativa peneira tecida com fibra. É fácil de encontrá-las em cestas ou em lojas de produtos estrangeiros. São geralmente chatas e têm a forma de uma folha. Se usar uma folha de palmeira, procure uma que tenha caído naturalmente ou secado na árvore. Evite, de todos os modos, ferir a árvore de onde ela foi retirada. Se precisar cortar uma folha viva, pague a árvore com fertilizante e água.

Após escolher a folhagem, use a tesoura para aparar partes mais fracas. Tome cuidado ao fazer isso; algumas folhas de palmeira têm dentes pontiagudos nas bordas. Apare o suficiente para que a folha não caia ao ser erguida.

Corte o caule em uma seção de aproximadamente 45cm. Se necessário use uma pequena serra para isso. (Dependendo do tamanho da folhagem as medidas podem ser diferentes. Se estiver usando uma peneira, você pode simplesmente pintá-la de dourado e pendurá-la na parede com um prego). Dependendo do quão plana for a folhagem, há dois métodos para prepará-la antes de exibi-la. Se a folha for reta e chata, faça um buraco no meio a aproximadamente 20cm do local onde os "dedos" se separam. Pinte a folha de dourado ou prateado. Depois, prenda-a na parede, colocando um prego através do buraco.

Outro método para exibir a folhagem é pegar um vaso com um bocal largo, cheio de areia ou pedregulhos, e inserir o caule da folha dentro dele. A Palma do Solstício pode ser encostada na parede se a folhagem for muito pesada.

Após dourar a palma, pinte alguns desenhos ou crie outros ornamentos para pendurar nela. Enfeites comuns de Árvores de Natal podem ser usados para furar as folhas e prender as decorações. Pequenos objetos de vidro são bonitos, ou crie enfeites incorporando símbolos egípcios, por exemplo, o nó de Ísis, o *ankh* e o Shen, o símbolo da eternidade. Podem ser pintados em enfeites comprados em loja ou feitos de praticamente qualquer material. Varas de metal torcido podem ser dobradas para criar qualquer forma. Outros símbolos incluem a lua crescente e o disco de Ísis, a cornucópia que Ela freqüentemente carregava nos tempos clássicos, e a lótus. Guirlandas de pequenas contas de vidro também podem ser usadas, e contas presas em fios podem tomar a forma dos símbolos citados acima.

Ao fazer sua Palma do Solstício, lembre-se de que nos templos do Egito antigo o clero mais alto era geralmente composto por habilidosos artesãos. Quer seus talentos fossem direcionados para a criação de estátuas sagradas, a construção de templos e santuários, ou a composição dos óleos e incensos usados no templo, os trabalhos manuais eram considerados ato sagrado de adoração, imitando a força criadora primordial dos próprios deuses e deusas. Qualquer ato de criação é um ato de adoração, mais ainda quando o esforço é direcionado para criar um objeto que será usado em festivais do deus ou deusa a quem você cultua.

O uso da folhagem sagrada que você criou não precisa ser limitado ao festival do solstício de inverno. Ela pode também ser exibida na época do *Isidis Navigium*,

em 5 de março, quando o lançamento do Navio de Ísis dava início ao período das navegações nos tempos greco-romanos. Devido à sua forma de raios de estrela, uma folha de palmeira prateada seria apropriadamente exibida no momento do nascimento da estrela Sothis (também conhecida como Sírius), que há muito tempo é sagrada para os devotos de Ísis como a "Casa da Alma de Ísis". Essa hora do nascimento, quando a estrela está novamente visível no céu após uma longa ausência, variará de latitude, mas ocorre no Egito moderno por volta de 1º de agosto. Um observatório local poderá informá-lo sobre a data em que Sothis é visível em sua região.

Não importa quando ou como você exiba esse símbolo da fé em Ísis — lembre-se de que essa fé era conhecida por sua tolerância religiosa e apoio aos pontos de vista divergentes. Essa folhagem pode, do ponto de vista da religião de Ísis, compartilhar o espaço com os símbolos de qualquer outra fé e não precisa suplantar nenhum deles.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

A DÉCIMA HORA DA NOITE

OS ORÁCULOS DE ÍSIS

Ísis, como uma divindade considerada "além do Destino" e livre para mudar as maldições das estrelas, tem um relacionamento especial com a arte da adivinhação. "Adivinhar" é falar sobre aquilo que foi posto em movimento pelos seres "divinos", os próprios deusas e deusas. No mundo antigo, as previsões dos adivinhos eram consideradas como verdadeiras e permanentes, além de qualquer modificação feita por deuses ou humanos.

Mas para Ísis nenhum destino é imutável se Ela não quiser. A arte da adivinhação, sob essa luz, torna-se um meio conveniente de determinar padrões de possibilidades e avaliar condições físicas e espirituais. As leituras de Tarô e outros métodos de prever o futuro são guias subjetivos para serem usados quando necessário, mas as previsões não são definitivas. Eles podem ser um método dinâmico de comunicação com a Deusa e são também excelentes instrumentos para meditação e inspiração.

Muitos templos de Ísis funcionavam como centros de oráculos, e praticamente todos os templos forneciam algum método de adivinhação. Em Socnaipou Nesos, um dos principais templos de Ísis, os consulentes escreviam duas possíveis soluções para um problema ou duas respostas para uma pergunta, e a "correta" seria dada ao devoto após a apropriada conjuração feita pelos sacerdotes. Outro método usava vinte e nove folhas de uma folhagem de palmeira macho, cada uma inscrita com o nome de uma divindade. As tiras da folha eram misturadas e separadas em pares. A folha que sobrasse era interpretada como resposta à pergunta, positiva ou negativa, de-

pendendo do nome da divindade inscrito na folha. Um método para criar um conjunto dessas tiras é incluído no Capítulo Vinte e Um, "Ísis e o culto das mãos".

A adivinhação sempre foi atividade sagrada entregue aos cuidados dos membros treinados de um templo ou outros genuinamente capazes de entrar em contato com as forças espirituais do Universo. Nos tempos antigos, como agora, adivinhos leigos eram vistos com descrença e estavam sujeitos a leis restritivas. Embora algumas dessas leis fossem apenas o resultado de opressão política por parte daqueles que não apoiavam o governo ou a hierarquia religiosa, em outros casos elas eram tentativas genuínas de proteger a vida das pessoas, impedindo que elas fossem exploradas por indivíduos inescrupulosos.

Quando empregada corretamente, a adivinhação é um instrumento de diagnóstico que pode revelar e examinar as tendências na vida de uma pessoa e, se necessário, ajudar na alteração de padrões negativos. Como qualquer instrumento, depende da habilidade, experiência e dedicação da pessoa que a emprega, além do estado de espírito do consulente no momento da leitura e da força do contato espiritual realizado.

Pouquíssimos eventos são predeterminados irrevogavelmente, mas as prováveis reações de uma pessoa, ou mesmo de um estado ou nação, estão com freqüência enraizadas tão rigidamente que uma longa seqüência de eventos pode ser prevista com grande precisão, sem qualquer visão psíquica especial.

Há milhares de métodos de adivinhação que têm sido usados em muitos lugares e circunstâncias. Freqüentemente, esses métodos acumulam vastos grupos de rituais necessários para seu uso e prática. Os métodos e rituais que os acompanham são, na verdade, instrumentos, meios para levar o adivinho a um estado de transe psíquico que o permitirá ter as visões. Muitos sensitivos treinados não precisam de mais nada além de voltar sua atenção para dentro de si próprios para obter as informações necessárias.

Muitos métodos modernos têm antecedentes nos templos egípcios. Uma corrente de pensamentos acredita que as cartas modernas do tarô remontam aos corredores com imagens pintadas dos dois lados que foram encontrados em alguns templos de Serápis, o aspecto de Osíris que era o consorte de Ísis no período greco-romano. Nesses corredores, vinte e duas imagens se olhavam de frente, em pares, sugerindo a alguns pesquisadores modernos as vinte e duas cartas dos arcanos maiores. Intrigantemente, existe também uma tradição francesa, mencionada por Voltaire, segundo a qual os ciganos eram, na verdade, sacerdotes e sacerdotisas de Ísis que fugiram da perseguição levando consigo os ensinamentos sagrados na forma de figuras que se transformaram no tarô.

Entretanto, outra autoridade acredita que os desenhos originais do tarô derivaram da Tábua de Bembine, ou *Mensa Isiaca*. Essa "placa" ou "tábua", belamente construída, estava, aparentemente, no alto de um altar romano dedicado a Ísis. Nela estão representadas dúzias de símbolos e figuras místicas. De fato, imagens semelhantes às de algumas cartas de tarô podem ser encontradas no alto do altar, mas é impossível afirmar se a *Mensa Isiaca* inspirou os desenhos das cartas de tarô que usamos atualmente.

Seja qual for a verdadeira origem da adivinhação através das cartas de tarô, a leitura de cartas é um método válido e pode ser usado em conjunto com o culto e o serviço a Ísis. Apresento a seguir uma lista curta, e bem básica, de alguns dos símbolos de Ísis encontrados no tarô. Assim como acontece em quase todas as linguagens místicas, os significados estão abertos à interpretação, mudança e nova visão, em conjunto com sua própria experiência. De modo geral, para obter uma visão em as-

suntos intensamente espirituais, pode ser benéfico ler aleatoriamente, misturando as cartas até sentir o momento correto e, então, retirar quantas cartas a pessoa sentir ser apropriado. Contudo, em momentos de confusão emocional ou espiritual, pode ser mais reconfortante (e, talvez, mais preciso) usar um padrão porque ele impõe uma estrutura ao ato. Você pode, ainda, misturar livremente e ler apenas as cartas que caírem para fora do baralho.

Ocasionalmente, pode ser que você receba a resposta de uma pergunta que deveria ter feito. É possível, ainda, receber uma leitura de alguém próximo a você. Se parece estar muito distante do que seus verdadeiros (não apenas desejosos) instintos lhe dizem, pode ser que ela não seja sua leitura.

Para aqueles que preferem usar um padrão de leitura fixo, apresento, na pág. 235, o "Padrão da Lótus", inspirado no modelo egípcio. Ele é básico, útil para examinar tendências e características gerais. É, também, uma boa "primeira leitura" para você e para os outros.

Se decidir ler para outras pessoas, nunca tenha medo de restringir uma leitura se descobrir que uma pergunta não relacionada está sendo feito. Se leu recentemente para você e vê que muitas das mesmas cartas estão aparecendo na leitura para outra pessoa, considere a hipótese que a leitura anterior esteja continuando. "Clareie" as cartas, classificando-as entre os Arcanos Maiores e as séries individuais, conscientemente apagando qualquer influência remanescente sobre os cartões. Depois, tente ler novamente.

Antes e a acima de tudo, lembre-se de que a adivinhação é um ato sagrado. É um ritual e nunca deve ser feito de modo frívolo, "só para se divertir". Os ritos de adivinhação devem ser, pelo menos, precedidos de uma completa limpeza das mãos com água e uma rápida prece ou invocação da Deusa.

ALGUMAS INTERPRETAÇÕES DOS SÍMBOLOS DE ÍSIS NOS ARCANOS MAIORES

Para esta introdução a uma possível interpretação dos símbolos de Ísis no tarô, referi-me ao clássico baralho Waite, do qual muitos baralhos modernos derivaram. Embora alguns leitores de tarô discordem completamente das representações das forças associadas a cada carta no baralho Waite, os desenhos perpetuam o espírito dos baralhos mais antigos. A artista executora do baralho, Pamela Coleman Smith, propiciou versões simples que não interferem nas interpretações, como o fazem algumas cartas modernas.

Praticamente qualquer baralho pode ser usado para a leitura através da interpretação dos símbolos de Ísis.

0 — O Louco


O Louco

Essa carta, que mostra uma alma inocente andando alegremente na borda de um alto penhasco, acompanhada ou alertada por seu fiel cachorro, pode indicar as viagens astrais guiadas por Anúbis, o deus com cabeça de chacal/cão e guia da alma.

"Dar uma de louco" ou "agir como um burro" também pode evocar imagens do romance de Apuleius, no qual o herói, transformado por magia negra em um burro, encontra salvação e renascimento pela graça de Ísis.

O louco também pode representar a alma recém-purificada e iniciada que passou pelas provações dos mistérios sagrados e está pronta para seguir, sem medo, qualquer caminho que Ísis tenha determinado para ela, confiante na orientação que Ela garantirá.



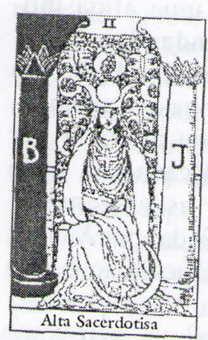
O Mago

1 — O Mago

Atrás de um altar quadrado que teria se encaixado perfeitamente em muitos altares de Ísis, um sacerdote vestindo um manto prepara-se para um rito. Sua sabedoria é dinâmica, mas ainda não solidificada. A figura pode indicar alguém que agirá como um iniciador em mistérios mais profundos.

O Mago representa o clero funcional, em vez do burocrático, dos templos. Seu trabalho, embora ritualizado, ainda não está muito distante das conjurações enlevadas de um xamã.

Essa carta também pode representar um ativo ou potencial Sacerdote de Ísis. Junto com a Alta Sacerdotisa, ou qualquer uma das outras cartas com imagens da Deusa, ela pode indicar um trabalho ou um relacionamento de magia.



Alta Sacerdotisa

2 — A Alta Sacerdotisa

Em alguns dos primeiros baralhos essa carta era denominada Ísis, e em muitos baralhos a simbologia da figura da mulher é claramente ligada a Ísis. A iconografia geral é a de uma mulher sentada entre dois pilares à frente de um tecido com romãs cortados. Esse tecido pode esconder uma estátua ou um espaço vazio, ambos simbolizavam a Deusa nos templos antigos. Um penteado em forma de lua crescente e disco coroam a sacerdotisa, e uma lua crescente é molhada pelas dobras aquosas de seu manto. Um pergaminho quase escondido fala de mistérios mais distantes a serem revelados.

Essa carta pode indicar a Deusa ou uma de Suas sacerdotisas, e é sempre uma boa indicação de que há um trabalho sagrado envolvido na questão sobre qual versa a leitura, embora isso possa não ser óbvio. A carta pode, também, agir como um "despertador". Se você se sentiu distante da Deusa, ela pode aparecer para chamar-lhe de volta ao período de "serviço no templo", e é freqüentemente seguida por uma variedade de pequenas tarefas místicas que chegam até você para serem realizadas.

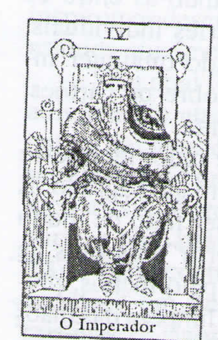


A Imperatriz

3 — A Imperatriz

A carta tem fortes associações com Ísis como a Deusa do Grão, através do campo de trigo crescendo aos pés da Imperatriz. Como o trono era o próprio emblema de Ísis nos hieróglifos originais egípcios, a representação de qualquer figura sentada em um trono indicará que esta recebe o apoio da essência de Ísis. O escudo em forma de coração se junta à imagem da Imperatriz em interpretações de Ísis como esposa e mãe amorosa.

A Imperatriz pode significar um tipo ou período diferente de sacerdócio, que presta serviços no ambiente familiar e não do templo. Dion Fortune chamou-o de "o caminho de fogo do lar". Esse caminho contém sua própria magia dinâmica e vital, e a figura em repouso da Imperatriz contém uma grande reserva de poder forte e fértil.

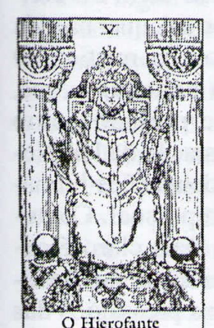


O Imperador

4 — O Imperador

O Imperador, sério e determinado, pode representar Osíris ou Serápis em seu papel como rei. As cartas da Imperatriz e do Imperador formam um casal terreno, em contrapartida ao casal místico formado pelo Mago e pela Alta Sacerdotisa. Em certo sentido, um casal opera dentro do templo e o outro atua com o mundo.

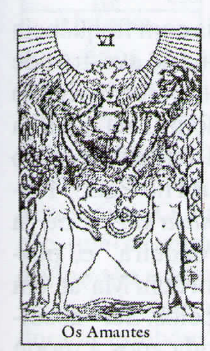
A presença do Imperador em uma leitura pode indicar uma influência de Osíris sobre os assuntos em questão, particularmente se ele se refere à autoridade divina ou ao "Desejo de Deus".


O Hierofante

5 — O Hierofante

Embora pareça uma carta fortemente cristã, o Hierofante se originou da simbologia de Ísis. A coroa do Alto Pontífice das duas religiões deriva da coroa dupla do antigo Egito. A associação do Hierofante com o templo da Alta Sacerdotisa é indicada pelo seu semelhante posicionamento entre dois pilares. Sacerdotes de menor importância estão a seus pés, e suas coroas se assemelham aos sacerdotes calvos de Ísis. O rosto, comparado ao da Alta Sacerdotisa, mostra que ele pode ser seu irmão, o que nos faz relembrar do casamento sagrado entre os irmãos Ísis e Osíris.

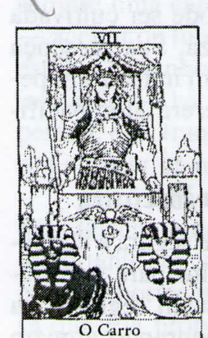
O ritualismo é importante para o Hierofante; a burocracia do templo está em suas mãos e pode afastá-lo das enlevadas alturas místicas alcançadas pelo mago — ou pode ser que ela já tenha experimentado o suficiente delas e retirou-se para guiar o templo em questões mais materiais. Sua presença em uma leitura pode indicar tanto a falta quanto o excesso de atenção aos detalhes do ritual. Ele também pode representar um sacerdote superior ou um professor místico, embora muito exigente.


Os Amantes

6 — Os Amantes

Abençoados por um anjo alado faiscante, os amantes primordiais parecem perplexos, um sentimento constantemente compartilhado por seus colegas modernos. Se o amor e o sexo são sagrados, seculares ou pecaminosos é uma questão que não tem apenas uma resposta. O culto a Ísis pode requerer períodos de castidade e abstinência, bem como momentos de romântica e apaixonada sexualidade. Nenhum deles é automaticamente exigido ou condenado por Ela.

Essa carta pode ser um aviso de um intenso relacionamento místico integrando as duas forças independentes — masculina e feminina. Os amantes representados podem não ser Adão e Eva, mas Ísis e Osíris na forma humana. Alguns baralhos mais antigos mostram uma segunda figura de mulher, Lilith, representando a tentação de uma união extraconjugal, como se fosse um eco das ações de Néftis, que seduziu Osíris ilicitamente devido a seu genuíno amor por ele.


O Carro

7 — O Carro

Embora a maioria dos baralhos antigos apresente cavalos em vez de esfinges puxando o carro, antigas moedas com a imagem de Ísis algumas vezes A representavam conduzindo uma carruagem puxada por esfinges — uma imagem que deve ter sido familiar para Waite e Smith quando eles desenharam as figuras do baralho. A lua crescente e as estrelas nos fazem lembrar Ísis, embora a figura na carta seja masculina. Carruagens muito parecidas com a imagem da carta eram usadas em procissões sagradas de Ísis e foram as precursoras dos flutuadores usados em procissões modernas.

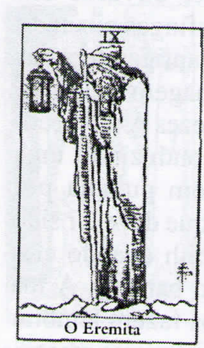
A presença dessa carta geralmente indica um período em que forças opostas são reunidas com sucesso para se mover em uma harmonia dinâmica. Por causa de sua associação com as procissões nos festivais, ela também pode agir como lembrança de uma celebração que precisa ser realizada.


A Força

8 — A Força

O aspecto conquistador de Ísis foi representado pela imagem da Deusa segurando um hipopótamo acorrentado, em uma alusão a Set, derrotado e controlado. Embora Ísis tivesse o poder e o direito de executar Set, em decorrência do assassinato de Osíris e do ataque contra Hórus, Ela decide ser misericordiosa. Um conceito similar é apresentado aqui pela imagem da Deusa coroada com o símbolo do infinito, fechando as presas do leão.

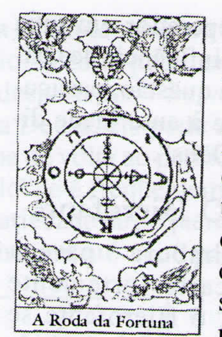
É uma carta muito positiva, lembrando-nos que a força de Ísis está disponível para que a usemos quando necessário, e que essa mesma força pode ser cultivada em nossa própria natureza. Sua presença numa leitura pode também indicar um período à frente que requererá atos pacíficos, mas firmes.


O Eremita

9 — O Eremita

Ele segura a lâmpada no alto para que outros possam segui-lo ou está procurando alguém ou alguma coisa? A figura solitária buscando algo na escuridão tem fortes associações com a Ísis que Busca, vestindo um manto negro, vagando pelo Egito em busca das partes do corpo de Osíris espalhadas pelo país, de modo que possa restaurá-lo e garantir sua imortalidade.

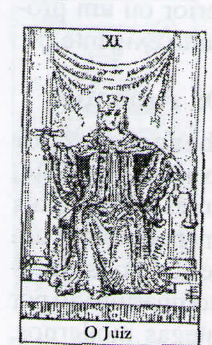
Muitas vezes o sacerdote e a sacerdotisa podem entender ser necessário voltar-se para dentro de si e recarregar suas baterias espirituais, alcançando uma nova visão de si mesmo e de sua fé. Essa carta pode sugerir que a busca solitária e silenciosa é necessária para restaurar o equilíbrio interno, obtendo novas perspectivas em questões difíceis.


A Roda da Fortuna

10 — A Roda da Fortuna

Essa é a carta do Destino, das situações que estão além do controle normal, quer na vida diária ou na mística. O destino pode, às vezes, ser interpretado como manifestação da Ísis Negra, que lida com as preocupações humanas de um modo muito impessoal. Contudo, Ísis em Seu aspecto mais claro é conhecida como A Deusa Acima do Destino, que pode reescrever os presságios das estrelas se for conveniente para Ela. Estátuas eram freqüentemente dedicadas a Ísis-Fortuna ou Ísis-Tyche. Parte do grande encanto por Ísis no mundo greco-romano se deveu à sua reputação como a única Deusa que podia vencer o Destino.

Ísis também governa os ciclos e as marés, ambos simbolizados na carta pela Roda. Na versão de Waite, um tipo de animal Set aproxima-se do topo da Roda para o seu momento. Ele, como todos os seres vivos, ascenderá e cairá repetidamente. Mas a roda não está apenas rodando e rodando — ela move-se para a frente. Não estamos presos em ciclos repetidos, mas sempre indo para novas espirais. Essas espirais podem ter alguma semelhança com rotações anteriores, mas na verdade estamos escrevendo uma parte totalmente nova do padrão.


O Juiz

11 — O Juiz

Ísis com freqüência usa a pena de avestruz de Ma'at, a personificação do princípio da justiça que era cultuada como uma deusa no Egito. Tornar-se *ma-a kheru*, ou "a voz verdadeira" e, portanto, um com Ma'at, era o objetivo de todos os egípcios. Ser "absolvido" significava que a vida após a morte

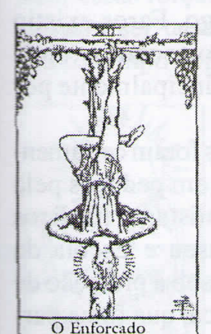
seria prazerosa e com harmonia, enquanto aqueles cujas ações fossem "condenadas" sofreriam grandes tormentos.

Ísis em raros momentos aplica a justiça cegamente, embora Ela possa ser uma Deusa vingativa se for traída deliberada ou frivolamente. Como vimos anteriormente, Ísis não executou Seu irmão Set, embora tivesse o direito de fazê-lo, mesmo em meio à batalha entre ele e Hórus. (Acreditava-se que Hórus, mais temperamental do que Ísis, teria cortado Sua cabeça em um gesto de raiva por Ela ter sido misericordiosa com Set — o pior inimigo de Hórus. Thoth restaurou a cabeça de Ísis).

A natureza sagrada da justiça verdadeira é demonstrada pela figura sentada entre os pilares do templo, também presentes nas cartas da Alta Sacerdotisa e do Hierofante. A coroa, semelhante às muralhas de uma cidade, era usada por muitas deusas nos tempos antigos, incluindo Ísis em algumas representações.

A presença dessa carta indica a necessidade de equilíbrio entre os pensamentos e as ações. Pode indicar que há carma a ser pago, de uma vida passada ou, mais freqüentemente, da vida atual.

12 — O Enforcado


O Enforcado

Essa carta simboliza os mitos dos deuses e deusas que morreram e ressuscitaram, particularmente aqueles que morreram dependurados, como Odin, Inanna, Jesus e Osíris, cujo corpo foi preso dentro de uma árvore, após seu assassinato por Set. Geralmente, é uma carta de submissão a outras forças, responsabilidades ou compromissos, e pode indicar que uma ação para o bem comum, em vez de gratificação pessoal, é necessária. O auto-sacrifício e a iluminação que se seguem após a submissão ao divino são o tema principal dessa carta.

A árvore na qual a figura está pendurada também pode representar o pilar Djed de Osíris e nos traz à mente o pilar-árvore onde o caixão de Osíris foi sepultado, em Biblos.

13 — A Morte


A Morte

A carta Morte é perturbante sempre que aparece. Embora qualquer leitor de tarô experiente saiba que ela em raríssimas ocasiões, ou nunca, preveja a verdadeira morte física, a severa imagem medieval do esqueleto dentro da armadura é difícil de ser ignorada ou explicada de modo animador — como, na verdade, deveria ser.

A Morte pode sinalizar profundas mudanças que alterarão uma existência. É sempre uma carta que exige uma decisão — aceitar ou lutar contra as mudanças que estão a caminho. Também é uma carta de iniciação — há muito procurada ou inesperada, e da transcendência da Morte para se entender os mistérios sagrados.

Ísis é uma deusa do submundo e também terrena e cósmica. Sua presença era importante em muitos dos ritos conduzidos para os mortos no Egito antigo e acredita-se que Ela própria inventou a técnica do embalsamento, com a ajuda de Anúbis, o deus com a máscara de chacal/cão que, segundo a crença, era o filho ilegítimo de Osíris e Néftis.

14 — Temperança


Temperança

Um anjo alado despeja água entre duas vasilhas, em um gesto que nos faz lembrar os ritos de purificação representados nos templos egípcios. Nessas imagens, dois deuses, geralmente Anúbis e Hórus ou Thoth, despejam dois jatos de água em um arco duplo ao redor da pessoa que está sendo purificada, geralmente o morto ou o faraó.

A imagem dos anjos como seres alados pode ter derivado, pelos menos em parte, das muitas representações de Ísis como uma deusa alada, dobrando Suas asas de modo protetor em volta das estátuas dos faraós ou usando-as para soprar o ar que dá vida a Osíris. A conservadora e religiosa família de uma sacerdotisa de Ísis interpreta suas jóias com símbolos da Deusa como representações de anjos da guarda, embora saiba que a sacerdotisa em questão lhes atribua outro significado. Esse acordo pacífico provavelmente agrada tanto à Deusa quanto aos anjos.

A carta Temperança é também relacionada ao conceito da polaridade masculino-feminino e à ação de forças opostas. É importante lembrar que o objetivo final da Temperança não é um equilíbrio estagnado, mas uma dinâmica alteração de forças controladas, mas não destruídas.


O Diabo

15 — O Diabo

A personificação do mal, que permite que o lado escuro de todas as divindades seja separado e suprimido com segurança pelos devotos humanos, sempre apresenta dificuldades, não importando qual seja a fé da pessoa. Embora seja tentador estabelecer uma correspondência instantânea entre o Diabo, especialmente sob o nome de Satã, e Set, o irmão "maligno" de Osíris, isso não é sempre preciso. O papel de Set como o Opositor é mais recente, e os textos mais antigos parecem indicar que Osíris morreu afogado em um acidente, e não vítima de homicídio.

Houve disputas políticas entre os seguidores de Set e de Hórus. Entretanto, embora algumas dessas disputas tenham sido sangrentas, elas não podem ser consideradas batalhas espirituais em sentido real. Como sinal de unidade em tempos posteriores, uma única imagem de deus era ocasionalmente representada com duas cabeças — Set e Hórus — e alguns nomes da realeza refletem a mesma aceitação da deusa com duas naturezas.

Essa carta carrega consigo um aviso sobre controvérsias e discussões, e problemas causados pela nossa ligação voluntária com forças que não nos são benéficas. Pode também ser um alerta contra arrogância e orgulho.



A Torre

16 — A Torre

É uma carta de "iluminação do Paraíso", mudanças repentinas destruindo métodos antigos. É tentador associar essa carta a Alexandria, uma cidade sagrada de Ísis, e principalmente ao farol Faros. O farol era o maior de seu tipo, com um sinalizador luminoso tão alto que seus críticos temiam que os capitães confundissem o sinal com uma estrela e errassem a rota, em vez de serem guiados à segurança do porto de Alexandria. Uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo, Faros existiu por aproximadamente oitocentos anos antes de ser destruído, principalmente por um terremoto.

Muitas idéias antigas foram certamente recusadas e quebradas em pedaços pela exaustiva busca dos cientistas e médicos que trabalhavam no Museu e Escola de Medicina de Alexandria, sob a proteção de Serápis e Ísis. A Biblioteca, que tinha parte localizada no Serapeum, se orgulhava do fato de que centenas de milhares de livros haviam sobrevivido a mais de um incêndio. Os estudiosos ainda debatem se a Biblioteca foi finalmente destruída durante o desenvolvimento das crenças contrárias aos pontos de vista pagãos ou se os volumes foram vendidos ou espalhados pelo mundo árabe quando a Biblioteca decaiu por negligência.

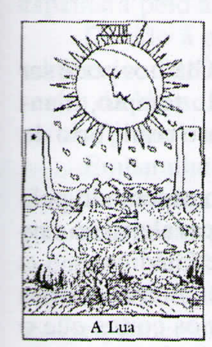


A Estrela

17 — A Estrela

Uma estrela de oito pontas, o símbolo sagrado de Ishtar, nasce atrás de uma deusa nua, que inunda a terra, despejando água sobre água. A estrela pode ser Sothis, também conhecida como Sírius; a deusa pode ser Ísis, a grande deusa que frutifica e causa a cheia do Nilo quando Sírius nasce novamente após um longo período de ausência. Um pássaro olha para nós, de uma árvore atrás da deusa. Talvez seja Tahuti, deus da sabedoria, em sua forma de íbis; ou talvez seja o Bennu, o símbolo, semelhante ao fênix, da ressurreição de Osíris.

A Estrela brilha intensamente e é um bom sinal de sucesso em um empreendimento. A abundante umidade aponta na direção de oportunidades presentes para crescimento: espere muito e o fluxo passará, a maré terá mudado. Mas a própria abundância da umidade que dá vida nos lembra da necessidade de guardar e canalizar essas forças férteis de modo que elas possam ser usadas com eficácia, mesmo muito tempo depois que a cheia terminar.



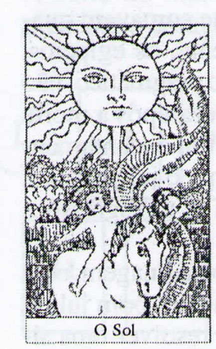
A Lua

18 — A Lua

São muitas as associações de Ísis com a lua. O simples ato de olhar para a lua nos ensinará muitos desses conceitos sem que precisemos recorrer aos livros. Ísis, em muitos sentidos, é a lua, principalmente em Seu papel de senhora das marés e dos sonhos. Os Portões da Terra da Lua estão algumas vezes presentes nas visões daqueles que procuram Ísis.

A carta da Lua significa que há um trabalho místico ao seu alcance. Como as influências da lua podem ser amorfas e efêmeras, é fácil se confundir sobre nossas próprias necessidades e motivações, e mais ainda sobre as de outras pessoas. Ao mesmo tempo há uma qualidade brilhantemente elucidativa na luz fria da lua cheia, que pode ser revigorante e inspiradora.

Como a lua é visível para nós devido à interação de sua superfície refletiva e da luz refletida do sol, essa carta também pode indicar qualquer situação que requeira dualidade de funcionamento. Pode ser o delicado relacionamento entre amantes, colegas de trabalho ou membros da família. Sua presença pode ainda ser indicativa de períodos de intensas emoções que exigirão cuidados para evitar discórdia.



O Sol

19 — O Sol

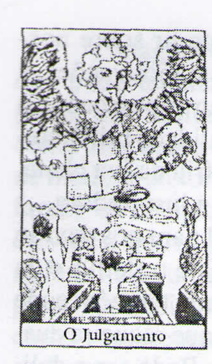
A carta do Sol no baralho Waite mostra um dourado filho do sol em um cavalo branco. A presença do cavalo pode ser um trocadilho, no estilo egípcio, com o nome da criança solar Hórus*.

Como uma poderosa deusa do Sol, Ísis em Seu aspecto mais radiante está simbolizada nessa carta.

Em uma leitura, a luz quente do Sol é uma influência positiva em quase todas as situações, e como carta de "resultado" geralmente indica uma conclusão muito positiva de qualquer situação. Em seu sentido mais simples, o Sol é uma carta de energia e poder positivos.

Se você não está familiarizado com o dinamismo místico das influências solares, pratique o Rito Diário do Meio-Dia para Ísis para entender melhor essa variedade de potência espiritual.

* N. da Trad.: Em inglês, as palavras Horus e "horse" (cavalo) têm pronúncia parecida.


O Julgamento

20 — O Julgamento

Mais uma vez aparece um anjo (veja o n. 14 — "Temperança"), desta vez para chamar os mortos de suas tumbas. A nota principal do Julgamento é o acerto de contas. Os egípcios acreditavam que na vida após a morte enfrentariam um tipo de julgamento em que seriam obrigados a proferir a "Confissão Negativa", afirmando que, durante a vida, não tinham roubado, maltratado viúvas ou órfãos, etc. Havia uma variedade de "Confissões Negativas" que geralmente somavam quarenta e duas. Aparentemente, os egípcios, que sempre foram um povo pragmático, não estavam certos de sua pureza após a morte e também contavam com um encantamento para impedir que, durante o julgamento, seus corações admitissem as transgressões cometidas!

Se a interpretarmos pela imagem, essa carta pode ser aviso de que um bom julgamento será essencial para resolver uma situação. Pode, ainda, indicar que surgirá uma situação em que os envolvidos serão julgados ou chamados para explicar ações passadas, associações ou crenças.


O Mundo

21 — O Mundo

Ísis dança para manter o mundo em movimento. É uma jubilante carta de celebração. Embora ainda esteja parcialmente encoberta, lembrando-nos de que Ísis sempre tem segredos ainda maiores a revelar, a deusa nua está alegre. Essa é uma carta da Hilária, a Descoberta de Osíris e a reunião entre o Deus e a Deusa.

O Mundo é uma carta excelente para receber como um sinal de resultado, porque indica que o consulente terá, literalmente, "o mundo nas mãos". O círculo ao redor da Deusa nos faz lembrar da Roda da Fortuna, girando do modo mais positivo possível.

Ísis nos Arcanos Menores

Ísis está presente em muitos lugares entre os Arcanos Menores. Como uma rainha, ela pode ser identificada com As Rainhas, particularmente a de Taças, e concede o trono para todos os Reis.

Os Cavaleiros e Mensageiros podem ser considerados como representações de vários aspectos de Ísis, Hórus e Osíris ressuscitado ou vivo. Principalmente as cartas dos Cavaleiros e Mensageiros dos Bastões têm ao fundo um cenário egípcio ou colinas semelhantes a pirâmides.

As forças não diluídas dos ases nos lembram o poder de Ísis como a Senhora dos Elementos.

Pentáculo: A estrela de cinco pontas era sagrada para Ísis e formava um elemento de Seu nome como Ísis-Sothis. Em forma circular, ela formava o antigo símbolo egípcio do Duat, ou Submundo. Aqui, o naipe do pentáculo é identificado com a Terra.

O Nove de Pentáculo é uma forte carta da Deusa, completada com o falcão de Ísis.

Gládios: O Dois de Gládios pode ser a Alta Sacerdotisa fora do templo, mantendo o delicado e perigoso equilíbrio do cosmos.

Osíris pode ser visto esperando pela ressurreição na figura do cavaleiro no sarcófago na carta Quatro de Gládios.

O Oito de Gládios relembra a traição de Osíris por Set e os vários cortes que o esquartejaram, e o Nove de Gládios pode se referir ao aprisionamento de Ísis após a morte de Osíris.

Taças: O Dois de Taças, com o caduceu entre os amantes, sugere a magia sagrada do amor e de todas as uniões iluminadas e divinas, como a de Ísis e Osíris.

O Sete de Taças oferece muitas escolhas, mas a iluminação está em escolher a Deusa Velada, Ísis, elevando-se do cálice central.

Bastões: Como um símbolo das coisas verdes que crescem, os Bastões se associam a Ísis como uma deusa da fertilidade, crescimento e aumento. Ísis freqüentemente carrega bastões, seja o de lótus da beleza ou o cetro da dominação com cabeça de Set. O Ás de Bastões pode simbolizar a ressurreição de Osíris, o "Deus Verde".

A LEITURA DA LÓTUS

Uma popular metáfora mística compara um verdadeiro iniciado a uma lótus. A lótus tem as raízes na lama, é alimentada pelo material decomposto na escuridão. Mas ela floresce cegamente. Com fé em uma luz que mal pode ver, ela envia um caule verde que atravessa as águas escuras até chegar à superfície, elevando-se para a luz e para o ar. Suas folhas podem flutuar na água, entre os mundos da luz e das trevas, úmido e seco, alimentando o botão que se abrirá em breve, como um pequeno e vívido sol, cuja fragrância se espalhará pelo ar ao seu redor.

Devido à associação entre a lótus e o iniciado, esse esquema de tarô usa o desenho da lótus. Esse padrão é muito bom para as primeiras leituras místicas.

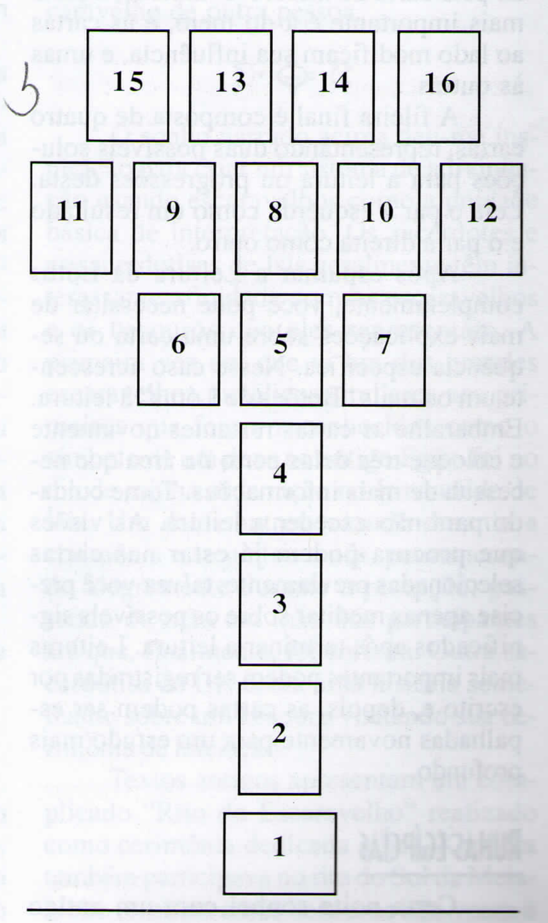
Embaralhe completamente as cartas. Espalhe-as uma de cada vez com a face para cima, começando com uma única carta como a "raiz" da lótus. Essa carta representa as influências básicas sobre o presente. Freqüentemente é uma carta que mostra acontecimentos passados, quer de nossa infância ou de outras vidas.

A próxima carta, que dá início ao "caule" da lótus, mostra mais elementos do presente, especialmente seu lugar nele. Às vezes, essa posição pode ser encoberta pela carta representando uma pessoa muito próxima a você ou que exerce forte influência em sua vida.

A terceira carta reflete seu ambiente atual. Pode ser o local de trabalho, a casa ou seu ambiente mental interno.

A quarta carta, a última do caule, mostra o início da culminação dessas influências. Essa será a situação que começa a se apresentar se nada for feito para mudá-la.

Depois, espalhe três cartas no topo do "caule", colocando em primeiro lugar a carta central da tríade. Isso forma a base da lótus e geralmente representará duas forças opostas (mas não necessariamente oponentes) agindo em um futuro próximo. A carta do meio é a "carta-chave" e representa o coração do futuro próximo que



Padrão lótus para a leitura das cartas de tarô.

as cartas ao lado modificam. Por exemplo, se a carta-chave era a Alta Sacerdotisa, você pode prever muitas oportunidades de trabalho místico em futuro próximo. Se uma das cartas ao lado for a Lua, ela estará reforçando a carta-chave, porque a Lua e a Alta Sacerdotisa têm uma afinidade natural; pode esperar por um período de acentuadas experiências psíquicas. Entretanto, se uma dessas cartas for o Cinco de Bastões, que representa discussões, pode prever que, ao focar em seu trabalho místico, pode ter problemas com as pessoas que trabalham ou vivem com você.

A próxima fileira consiste em cinco cartas e expande o futuro próximo em mais detalhes. Espalhe as cartas como indicado no diagrama da página anterior, começando pela carta do meio. Novamente, a carta mais importante é a do meio, e as cartas ao lado modificam sua influência, e umas às outras.

A fileira final é composta de quatro cartas, representando duas possíveis soluções para a leitura ou progressões desta. Leia o par à esquerda como um resultado e o par à direita como outro.

Após espalhar a Leitura da Lótus completamente, você pode necessitar de mais explicações sobre uma carta ou seqüência específica. Nesse caso acrescente um ou mais "Botões de Lótus" à leitura. Embaralhe as cartas restantes novamente e coloque três delas perto da área que necessita de mais informações. Tome cuidado para não exceder a leitura. As visões que procura podem já estar nas cartas selecionadas previamente; talvez você precise apenas meditar sobre os possíveis significados após terminar a leitura. Leituras mais importantes podem ser registradas por escrito e, depois, as cartas podem ser espalhadas novamente para um estudo mais profundo.

RUNAS EGÍPCIAS

Certa noite sonhei com um antigo templo. Relato, a seguir, o sonho, com pequenas modificações sem importância para tornar a narrativa mais fluente. Talvez por memória, ou fantasia, a adivinhação através de uma rede com escaravelhos parece-me verdadeira, talvez seja para você também.

Logo além das sombras das palmeiras, as areias do deserto brilhavam sob a luz cheia. Era o cair da noite e o templo estava lotado. Uma brisa fria se erguia do Nilo. Havia música e homens e mulheres jovens que estudavam no templo e desfrutavam de uma rara noite de cautelosa liberdade. Vinho doce fora permitido como uma indulgência especial; os músicos tocavam harpas, flautas e tambores.

Uma jovem sacerdotisa viu um rapaz de quem gostava. Ele não era do templo, mas um convidado estrangeiro que se reunira ao festival secular e parecia sentir o mesmo pela moça, pelo modo como sorria para ela. Mas ela era uma sacerdotisa e ainda tinha de buscar os níveis mais altos. Casar-se com um estrangeiro que cultuava deuses diferentes e a levaria para um local distante — o que aconteceria com ela e sua fé? Ela afastou-se dele mas virou-se para observá-lo com as pálpebras semicerradas. O rapaz ainda sorria para ela, pensando que fosse tímida; seus estranhos olhos pálidos brilhavam em contraste com a face bronzeada.

Uma das sacerdotisas mais velhas, com idade tão avançada que seus cabelos tornaram-se brancos — e ela se recusava a tingi-los —, aproximou-se. Ela era a instrutora mais rígida e exigente do templo e era óbvio o esforço que representava para ela ser inflexível em suas incumbências. A jovem sacerdotisa tremeu. Ela estava imaginando ou a alta sacerdotisa estava olhando em sua direção? Olhou novamente para o rapaz. Ele também sentira o frio olhar da alta sacerdotisa.

A jovem suspirou. Bem, acabou. Nenhum rapaz teria a coragem de opor-se à alta sacerdotisa apenas para namorar. Mais uma vez olhou para o rapaz para confirmar sua falta de coragem. Ele pis-

cou para a moça e seu coração bateu mais rápido.

A sacerdotisa mais velha voltara sua atenção para outros assuntos. Nas mãos, ela segurava uma rede finamente tecida repleta de pequenos escaravelhos de diferentes tamanhos, cores e formas. Alguns eram escaravelhos comuns; outros tinham cabeças de animais ou deuses, e alguns tinham cabeças humanas.

"Aproximem-se e sentem-se, todos", ela disse. "Está na hora de ver o futuro nas asas dos escaravelhos sagrados. Honramos Khepera, avô de Ísis e Osíris, preso nesta rede, mas que será libertado em breve. Quando os escaravelhos caírem, peguem um ou agarrem aquele que os tocar ou cair perto de vocês, porque este será o seu futuro. Tragam o escaravelho para mim e eu o lerei para vocês."

A alta sacerdotisa começou a girar a rede contendo os escaravelhos para a frente e para trás repetidamente. Por fim, ela ergueu a rede, girando-a cada vez mais rápido, até formar um arco sobre a cabeça. De repente, ela soltou um dos lados e os escaravelhos se espalharam pela sala, caindo por todos os lados sobre o chão de pedra. O estrangeiro, saltando para pegar um escaravelho, deixou-o escapar e atingir o ombro da jovem sacerdotisa. O escaravelho desapareceu em seu manto. Ele esticou os braços para apanhá-lo e segurou os ombros da moça por um tempo suficiente para beijá-la no meio da confusão; na base da espinha ela pôde sentir o volume do escaravelho perdido por um instante, antes que a alta sacerdotisa se aproximasse.

"O que vocês estão fazendo?", ela exigiu saber.

"O escaravelho dele..."

"... caiu dentro do manto dela."

"Então levante-se e deixe-o cair!"

A jovem obedeceu. O escaravelho escorregou pelo manto e caiu ao chão. "Pegue-o!", ordenou a alta sacerdotisa ao rapaz. Ele se curvou, sorrindo, e pegou o escaravelho:

"Onde está o seu?", ela perguntou à jovem.

"Este foi o único em que eu toquei."

A sacerdotisa mais velha pegou o escaravelho das mãos do rapaz. "É apenas um para vocês dois, então?" Ela franziu a testa, aborrecida, e virou o escaravelho vermelho para ler a inscrição na parte de trás. Ela leu mais de uma vez, então suspirou resignada, olhando para os jovens. "A União de Ísis e Osíris", ela pronunciou finalmente. "Geralmente, prevê um casamento. Seja como for — nunca conseguimos nos lembrar de todas as palavras das invocações!" A jovem sacerdotisa e seu novo amor sorriram enquanto a alta sacerdotisa lhes devolveu o escaravelho e os dispensou, afastando-se para interpretar o escaravelho de outra pessoa.

O sonho narrado acima deu-me inspiração para criar um sistema de adivinhação usando escaravelhos como a unidade básica de interpretação. Os sacerdotes e as sacerdotisas de Ísis geralmente têm interessante afinidade com os escaravelhos e os besouros que eles representam. A primeira vez em que vi um dos grandes escaravelhos metálicos similares aos primeiros que foram reconhecidos como o símbolo de um deus no antigo Egito foi no dia de minha ordenação no Irmandade de Ísis. Um deles entrou voando durante a cerimônia e se juntou a nós, permanecendo alegremente durante a recepção, passando de mão em mão dos participantes até que, finalmente, foi embora. Outra sacerdotisa de Ísis conta uma história semelhante sobre um besouro visitando sua cerimônia de iniciação.

Textos antigos apresentam um complicado "Rito do Escaravelho" realizado como cerimônia dedicada a Ísis. Khepera também participava no rito do Sol da Meia-Noite (embora esses besouros não voem à noite).

Atualmente, não há runas de escaravelhos disponíveis para serem adquiridas. Você terá de fazer as suas ou modificar as já existentes. Isso lhe dará a oportunidade de personalizar o sistema e torná-lo especial para você. Se sentir particularmente atraído por um símbolo, objeto ou divindade do antigo Egito, diferente dos descritos abaixo, descubra um significado de adivinhação apropriado para ele e inclua-o no sistema. A quantidade de escaravelhos não é limitada; você pode reduzir ou limitá-la. Em um "jogo para grupos", como o sonho descreve, vários conjuntos de escaravelhos podem ser misturados dentro da rede, mas certifique-se de que são feitos de um material resistente se pretende jogá-los com força. Certifique-se, também, de que seus convidados são feitos de um material tão resistente quanto o dos escaravelhos!

ADIVINHAÇÃO COM ESCARAVELHOS

Reúna ou faça certa quantidade de escaravelhos com aproximadamente o mesmo tamanho (embora não precisem ser da mesma cor ou material). Pinte ou inscreva um símbolo na parte de trás de cada um. Você pode, ainda, desenhar os símbolos em papel, cortar e colá-los na parte plana do escaravelho.

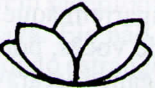
Consiga uma rede para colocar os escaravelhos. Ela deve ter malhas pequenas de modo que os besouros não caiam. Uma echarpe ou cachecol tecido frouxamente também podem ser usados.

Quando estiver pronto para começar, sente-se no chão, pegue a rede com os escaravelhos e gire-a rapidamente formando um pequeno circulo à sua frente. Solte um lado da rede e, quando os escaravelhos caírem, pegue aquele que estiver mais próximo. Se um deles rebater e tocar em você, escolha este. O escaravelho responderá às perguntas mais simples e será a base para uma leitura mais elaborada, se necessário. Às vezes, deixo todos caírem, escolho aleatoriamente dois ou três o mais rápido possível, e interpreto-os.

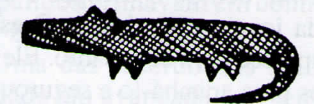
Não há interpretações "invertidas" de escaravelhos, como acontece algumas vezes com as cartas do tarô. As qualidades positivas e negativas de quaisquer forças estão sempre presentes em diferentes níveis. É bom lembrar-se disso durante a leitura, não importando o quão negativa ou positiva ela possa parecer superficialmente.

Sugiro, a seguir, alguns símbolos e significados para os escaravelhos. Sinta-se à vontade para mudá-los se desejar. Os símbolos abaixo também podem ser usados na adivinhação com as tiras das folhas de palmeira.

Símbolos sugeridos



A lótus: desenvolvimento espiritual, amor, beleza, resolução pacífica de dificuldades. Um bom período para meditação e estudo. Em leituras relacionadas à saúde significa um resultado positivo, principalmente quando uma nova percepção sobre a saúde é criada, porque, então, "a lótus é cuidada com atenção". Em leituras envolvendo romances, apresenta um resultado positivo indicando felicidade duradoura.

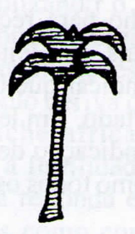


O crocodilo: forças perigosas ou difíceis de serem controladas. Infortúnios ou acidentes inesperados. Forças que não podem ser vistas e que estão além do controle casual.

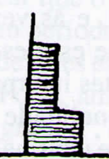
O aparecimento de novos indivíduos na vida de uma pessoa, com resultados negativos ou difíceis. Em uma leitura relacionada à saúde, pode significar a necessidade de medidas de intervenção fortes ou repentinas. Pode também indicar que uma pessoa que você nunca notou antes estará emergindo repentinamente em sua consciência, como um crocodilo emergindo da água.

Fique alerta e faça trabalhos de adivinhação com freqüência para prevenir dificuldades.

Contudo, se o consulente estiver em ressonância com a divindade Sobek, um consorte de Ísis em Soknaipu Nesos, esse escaravelho pode ser interpretado como uma presença positiva da força do deus, bem adaptada ao ambiente que o cerca e capaz de uma forte defesa em vez de um ataque predatório.

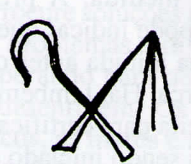


A palmeira: o oásis sagrado de palmeiras de Osíris oferecia santuário, repouso e água fresca para os habitantes e viajantes do deserto. Esse escaravelho pode representar viagens e férias. É um escaravelho de frutificação e abundância. Contudo, pode também indicar isolamento, porque os oásis distantes eram algumas vezes usados como locais de exílio, longe dos ricos mundos das cidades às margens do Nilo. Em leituras referentes à saúde pode representar convalescença ou necessidade de repouso. Em leituras relacionadas ao amor, ele geralmente denota solidão, mas pode também alertar para a necessidade de se afastar do mundo juntamente com a pessoa amada.



Ísis: o penteado em forma de trono de Ísis é um escaravelho poderoso e positivo para as pessoas que estão em sintonia com Ela. Se aparecer como resposta a uma pergunta, geralmente denota um resultado positivo. Para os seguidores de Ísis, pode, ainda, significar a necessidade de sair do caminho da Deusa e deixá-La criar as soluções que Ela deseja para você.

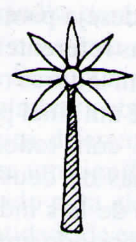
Em leituras referentes à saúde, é um sinal de cura. Em leituras relacionadas ao amor, também é um sinal positivo. Assim como acontece com todos os escaravelhos com formas de deuses, a presença do escaravelho de Ísis indica que o consulente está cumprindo uma parte do mito da Deusa.



Osíris: a presença do escaravelho de Osíris revela intuição e preocupações não físicas. Se aparecer após uma pergunta, ele pode indicar que a resposta ainda não foi decidida, é incognoscível ou ainda não é o momento de ser revelada. Em leituras relacionadas à saúde, geralmente indica que repouso e convalescença são necessários e que a recuperação pode ser lenta. Em leituras referentes ao amor, é um sinal positivo. Novamente, a presença de um escaravelho em forma de deus pode indicar que o consulente está cumprindo ou interagindo com uma das partes do ciclo do mito de Osíris.

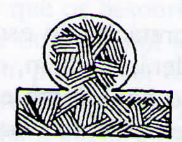
A interpretação do escaravelho de Osíris dependerá, também, do relacionamento entre o consulente e os diversos aspectos do deus. Como a maioria das inscrições remanescentes se concentra nos importantes aspectos funerários e iniciadores de Osíris, a concepção mais comum ligada a ele é sombria, presa ao túmulo. Mas do mesmo modo que Ísis pode ser vista numa eterna busca pelo corpo de Osíris ou em um lamento perpétuo, Osíris também pode ser percebido como eternamente vivo, em um momento perpétuo antes de o ataque de Set ocorrer. Nessa percepção, Osíris é um amante cheio de vida,

exultante pela música e dança e embriagado pelo amor que compartilha com Ísis.



Seshet: Seshet é a deusa sagrada da escrita e da medida. A presença desse escaravelho pode indicar que está na hora de tomar uma atituda antes que a oportunidade se perca. Há, também, uma advertência implícita para certificar-se de que o trabalho está sendo iniciado em uma fundação sólida e bem medida.

Em leituras relacionadas à saúde esse escaravelho pode aconselhar o consulente a procurar mais informações ou confirmar resultados de exames. Em leituras referentes a romances, pode estar alertando-o a quantificar o relacionamento ou, talvez, escrever como se sente. Faça perguntas e responda-as para certificar-se de que não há desentendimentos. Em leituras referentes a finanças, verifique seus registros financeiros e certifique-se de que estão precisos e completos, principalmente se eles são mantidos por outras pessoas.



O Shen: o Shen é o sinal da eternidade, dos ciclos sem fim. É freqüentemente representado preso às garras de Nekhebet, a deusa-abutre algumas vezes associada a Ísis.

A presença desse escaravelho em qualquer leitura geralmente significa um resultado que demorará a chegar.



O Íbis (Tahuti/Thoth): o deus Thoth, ou Tahuti, representa sabedoria ou discernimento. Em uma leitura esse escaravelho indica que o consulente deve procurar mais informações, se esforçar para agir com sabedoria e justiça, e buscar respostas imaginativas para os problemas. É um excelente escaravelho para receber em questões educacionais. Em leituras referentes à saúde, pode indicar que um especialista deve ser consultado. Em leituras relativas ao amor, há a indicação de amizades platônicas, bem como todos os tipos de alianças positivas.

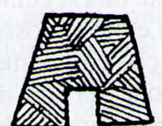
Novamente, como um escaravelho com forma de deus, a sua presença pode indicar que o consulente está agindo através do mito de Thoth.



O gato (Bast): Deusa-gato da alegria, Bast era, algumas vezes, considerada a personificação da "Alma de Ísis", porque as palavras *Ba-Ast* são traduzidas como essa frase. Bast era reverenciada como uma amorosa deusa-mãe e como uma forma menos sangrenta da deusa leoa Sekhmet, uma poderosa defensora e deusa da guerra e da destruição. A independência essencial, e às vezes mutável, do gato faz com que esse escaravelho esteja sujeito a diferentes interpretações, dependendo da personalidade do consulente. Bast é geralmente um sinal positivo em leituras relacionadas a romances, principalmente naquelas em que a sexualidade, em vez do amor, é desejada.



O Ankh: é o principal símbolo da vida. Foram apresentadas muitas explicações para essa forma, variando desde sua semelhança com uma tira de sandália (e, portanto, simbolizando o movimento da vida) até o contorno do órgão genital feminino. Uma das explicações mais lógicas é a de que o símbolo deriva de uma estilizada boneca-fetiche africana, carregada para promover a fertilidade. Essas bonecas com cabeça redonda e braços curtos e gravetos retos como corpos são muito parecidas com a forma do Ankh. Entretanto, a origem desse símbolo foi provavelmente diferente da das bonecas e ainda permanece desconhecida. Além de ser um símbolo da vida, a Ankh é um transmissor da força, que é a vida em outra forma. Sua presença em uma leitura é positiva em praticamente todas as circunstâncias.



O templo: os altos portões que levam a muitos dos templos do Egito anunciavam o início do espaço sagrado, do local cercado. A presença do Templo em uma leitura pode indicar que o consulente está para passar por um período de "serviço do templo", em que deveres esotéricos devem ser exonerados. Pode, ainda, se referir a outros "cercos sagrados", como o lar ou o local de trabalho. Explore qualquer aspecto sagrado referente ao assunto em questão para se certificar de que examinou os lados material e espiritual das coisas. Pode, ainda, ser um aviso de que é necessário se afastar das preocupações materiais e trabalhar no refinamento da alma em vez de simplesmente receber o salário.



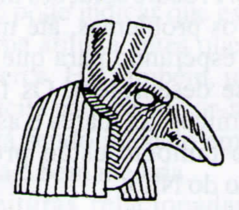
O Nilo: o rio Nilo é a fonte do Egito. É a linha guia da cultura egípcia, trazendo a vida em todas as suas formas para o que, de outro modo, seria estéril. Sua presença em uma leitura é geralmente positiva. A abordagem taoísta para a solução de dificuldades, fluindo através delas como a água pode estar sendo sugerida pelo escaravelho do Nilo. Procure soluções menos agressivas para os problemas, até mesmo simplesmente esperando para que os acontecimentos se desenrolem. Os fluxos eternos ou cósmicos, as marés e as mudanças de estação também estão presentes no escaravelho do Nilo.



Néftis: o escaravelho de Néftis indica sexualidade escura, ações desesperadas e brigas no casamento e em outras relações. A presença desse escaravelho, como acontece com os outros escaravelhos em forma de deus, revela que o consulente está cumprindo ou interagindo com o mito de Néftis.

Néftis pode, ainda, indicar uma pessoa cujas motivações são confusas ou incertas, ou cujas ações podem, com um grau maior ou menor de inocência, causar danos. Esse escaravelho também representa momentos e períodos de transição, exatamente como Néftis é simbolizada pelo crepúsculo, a hora entre a noite e o dia. Em leituras relacionadas ao amor e à saúde, esse símbolo indica um resultado difícil. Entretanto, se Néftis puder ser igualada e equilibrada por sua irmã, Ísis, sua influência será bem mais positiva.

Néftis, sob a sombra de Ísis, oprimida por seu irmão e marido Set, e incapaz de atrair seu amado Osíris, a não ser disfarçada de Ísis, personifica a vitimização e alerta o consulente sobre esse potencial ou tendência. Contudo, Néftis se fortalece e desafia Set, unindo-se a Ísis na ressurreição de Osíris. Nesse sentido, Néftis se liberta, se redime de suas ações e alcança uma posição equilibrada de deusa do crepúsculo, deusa do submundo e criadora de sonhos.



Set: a presença do escaravelho de Set indica grandes desentendimentos, negócios injustos e brigas prolongadas. Temos, aqui, um opressor em todos os sentidos, tolerável apenas como uma força sob controle que pode ser usada contra um mal maior ou desconhecido. Seu natureza é feroz, seca e destrutiva. Como aquele que traz o caos absoluto, ele pode, às vezes, ser uma força libertadora para pessoas ou coisas presas em ligações ridículas e inúteis. Sua presença em uma leitura relacionada à saúde indica condições febris e/ou feridas que levarão tempo para curar. Nas leituras relativas a romance, ele indica relacionamentos infelizes ou abusivos e sexualidade áspera e desarmônica, não aliviada pelo amor.

Todas essas implicações são diferentes para os seguidores de Set, que o consideram como o herdeiro oprimido, com direito ao trono do Egito, e que foi expulso em favor de uma criança duvidosamente gerada por um rei morto. Em algumas antigas mitologias a legitimidade de Set ao trono do Egito é favorecida contra a de Osíris.



O céu estrelado de Nut: Nut é uma deusa primordial, cujo corpo é o céu estrelado. Ela deu à luz os cinco deuses: Ísis, Osíris, Néftis, Set e Hórus. Sua natureza é cósmica, e sua presença em uma leitura indica que há grandes questões a caminho, possivelmente além do controle humano comum. Nesse sentido, esse escaravelho indica um conceito próximo ao Destino inexorável. O escaravelho é uma influência positiva em qualquer empenho criativo ou novo começo, e também para o amor e a saúde.



Khepra: uma visita do avô dos deuses, Khepra, é sempre positiva. Esse escaravelho pode indicar uma intervenção positiva no assunto em questão, e também que o consulente está seguindo os instintos de modo certo e deve prosseguir. Através de sua associação com a meia-noite, esse escaravelho pode ser um mensageiro da iniciação e do recebimento de conhecimento oculto ou protegido.



O sistro: o sistro é um símbolo de Ísis e especialmente de Ísis-Hathor, deusa do amor e do prazer. É um sinal de observação religiosa e também de música, dança, alegria e fazer amor. Esse escaravelho é muito positivo nas leituras relativas ao amor

e à saúde. Entretanto, para que um sistro seja útil, ele deve ser balançado. A presença desse escaravelho pode exortar o consulente a partir para a ação, libertar-se e abraçar a felicidade.

Para aqueles em sintonia com a força divina de Hathor, o escaravelho pode, ainda, indicar que o consulente está cumprindo ou interagindo com o mito da deusa.



Anpu: Anpu (também conhecido como Anupu ou Anúbis) é o grande Guia não apenas dos mortos, mas também da projeção astral, do sonho e daqueles que estão no limiar da iniciação, através de seu acompanhamento em experiências parecidas com a morte. Sua presença em uma leitura relativa à saúde é ambivalente; ele pode guiar para a cura durante o sono ou levar a alma para dentro e através do submundo, talvez para trazê-la de volta ao mundo dos vivos.

Esse escaravelho é um alerta para que o consulente preste atenção ao conteúdo dos sonhos, ou para ativamente invocar a ajuda dos sonhos para resolver um problema. Quando encontrado em leituras referentes ao amor, sua presença pode indicar que o relacionamento é, na verdade, de iniciação, em vez de estritamente romântico. Anupu, como uma força em forma de deus, indica àqueles que estão em sua sintonia que eles estão cumprindo ou interagindo com o mito de Anúbis. Ele guia a pessoa a um novo conhecimento e é um forte poder protetor.



Hórus: Hórus é uma forma de deus complexa que abrange muitos aspectos. A abordagem mais fácil é a de Hórus, a Criança, o filho sagrado de Ísis e Osíris. Seu símbolo predominante é o falcão, uma ave de rapina que voa muito alto e em círculos, e um forte símbolo solar. Hórus é, também, o renascimento de Osíris e traz dentro de si os aspectos dinâmicos de Osíris e o potencial para seus aspectos do Submundo. Em leituras relacionadas a conflitos, particularmente sobre propriedade ou carreira, esse escaravelho indica triunfo final mas alcançado com dificuldade. É uma força positiva em leituras de saúde e pode representar um amante em leituras referentes a romances. Devido a seu papel como filho divino, Hórus pode, ainda, representar filhos e preocupações a respeito deles.



A cobra: a cobra simbolizava o divino, e é um modo de escrever o nome de uma deusa em hieróglifos. Tanto Ísis como Osíris foram algumas vezes representados como cobras coroadas. Como um símbolo da força da kundalini, a cobra chama a atenção para a sexualidade sagrada e a busca da iluminação. O veneno da cobra pode ter sido utilizado em ritos de iniciação e também pelos faraós no momento de transição para a vida depois da morte.

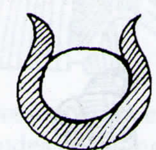
Nas leituras, o escaravelho da cobra indica mudança repentina e atividade, principalmente quando essas mudanças levam a maior autoconhecimento e sabedoria.



A barca solar de Rá: o escaravelho simboliza a energia do sol e os poderes de Amon-Rá, considerado por alguns como o

chefe dos deuses e, como tal, um símbolo — como são todos os deuses e deusas — da Unidade por trás dos milhões de deuses e deusas conhecidos pela humanidade. Esse escaravelho propicia informações espirituais complexas, bem como prognósticos sobre questões materiais diárias. Osíris e Ísis são, ambos, formas de Rá na heliocêntrica literatura do Egito; do mesmo modo Rá pode ser considerado uma forma de cada um deles.

Como um veículo, o Barco de Rá pode indicar viagens. É benevolente, mas alerta para alterações quando presente em leituras referentes ao amor, à saúde e a questões financeiras.



O crescente de Ísis: Ísis é freqüentemente representada com os chifres que se assemelham à forma da lua crescente, junto com o disco que é erroneamente identificado com a própria lua. Na verdade, o disco que ela traz na cabeça é o "Sol por Trás do Sol", não o nosso conhecido sol, mas os sóis gêmeos do complexo estelar de Sírius. Esse escaravelho nos fala de ciclos e ritmos do tempo, tanto a curto como a longo prazo, e também de influências ocultas.

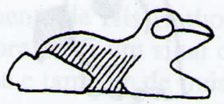
Embora a associação de Ísis com Sírius seja muito antiga, recentes pesquisas astronômicas estão levando alguns cientistas a suspeitar que nosso próprio sol é a metade de um sistema estelar gêmeo, com um ciclo de vinte e seis milhões de anos que reflete os surpreendentes ciclos de extinção em massa observados nos registros geológicos. É possível que não precisemos olhar para o distante sistema estelar de Sírius para descobrir o "Sol por Trás do Sol", representado no penteado de Ísis.



As pirâmides: as pirâmides representam aspirações, estabilidade e lenta passagem do tempo. A presença desse escaravelho em leituras geralmente significa que determinado evento demorará para acontecer ou para se completar. As pirâmides também assinalam os mistérios contidos no invólucro material do mundo externo. Estamos acostumados a ver pirâmides como ruínas. Originalmente, algumas eram cobertas com pó de gesso branco, inscritas com hieróglifos e depois coroadas com blocos de pedras douradas que brilhavam à luz do sol. Desse modo, mesmo desgastadas, elas ainda são marcos de antigos e mais dourados tempos. Em uma leitura, as pirâmides indicam uma necessidade de voltar ao passado para restaurar, reexaminar ou experimentar novamente nossas experiências formativas.



A união de Ísis e Osíris: esse escaravelho indica a polaridade essencial entre Ísis e Osíris e contém todos os aspectos da união — das físicas às alquímicas e divinas. É um escaravelho de culminação e equilíbrio, mas de uma forma dinâmica, não estática. Esse escaravelho é o amor sagrado em todas as formas e o poder da criação em seu aspecto mais primordial. Em leituras referentes a romances indica equilíbrio de energia e resoluções positivas.



A rã: Heqer, a Deusa-Rã, é um símbolo de fertilidade e nascimento. Associa-

da a Hathor, esse sinal é positivo em leituras de saúde e amor. Em leituras relativas a finanças, indica sorte repentina ou ganhos de uma fonte inesperada.



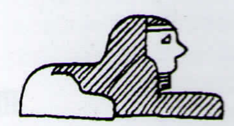
Min: poderosa deusa da sexualidade, a presença desse escaravelho em uma leitura indica vigor em todas as áreas de saúde e finanças. Em leituras referentes ao amor indica que a atração é mais sexual do que emocional.



Os ushabti: eram pequenas imagens colocadas em túmulos para "responder" pelos mortos se eles fossem chamados. Em uma leitura, esse escaravelho indica ajuda inesperada ou não garantida de alguém da família ou de um amigo. Em leituras sobre saúde, pode significar um período em que a pessoa estará incapacitada de realizar muitas ações e dependerá da ajuda de outros. Em romances, pode indicar dependência indevida de outra pessoa. Em finanças, pode ser negativa ou positiva e significar um pico nos negócios que requeiram ajuda.

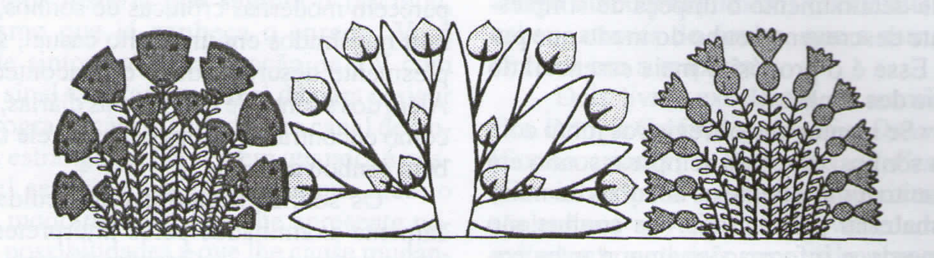


A cesta do incenso: A cesta do incenso era uma oferenda comum aos deuses. Sua presença em uma leitura significa que é necessário prestar atenção ao lado espiritual e à comunicação com seus deuses. Sozinha, ela é neutra na maioria das leituras. Procure os deuses para obter uma resposta específica.



A esfinge: a esfinge, o enigmático leão deitado no deserto escondendo sua verdadeira idade e origem, tem sido um símbolo de mistério por milhares de anos. Em uma leitura, pode significar que não há uma resposta disponível ou que possa ser revelada no momento.





CAPÍTULO VINTE E TRÊS
A DÉCIMA PRIMEIRA HORA DA NOITE

ÍSIS E OS SONHOS

Nos sonhos, à noite, quando a alma pode estar fria e escura, Ísis aparece a seus devotos e atende a suas necessidades. Pode ser um sonho de cura, um sonho de amor para aliviar a solidão da espera, a solução para um difícil problema ou ainda um sonho de iniciação ou intuição.

Mas há aqueles que ficam cegos durante o sono, não instruídos na arte e ciência dos sonhos; quando a Deusa aparece para eles Ela encontra uma mente fechada e uma barreira a Ela e todas as suas forças divinas. E Ela não atravessará esses portões até ser bem-vinda. Simplesmente pedir Sua presença e orientação quando adormece A trará, por fim, para seus sonhos.

O DIÁRIO DOS SONHOS

Se você é uma pessoa bem afortunada o suficiente que já desfruta de uma rica vida de sonhos, comece a escrever um diário do sonho. Esse diário, que deve ser mantido em um livro em branco ao lado da cama, se tornará um registro especial de experiências e pensamentos que, caso contrário, podem passar despercebidos. Você será capaz de perceber tendências sutis em sua vida, baseadas em longos períodos de tempo, tais como sonhos que costuma ter na primavera, ou perto da data de seu aniversário, ou próximo a um dia sagrado.

De maneira ideal, o diário dos sonhos deve incluir uma breve avaliação das condições de sua vida escrita abaixo do registro do sonho. Se você manter um diário regular, os dois registros podem ser com-

parados com facilidade. Sempre que possível, tome nota de quaisquer condições externas, como o tempo e a fase da lua. Quanto mais detalhado forem os seus registros, mais valor eles terão para você.

Contudo, não deixe que a necessidade de detalhamento o impeça de simplesmente descrever o sonho do modo que puder. Esse é o propósito mais essencial do diário dos sonhos.

Se manter outros registros junto com seus sonhos, descreva sempre o sonho em primeito lugar e deixe os detalhes do mundo material para depois. Os sonhos são efêmeros, e informações importantes podem ser perdidas rapidamente. Isso é particularmente verdadeiro se o sonho incluiu assuntos relacionados a palavras, como um poema, informações reais ou um nome. Anote esse tipo de informação o mais rápido que puder.

Apresento, a seguir, um exemplo de um diário dos sonhos.

Formato do diário dos registros de sonhos

Descrição do/s sonho/s:

Data:

Hora do dia ou da noite do sonho:

Fase da lua:

Signo lunar:

Tempo:

Saúde:

Estado de espírito:

Hora do dia ou da noite em que o sonho foi registrado:

Comida/bebida/remédio ingerido antes de dormir:

Acontecimentos da vida real que podem ter afetado o sonho:

O diário dos sonhos era reconhecido como um importante instrumento pelas sacerdotisas e sacerdotes dos templos egípcios e gregos de Ísis e Serápis. O registro dos sonhos da noite era uma prática exigida dos noviços. Temos uma série de vinte e sete sonhos registrados com esse propósito por um homem chamado Ptolomeu, que pediu por santuário no Serapeum de Mênfis para fugir da punição em virtude de um ato que lhe trouxe problemas com as autoridades seculares. Os sonhos de Ptolomeu, que se parecem modernas crônicas de sonhos, foram registrados em um estilo casual, simplesmente descrevendo o que aconteceu. Além dos sonhos de ocorrências diárias, tais como encontrar um amigo na rua, ele também sonhou com Ísis.

Os sonhos sagrados eram cuidadosamente examinados pelos intérpretes de sonhos entre o clero. Com freqüência, eles eram apresentados como evidência de que um estudante ou noviço estava preparado para um treinamento adicional ou estudo corretivo.

APRENDENDO A SONHAR

As dinâmicas do ato de sonhar são muito precisas e funcionais, comprovadas por muitas fontes e pelas experiências de milhares de pessoas. Ainda assim, somos levados a acreditar que a experiência do sonho é uma atividade irracional, na qual não podemos confiar e sobre a qual não temos controle. O sonho é algumas vezes considerado um rabisco mental subconsciente que pode ser apenas uma descarga aleatória de eletricidade do cérebro desprovido de significado, do mesmo modo que nós somos desprovidos de alma — como diria um cientista puramente racional.

Felizmente, isso não é verdade. O ato de sonhar é uma comunhão com nossas almas e com o Universo, e também com a divindade, ou divindades, com a qual escolhemos nos aliar.

Ísis sempre falou através dos sonhos, seja para alertar alguém em potencial sobre uma iminente iniciação, seja para trazer a cura para a mente de um paciente adormecido, passando pela experiência do "sonho do templo", dentro dos muros de Seus recintos sagrados.

Entretanto, sonhar sem a devida atenção é como ligar a TV e sintonizar aleatoriamente os canais, sem realmente saber se o programa exibido é um documentário, uma pura ficção ou realidade e ficção misturadas. Você pode assistir a outra versão de uma história que sempre o fascinou, mesmo que já conheça o enredo. Você pode sintonizar uma estação de TV com um sinal tão fraco que mal dá para assistir à programação; ou, ainda, um canal de língua estrangeira. De vez em quando, é possível assistir a um programa que afete o seu modo de viver, que lhe apresente novas possibilidades e que lhe cause mudanças de um modo essencial.

Todas essas experiências têm paralelos no mundo dos sonhos, às vezes misturadas por acaso, outras revelando uma ordem cuidadosa por trás do aparente caos de imagens.

Ao aprender a sonhar, o caos retrocede e aumentam os sonhos com sentido e confiáveis. Sonhar bem é uma habilidade que se adquire, acessível a todos e fácil de controlar. Aprender a sonhar pode ser o estudo de uma vida ou um passatempo que você pratica de vez em quando. É também um poderoso instrumento espiritual e de magia que pode, em última análise, permitir a comunicação com Ísis.

Muitas culturas dão grande ênfase ao conteúdo dos sonhos, considerando-os instrumentos proféticos e de auto-revelação e inspiração.

Uma crença compartilhada por alguns budistas é que partes do carma de uma pessoa podem ser pagas em sonhos, porque a realidade das emoções vividas é equivalente a passar pela experiência enquanto estamos acordados. No mundo ocidental, temos a frase "o travesseiro é um bom conselheiro", indicando que, consciente ou inconscientemente, a pessoa espera explorar o problema por meios que só são possíveis através dos sonhos.

Muitas importantes invenções e descobertas foram alcançadas em visões recebidas em sonhos, embora os cientistas não gostem de admitir. Entre elas estão a máquina de costura e o entendimento de Kerkule sobre a estrutura química do benzeno, cuja natureza circular lhe foi revelada em um sonho sobre uma serpente engolindo a própria cauda (também um antigo símbolo alquímico). O cientista percebeu, através do sonho, que a estrutura circular era a resposta.

Dois livros excelentes de autoria da Dra. Patricia Garfield — *Creative Dreaming* [Sonho criador] e *Pathways do Ecstasy* [Caminhos para o êxtase] propiciam aos sonhadores novatos grande variedade de métodos e materiais para estimular o ato de sonhar. Garfield estudou as sofisticadas técnicas de sonho dos Senóis, uma pacífica e cooperativa tribo malasiana. Sua sociedade bem organizada ensina ativamente o ato de sonhar a seus membros com base em três regras essenciais, que podem ser usadas com sucesso por qualquer pessoa. De acordo com Garfield a primeira regra é "confrontar e conquistar" quaisquer situações ou pessoas perigosas encontradas nos pesadelos. A segunda regra é sempre se mover na direção de situações prazerosas, quer sejam elas emocionais ou sexuais, e mesmo quando elas violam tabus dos momentos em que estamos acordados. Por fim, a pessoa é aconselhada a passar pelo sonho até chegar a um resultado positivo, ou ao término de uma ação positiva dentro do contexto do sonho. Sonhos que não chegam a lugar algum ou que terminam sem que a pessoa alcance o potencial positivo máximo deles devem ser evitados.

Os Senóis também enfatizam a necessidade de pedir ou exigir presentes das pessoas encontradas no sonho, não importando se elas são monstros que os atacam ou amantes. Esses presentes devem ser belos e úteis, podendo ser um poema, uma canção ou uma nova técnica útil para realizar uma tarefa diária.

Os Iroquais, da região nordeste da América do Norte, também usavam técnicas avançadas de sonhos e baseavam

muitas de suas ações políticas no conteúdo dos sonhos. Como eram uma sociedade complexa e bem-sucedida, a orientação que recebiam era aparentemente precisa. O conhecimento que eles tinham dos sonhos coincidia com princípios psicológicos sensatos. Por exemplo, eles reconheciam que os desejos podem ser distorcidos nos sonhos, e que um objeto ou pessoa pode ser substituído por outro. As necessidades que apareciam em sonhos eram levadas muito a sério pelos membros da tribo, que, como um grupo, tentariam satisfazer, na vida real, a necessidade revelada em sonho para um dos membros.

EXERCÍCIOS DE SONHO

O simples ato de criar uma forte intenção de sonhar mais dinamicamente pode, com freqüência, propiciar resultados imediatos em seus sonhos. Eu normalmente começo a ter sonhos mais freqüentes, lúcidos ou não, quando estou lendo ou escrevendo sobre o assunto. Os sonhos parecem dar origem a outros, e um que se destaca freqüentemente causará outros sonhos interessantes, na mesma linha. Após estabelecer um diário dos sonhos, ler os registros sobre determinado tipo antes de ir para a cama poderá invocar sonhos adicionais.

Quando desejar sonhar bem, pense antecipadamente sobre o momento do sonho várias vezes durante a noite. Se tiver a boa sorte de estar cercado por pessoas que o apóiem, mencione que deseja trabalhar com sonhos aquela noite. Esteja alerta para o material que quer incluir no sonho, talvez seja a expansão de um tema de um filme ou de um programa de TV, ou de um livro que está lendo no momento. Peça sugestões para as pessoas ao seu redor. Escreva uma lista curta de coisas com as quais gostaria de sonhar e estude-a diversas vezes até conhecer bem o conteúdo. Ela pode ser usada como uma ferramenta para expandir e controlar o conteúdo do sonho. Vá para a cama um pouco mais tarde para sentir-se realmente cansado na hora de dormir. Entretanto, não fique acordado além de meia hora ou quarenta e cinco minutos do horário em que está acostumado a dormir. Permanecer acordado por um tempo superior a esse pode enganar seu corpo, fazendo-o acreditar que está iniciando um novo ciclo de despertar, causando, desse modo, dificuldades para você dormir. Às vezes, exercícios físicos podem ajudá-lo a se preparar para os sonhos.

Se possível, procure acordar mais tarde do que de costume. Está amplamente registrado que a maioria dos indivíduos tem a maior parte de seus sonhos entre cinco e oito horas da manhã. Os sonhos lúcidos também acontecem com mais freqüência nesse período. A hora em que a pessoa vai para a cama ou a quantidade de sono que ela tem pode ter pouca relação com esse fenômeno; ele pode ser uma função dos biorritmos humanos.

Quando for para a cama, permita-se um tempo maior para se preparar para dormir. Prolongue cada parte de seus hábitos noturnos, e a cada momento contemple a oportunidade do sonho que se aproxima. Coloque um bloco de notas e lápis ou canetas ao lado da cama. Talvez o lápis seja mais apropriado, pois não haverá o risco de acabar a tinta, e você pode escrever sem interrupções. Lembre-se de que terá de escrever rapidamente antes de esquecer o que sonhou; qualquer tipo de ação ou demora pode interferir na lembrança do sonho.

POSTURA PARA DORMIR NO TEMPLO

Esse posicionamento do corpo propicia um eficaz trabalho de sonho e transe.

Escolha um travesseiro que permitirá que você deite reto na cama, com um apoio para o pescoço. Sua cabeça deve formar um ângulo natural com o resto do corpo. Pilhas de travesseiros distorcem a linha natural do corpo e interferem com o

ato de sonhar, além de ser prejudicial para a coluna. Os sacerdotes e sacerdotisas dos templos de cura, que usavam a incubação do sonho, sabiam disso e geralmente usavam apenas a medade de um círculo de madeira polida como travesseiro. Isso pode parecer ascético e desconfortável, mas a técnica contribuía para uma vida de sonhos variada e poderosa — e provavelmente para menos dores nas costas e na nuca!

Um pequeno travesseiro que se encaixe na nuca, deixando a cabeça repousar diretamente sobre o colchão, pode ser confortável. A posição pode ser ainda mais confortável se você colocar outro travesseiro pequeno sob as costas.

Permaneça deitado, sem se mover, por alguns instantes, permitindo que seus olhos se adaptem à escuridão. Seu quarto deve estar escuro e silencioso. Respire devagar e profundamente. Pense sobre as idéias que teve sobre o sonho dessa noite. Não tente forçar uma imagem específica. Pode ser que você encontre uma fantasia repentina surgindo de uma das idéias. Se isso acontecer, deixe-a fluir; é um estado similar ao sonho e pode levar você diretamente a ele.

Pressione gentilmente as pálpebras. Observe as cores que aparecem. Elas podem começar a se fundir em imagens. Se isso acontecer, é um excelente sinal de que a sua noite de sonho será especialmente rica.

Nesse momento, pode ser que você sinta necessidade de virar de lado, geralmente para o direito. Vá em frente e fique confortável. O sono virá em breve.

Se acordar durante a noite, fique parado por um instante. Procure em sua mente os fragmentos do sonho. Se conseguir se lembrar de algum, tome nota imediatamente. Se nada aparecer na mente consciente, mude de lado na cama. Isso, às vezes, estimula a memória de um sonho quase perdido, mas como também pode apagar de vez os traços mais fracos do sonho, mova-se apenas após estar seguro de que nada está surgindo em sua consciência. Tente, também, sentar-se ou levantar-se para recuperar detalhes adicionais após ter registrado as impressões iniciais. *Tome nota deles também.* O que parece ser inesquecível e chocante às três horas da manhã terá desaparecido como uma névoa ao amanhecer.

RITO PARA BANIR OS PESADELOS E SEUS RESULTADOS

Os egípcios realizavam um rito de Ísis para banir as influências negativas de um sonho mau. Apresento, aqui, uma versão moderna:

Ísis,
Grande Deusa,
Cuja palavra é poderosa,
Com Suas asas de luz,
Limpe minha fronte
Das visões que permanecem.
Clareie minha visão,
Proteja-me de toda a maldade,
Desfaça o nó com o qual eu sonhei;
Liberte-me dessa visão noturna.

Após proferir a prece, limpe o rosto com um pedaço de pão embebido em cerveja e mirra. A combinação soa estranha para nossos ouvidos modernos, mas a cerveja tem uma influência purificadora e estimulante quando aplicada sobre a pele e limpará o rosto, que geralmente está contaminado com o suor do medo, após um pesadelo. Ísis era conhecida como a inventora da cerveja e, algumas vezes, era considerada idêntica a Hathor, a Senhora da Cerveja. A mirra tem propriedades antibacterianas cientificamente comprovadas, além de ser um purificador espiritual muito dinâmico. Seu cheiro acre estimulará o completo retorno à consciência normal. O pão, além de ser uma esponja conveniente, também era sagrado para Ísis, como a Senhora do Pão.

Lavar o rosto com água fria também ajudará a limpar os traços remanescentes de um pesadelo.

Se você tiver um pesadelo, ingerir uma refeição leve, mas rica em carboidratos, o ajudará a dormir em paz novamente. As razões para esse efeito são principalmente de ordem psicológica: o alimento no estômago afasta o sangue do cérebro e o leva para o trato digestivo, causando sonolência.

UM MANUAL DE *ONEIROCRIT*

O *oneirocrit* era um membro comum do templo que se dedicava ao estudo e interpretação dos sonhos. Alguns desses sacerdotes e sacerdotisas consultavam manuais, enquanto outros contavam totalmente com seus conhecimentos e experiências. O foco principal era dado aos "grandes" sonhos, nos quais as pessoas tinham uma visão de um deus ou de uma deusa, ou recebiam instruções sobre como curar uma doença.

Os egípcios formalizaram a interpretação dos sonhos em inúmeros compêndios sobre o assunto, às vezes incluídos em um almanaque sobre dias favoráveis e desfavoráveis. Um desses almanaques incluía um texto "padrão" para as interpretações dos sonhos junto com um apêndice, trazendo uma interpretação apropriada para os sonhos dos seguidores de Set, que entendiam os símbolos de um modo bem diferente devido à sua fé.

Embora nenhum "Livro dos sonhos para os seguidores de Ísis" tenha sobrevivido, os sacerdotes e sacerdotisas de Ísis usavam a interpretação dos sonhos de acordo com suas próprias crenças e experiências. Existiam vários compêndios sobre sonhos contendo material relacionado com o culto a Serápis, e eles eram usados em diversos lugares. A moderna apresentação a seguir é baseada na minha interpretação de símbolos comuns que aparecem em sonhos dos seguidores de Ísis. Será útil ler o Capítulo Vinte e Dois, "Os oráculos de Ísis", para obter mais exemplos de interpretação de símbolos comuns, de acordo com o culto a Ísis. Até que você tenha mais prática em interpretar os sonhos, alguns dos significados que apresento poderão ajudá-lo a desembaraçar a teia dos sonhos.

As interpretações incluídas aqui são para sacerdotes, sacerdotisas e outros devotos ou "aliados" de Ísis. Os significados apresentados podem não ser muito precisos para você. Suas próprias experiências modificarão alguns significados. Jamais aceite uma interpretação quando sentir que ela está errada. Já tive sonhos apavorantes que interpretei corretamente de um modo positivo, e sonhos brilhantes que me fizeram sentir um medo justificado. Por razões parecidas, seja cauteloso ao interpretar os sonhos de outras pessoas e somente tente fazê-lo quando tiver confiança em suas habilidades em interpretar seus próprios sonhos. Lembre a pessoa para quem está interpretando o sonho que você pode estar errado, e que a linguagem do sonho é diferente para cada pessoa. Se o tratador das cobras do zoológico sonhar com grandes serpentes se rastejando pelo quarto, ele interpretará o sonho de um modo bem diferente do que o faria o Sr. Smith, dono da padaria da esquina.

Sonhos com forte conteúdo religioso ou de magia podem, às vezes, ser associados a um festival ou rito celebrado na mesma data em que o sonho ocorreu. Alguns dos dias sagrados do Egito e de Ísis são apresentados no Capítulo Dez, "Festivais de Ísis". Seja generoso ao atribuir festivais a sonhos em datas diferentes; os calendários antigos são tão confusos que um pequeno desvio é admissível.

Quando interpretar os sonhos, lembre-se de que a linguagem é repleta de trocadilhos e jogos de palavras. Palavras estranhas ou objetos pouco comuns que aparecem em um sonho podem revelar um significado mais profundo do que sua mera realidade diária. É possível, ainda, que os sonhos só venham a exercer sua influência ou revelar suas qualidades em realizar previsões, meses ou anos após a primeira vez que ocorreram. Muitas pessoas afir-

maram ter encontrado seus parceiros apenas uma década ou mais após sonharem com a pessoa específica. Às vezes, o indivíduo ainda não tem conhecimento suficiente para entender um sonho importante, que será validado mais tarde quando for exposto a esse conhecimento.

A compreensão de um sonho complicado é uma poderosa validação espiritual. Quando encontramos no mundo "real" detalhes estranhos, que apareceram em sonhos sobre outros lugares e épocas, temos um elemento de apoio à crença na reencarnação e vidas passadas.

Se você teve a sorte de crescer em uma família que transmitiu um folclore ativo, de geração em geração, não ignore esses símbolos em sua interpretação dos sonhos. Preste atenção a eles, já que os compêndios sobre interpretação de sonhos e os outros intérpretes desconhecerão completamente o significado desses símbolos. O histórico da família e da etnia definitivamente influenciará a linguagem de seus sonhos. Por exemplo, para muitos asiáticos a cor branca é usada em funerais. O mundo ocidental associa a cor preta à morte, e a branca a acontecimentos felizes, como casamentos. Um sonho idêntico terá diferentes interpretações para os asiáticos e os ocidentais.

ANÁLISE BÁSICA DOS SONHOS

Ao registrar seus sonhos, preste atenção especial às localizações. Resista à tentação de ignorar os lugares que aparecem no sonho por parecerem muito materiais — o local de trabalho, o armazém, uma quadra de esportes. Todas essas áreas têm associações específicas, e nada aparece em um sonho por acaso.

Preste também atenção às pessoas em seu sonho, mesmo que elas sejam parte do "pano de fundo", apareçam pouco ou sejam apenas mencionadas por outro indivíduo no sonho. Com freqüência alguns indivíduos substituem outros. Esse tipo de substituição aponta para uma importante semelhança entre duas pessoas que não têm qualquer ligação, a não ser dentro do sonho.

A leitura dos registros dos sonhos poderá ajudá-lo a destacar as pessoas, lugares e objetos que apareceram, e na interpretação de cada item separadamente. Tome notas de sua associação pessoal com cada item. Se achar necessário, leia as anotações em voz alta, de modo claro e rápido. Você descobrirá que uma palavra sem qualquer significado, a princípio, pode ser facilmente pronunciada de modo errado e se transformar em outra cujo significado se encaixa perfeitamente no contexto do sonho.

INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS

Aqui vão alguns exemplos que o ajudarão a iniciar as interpretações. Sua própria interpretação será a mais importante, e as que apresento aqui são apenas um guia.

Caixões, túmulos, sarcófagos, ritos funerários: geralmente, quando a pessoa se dedica ao estudo de assuntos místicos ou religiosos, o símbolo da morte torna-se, na verdade, de iniciação. Os sonhos relacionados a esses assuntos, particularmente se neles a pessoa estiver vivenciando o rito, fechada em um caixão, etc., podem ser iniciações menores, como uma oportunidade para vencer o medo natural dessas experiências.

De modo geral, sonhos sobre a morte, ou em que a pessoa experimenta sentimentos mórbidos, indicam um aspecto da vida com o qual ela está muito insatisfeita e que está "matando" durante o sonho. Sonhos com acidentes também costumam simbolizar problemas reais que causarão dificuldades se não forem resolvidos.

Ocasionalmente, sonhos sobre acidentes ou doenças são precognitivos. É importante lembrar que o fato de recebermos o sonho indica que um acontecimento

potencialmente negativo pode ser evitado se tomarmos a atitude certa.

União sexual: sonhos sobre união sexual, principalmente se culminam em orgasmo, podem ser uma metáfora para a *coniunctio mystis* ou *hieros gamos*, a união sagrada de um deus e uma deusa. Entretanto, às vezes, o orgasmo em sonhos não é muito sexual em sua natureza, mas causado por êxtase.

Barcos, navios, balsas, rios: esses elementos estão associados à passagem pelo submundo ou pelo mundo astral. Eles têm o mesmo significado dos elementos funerários. Podem, ainda, indicar doença ou partida.

Sol, lua e estrelas: sonhar com objetos celestiais pode dar pistas sobre a ocorrência de eventos importantes, principalmente se a posição ou influência dos astros não seguir a presente condição real da lua ou do planeta. Geralmente, os sonhos com a lua e o sol são positivos e favoráveis, mas o excesso de energia de qualquer um deles, como o calor abrasador do sol ou o frio da lua, pode indicar que as forças simbolizadas por eles estão desequilibradas.

Templos, casas, outras construções: qualquer construção em um sonho pode ter aspectos de um templo ou de um espaço sagrado recluso. O caminho seguido através da estrutura pode ser significativo. Se entrar pela porta de trás, isso significa que você está explorando áreas para as quais ainda não tem permissão oficial de acesso.

Deuses, deusas, outros seres de luz: sonhos com deuses ou deusas freqüentemente revelam informações cruciais e devem receber muita atenção quando ocorrem. O sonho com os deuses é algo raro, mesmo para os devotos mais dedicados, e concedido segundo a vontade deles, e não pela invocação da pessoa.

Parentes: como os nossos relacionamentos com os parentes, os vivos e os que não estão fisicamente presentes, são algo complexo, os sonhos com parentes devem ser examinados com carinho. Não é raro sonhar com o pai e descobrir que o conteúdo real do sonho se refere à mãe. Em alguns casos é até mesmo possível ter um sonho "para" outra pessoa da família, que, talvez, não tenha a mente tão aberta ou não esteja suficientemente treinada para receber diretamente as informações através do sonho.

Sonhar com alguém que não é membro da família, mas que aparece no sonho como se fosse, indica uma semelhança entre você e a pessoa com a qual sonhou. Ela pode ser positiva ou negativa. Pergunte por que essa particularidade parece estar assinalada para você. Examine como isso afeta sua vida no presente. Como sempre, os significados que acompanham, como o nome da pessoa, podem ajudá-lo a entender mais claramente o que está sendo revelado.

Filhos ou crianças: sonhar com filhos ou crianças geralmente simboliza novos começos ou projetos; não significa ter filhos de verdade.

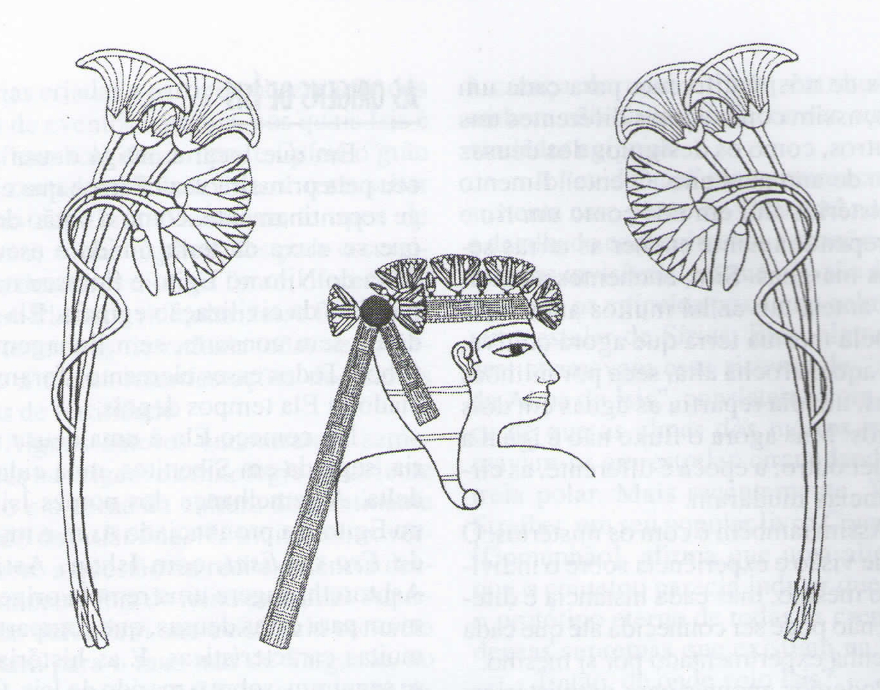
Comida, bebida (ou outros itens que podem ser ingeridos): sonhar que estamos consumindo uma substância pode indicar que você precisa daquilo que está simbolizado pela substância. Talvez pense que a champanha é muito cara; sonhar que está ingerindo essa bebida pode significar que você precisa atrair as forças da prosperidade. Comer e beber também podem simbolizar a destruição de uma influência em sua vida.

Animais domésticos e selvagens: quando aparecem em sonho podem representar um aspecto da pessoa que precisa de atenção.

Comunicação por telefone, computador, cartas: às vezes entidades, amigos vivos ou mortos, ou forças divinas se comunicarão em sonhos através desses meios. Preste atenção; a mensagem pode

ser importante. Veja o próximo item para métodos de retenção na memória.

Leitura de livros, visitas a bibliotecas, museus e galerias: essas atividades durante o sonho são geralmente símbolos de ganhos de informação, que pode ser espiritual ou prática. Tome cuidado com "tomar notas" em um sonho; geralmente, sua mente acreditará que foi você quem realmente escreveu tudo e não prestará atenção ao que está sendo revelado. Quando acordar, pode não restar nada. Se estiver ouvindo uma informação importante, repita em sua mente, durante o sonho, várias vezes e tente associá-la a uma imagem específica. Isso agirá como um gatilho quando você acordar, permitindo que recorde mais elementos do sonho.



CAPÍTULO VINTE E QUATRO
A ÚLTIMA HORA DA NOITE

OS MISTÉRIOS DE ÍSIS

Fazemos bem... em vê-la constantemente e completa — Ísis, a grande governante do mundo greco-romano, sempre ativa e mágica com seus dons de conhecimento, poder e sabedoria, a eterna fonte da fé, da esperança e do amor mais profundo dos homens.

R. E. Witt, *Isis in the Graeco-Roman World*[53]
[Ísis no mundo greco-romano]

Ísis é uma Deusa de mistério, de sagrados segredos e iniciações aos mecanismos do Universo, tanto físico quanto espiritual. Autores, que suspeitamos tenham sido iniciados em Seus segredos, atormentam os leitores com descrições que se interrompem repentinamente: "Mas isso é um segredo sobre o qual eu não devo falar", ou mais modestamente: "Eu poderia falar mais, mas é proibido".

Podemos nos preparar para a iniciação, para o entendimento dos mistérios, mas em sua essência os segredos divinos devem ser revelados; o seu entendimento é um presente dado pela graça da Deusa e não somente por uma avaliação intelectual.

Por esse motivo, mesmo que os ritos antigos tenham sido escritos verdadeiramente em cada detalhe a real experiênica do mistério continuaria sem ser revelada. As expressões dos segredos mudam a cada estação. O mistério se faz

53. Witt, R. E. *Isis in the Greco-Roman World*, Ibid.

através de nós; é diferente para cada um de nós, assim como somos diferentes uns dos outros, como os desígnios dos deuses variam de ano para ano. O entendimento dos mistérios flui em nós como um rio e pode repentinamente encher as terras secas das margens. Sim, enchentes aconteceram antes; talvez há muitos anos o rio fluiu pela mesma terra que agora cultiva; talvez aquela rocha alta, seca por milhões de anos, um dia repartiu as águas em dois córregos. Mas agora o fluxo não é igual a qualquer outro; a época é diferente, as circunstâncias mudaram.

Assim também é com os mistérios. O fluxo de visão e experiência sobre o indivíduo é o mesmo, mas cada instância é diferente e não pode ser conhecida até que cada um a tenha experimentado por si mesmo.

Podemos apontar para os mistérios; alguns olhos serão atraídos para a direção apontada, mas poucos conseguirão enxergar além do objeto apontado. Os mistérios mais intrínsecos continuarão indefiníveis. Mas os mistérios extrínsecos nos prepararão para conhecimento dos intrínsecos e talvez acelerem nosso entendimento sobre eles.



A deusa Ishtar.

As Origens de Ísis

Em que local a antiga deusa apareceu pela primeira vez? Parece que ela surge repentinamente, como o botão de lótus que se eleva da terra úmida e escura do delta do Nilo no Egito e floresce nos primórdios da civilização egípcia. Ela é uma deusa sem consorte, sem linhagem, sem filhos. Todos esses elementos foram associados a Ela tempos depois.

No começo Ela é uma deusa solitária, sagrada em Sibenitos, uma cidade do delta. A semelhança dos nomes Ísis, que no Egito era pronunciado *Aset*, e mais tarde *Esa* ou *Eset*, com Ishtar, Astarte e Ashtoreth, sugere uma remota origem comum para essas deusas, que compartilham muitas características. E as histórias que se seguiram, sobre o marido de Ísis, Osíris, e a jornada da Deusa para encontrar seu corpo e ressuscitá-lo, encontram paralelos muito próximos nos mistérios das outras deusas. Em uma das histórias a rainha do palácio, onde o caixão contendo o corpo de Osíris fora transformado em um pilar, se chama Astarte.

Vários autores apresentaram muitas explicações para o aparecimento de Ísis no Egito. Alguns como Budge sugeriam que Ísis e os outros deuses do panteão de Osíris eram membros de uma família humana que foram divinizados. A prática da divinização de seres humanos era comum no Egito. Sugeriu-se que as histórias do ciclo de Osíris se referem ao primeiro rei que uniu o Egito, tornando Ísis a primeira rainha. É também possível que certos acontecimentos na história de Ísis e Osíris tenham se derivado de eventos que aconteceram a um casal de reis, humanos, que receberam os nomes por servir no clero de Ísis e Osíris.

Outros autores sugerem que Ísis surgiu nos desertos da Líbia, enquanto outros ressaltam Sua enorme e duradoura popularidade no distante extremo sul do Egito e sugerem uma origem núbia. Outros ainda insistem que os mitos são simplesmente

histórias criadas a partir da observação dos ciclos de eventos naturais, nos quais Ísis é o frutífero solo do campo, e Osíris o grão que é cortado e "morto" para ressuscitar no ano seguinte. Desde os tempos de Plutarco, várias explicações para o surgimento dos seres divinos foram oferecidas, embora Plutarco ridicularizasse fortemente as tentativas de reduzir todas as divindades a meras manifestações dos ciclos anuais de fertilidade.

Alguns autores encontraram semelhanças na origem da mitologia do Oriente Médio e o cerne da cultura do continente perdido de Atlântida. Há muita controvérsia sobre a questão da real existência desse continente fora do reino espiritual. Aqueles que defendem sua existência concreta apontam para o raso mar de Sargasso, no meio do oceano Atlântico, e para os provocativos vestígios do que parecem ser paredes encontrados próximo à costa das Bermudas. Alguns historiadores, por outro lado, apontam para um possível "erro tipográfico" que remonta a Platão e sugerem que ele calculou essas distâncias por um fator de dez quando escreveu sobre Atlântida, tornando a pequena ilha vulcânica de Thera a mais provável candidata ao continente perdido. Thera foi destruída por uma erupção vulcânica que extinguiu grande parte da cultura cretense. Os místicos discordam sobre muitos aspectos da história de Atlântida. Mas alguns, incluindo a eminente ocultista Dion Fortune, afirmam que o continente existiu, seu clero prosperou e que foi nesse lugar, pelo menos no planeta Terra, onde o culto a Ísis se desenvolveu em primeiro lugar.

A frase "no planeta Terra" dá margem a um universo de especulações. Talvez porque as culturas antigas fossem ávidas observadoras de estrelas, livres do brilho da luz artificial que cobre os céus de nossas cidades à noite, praticamente todas as divindades eram identificadas com um ou mais corpos celestes e com vários fenômenos estelares. As modernas interpretações desses dados freqüentemente levam à crença de uma origem extraterrestre, embora não divina, de Ísis e das outras divindades egípcias.

A "evidência" mais interessante que sustenta esse ponto de vista está no antigo e detalhado conhecimento astronômico das estrelas invisíveis, ou que não são detectadas, que os egípcios possuíam sobre o sistema estelar de Sírius. Eles, algumas vezes, chamavam esse sistema de "A Casa da Alma de Ísis", consistente com a crença de que as almas dos mortos transformavam-se em estrelas circundando a estrela polar. Mais recentemente, Whitley Streiber, em seu popular livro *Communion* [Comunhão], afirma que uma alienígena que o contatou parecia indicar que ela era o protótipo eterno de todas as crenças em deusas supremas que existiam na Terra.

Então, de onde veio Ísis?

Não importa. De modo algum. Acolha qualquer versão que preferir: extraterrestre, atlante, nascida na Núbia ou Líbia, na lama do delta ou na sopa cósmica. A Deusa Ísis não chegou em uma nave espacial; talvez uma de Suas sacerdotisas o tenha feito. A Deusa Ísis não surgiu das terras do Egito ou Atlântida, mas aqueles que adoravam uma versão de Sua energia nasceram nessas terras. A Grande Ísis — a Ísis Cósmica — está em todos os lugares. Ela é a denominação de parte das forças que criaram — e ainda estão criando — nosso universo, e está muito além de nossa capacidade de denominá-La completamente. Quanto mais reivindicamos nossa própria divindade, mais reconhecemos a Dela.

Ísis, e apenas Ela entre todas as divindades, preenche um anseio que a maior parte do mundo antigo não reconheceu totalmente como uma necessidade humana — a necessidade, passada e presente, do amor divino, por um Ser que aceita, transforma e devolve as emoções de Seus devotos. Retirando forças de Sua própria paixão e dor, a manifestação da Ísis "menor" é uma divindade que perdoa porque sabe como é ser condenada; que liberta

porque sabe como é estar presa; que ama profundamente como mulher, mãe, irmã e amante; que ama intimamente mesmo os conceitos abstratos como beleza, verdade, conhecimento e domínio das artes; que ama até mesmo a guerra quando é necessária e procurada com honra. O amor de Ísis pelos devotos é um belo contraste com as indiferentes divindades da Grécia e de Roma.

O escritor jesuíta Andre-Jean Festugiére, comentando o fervor religioso de Apuleius, em *Personal Religion among the Greeks and Romans* [Religiões pessoais entre os gregos e romanos], esclarece que Lucius foi chamado por Ísis para se juntar a Seus seguidores e consagrar toda a sua vida à Deusa, em troca da salvação por Ela oferecida de sua vida trágica e desorientada, que resultou em seu aprisionamento no corpo de um burro[54].

O enlace da Sorte e do Destino é desfeito se Ísis assim o desejar, e Lucius agradece à Sua benevolência devotando-se livremente a Ela. Muda-se para o templo com o objetivo de ficar perto das imagens divinas, as quais ele contempla por muitas horas durante o dia, "obtendo um indescritível prazer" por estar próximo à divindade. Por fim, quando, em um sonho, ele é instruído pela própria Ísis para voltar para casa, mal consegue deixar o templo e enxuga "com meu rosto as lágrimas que derramei em Seus pés". Ela o chama para ser iniciado, um ato que, se praticado sem o expresso desejo da Deusa, era considerado uma ofensa que podia levar à morte do candidato excessivamente ansioso ou arrogante.

Festugiére acredita que a força motivadora por trás da devoção de Lucius é sentir-se amado por Ísis. O autor escreveu:

Ele (Lucius) acredita no amor de Ísis. Essa fé é absoluta. Como ele poderia não ser amado por Ísis, quando ela própria o procurou em seu sofrimento (lembremo-nos de que, em Cenchrae, ele dirigiu suas preces não a Ísis, mas a qualquer deusa que se apresentasse na lua), aparecendo em Sua própria forma e, por um maravilhoso milagre, devolveu-lhe a forma humana, e daí, então, o orientou todas as noites?... Ele se sentiu amado. Amou em troca. Por essa razão, Lucius encontrava uma alegria inefável na contemplação da Deusa.

É interessante notar que, aparentemente, o próprio Festugiére sucumbiu aos encantamentos de Ísis, já que seus comentários a respeito de outros deuses pagãos são severos e reprovadores.

Aonde quer que as paixões humanas levem os indivíduos, Ísis está lá, esperando nas proas dos navios que exploram novas opções de comércio; no abraço dos amantes; no carinhoso cuidado dos pais para com os filhos; nos saguões da grande Biblioteca de Alexandria, onde os estudiosos buscavam conhecimento de seus ofícios; nos sacerdotes e sacerdotisas que mantinham a santidade dos templos; nas cabinas dos aviões, nas cápsulas dos veículos espaciais; e nos laboratórios de pesquisa que lutam contra as doenças.

Ísis não é intimidada pela força; Ela não teme o conhecimento, ou a experiência, ou a habilidade de Seus devotos. Sem o peso dos escritos canônicos e tornando Sua mensagem nova para cada seguidor, Ela não teme ser exposta ou examinada. Segura de Sua própria divindade, outros deuses e deusas podem compartilhar Seus templos e ter seus próprios locais para serem cultuados. Embora Seu culto tenha sido universal por todo o Egito, a quantidade de templos dedicados exclusivamente a Ísis é bem pequena. Ela é encontrada em todos os lugares.

PRÁTICAS ANTIGAS

No Egito, os mistérios de Ísis e Osíris podem ter incluído a permanência do iniciado em um sarcófago fechado por um

54. Festugière, Andre-Jean, *Personal Religion among the Greeks and Romans*. Relançamento da edição de 1954, Westport, CT: Greenwood Press, 1984.



A área da pirâmide de Gizé.

longo período de tempo. Muitos templos têm criptas subterrâneas que podem ter sido usadas como o "submundo" pelo qual o iniciado deve passar em sua jornada. Há evidências em alguns templos de que, durante o período greco-romano, parte do procedimento de iniciação incluía um ritual de quase afogamento, em que o candidato entrava em uma cripta subterrânea, que era, depois, alagada. Essa prática deve ter sido associada a uma crença muito antiga de que Osíris morrera afogado, acidentalmente ou pelas mãos de Set (embora por sua natureza seca e quente pareça improvável que ele escolheria matar seu rival usando água).

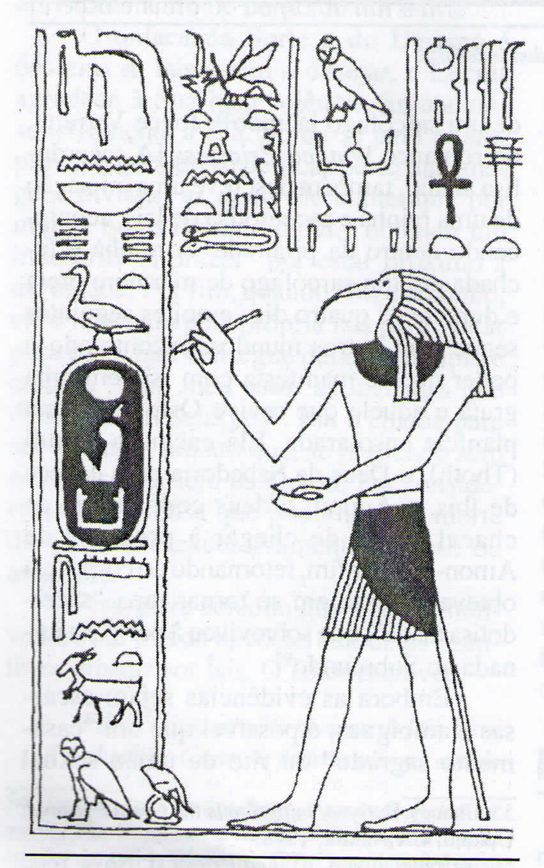
As pirâmides, muitas das quais parecem não ter sido construídas para servir de túmulos, podem ter sido usadas para algumas iniciações. Earlyne Chaney apresenta um interessante registro de uma iniciação que acredita tenha ocorrido em uma vida passada, que inclui o sepultamento temporário de um iniciado em potencial no compartimento mais interno da pirâmide, dentro de um sarcófago lacrado[55]. Joyce Verrette, no romance *Winged Priestess* [A sacerdotisa alada], também descreve uma iniciação de uma rainha e sacerdotisa de Ísis, acontecendo dentro da pirâmide. A rainha é fechada em um sarcófago de mármore preta e durante os quatro dias e noites seguintes segue para outros mundos, encontrando o poder que se manifesta com Ísis em uma gruta e aquele que revive Osíris em uma planície ensolarada. Ela encontra Tahuti (Thoth), o Deus da Sabedoria com cabeça de íbis, e Anupu, o deus com cabeça de chacal, antes de chegar à presença de Amon-Rá. Por fim, retornando ao corpo, ela obteve sucesso em se tornar uma "sacerdotisa alada", que sobreviveu à perigosa jornada ao Submundo[56].

Embora as evidências sejam escassas e ambíguas, é possível que um "casamento sagrado" ou rito de união sexual

55. Chaney, Earlyne, *Initiation in the Great Pyramid*, Upland, CA:Astara, 1978.

56. Verrette, Joyce, *Winged Priestess*, Nova York, NY: Fawcett, 1980.

entre um iniciado e um sacerdote ou sacerdotisa fosse parte de algumas iniciações, talvez após o iniciado ter "ressuscitado" como Osíris renascido, embora não existam evidências claras a respeito. Além do conteúdo sexual da história de Ísis e Osíris, há apenas algumas inscrições ambíguas que podem apontar para uma união sexual dentro do contexto dos mistérios de Ísis. Podem ter ocorrido relações sexuais entre os iniciados e sacerdotes e sacerdotisas ordenados durante a realização de diferentes cerimônias, especialmente as relacionadas à fertilidade da terra. Entretanto, esses ritos não se aplicam aos mistérios propriamente ditos, que, quando praticados por alguém não dedicado (um não membro em potencial do clero), podem ter omitido qualquer conteúdo sexual. Os romances *Moon Magic* [A magia da lua] e *The Sea Priestess* [A sacerdotisa do mar], de Dion Fortune, apresentam um interessante relato de como essas tradições são aplicadas no mundo moderno.


Thoth, deus da sabedoria com cabeça de íbis.

A maioria dos Mistérios de Ísis, embora nem todos eles, está indissoluvelmente ligada aos Mistérios de Osíris. Os antigos iniciados freqüentemente passavam por ambos os ritos; e os de Osíris eram considerados os mais desafiadores. Uma das possíveis razões para esse sentimento era que o iniciado cultuava o Senhor da Morte em vez da clara Deusa do Tudo. Plutarco tem um comentário interessante sobre como a natureza de Osíris foi interpretada de modo errado, mesmo em sua época:

> *Existe uma doutrina à qual os sacerdotes modernos fazem alusão para satisfazer suas consciências, mas apenas em termos velados e com cuidado: que esse deus (Osíris) governa e reina sobre os mortos, sendo ninguém mais do que aquele a quem os gregos chamam de Hades ou Plutão. A verdade dessa afirmação é entendida erroneamente e confunde as massas, que supõem que aquele que é santo e sagrado, na verdade Osíris, vive na terra e abaixo dela, onde está escondido o corpo daqueles que, supostamente, atingiram seus objetivos. Na verdade, ele está muito distante da terra, impossível de ser corrompido ou manchado por qualquer criatura sujeita ao declínio e morte. As almas dos homens aqui, limitadas como estão pelos corpos e emoções, não têm qualquer associação com o deus, salvo por uma diminuta visão de sua presença, alcançada pelo entendimento obtido através da filosofia; mas quando elas estão livres e atingem o reino sem forma, invisível, sereno e sagrado, então é esse deus, seu rei e líder, que elas contemplam insaciavelmente e de quem desejam a beleza que, para os homens, é indescritível. Essa beleza, como nos mostra a história antiga, é sempre amada por Ísis. A deusa a procura e a une, enchendo este nosso mundo com todas as qualidades belas e boas que participam da criação. Essa é a interpretação desses assuntos tão adequados aos deuses.*

ÍSIS E A INICIAÇÃO

Iniciação. A palavra significa começar, bem como ter atingido; é mais o reconhecimento de um ponto de partida do que uma conclusão. Com uma venda nos olhos ou na escuridão, sozinho ou em grupo, o iniciado confronta suas forças ou fraquezas, debate seu valor, devoção e conhecimento. Longos meses ou anos de estudo intenso precederam esse momento, com dúzias de documentos memorizados, muitos ritos realizados com fé, muitos serviços dedicados sem questionamento aos deuses ou deusas.

INICIAÇÕES GUIADAS

Ísis é uma deusa imanente e interativa que não requer a intercessão de um sacerdote ou sacerdotisa treinados para entrar em contato com um devoto. A presença ou conselho de outras pessoas que já foram iniciados por Ísis pode ser muito útil e trazer imensa alegria e confiança ao iniciado em potencial, mas não é essencial. Ísis pode decidir trazer um devoto para a iniciação em um templo, ou outro grupo, ou a iniciação pode ocorrer no curso da vida diária, sem as decorações místicas, mas com igual intensidade de poder espiritual.

Ou ainda, pela graça de Ísis, pode acontecer quando você estiver passeando com seu cão.

Nem todas as iniciações ocorrem em templos, nem todas são o resultado de estudos cuidadosos. Uma das mais significativas iniciações que experimentei surgiu de um acontecimento aparentemente trivial.

Certa noite, quando eu estava em um café perto de casa, um cão passou por ali. Era um belo *golden retriever*, sozinho, e não muito acostumado com as ruas e os carros. Ele não tinha identificação. Eu cuidei dele porque me senti na obrigação de ajudar um animal com problemas e esperei que alguém fizesse o mesmo pelos meus cachorros se, um dia, eles se encontrassem na mesma situação. Era o primeiro dia de um fim de semana prolongado, e achei que seria pouco provável encontrar o dono antes da terça-feira seguinte. Eu simplesmente não podia deixá-lo à sua própria sorte; portanto, levei-o para casa onde ele aterrorizou meus gatos, atacou meu cachorro e me trouxe um desagradável presente na forma de um filhote de gambá morto, que pegou no quintal.

No dia seguinte coloquei-o em uma coleira e o levei até o local de onde eu suspeitava que ele viera carregando uma grande quantidade de folhetos. Enquanto andava pelas ruas perguntei às pessoas se sabiam a quem pertencia o cão. Finalmente, uma mulher que estava limpando a varanda me informou que a missa acabaria logo e que alguém na igreja poderia reconhecer o animal. Fui até a igreja e esperei até que a missa acabasse; um homem que saía reconheceu o cachorro e deu-me as direções para chegar até o local onde estava o dono. Segui para lá, passando por ruas que se tornavam cada vez mais quietas até que ficaram totalmente silenciosas — nenhum carro, choro de criança, ruído de cortadores de gramas — uma completa ausência dos típicos barulhos de domingo. Essa falta de barulho era estranha, mas depois eu me acostumei a ela e minha mente apreciou o raro silêncio e o ritmo lento em que o cão e eu andávamos. Eu segurava a guia frouxamente, na esperança que ele me guiasse até sua casa.

Enquanto caminhava, pensei sobre vários aspectos da minha vida e cheguei a algumas novas conclusões e esclarecimentos. Pensei casualmente sobre a Ísis que Procura, guiada por Anúbis, procurando pelas partes do corpo de Osíris para poder restaurá-lo. A história de Osíris dentro do mito de Ísis, sempre me parecera estéril. Por mais que me esforçasse, jamais conseguira me ligar significativamente com Osíris como um Deus — como um deus que eu cultuasse —, para mim ele era sim-

plesmente o objeto de amor e sofrimento de minha deusa, filtrado através Dela.

Ao caminhar pelas ruas delineadas com palmeiras, sob a clara e quente luz do sol, pensei nos bosques de palmeiras, um dia sagrado para Osíris e peguei uma noz cor de laranja da palmeira para colocar no altar.

Finalmente, encontrei outro homem que também acreditava conhecer o cão e que me acompanhou até uma casa onde havia três ou quatro *golden retrievers*. De lá, mandaram-me para outra casa, localizada na beirada de uma garganta. Quando me aproximava, alguém gritou: "Star está em casa!", e eu sorri ao ouvir o trocadilho feito bem ao estilo egípcio. Eu levara de volta para casa a Estrela Cão, outro nome de Sírius, o sagrado lar de Ísis no céu.

Essa experiência poderia não passar de uma caminhada contemplativa terminando em um trocadilho. Entretanto, quando retornava, decidi parar em uma livraria, sentindo que recebera uma recompensa por meus esforços. Verifiquei as seções de costume mas não encontrei nada. Então, uma brilhante capa turquesa e dourada na seção de filosofia chamou minha atenção. Quando peguei o livro percebi que o título continha uma só palavra: Ísis. Li novamente, certa de ter cometido um erro. Ao retirá-lo da prateleira vi que na capa não havia uma imagem de Ísis, e sim de Osíris. Comprei o livro, e o vendedor comentou que não se lembrava de tê-lo visto antes.

Ao chegar em casa, coloquei o livro sobre o altar — era muito bonito para confiná-lo a uma estante. Apesar da relação íntima de Osíris com Ísis eu jamais me sentira totalmente confortável com seus aspectos um tanto melancólicos como Deus dos Mortos. Estava presa a uma concepção unilateral de seus aspectos do Submundo e negligenciara completamente os aspectos dourados de Osíris-como-Rá, Osíris, que vive Para Sempre, nunca preso a um túmulo ou ao Submundo.

Esse livro, visto diariamente, refletindo a luz do altar na imagem dourada, estimulou minha mente. Pela primeira vez eu estava dando espaço no altar — e também atenção — a Osíris. Não demorou muito até que eu despertasse para uma nova concepção de Osíris, dinâmica e poderosa, um complemento digno da vibrante Ísis; não apenas uma fraca sombra, trazida temporariamente à vida e depois destinada ao submundo e à vida no túmulo. Minhas concepções sobre Ísis e Osíris, bem como minha própria espiritualidade, mudaram positivamente como resultado da longa caminhada feita com o cão perdido.

Os benefícios e efeitos da iniciação foram muito mais poderosos dos que os propiciados por muitos rituais mais formais.

A iniciação pode vir lenta ou rapidamente, ou pode dar a impressão de não estar acontecendo. Uma sacerdotisa mal havia encontrado o nome de Ísis quando começou a receber complexos sonhos e visões iniciatórios. Mas para a maioria das pessoas, o processo será gradual e pode parecer que está sob o controle do iniciado, ou do grupo de iniciados, e não da própria Deusa. Isso pode ser verdade em alguns casos, nos quais a pessoa é iniciada em uma organização e não no culto de uma divindade específica.

O número das possíveis variedades de iniciações é infinito. Alguns dos tipos mais comuns das iniciações de Ísis incluem as iniciações em Seus aspectos da Terra, Solar, Lunar e Estelar, e em diferentes explorações dos inúmeros outros aspectos da Deusa, como a Ísis que Procura; Ísis, a Mãe; Ísis, a Alquimista, etc. As iniciações também podem envolver divindades relacionadas, como Osíris, Anúbis, Néftis e Khepera. Essas iniciações, das quais apenas algumas são mencionadas aqui, podem ocorrer de modo isolado ou, mais raramente, como uma combinação; por exemplo, a experiência Estelar do aspecto Ísis que Procura será diferente da iniciação envolvendo o mesmo aspecto, mas direcionado pela Terra.

Uma palavra sobre as iniciações em grupos, em irmandades ou situações simi-

lares. Os ritos de iniciação realizados ou requeridos por um grupo podem ser absolutamente essenciais para se tornar um membro e atuar naquele grupo específico. Entretanto, esses ritos podem ou não coincidir com as iniciações divinas oferecidas pelos deuses aos quais escolhemos cultuar. É difícil, por exemplo, esperar que doze ou catorze indivíduos estejam perfeitamente "maduros" para ser iniciados no mesmo dia, ou quando a programação dos membros do grupo parece continuamente anular as programações do céu e as celebrações dos deuses.

Se houver um tipo específico de iniciação que você deseje seguir, várias técnicas gerais serão úteis. Primeiramente, é muito importante manter registros precisos e completos de seus sonhos, visões e intuições. Veja o Capítulo Vinte e Três, "Ísis e os sonhos", para obter mais informações sobre o assunto.

É também útil dominar uma habilidade de adivinhação e desenvolver a percepção psíquica em geral. Não percebemos a maior parte das coisas que acontecem conosco e dentro de nós espiritualmente. As ricas horas da noite que passamos dormindo estão freqüentemente perdidas para as nossas mentes conscientes. Mesmo durante o dia, quando a nossa consciência é ocupada com tarefas materiais, a mente subconsciente, espiritual, está funcionando e pode rapidamente romper-se em nossa percepção com um aviso ou visão inesperado. Por mais improvável que pareça, é possível experimentar uma genuína iniciação e depois enterrá-la sob os escombros da vida diária, de modo que seu efeito é forçado a permanecer adormecido até que estejamos dispostos a reconhecê-lo (ou sejamos forçados a isso).

Finalmente, fazer intervalos regulares em nossas carregadas condições físicas e mentais da vida moderna tornará a mente e o corpo mais receptivos à iniciação. Muitas doenças da sociedade moderna são causadas pela falta de "tempo vazio" — em que não se produz nada além do pensamento aleatório e contemplação. Um proeminente grupo de magia do início do século passado recusava membros que não fossem financeiramente independentes, porque eles acreditavam que qualquer pessoa que precisasse trabalhar para sobreviver jamais conseguiria alcançar a introspecção necessária para o trabalho de magia. Embora essa abordagem seja radical e elitista, a premissa básica — "fazer parte do mundo" torna mais difícil o desenvolvimento espiritual — é uma grande verdade.

Se você realmente tomar a decisão de seguir um aspecto específico da iniciação e sentir que Ísis se alia à sua escolha, cerque-se de objetos e imagens que o façam lembrar do aspecto de sua iniciação. Realize atividades ligadas a esse aspecto. As "Meditações" nos capítulos sobre a Ísis solar, lunar, da terra, do mar e cósmica são bons pontos de partida para explorar essas iniciações em potencial. Sua experiência será única, especial, um presente dado pela graça da Deusa Ísis.

RECONHECENDO A INICIAÇÃO

A iniciação dura para sempre; é uma espiral sem fim impulsionando-nos para novas áreas e habilidades. Podemos marcar alguns segmentos como inícios ou fins, ou uma cerimônia especial pode nos fazer fixar uma data específica para um processo que não é linear. No decorrer de seu progresso, novas visões aparecerão incluindo materiais que você considerava passados. Você pode se encontrar viajando, muitas vezes, pela espiral das iniciações mencionadas aqui, cada vez em um arco mais dessa espiral.

Você saberá que completou uma iniciação específica quando se sentir confortável e livre no que diz respeito ao assunto envolvido. Se não sentir genuinamente que entende um ou outro aspecto de Ísis, terá a sensação de um aperto no estômago

quando alguém lhe pedir um conselho ou uma explicação sobre suas experiências naquela área. Sempre haverá áreas que não são sua especialidade, mas é necessário tornar-se suficientemente familiarizado para poder comentar sobre elas.

Por favor, lembre-se de que experimentar uma iniciação não lhe dará automaticamente o direito ou a responsabilidade de treinar outras pessoas nos ritos iniciatórios. Se Ísis lhe der a confirmação de que ensinar é o seu caminho, siga-o. Mas é possível que você esteja experimentando as iniciações apenas para o seu desenvolvimento pessoal. O modo de aplicar o que foi aprendido será diferente para cada um.

ORDENAÇÃO

Em determinado momento, o iniciado pode perceber que chegou a hora de assumir deveres "oficiais" e que o tempo de



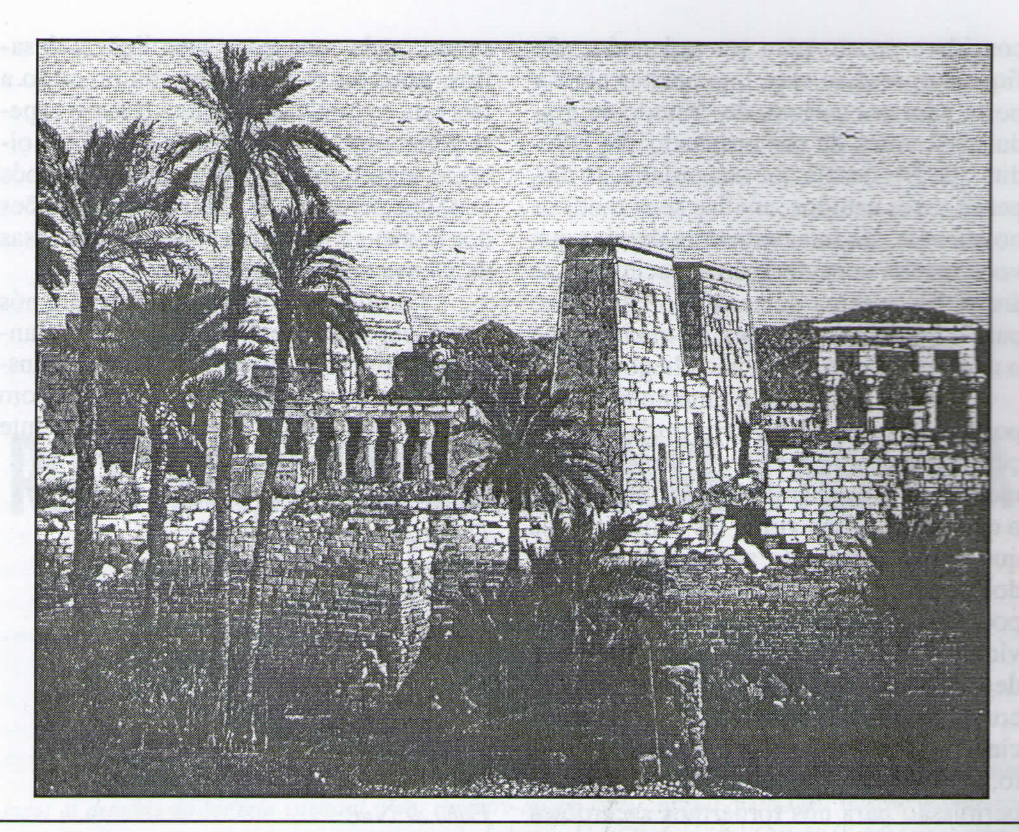
Um ícone de Ísis pintado por Olivia Robertson, arque-sacerdotisa e fundadora da Irmandade de Ísis, presenteado à autora após sua ordenação.

puro estudo e devoção às iniciações pessoais chegou ao fim. O iniciado sente que está habilitado em muitas áreas do culto a Ísis, podendo orientar outras pessoas e assumir, espontaneamente e com conhecimento, as responsabilidades exigidas pela ordenação como um membro do clero de Ísis. Esse momento em geral coincide com o desejo de ser formalmente reconhecido como membro do clero.

A busca pela ordenação não deve ser supérflua. A pessoa pode ter uma vida plena e feliz cultuando Ísis sem nunca desejar o sacerdócio "oficial".

Por favor, não busque a ordenação como sacerdote ou sacerdotisa de Ísis se:

- sentir que precisa de mais tempo para você, sua família ou carreira. Ordenar-se é seguir uma nova carreira. Os pagamentos são espirituais e mesmo assim podem ser adiados até a próxima vida.
- teve uma visão de uma vida passada muito prazerosa em um templo.
- acredita que é a única restante que poderá lhe trazer uma verdadeira experiência espiritual ou mágica, e, portanto, não tem nada a perder se tentar.
- acredita que certa pessoa (ou pessoas) calará a boca, finalmente reconhecendo-o/a como um/a "verdadeiro/a" sacerdote/sacerdotisa e respeitando-o/a como você merece.
- acredita que terá uma vida melhor após a morte.
- pensa que provará para a família a seriedade de seu envolvimento com uma religião alternativa.
- acredita que possua o único e verdadeiro caminho para chegar a Ísis e deseja a oportunidade de fazer com que todos concordem com você, para a glória da Deusa.
- acredita que a Deusa recompensará sua devoção e esforço com uma vida fácil.



O Templo de Ísis na Ilha de Elefantine.

Por favor, *busque realmente* a ordenação se acredita:

- que nada mais irá satisfazer o seu anseio em se dedicar ao trabalho de Ísis.
- que pode fazer uma contribuição válida para a vida, tanto dentro da fé quanto fora dela.
- deseja encorajar outras pessoas a explorar a fé e esforça-se para fazer de sua vida um exemplo digno.
- que embora outros aspectos do culto e outras divindades possam atraí-lo algumas vezes, a fascinação por Ísis permanece constante.
- que um sonho ou visão de Ísis, que você sente em seu coração ser verdadeiro, lhe diz para buscar a ordenação.
- que reconhece e aceita o fato de que exigências maiores possam ser feitas sobre o seu tempo ou emoções.
- que mesmo a ameaça de morte não o fará renunciar à aliança com Ísis em seu coração.
- que mesmo a oposição ativa de pessoas a quem você respeita e cujas opiniões são importantes para você não o fará abandonar a decisão.
- que deseja assumir responsabilidades inesperadas.

Se após esse autoquestionamento, você continuar realmente acreditando que deseja o título "oficial", deverá, então, procurar um indivíduo ou um grupo que possa ordená-lo, garantindo o reconhecimento. Qualquer que seja a pessoa, ou o grupo, que garanta esse privilégio, eles normalmente possuirão uma série de materiais que será essencial para o iniciado dominar antes da ordenação. Embora você possa ser iniciado em muitos aspectos de Ísis, e se

considere pronto para ser ordenado, não fique surpreso se esse fato apenas abrir a porta para um período de "estudo de graduação" antes de ser ordenado. Se acredita que Ísis deseja que sua ordenação dispense esses estudos, analise seus motivos novamente. Se Ísis realmente desejar que você receba consideração especial nessas áreas, Ela mesma deixará isso bem claro para o grupo; ou mostrará ao iniciado que o momento certo ainda não chegou.

Acima de tudo, o elemento mais importante é estar alerta às próprias iniciações e ordenações. O templo não é realmente um lugar para onde *vamos*. É tudo o que está a nossa volta. Os ritos e rituais que verdadeiramente aumentam a glória dos deuses são aqueles que somente nós podemos realizar. Oferecemos nossa individualidade como o maior presente aos deuses. Podemos escolher encarar tudo como uma iniciação, e tudo será uma iniciação. Podemos encarar tudo como culto, e tudo será um culto. Nós já temos a permissão para nos tornarmos sacerdotes e sacerdotisas, e apenas a nossa sincera palavra de aceitação é necessária para entrarmos em comunhão com Ísis.

Estamos na hora entre a escuridão e o amanhecer. Vinte e quatro horas se passaram, cada uma com suas lições, desafios, prazeres e dores. Um dia no culto a Ísis está terminando, enquanto outro espera para começar. E assim os dias e as noites se seguiram, um após o outro, ano após ano. Ísis perdurou. E a ânsia nos corações dos homens e mulheres pelo toque das asas da Deusa também perdurou.

Os raios do sol se estendem para nós com Suas mãos gentis. As nuvens distantes no horizonte tornam a luz cinza e a transformam em dourado e rosa. Ouça. É o som de fora ou de dentro que diz, suavemente a princípio, depois aumentando em força:

Despertai, despertai, despertai.
Despertai em paz,
Senhora da paz,
Levantai em paz,
Levantai em beleza,
Deusa da Vida
Bela no céu,
O céu está em paz.
A Terra está em paz.
Oh, Deusa,
Filha de Nut,
Filha de Geb
Amada de Osíris,
Deusa rica em nomes!
Todo louvor a Vós
Todo louvor a Vós
Eu Vos adoro
Eu Vos adoro
Senhora Ísis!

APÊNDICE A

REGISTRO DE PLUTARCO SOBRE A HISTÓRIA DE ÍSIS E OSÍRIS

Embora o mito de Ísis e Osíris fosse conhecido por todo o Egito, nenhuma fonte egípcia nos fornece todos os detalhes da história essencial. Para encontrá-los em fontes antigas precisamos recorrer a Plutarco, um iniciado e escritor que viveu no segundo século desta era. Em On Isis and Osiris *[Sobre Ísis e Osíris], obra dedicada a Klea, uma sacerdotisa de Ísis e Osíris, ele apresenta um registro sobre o mistério. Para evitar confusão, por favor, lembre-se de que Plutarco chama Set de "Tufão" e Hórus de "Aroueris". Ele também se refere a Thoth/Tahuti como "Hermes".*

O texto abaixo foi retirado de *Moralia*, de Plutarco (traduzido por Frederick Cole Babbitt), Londres; William Heineman Ltd., 1936.

"Segue a história relatada do modo mais breve possível, com a omissão de tudo o que é supérfluo:

Eles contam que o Sol, quando ficou sabendo do relacionamento de Rhea com Kronos, invocou uma maldição sobre ela para que não pudesse dar à luz uma criança em qualquer mês de qualquer ano; mas Hermes, que estava apaixonado pela deusa, casou-se com ela. Mais tarde, jogando com a lua, ganhou dela a sétima parte de cada um dos seus períodos de iluminação, e de todas as vitórias ele criou cinco dias e os intercalou, somando-os aos trezentos e sessenta dias. Os egípcios ainda hoje celebram esses cinco dias como o nascimento dos deuses. Eles relatam que no primeiro dia Osíris nasceu, e na hora de seu nascimento uma voz proclamou: 'O Deus de Tudo avança para a luz'. Mas alguns relatam que um certo Pamiles, enquanto retirava água em Tebas, ouviu uma voz que ecoava do santuário de Zeus e que o ordenou a proclamar em voz alta que um poderoso e benéfico rei, Osíris, nascera; e por causa disso Cronos lhe confiou a criança Osíris para educar. É em honra desse homem que o festival de Pamilia é celebra-

do, um festival que lembra as procissões fálicas. No segundo dia Aroueris nasceu. Alguns o chamaram de Apolo e outros de Hórus mais velho. No terceiro dia, Tufão nasceu, mas não na estação ou do modo correto; com uma batida e um salto, ele saiu do corpo da mãe pelo lado. No quarto dia, Ísis nasceu, nas regiões onde sempre há umidade; e no quinto dia nasceu Néftis, a quem eles deram o nome de Finalidade e de Afrodite, e alguns outros a chamaram de Vitória. Há também uma tradição segundo a qual Osíris e Aroueris nasceram do sol, Ísis, de Hermes, e Tufão e Néftis, de Cronos. Por esse motivo os reis consideravam o terceiro dos dias intercalados desafortunado e não realizavam negócios nesse dia, nem cuidavam do corpo até o cair da noite. Também é relatado que Néftis se tornou mulher de Tufão; mas Ísis e Osíris se apaixonaram e se uniram no ventre da mãe antes de nascer. Alguns afirmam que Aroueris nasceu dessa união e foi chamado de Hórus mais velho pelos egípcios, e Apolo pelos gregos.

Um dos primeiros atos atribuídos a Osíris em seu reinado foi livrar os egípcios de seu modo rude e desamparado de viver. Ele fez isso mostrando-lhes os frutos do cultivo, dando-lhes leis e ensinando-lhes a honrar os deuses. Mais tarde, ele viajou por toda a terra, civilizando-a sem a menor necessidade de armas, mas atraindo as pessoas através da fala encantadora e persuasiva combinada com canções e todos os tipos de música. Por essa razão os gregos o identificaram com Dioniso.

A história conta que, durante a ausência de Osíris, Tufão não tentou praticar nenhum ato revolucionário, porque Ísis, que governava, estava vigilante e alerta; mas quando o rei voltou para casa, Tufão elaborou um plano traiçoeiro e reuniu um grupo com setenta e dois conspiradores. Ele também contou com a ajuda de uma rainha etíope que estava no Egito naquele momento, e cujo nome é relatado como Aso. Tufão, tendo medido secretamente o corpo de Osíris e preparado uma bela arca do tamanho correspondente, artisticamente ornamentada, fez com que ela fosse levada à sala onde as festividades aconteciam. Os participantes admiraram muito a arca e Tufão prometeu em tom jocoso que a daria de presente àquele cujo corpo se encaixasse perfeitamente dentro da arca. Todos tentaram, mas ninguém conseguiu; então Osíris entrou na arca e se deitou, e os conspiradores correram e a lacraram. Depois, levaram a arca para o rio e a soltaram no mar através da foz Tanitic. Até hoje os egípcios consideram essa foz odiosa e execrável. Essa é a tradição. É ainda relatado que a data em que isso aconteceu era o décimo sétimo dia de Athir, quando o sol passa por Escorpião, e o vigésimo oitavo ano do reinado de Osíris; mas alguns afirmam que essa era sua idade e não os anos de governo.

Os primeiros a descobrir o acontecimento e a levar a notícia ao conhecimento dos homens foram os pans e sátiros que viviam na região próxima a Chemmis, e por essa razão até hoje a repentina confusão e desespero de uma multidão recebe o nome de pânico. Quando Ísis soube o que aconteceu imediatamente cortou uma das tranças e vestiu um traje de luto, em um local onde a cidade ainda hoje tem o nome de Copto. Outros acreditam que o nome significa "privação", porque os egípcios expressam esse estado com a palavra *koptein*. Mas Ísis procurou a arca por todos os lugares, perguntando sobre seu paradeiro a qualquer pessoa que encontrava, inclusive crianças pequenas. As crianças disseram ter visto a arca e contaram a Ísis o nome da foz do rio através da qual os amigos de Tufão jogaram a arca no mar. Desde então os egípcios acreditam que as crianças pequenas têm o poder da profecia e tentam adivinhar o futuro através de presságios encontrados nas palavras das crianças, principalmente quando elas estão brincando em lugares sagrados e gritam qualquer coisa que lhes venha à mente.

A história conta que quando Ísis descobriu que seu amor, Osíris, havia se deitado com sua irmã acreditando tratar-se de Ísis, e viu a prova do fato na guirlanda de flores esquecida por Néfits, procurou a criança nascida dessa união, porque Néftis a abandonara imediatamente após o nascimento, por temor a Tufão. E quando o menino foi encontrado, após muitas dificuldades e problemas, com a ajuda de cães que conduziram Ísis até ele, foi criado pela deusa e tornou-se guardião e auxiliar de Ísis, recebendo o nome de Anúbis. Acredita-se que ele proteja os deuses do mesmo modo que os cães cuidam dos homens.

Mais tarde, segundo o relato, Ísis descobriu que a arca fora levada pelo mar até a terra de Biblos, e que as ondas gentilmente a depositaram no meio de uma moita de urze. A urze, em pouco tempo, cresceu e transformou-se em um belo e grande tronco que envolveu a arca, escondendo-a. O rei daquele país admirou o tamanho da planta e cortou a parte que envolvia a arca, agora totalmente escondida. Essa parte foi usada como um pilar para apoiar o telhado do palácio. Ísis tomou conhecimento desses fatos através da inspiração divina de Rumor e, seguindo para Biblos, sentou-se junto a uma nascente, traída e em lágrimas, não conversou com ninguém, exceto as servas da rainha, a quem ela tratou com gentileza, trançando-lhes os cabelos e dando-lhes uma maravilhosa fragrância de seu próprio corpo. Mas quando a rainha observou as servas, foi tomada de um anseio pela mulher desconhecida, pelo penteado e pela fragrância de ambrosia. Ísis foi chamada e tornou-se tão íntima da rainha que esta confiou-lhe seu bebê para tomar conta. Dizem que o nome do rei era Malcander; alguns afirmam que a rainha se chamava Astarte, outros a chamam de Saosis, outros, ainda, de Nemanus, a quem os gregos chamavam Atenas.

A história conta que Ísis amamentou a criança, oferecendo-lhe o dedo em vez do seio, e à noite queimava as porções mortais de seu corpo. Ela própria se transformava em uma andorinha e voava ao redor do pilar em prantos e lamentações, até que a rainha, vendo o bebê em chamas, gritou e, portanto, privou-o da imortalidade. Então a deusa se revelou e pediu o pilar que servia de suporte para o telhado. Moveu-o com grande facilidade e cortou a madeira que cercava a arca; após envolver a madeira em um tecido de linho e derramar perfume sobre ela, a deusa deixou-a aos cuidados dos reis; e até hoje o povo de Biblos venera a madeira que preservou o santuário de Ísis. Depois, a deusa se jogou sobre o caixão, com um lamento tão horrível que o filho mais novo dos reis morreu na mesma hora. Ísis ficou com o filho mais velho e, tendo colocado o caixão no barco, partiu do país. Como o rio Phaedrus provocava um vento muito forte pela manhã, a deusa ficou com raiva e secou seu fluxo.

No primeiro local onde encontrou privacidade, ela abriu a arca e encostou o rosto no de Osíris, acariciando-o e chorando. A criança aproximou-se silenciosamente e viu o que havia dentro da arca. Quando a deusa percebeu isso, virou-se para a criança com um olhar de raiva. Esta, não resistindo ao medo, morreu. Alguns afirmam que o menino caiu no mar. Ele também recebe honras por causa da deusa; pois acredita-se que Maneros, sobre quem os egípcios cantam nas festividades, é essa criança. Outros, no entanto, dizem que o nome do menino era Palestino ou Pelúsio, e que a cidade fundada pela deusa recebeu o nome em homenagem a ele. Conta-se, ainda, que esse Maneros, o tema das canções egípcias, foi o inventor da música. Mas alguns dizem que essa palavra não é o nome de qualquer pessoa, mas um termo que pertence ao vocabulário ligado aos atos de comer e beber: 'Que a boa sorte nos sorria nessas coisas!', e que essa é a verdadeira idéia exprimida pela exclamação 'maneros' sempre que os egípcios a proferem. Do mesmo modo, podemos ter cer-

teza de que a imagem de um corpo que, após ser exibida ao público, é carregada em um caixão, não é uma lembrança do que aconteceu a Osíris, como alguns supõem. O verdadeiro propósito dessa imagem é estimular os egípcios a usar e desfrutar do presente, já que todos muito em breve serão o que a imagem é agora, e é essa a razão pela qual a imagem é exibida em meio a uma festividade.

Segundo os relatos, Ísis seguiu para o local onde estava seu filho Hórus, criado por Buto, e colocou a arca em um local escondido; mas Tufão, que caçava à noite sob a luz da lua a encontrou por acaso. Reconhecendo o corpo, ele o dividiu em catorze partes e as espalhou em diferentes locais. Ísis descobriu o que aconteceu e saiu em busca das partes novamente, navegando pelos pântanos em um barco de papiro. É por isso que as pessoas que navegam nesse tipo de barco não são atacadas por crocodilos, uma vez que essas criaturas mostram temor ou respeito à deusa.

O resultado do desmembramento de Osíris é a existência de muitos supostos túmulos do deus espalhados por todo o Egito, porque Ísis organizava um funeral cada vez que encontrava uma parte do corpo em um local diferente. Algumas pessoas refutam essa informação, afirmando que Ísis mandou fazer imagens de Osíris e as distribuiu entre várias cidades, fingindo que eram partes do corpo do marido, para que ele recebesse as honras divinas em um grande número de cidades; e também porque se Tufão derrotasse Hórus, entraria em desespero tentando encontrar o verdadeiro túmulo de Osíris entre tantos apontados como tal.

A única parte do corpo de Osíris não encontrada por Ísis foi o membro masculino, porque ele fora imediatamente jogado ao rio e devorado pelos peixes. Por esse motivo, os egípcios se abstêm de ingerir certos peixes de água doce. Mas Ísis fez uma réplica do membro e consagrou o falo, em cuja honra os egípcios até hoje celebram um festival.

Tempos depois, Osíris, vindo do outro mundo, chegou até Hórus, treinando-o para a batalha. Um dia, Osíris perguntou a Hórus o que ele considerava a mais nobre das coisas. Quando Hórus respondeu: 'Vingar o pai e a mãe pelo mal a eles causado', Osíris perguntou-lhe que animal seria o mais útil para a batalha; e quando o rapaz respondeu: 'o cavalo', Osíris ficou surpreso e perguntou por que não seria o leão. Hórus respondeu que o leão seria um animal muito útil para um homem que precisasse de ajuda, mas que um cavalo era melhor para derrubar o ataque inimigo e aniquilá-lo. Osíris ficou muito satisfeito com a resposta, pois sentiu que Hórus já estava preparado. Conta-se que, assim como muitos estavam se aliando a Hórus, a concubina de Tufão, Thoueris, também o fez; e uma serpente que a perseguiu foi cortada em pedaços pelos soldados de Hórus, e agora, em memória desse acontecimento, as pessoas atiram uma corda ao solo e a cortam em pedaços.

A batalha durou muitos dias e Hórus venceu. Contudo, Ísis, a quem Tufão foi entregue acorrentado, não ordenou sua execução, mas o deixou livre. Hórus não pôde aceitar isso e, enraivecido, arrancou o diadema real da cabeça da mãe; mas Hermes colocou no lugar do diadema um elmo semelhante à cabeça de uma vaca.

Tufão acusou formalmente Hórus de ser uma criança ilegítima, mas com a ajuda de Hermes para defendê-lo, os deuses decidiram que Hórus era legítimo. Tufão foi, portanto, derrotado em mais duas batalhas. Osíris deitou-se com Ísis após sua morte, e ela se tornou a mãe de Harpocrates, nascido antes do tempo e fraco nas pernas.

Outras histórias semelhantes a essa são relacionadas a Tufão; o modo como ele, guiado pelo ciúme e hostilidade, praticou atos terríveis, e por trazer absoluta confusão sobre as coisas, encheu toda a Terra e o oceano com doenças, sendo punido depois. Mas a vingadora, irmã e mulher de Osíris, após extinguir e suprimir a

loucura da fúria de Tufão, não ficou indiferente às dificuldades e lutas pelas quais ela passou, nem às suas andanças ou aos muitos atos de sabedoria e feitos de bravura; nem tampouco aceitaria ficar no esquecimento e silêncio por eles, mas integrou-se nas mais sagradas representações dos ritos e de suas experiências à época, e os santificou, tanto como uma lição de religiosidade quanto um encorajamento para homens e mulheres que se encontrem no meio de uma calamidade semelhante. Ela e Osíris, por suas virtudes transformados de semideuses em deuses, como o foram Heracles e Dioniso mais tarde, não impropriamente desfrutam de honras duplas, tanto dos deuses quanto dos semideuses, e seus poderes se estendem para todos os lugares, mas são maiores nas regiões acima e abaixo da terra."



APÊNDICE B

REGISTRO DE PLUTARCO SOBRE A ORIGEM DE SERÁPIS

Plutarco apresenta um registro sobre o início do culto a Serápis.

O texto a seguir foi retirado de *Moralia*, de Plutarco (traduzido por Frederick Cole Babbitt), Londres; William Heineman Ltd., 1936.

"... Os homens afirmam que Plutão é Serápis, e Perséfone é Ísis, ainda que o Arquemacus de Euboea e Heracleides Ponticus, que é responsável por um oráculo em Canopo, tenham dito que se trata de um oráculo de Plutão.

Ptolomeu Soter viu em um sonho a colossal estátua de Plutão em Sinope. Ele jamais a vira antes, e nesse sonho a estátua ordenou que ele a enviasse rapidamente para Alexandria. Ptolomeu não sabia a localização da estátua, nem tinha meios de descobrir, mas quando relatou a visão aos amigos, eles conseguiram descobrir um viajante experiente, de nome Sosibius, que afirmou ter visto em Sinope uma estátua tão grande quanto a que o rei vira. Ptolomeu, então, enviou Soteles e Dioniso, que, após muito tempo e com muita dificuldade, e não sem a ajuda da providência divina, conseguiram roubar a estátua. Quando a estátua foi enviada ao Egito e exposta ao público, Timoteo, o expositor da lei sagrada, e Manetho de Sebenite, e seus associados, conjecturaram que era a estátua de Plutão, baseando sua opinião na imagem de Cérbero e da serpente, e convenceram Ptolomeu que se tratava da representação do deus Serápis. Ela certamente não tinha esse nome quando foi retirada de Sinope, mas, após ter sido levada para Alexandria, assumiu o nome pelo qual Plutão é conhecido entre os egípcios — Serápis. Além disso, porque Herecleius, o filósofo físico, disse: 'Hades e Dioniso são o mesmo, para honrar aqueles com quem se enfurecem e se entusiasmam', as pessoas tendem a concordar com essa opinião. Na verdade, aqueles que insistem em

chamar o corpo de Hades, já que a alma está, como estava, enlouquecida e inebriada quando dentro do corpo, são muito frívolos em seu uso da alegoria. É melhor identificar Osíris com Dioniso e Serápis como Osíris, que recebeu esse título quando mudou sua natureza. Por essa razão, Serápis é um deus de todas as pessoas em comum, assim como Osíris; e isso é bem conhecido por aqueles que participaram dos ritos sagrados.

Não vale a pena prestar qualquer atenção aos escritos dos frígios, que afirmam que Serápis era o filho de Heracles, e Ísis era sua filha, e Tufão também era filho de Heracles; também devemos condenar Filarco, que escreve que Dioniso foi o primeiro a trazer dois touros da Índia para o Egito e que o nome de um dos touros era Apis, e do outro Osíris. Mas Serápis é o nome daquele que põe o Universo em ordem e deriva de 'varrer' (*sairein*), que alguns entendem como 'embelezar' e 'pôr em ordem'. Essas afirmações de Filarco são absurdas; porém, mais absurdas ainda são as afirmações dos que dizem que Serápis não era um deus, mas o nome do caixão de Apis; e que existem em Mênfis certos portões de bronze, denominados Portões do Esquecimento e das Lamentações, que são abertos quando o funeral de Apis acontece; e que os portões produzem um som áspero e profundo; e é por esse motivo que colocamos as mãos sobre qualquer objeto de bronze que produza um som. Mais moderadas são as afirmações dos que acreditam que a derivação seja das palavras 'disparar' (*seuesthai*) ou 'correr' (*sousthai*), significando o movimento geral do Universo. A maioria dos sacerdotes diz que Osíris e Apis são reunidos em um só, explicando que devemos considerar Apis a imagem corpórea da alma de Osíris. Mas na minha opinião, se Serápis é um nome egípcio, ele representa animação e alegria, e me baseio no fato de que os egípcios chamam seu festival da alegria de 'sairei'."

APÊNDICE C

REGISTRO DE APULEIUS SOBRE A PLOIAFÉSIA

Este é o único registro completo que temos sobre qualquer ritual de Ísis realizado no período greco-romano. A tradução apresentada aqui é de J. Gwyn Griffith, de *The Isis Book (Metamorphoses, Book XI)* [O livro de Ísis (Metamorfose, livro XI)], de Apuleius de Madaura. E.J. Brill Publishing Company, Leiden, Holanda.

"Gradualmente apareceram os precursores da procissão, vestindo os elegantes trajes que escolheram. Um homem cingido por um cinto representava um soldado; outro com o manto arregaçado demonstrava pelas botas e lanças ser um caçador, enquanto outro, com sapatos dourados, um manto de seda e ornamentos caros fingia ser uma mulher, usando uma peruca e caminhando com um porte atrevido. Outro ainda, destacado por suas grevas, escudo, elmo e espada, parecia ter saído da escola de gladiadores. Então, veio outro homem agindo como um magistrado, com tochas e púrpura; e outro, com um manto, cajado, sandálias tecidas e barba de bode, representava um filósofo. Havia dois homens com tipos diferentes de hastes de cana, um deles representando um caçador de pássaros, e o outro, um pescador com os anzóis. Vi duas ursas domesticadas vestidas como matronas e levadas em carroças; um macaco com um boné trançado e roupas cor de açafrão, carregando um cálice dourado, como o pastor Ganimede; um burro com asas coladas nas costas caminhando ao lado de um velho decrépito, um representando Bellerofon, e o outro Pégaso, mas ambos igualmente cômicos.

Enquanto essas engraçadas figuras apareciam por todos os lugares, a procissão apropriada da Deusa Salvadora estava a caminho. Mulheres radiantes em trajes brancos, exultantes em diferentes tipos de emblemas que carregavam, e com guirlandas de flores da primavera espalhavam-nas pelo chão por onde o sagrado grupo passava. Outras mulheres carregavam espelhos revertidos nas costas em

uma demonstração de respeito à deusa, que se movia atrás delas; outras levavam pentes de marfim, representando o adorno no cabelo da rainha; outras ainda espalhavam diversos tipos de perfumes e deliciosos bálsamos pelas ruas. Um grande número de pessoas, de ambos os sexos, buscava as bênçãos da Deusa, que é a criadora das estrelas do céu, com tochas, lampiões, velas e outros tipos de luzes artificiais. Logo em seguida vinha a maravilhosa música de muitos instrumentos, e o som da gaita e da flauta nas mais doces melodias. Os instrumentos eram acompanhados por um fantástico coral dos mais bem selecionados jovens, radiantes em seus trajes festivos; eles repetiam uma canção cativante que fora escrita por um habilidoso poeta com a ajuda da Deusa da Música, e o tema dessa canção continha prelúdios musicais aos votos solenes que viriam a seguir. Vieram, também, flautistas, dedicados ao grande Serápis, que repetiam, através de uma haste de cana colocada ao lado do ouvido direito, uma tradicional melodia dedicada ao templo e à sua divindade; e havia homens gritando: 'Abram espaço para a procissão sagrada!'

Depois, seguia a multidão dos iniciados nos divinos mistérios; homens e mulheres de todos os níveis e idades, reluzentes no imaculado branco do traje de linho. As mulheres enrolaram um véu transparente em volta dos cabelos, que estavam úmidos com perfume, e as cabeças dos homens brilhavam, pois os cabelos foram totalmente raspados. Juntos, eles produziam um vibrante tinido com os sistros que eram de bronze ou prata, ou mesmo de ouro. Junto a eles estavam as estrelas terrestres de grande fé, os nobres líderes, os sacerdotes do ritual que, em vestes de linho branco presas na altura do peito e chegando até os pés, carregavam os eminentes emblemas dos mais poderosos deuses. O primeiro deles estendeu uma lanterna que brilhou com uma forte luz, diferente daquelas que iluminam nossos banquetes noturnos, mas sim uma vasilha dourada com uma grande chama no orifício central. Um segundo sacerdote estava vestido de modo semelhante, mas carregava nas duas mãos um grande altar, que é uma 'fonte de ajuda', um distinto nome derivado da providência auxiliadora da eminente deusa. Um terceiro caminhava segurando um galho de palmeira com folhas delicadamente pintadas de dourado e também um cajado de arauto como o de Mercúrio. O quarto sacerdote exibia um emblema da justiça, uma mão esquerda deformada com a palma estendida, que, por sua lentidão inata e falta de habilidade, representava melhor a justiça do que a mão direita o faria. O mesmo homem carregava uma pequena vasilha de ouro redonda, na forma de um seio, da qual ele derramava leite no chão. Um quinto sacerdote carregava uma peneira dourada, feita de ramos, e outro carregava um cântaro com dois cabos.

Não houve atrasos quando os deuses se apresentaram, dignando-se a caminhar com pés humanos. Primeiramente veio o temido mensageiro dos seres celestiais e infernais, Anúbis, de estatura imponente e face às vezes negra, às vezes dourada, empinando a cabeça de cachorro; na mão esquerda segurava um cajado de arauto e na direita balançava uma folha de palmeira verde. Imediatamente atrás dele seguia uma vaca em postura ereta; a vaca era a imagem fértil da deusa que é a criadora de tudo; e um dos abençoados sacerdotes carregava a imagem nos ombros, caminhando orgulhosamente. Outro sacerdote carregava uma caixa contendo objetos secretos e escondendo os atributos da fé sublime. Outro carregava a reverenciada imagem da deusa maior, que não era semelhante a um boi ou pássaro, ou outro animal selvagem, mas que inspirava reverência pelo habilidoso trabalho artesanal e sua estranheza, ela era a testemunha absoluta de uma fé crescente que alegava estar escondida em um vasto silêncio. A imagem estava decorada em ouro reluzen-

te, da seguinte forma: era um pequeno vaso, habilmente esculpido, com uma base finamente arredondada, adornada do lado de fora com maravilhosas figuras egípcias. O bocal não era muito alto e era aberto em um canal, que se estendia em um longo bico; do outro lado estava o cabo em curva. Na parte mais alta do cabo encontrava-se uma víbora enrolada, empinando a cabeça para trás.

Olhem! Chegam até mim as bênçãos prometidas pela mais auxiliadora das deusa, e um sacerdote se aproxima trazendo meu destino e minha salvação. Cumprindo a promessa, ele trazia na mão direita um sistro que seria oferecido à deusa e uma coroa para mim — e com certeza a coroa era merecida, porque, após sofrer tantos e tão grandes tormentos e passado por tantos perigos, pela providência da poderosa deusa, eu estava agora superando o Destino que havia me tratado tão cruelmente. Contudo, eu não forcei minha passagem, impetuosamente perturbado pela repentina alegria, porque naturalmente temia que a ordenada seqüência do rito sagrado fosse perturbada pela precipitação de um animal de quatro patas. Portanto, vagarosamente, com passos silenciosos como os de um homem, eu gradualmente abri meu caminho através da multidão, que se abriu para mim, certamente devido à orientação da deusa, e gentilmente arrastei-me até o sacerdote.

Mas o sacerdote, como pude perceber, lembrou-se da visão que tivera à noite e se maravilhou pelo fato de que tudo ocorreu conforme as instruções que recebera. Ele parou imediatamente e erguendo a mão direita segurou a coroa de rosas na altura de minha boca. Então, em minha agitação, meu coração batendo apressadamente, tomei a coroa avidamente e ansiando pelo cumprimento da promessa devorei-a por completo. A promessa fora cumprida: imediatamente a feia forma animal me deixou.

Primeiro, a crina caiu, depois a pele grossa afinou-se e a gorda barriga desapareceu. Os cascos transformaram-se em pés e as mãos não mais eram patas, e eu voltei à postura ereta. Meu longo pescoço se contraiu, minha cabeça e boca tornaram-se redondas; as grandes orelhas e os molares voltaram à forma e tamanho originais, e a cauda, meu maior tormento, não mais existia! As pessoas ficaram maravilhadas; e os devotos expressaram adoração pelo magnífico sinal de poder da deusa maior e da glória que correspondeu às visões da noite, bem como pela habilidade da deusa em realizar a minha transformação. Com uma clara voz em uníssono, eles ergueram as mãos para o céu e aclamaram a radiante bênção concedida pela deusa.

Mas eu estava profundamente maravilhado e permaneci no mesmo lugar, em silêncio, porque minha mente não conseguia aceitar uma alegria tão grande e repentina. O que eu deveria dizer primeiro? Como usaria pela primeira vez minha voz restaurada? Com que tipo de conversa eu poderia mais adequadamente inaugurar o meu renascido poder da fala? Com quais e quantas palavras poderia eu agradecer à tão grande deusa? Mas o sacerdote, que através da comunicação divina conhecia todos os meus infortúnios desde o início, embora também estivesse emocionado pelo milagre, ordenou com um significativo movimento de cabeça que um traje de linho me fosse entregue para cobrir meu corpo; porque, assim que o animal removera sua odiosa pele de meu corpo, eu fechara minhas coxas apertadamente e tentei me cobrir o máximo possível com as mãos. Um dos devotos rapidamente retirou um de seus mantos e o colocou sobre mim. Depois, o sacerdote, com uma expressão bondosa, olhou com surpresa para minha forma, que já era completamente humana, e disse:

'Após sofrer inúmeros tormentos e ter sido levado pelas mais selvagens tempestades do Destino, finalmente, Lucius, você chegou ao porto do Repouso e ao altar da Misericórdia. Seu nascimento nobre não foi útil para você, nem sua posição na sociedade, nem os ricos estudos, mas no

escorregadio caminho da turbulenta juventude você procurou por prazeres mais baixos e recebeu uma triste recompensa pela desastrosa curiosidade. Entretanto, a cegueira do Destino, embora o torturasse com os maiores perigos, o levou a um estado de graça religiosa. Deixe que ele vá embora e se enfureça em um frenesi selvagem, enquanto procura por outro objeto para exercer sua crueldade. Porque o destino hostil não tem poder sobre aqueles cujas vidas foram reivindicadas pela majestade de nossa deusa. Quão útil para o cruel Destino foram os ladrões, os animais selvagens, a escravidão, as duras jornadas levadas pelo vento para a frente e para trás, e o medo diário da morte? Você foi recebido na proteção de um Destino que não é cego, mas vê, e que ilumina outros deuses com o esplendor de sua luz.

'Mostre, agora, um rosto mais feliz ao vestir o manto branco. Siga a procissão da Deusa Salvadora com passos triunfantes. Deixe que os incrédulos percebam e reconheçam seu erro: 'olhem! Aqui está Lucius! Ele foi libertado de seus infortúnios passados e, exultante na providência da poderosa Ísis, venceu o Destino'. Mas para estar mais seguro e mais bem preparado, inscreva seu nome nesse serviço militar sagrado, cujo juramento solene lhe foi requerido há não muito tempo, e comprometa-se a partir desse momento com o ministério de nossa religião. Aceite de livre e espontânea vontade o peso do serviço. Porque quando começar a servir à deusa, melhor perceberá o resultado de sua liberdade'.

Após profetizar desse modo, o excelente sacerdote respirou profundamente várias vezes e ficou em silêncio. Então, eu me juntei à sagrada procissão e segui em frente, acompanhando o santuário, de modo que fiquei em destaque para que toda a população pudesse ver. Os homens apontavam para mim e assentiam com a cabeça. Todas as pessoas falavam sobre mim: 'Esse é o homem que foi restaurado hoje à forma humana através da esplêndida divindade da toda-poderosa deusa. Ele é feliz, e três vezes abençoado, por ter merecido, devido à pureza de sua forma anterior e sua pia lealdade, essa maravilhosa graça vinda do céu, porque ele nasceu de novo e imediatamente se ofereceu para o serviço nos ritos sagrados'.

Ao mesmo tempo, entre o clamor dos juramentos feitos em espírito festivo, nós seguíamos lentamente, aproximando-nos da costa e chegando ao exato lugar onde minha forma anterior — o burro — deitara-se no dia anterior. Quando as imagens dos deuses foram colocadas ali, o sacerdote-chefe proferiu as mais enaltecedoras preces para um navio que fora construído com rara habilidade e decorado com maravilhosas pinturas egípcias. Com uma tocha brilhante, um ovo e enxofre, ele purificou o navio completamente. Depois, batizou-o publicamente e o dedicou à deusa. A vela desse barco auspicioso tinha letras douradas bordadas no tecido. Elas significavam a prece inaugural para uma navegação afortunada no comércio do ano novo. Um pinheiro arredondado servia como mastro, imponente em esplendor, e com uma elegante copa resplandecente. O tronco tinha a extremidade curva e brilhava com uma cobertura de folhas douradas. Todo o navio reluzia com o polimento da macia madeira cítrica. Todas as pessoas, tanto os devotos quanto os não devotos, participaram do carregamento do navio com cestas cheias de especiarias e oferendas semelhantes, e despejaram sobre as ondas oferendas de mel misturado com leite, até que o navio, carregado com presentes generosos e símbolos de invocação de boa sorte, foi lançado ao mar em meio a uma brisa favorável que soprava especialmente para ele. Quando o navio desapareceu de nossa vista, os carregadores das imagens pegaram novamente as respectivas cargas e retornaram ao templo, seguindo a mesma ordem da procissão.

Mas quando chegamos ao templo, o sacerdote-chefe e os carregadores das

imagens divinas, juntamente com as pessoas que já haviam sido iniciadas nos mistérios do impressionante santuário, foram recebidos na sala da deusa e colocaram as imagens nos devidos lugares. Então, um dos carregadores, a quem chamavam o Leitor, parou perto da entrada e depois de convocar uma reunião dos pastofori — esse é o nome do grupo sagrado —, como se fosse para um reunião pública, no mesmo lugar ele proferiu, de um alto pedestal e usando os escritos de um livro, orações para a prosperidade de nosso grande imperador, do Senado, dos cavaleiros e de todo o povo de Roma, assim como dos navegantes e navios, e de todo o domínio de nossa lei. Então, proclamou o Lançamento dos Navios durante e depois dos ritos gregos. Que esse discurso trouxe alegria a todos ficou claro com o aplauso subseqüente da multidão. Por esse motivo, extasiado de alegria, membros da população apresentaram ramos, folhagens e guirlandas, ao mesmo tempo beijando os pés da deusa, sua estátua feita de prata, nos degraus do templo. Depois, eles partiram para suas casas. Quanto a mim, no entanto, minha mente não permitiu que me afastasse um centímetro do local; eu estava envolto em contemplação da imagem da deusa e comecei a pensar sobre meus infortúnios passados."



BIBLIOGRAFIA E OUTROS LIVROS DE INTERESSE

ALLEN, Richard Hinckley, *Star Names, Their Lore and Meaning*. Nova York: Dover Publications, 1963. Relançamento da edição de 1899 com o título *Star Names and Their Meanings*.
Um guia prático para o estudo antigo das estrelas.

ANGUS, S., *The Mystery-Religions and Christianity: A Study in the Religious Background of Early Christianity*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1925.

APULEIUS of Madaura, *The Isis Book (Metamorphoses, Book XI)*. Traduzido e comentado por J. Gwyn Griffiths. Leiden, Holanda: E. J. Brill Publishing Co., 1975.

ASHCROFT-NOWICKI, Dolores, *First Steps in Ritual: Safe, Effective Techniques for Experiencing the Inner Worlds*. Prefácio de Gareth Knight, Wellingborough, Northamptonshire, Inglaterra: The Aquarian Press, 1982.
Embora todos os exercícios apresentados nessa obra sejam úteis a quem pretende explorar seriamente os mistérios, o capítulo "The Egyptian Tradition" [A tradição egípcia] oferece um simples, mas poderoso, rito para explorar os mistérios de Ísis. É recomendado.

———. ed. *The Forgotten Mage: The Magical Lectures of Colonel C. R. F. Seymour*. Wellingborough, Northamptonshire, Inglaterra: The Aquarian Press, 1986.

BARING, Anne, and CASHFORD, Jules, *The Myth of the Goddess:*

Evolution of an Image. Londres: Viking Arkana, 1991.
Esse livro, que cobre muitas áreas, apresenta uma seção significativa sobre Ísis e é um excelente trabalho de referência sobre muitas outras deusas. É recomendado.

BEGG, Ean, *The Cult of the Black Virgin*. Nova York, NY: Penguin, 1989.

BUDGE, E. A. Wallis, *Gods of the Egyptians, Vols. I & II*. Nova York, NY: Dover Publications, 1969 (relançamento da edição de 1903).

———. *Osiris, Vols. I & II*. Nova York, NY: Dover Publications, 1973 (relançamento da edição de 1911).

———. *Egyptian Magic*. Secaucus, NJ: University Books, sem data de publicação. Relançamento da edição de 1899.

———. *From Fetish to God in Ancient Egypt*. Nova York, NY: Benjamin Blom, Inc., 1972.
Budge está freqüentemente atrasado em suas análises, mas seus livros incluem um material dificilmente encontrado em fontes mais recentes.

BUDICHOVSKY, Marie-Christine, *La Diffusion des Cultes Isiaques Autour de la Mer Adriatique, Vol I. Etudes Preliminaires aux Religions Orientales dans L'Empire Romain*. Leiden, Holanda: E.J. Brill Publishing Co., 1977.

BUONAVENTURA, Wendy, *Serpent of the Nile*. Londres: Saqi Books, 1989.
Um exame maravilhosamente ilustrado sobre a arte da dança no mundo árabe.

CHANEY, Earlyne, *Initiation in the Great Pyramid*. Upland, CA: Astara, 1978.
As evocativas memórias do autor de uma vida passada no Egito.

CHUVIN, Pierre, *A Chronicle of the Last Pagans*. Traduzido por B. A. Archer. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1990.

COTT, Jonathan, e EL ZEINI, Hanny, *The Search for Omm Sety: Reincarnation and Eternal Love*. Nova York, NY: Doubleday & Company, Inc., 1987.
Um interessante registro sobre uma sacerdotisa real de Ísis, Omm Sety, que acreditava ter vivido no Egito antigo, e que podia guiar os arqueólogos através de suas memórias. Ela viveu sozinha por muitas décadas perto de Osireion, em Abidos, mantendo a tradição dos festivais e servindo aos deuses.

CUMONT, Franz, *The Oriental Religions in Roman Paganism*. Nova York, NY: Dover Publications, 1956.
Uma boa cronologia básica sobre a expansão do culto a Ísis e Serápis.

CUNNINGHAM, Scott, *Cunningham's Encyclopedia of Crystal, Gem, and Metal Magic*. St. Paul, MN: Llewellyn Publications, 1988.

———. *The Complete Book of Incense, Oils, & Brews*. St. Paul, MN: Llewellyn Publications, 1989.

DILL, Samuel, *Roman Society from Nero to Marcus Aurelius*. Nova York, NY: Meridian Library, 1956 (relançamento da edição de 1904).
Inclui um interessante capítulo sobre o culto a Ísis e Serápis.

DUNAND, Françoise, *Le Culte d'Isis dans le Bassin Oriental de la Mediterranee. Études Preliminaires aux Religions Orientales dans L'Empire Romain*. Vols. I — III. Leiden, Holanda: E. J. Brill Publishing Co., 1973.

EBERS, Georg, *An Egyptian Princess*. A. L. Burt Co., versão inglesa da segunda edição alemã, 1868.

ELLIS, Normandi, *Awakening Osiris*. Grand Rapids, MI: Phanes Press, 1988.
Qualquer estudioso das divindades egípcias deve dedicar tempo e aten-

ção a essa bela liturgia. O total conhecimento de Ellis sobre as imagens sagradas é aprazível e inspirador.

FARRAR, Janet e Stewart Farrar, *The Witches Goddess: The Feminine Principle of Divinity*. WA: Fênix, 1987.

FESTUGIÉRE, Andre-Jean, *Personal Religion among the Greeks*. Republicação da edição de 1954. Westport, CT: Greenwood Press, 1984.

FORTUNE, Dion, *Aspects of Occultism*. York Beach, ME: Samuel Weiser Inc., 1973.

———. *Moon Magic: Being the Memoirs of a Mistress of that Art*. The Aquarian Press, 1956. Reeditado por Samuel Weiser Inc., 1978.

———. *The Sea Priestess*. The Aquarian Press, 1957. Reeditado por Samuel Weiser Inc., Nova York, 1978.

———. *The Winged Bull*. Reino Unido: The Aquarian Press, 1990.
Romances clássicos descrevendo uma sacerdotisa de Ísis. Dion Fortune escreveu esses livros em uma tentativa de propiciar um método de "iniciação literária", através da qual o leitor entraria em contato com os poderes por trás dos livros. Ela foi bem-sucedida.

FRANKFORT, Henri, *Ancient Egyptian Religion*. Nova York, NY: Columbia University Press, 1948.

GRANT, Frederick C., *Hellenistic Religions: The Age of Syncretism*. Bobbs-Merrill, Liberal Arts Press, 1953.

GRAVES, Robert, *Difficult Questions, Easy Answers: A Collection of Essays*. Garden City, NY: Doubleday & Co., 1973.

GRIFFITHS — ver Apuleius.

HEYOB, Sharon Kelly, *The Cult os Isis among Women in the Greco-Roman World*. Leiden, Holanda: E. J. Brill Publishing Co., 1975.

JAYNE, Walter Addison, M.D., *The Healing Gods of Ancient Civilizations*. Yale University Press, 1925. Reeditado por University Books, Inc. New Hyde Park, NY, 1962.
Um livro detalhado sobre divindades curadoras existentes no mundo.

KEES, Herman, *Ancient Egypt: A Cultural Topography*. Edited by T. G. H. James. Chicago: University of Chicago Press, 1961.
Um estudo detalhado da sociedade egípcia e suas práticas religiosas.

KINSTLER, Clysta, *The Moon under Her Feet: The Story of Mary Magdalene in the Service of the Great Mother*. São Francisco: Harper, 1991.
Esse romance apresenta Maria Madalena como uma sacerdotisa de Ísis.

KRUPP, E. C., *Echoes of the Ancient Skies: The Astronomy of Lost Civilizations*. Nova York, NY: Harper & Row, 1978.
Particularmente útil para o entendimento das antigas associações egípcias entre as estrelas e as divindades, principalmente Ísis, Osíris e Anúbis.

LAWRENCE, D.H., *St. Mawr and The Man Who Died*. Vintage Books, uma divisão da Random House, Nova York. Relançamento da edição de bolso de 1953.
The Man Who Died, originalmente publicado como *The Escaped Cock*, conta a história de um Cristo que não morreu na cruz e se refugiou com uma sacerdotisa de Ísis.

LICHTEIM, Miriam, *Ancient Egyptian Literature*. 3 vols. Berkeley, CA: University of California Press, 1980.
Excelente tradução de textos comuns e incomuns.

MACQUITTY, William, *Island of the Isis: Philae, Temple of the Nile*. Nova York, NY: Charles Scribner's Sons, 1976.
Um documento com belas fotos sobre o templo na ilha e sua história através da transferência do templo para terras mais altas, evitando sua destruição pelas águas quando a Represa de Aswan foi construída.

MANJO, Guido, *Healing Hand: Man and Wound in the Ancient World*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1974.

MANNICHE, Lise, *An Ancient Egyptian Herbal*. Austin, TX: University of Texas Press, 1989.

MASPERO, Gaston, *Popular Stories of Ancient Egypt*. New Hyde Park, NY: University Books, 1967.

MERCATANTE, Anthony S., *Who's Who in Egyptian Mithology*. Nova York, NY: Clarkson N. Potter, Inc., 1978.
Um excelente guia da cultura e das crenças religiosas egípcias.

MEYER, Marvin W., ed., *The Ancient Mysteries: A Sourcebook. Sacred Texts of the Mystery Religions of the Ancient Mediterranean World*. São Francisco: Harper & Row, 1987.
Um compêndio muito útil de alguns dos mais importantes textos sobre os mistérios do mundo antigo. Contém vários documentos pertencentes a Ísis.

MORENZ, Siegfried, *Egyptian Religion*. Traduzido por Ann E. Keep. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1973.

NEUMANN, Erich, *Amor and Psyche: The Psychic Development of the Feminine*. Princeton, NJ: Princeton University Press, edição de bolso, 1971.

O'REGAN, Vivienne, *The Pillar of Isis*. Londres: Aquarian/Thorsons, 1992.
Um excelente volume escrito por uma Sacerdotisa Hierofante da Irmandade de Ísis. As Meditações do Templo são especialmente úteis e valiosas para todos aqueles que procuram Ísis.

PLUTARCO, *De Iside et Osiride*. Traduzido e publicado por J. Gwyn Griffiths. Cambridge: University Printing House, University of Wales Press, 1970.
Uma completa tradução comentada da análise de Plutarco sobre as crenças egípcias no mundo greco-romano.

RICHARDSON, Alan, *Dancers to the Gods*. Wellingborough, Northamptonshire, Inglaterra: Aquarian Press, 1985.

———. *Priestess: The Life and Magic of Dion Fortune*. Wellingborough, Northamptonshire, Inglaterra: Aquarian Press, 1987.

ROBERTSON, Olivia, *The Call of Isis*. Huntington Castle, Clonegal, Enniscorthy, Irlanda: Cesara Publications.
O registro pessoal da co-fundadora da Irmandade de Ísis descreve seus métodos de trabalhos de cura e transe.

RUFUS, Anneli S. e Kristan Lawson, *Goddess Sites: Europe*. São Francisco: HarperSanFrancisco, 1991.
Esse brilhante e encantador livro nos dá informações sobre inúmeros locais relacionados à Deusa, incluindo informações sobre visitas, horas, preços, roteiros, etc. Quem pode resistir a uma temporada no "Hotel de Ísis", em frente ao Templo de Ísis em Szombathely, Hungria, ainda que seja apenas para colecionar as caixas de fósforos?

SAUNERON, Serge, *The Priests of Ancient Egypt*, Nova York, NY: Grove Press, Inc., 1980.
Um estudo detalhado dos deveres do clero nos antigos templos egípcios.

SCHWALLER DE LUBICZ, Isha, *Her-Bak, Vols. I & II*. Nova York, NY:

Inner Traditions International Ltd., 1978 (primeira edição americana).

SOLMSEN, Friedrich, *Isis among the Greeks and Romans*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979.

STAMBAUGH, John E., *Sarapis under the Early Ptolemies*. Leiden, Holanda: E. J. Brill Publishing Co., 1972.

TEMPLE, Robert, *The Sirius Mystery*. Rochester, VT: Inner Traditions, 1987.

TRAN TAM TINH, V., *Le Culte des Divinites Orientales à Herculanum*. Leiden, Holanda: E. J. Brill Publishing Co., 1971.

VERRETTE, Joyce, *Winged Priestess*. Nova York, NY: Fawcett, 1980.

VON FRANZ, Marie-Louise, *A Psychological Interpretation of "The Golden Ass" of Apuleius*, Irving, TX: Spring Publications, Inc., 1980.

———. *Alchemy: An Introduction to the Symbolism and the Psychology*. Toronto, Canadá: Inner City Books, 1980.

WARNER, Marina, *Alone of All Her Sex; The Myth & the Cult of the Virgin Mary*. Nova York, NY: Knopf, 1983.

WILD, Robert A., *Water in the Cultic Worship of Isis and Sarapis*. Leiden, Holanda: E. J. Brill Publishing Co., 1981.

WITT, R. E., *Isis in the Greco-Roman World*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1971.
Esse livro muito bem escrito é uma leitura essencial para qualquer pessoa interessada em estudar a expansão do culto a Ísis durante os períodos gregos e romanos.

ZABKAR, Louis V., *Hymns to Isis in her Temple at Philae*. University Press of New England at Hanover and London for Brandeis University Press, 1988.

ÍNDICE REMISSIVO

A

B

C

D

M

N

O

P

R

S

T

U

V

W

X

Y

Z

Neste livro você encontrará:

- O Despertar de Ísis;
- Purificações para os Ritos de Ísis;
- Ísis, a Deusa Universal;
- Visita à Casa Sagrada de Ísis;
- Vestindo-se para a Deusa;
- Exaltação a Ísis;
- O Rito do Meio-dia;
- Ísis como a Deusa da Guerra;
- Ísis como a Deusa do Mar;
- Festivais de Ísis;
- Ísis, a Grande Médica;
- Ísis e outras Divindades;
- O Rito da Noite;
- Nas Cozinhas e Jardins de Ísis;
- Ísis, a Deusa Dançarina;
- Ísis como a Deusa do Amor;
- Ísis como Parteira e Mãe Divina;
- Ísis e a Alquimia;
- Rito da Meia-noite;
- Ísis nas Estrelas;
- Os Oráculos de Ísis;
- Os Mistérios de Ísis.

Ísis oferece um rico foco de adoração, magia e crescimento espiritual.



MADRAS

Magia/Sabedoria Antiga

OS MISTÉRIOS DE ÍSIS

SEU CULTO E MAGIA

Esta obra fascinante e de leitura agradável atrairá tanto os interessados em estudos históricos antigos como os que buscam aprofundamento espiritual. É uma fonte de informação com dados históricos, rituais antigos, representação de símbolos, terapias de cura e cultos modernos à divindade. A autora descreve Ísis como o protótipo e a essência de deusas gregas, celtas, romanas, asiáticas, escandinavas e até mesmo cristãs. São 6.000 anos de adoração sob muitas formas e em várias partes do mundo. Ísis já foi conhecida como a Rainha do Céu, a Mãe Natureza, a Deusa do Amor, a Deusa do Mar, da Guerra, da Magia e da Cura.

Com este livro, você aprenderá:

- Como dedicar seu altar, templo e santuário à Deusa;
- A fazer previsões com os oráculos e com o método dos escaravelhos sagrados;
- A celebrar os festivais especiais com comidas, bebidas e cantos sagrados;
- A fazer as práticas de purificação e rituais de cura;
- A criar seu próprio ritual;
- A tornar-se um iniciado nos quatro mistérios de Ísis;
- A atrair o amor com encantos especiais.

Receba Ísis como sua divindade de proteção e sua ligação e adoração serão imediatamente enriquecidas. Descubra como a deusa de todas as deusas transformará sua vida desvendando *Os Mistérios de Ísis*.
Transforme sua vida com o poder de Ísis!


ISBN 85-7374-560-6



MADRAS®